

RENDIDA
NOS TEUS TERMOS

Bárbara Lorrany





RENDIDA
NOS
TEUS TERMOS
Bárbara Lorrany



RENDIDA
NOS
TEUS TERMOS

Copyright © 2018 Bárbara Lorrany

© **2018 Revisão** – Bárbara Lorrany

© **2018 Capista** – Thatyanne Tenório

© **2018 Diagramação** – Iviny Carvalho

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

2ª edição

Editora Bella Donna

SUMÁRIO

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XI

Agradecimentos

Aqui, deixo meu mais profundo e incondicional agradecimento a minha família, que me apoiaram desde sempre e que continuam me dando apoio. Amo os quatro e estarão sempre no meu peito, visse? Visse.

Ao longo da minha jornada para escrever esse livro, encontrei pessoas que me ajudaram muito, tanto com as suas opiniões, quanto suas críticas. Entre elas, estão: Raianny Corrêa, Raiane Sousa, Andressa Pereira, Bia Miranda, Victória Murillo, Thatyanne Tenório, Gabriely Fonseca, Jacqueline Nunes, Iviny Carvalho, Juliana Cardamone, Jo Magrini e Maria de Castro.

E um agradecimento especial a Iviny Carvalho e a Thatyanne Tenório, que me ajudam em relação tudo e eu não poderia ser mais grata pelo apoio e por ter vocês na minha vida. Minhas irmãs do coração.

Agradeço também, a todas as minhas leitoras, que me acompanharam, enquanto eu ainda o postava na plataforma digital do Wattpad.

Dedico esse livro a todos os amantes dos romances eróticos e as mulheres fortes, que sempre estão de cabeça erguida, lutando com a realidade nada fácil que a oprimem.

Sinopse

Minha vida não é fácil e para falar a verdade, nunca foi. Trabalho muito para manter a imagem de homem inabalável e invencível. Não me orgulho do que fiz e do que faço para ter chegado aqui, mas isso foi jogado nos meus braços e o que fiz foi abraçar com toda força que tive. Afinal, era isso ou continuar sendo um morador de rua.

Tenho tudo que quero, na hora que quero e do jeito que quero. Sou chato, sou irritante, sou responsável, sou intimidador... Sou Marcelo Marquês.

Rica, com o mundo aos meus pés, uma fortuna que não acabaria nem com cem anos de vida, rodeada de pessoas e com tudo para ter um futuro brilhante. Porém, não é isso que quero, nem é tudo que sempre desejei. Viver de aparências? Sim, eu vivo. Rodeada de pessoas interesseiras, com uma fortuna que não almejo e com o mundo que também não me apetece.

Sou triste, sou carente, sou apaixonada por flores, sou apaixonada pela vida.... Sou Pérsia Martins.

Um encontro, uma troca de olhares... um amor para se viciar e nunca mais largar.

Prólogo

Marcelo Marquês – Há alguns anos...

— **D**ou o que você quiser, só não me mate, nem me machuque, por favor...

Viro-me em meu papelão para que essas vozes se afastem e me deixem dormir em paz, mas não é isso que acontece.

Essa noite, depois de muito andar, vim parar na calçada de um banco, em um bairro de classe média alta. Sempre gostei de dormir em um só lugar que ficava perto de um restaurante, onde todos os dias o cozinheiro deixava alguns restos de comida e gentilmente me dava, mas isso foi até essa manhã, quando fui expulso por três novos ocupantes, da forma mais desumana possível. As consequências da expulsão ainda estão pulsando no meu peito, a cada vez que tento puxar uma respiração longa e por mais que eu tente não respirar tão profundamente, é quase que impossível.

Então, fiz o que sempre faço desde que fugi do colégio interno.

Caminhei sem destino e sem rumo...

Até que depois de muito cansado, com meus pés protestando, cheguei aqui, onde na minha mente inocente, imaginei que teria um pouco de sossego, a julgar pelo horário que imagino ser muito tarde, até porque a rua está vazia e as luzes das casas à minha frente estão apagadas.

O barulho de um gemido me faz tomar a decisão de levantar e conferir o que possa estar acontecendo, logo aqui, em um bairro que ao meu ver, pareceu bastante luxuoso. Sigo os sons das risadas, dos gemidos e acabo me deparando com um jovem de mais ou menos dezessete anos, apertando o pescoço de um senhor que parece ter em média setenta anos.

Durante esses anos em que vivo na rua, deparei-me com muitas coisas, entre elas: tentativas de estupro, assaltos, espancamentos... e em nenhuma delas consegui ficar parado só olhando, o que por vezes, me deixou entre a vida e a morte.

Não seria nesse caso que eu ficaria.

A raiva que domina minha cabeça é tamanha que quando vou perceber, já estou em cima do menino desferindo vários socos em seu rosto, vendo o sangue escorrer por seu nariz e suas tentativas fracassadas de tentar me impedir, com socos jogados no ar. Mãos frágeis tentam me segurar inutilmente e tento no fundo da minha mente parar. Tento não imaginar a cena que esse idiota estava fazendo e saio de cima dele, tomando longas respirações para tentar me acalmar.

— Isso não vai ficar assim! - rosna me lançando olhares afiados, que só ascende ainda mais a raiva que está rondando meu peito.

— O que você vai fazer? - pergunto arqueando a sobrancelha com minha voz grossa e rude, fazendo-se presente.

Sei que não deveria fazer isso até porque sou sozinho no mundo e ele pode ter parceiros, que podem querer vingá-lo, o que pode causar muitas dores no meu corpo e, se eu tiver sorte, minha morte.

Vou acabar me dando mal como das outras vezes...

— Acabar com você! - rosna se levantando e limpa o canto da sua boca, de onde escorre alguns filetes de sangue.

— Estou aqui - digo o encarando com os braços abertos, desafiando-o a me enfrentar sozinho.

— Socorro! Seguranças! - o senhor grita e consegue chamar a atenção de alguns homens de terno preto, que do outro lado da rua estavam observando a cena com os cenhos franzidos, todavia não mexeram um só músculo para proteger o senhor do ataque que sofria.

Não os tinha visto em lugar algum antes. Se estavam vendo tamanha atrocidade, por que não fizeram nada?

— Droga! - pragueja o jovem que estava agredindo o senhor e logo está correndo meio cambaleante, antes que os seguranças cheguem perto de nós e o alcance.

Quanto mais eles se aproximam, percebo suas atenções voltadas para mim, o que me deixa um pouco desconfortável, tomando o impulso de dar alguns passos instintivos para trás. Viro-me para o frágil senhor e o vejo encostado na mesma parede que o menino tentava lhe matar, com as mãos no pescoço tentando respirar.

— O senhor está bem? - pergunto tocando em seu ombro, mas abruptamente minha mão é afastada do seu corpo e sou jogado contra o chão em um impacto duro, para logo em seguida ser amassado com um grande peso em cima de mim, deixando difícil a minha respiração.

— Soltem-no, seus idiotas! - rosna alto com sua voz grossa, o que acho alguma anomalia, a considerar que até poucos segundos atrás estava sendo sufocado. — Quem vocês deveriam pegar, saiu correndo. Vão atrás do garoto de blusa verde, já! Ele está sangrando, bando de incompetentes! - rosna sombriamente e eu arqueio minhas sobrancelhas ao vê-lo tão diferente do pobre e indefeso senhor de poucos segundos atrás.

Rapidamente o peso sai de mim e logo, posso respirar normalmente.

Levanto-me do chão e vejo dois seguranças ao lado do senhor, o encarando com certo hesitamento.

— Qual seu nome, garoto? - pergunta com sua voz um pouco vacilante agora.

— Acho que precisa cuidar da sua garganta, senhor - digo sorrindo gentilmente e me preparando para sair daqui, a fim de voltar para o meu lugar de origem: a calçada do banco, onde meu papelão macio e desgastado me espera.

— Perguntei o seu nome, rapaz - diz me encarando com seriedade, o que me faz sorrir minimamente para depois o responder:

— Marcelo, senhor.

— Onde você mora?

Olha-me de cima a baixo com uma careta de descontentamento, enquanto tenta tomar pequenas doses respiratórias.

— Moro na rua, senhor.

Troco meu peso de perna em perna, encarando-o sem hesitar.

— Você não tem uma casa? E seus pais?

Ele franze seu cenho, fazendo quatro ondas de pele se formem ali.

— Não tenho.

— Como não? – Ele pesquisa por meu rosto algum resquício de mentira, mas só sinto, porque ele não vai encontrar nenhuma aqui em mim.

— Fui abandonado em um colégio interno - digo dando de ombros lembrando dos dias de terror que passei naquele lugar.

— E por que não está nele?

— Fugi.

— Quero saber sobre isso - diz tirando as mãos do pescoço e respirando fundo. — Acompanhe-me.

Arregalo os olhos, tamanha é a surpresa que me toma nesse momento. O velho se desencosta da parede e com um pequeno sorriso, encara-me ao tentar ficar estável em suas pernas.

— Para onde?

— Sua nova casa.

I

Marcelo Marquês – Dias Atuais

Trigésimo quinto andar da presidência Sede Dragon, olhando pela janela todas as empresas ao redor da minha, é onde estou.

Quem diria que Marcelo Marquês, um mendigo, um ninguém, um lixo, hoje seria Marcelo Marquês, dono da empresa mais cobiçada e me atrevo a dizer que seja a empresa mais bem-sucedida de todo país.

Em um dia fui expulso do meu local habitual de dormir e no dia seguinte, estava sentado lado a lado, à mesa, com um senhor bilionário, que me entregou todo seu patrimônio, apenas porque eu o salvei de ser morto por um garoto.

Quando o senhor Pedro Alcântara me comunicou que iria me ensinar tudo que sabia, porque eu iria dar continuidade ao seu legado, não acreditei e confesso que senti vontade de sair correndo. Aquilo era muito bom para ser verdade. Por que ele me ofereceria isso de graça? À uma pessoa que ele não conhecia? Um morador de rua?

Os empregados, os seguranças, o jardineiro, o eletricista e até mesmo a governanta, riram quando aquele senhor disse que eu me tornaria seu herdeiro, seu sucessor. Para eles eu colocaria tudo a perder, afinal sempre fui um zé ninguém, um desamparado, que todos os dias tinha que enfrentar uma luta diferente para sobreviver na rua, em meio aos diversos tipos de pessoas abomináveis que se pode existir na vida.

Certo dia, saí do escritório, onde eu estava recebendo aulas daquele senhor e fui até a cozinha pegar um copo com água. Minha garganta estava seca e eu precisava beber algo para molhar minha garganta. Eu precisava lembrar que para beber um pouco de água, eu não teria de ir em busca de um

litro de refrigerante vazio no lixo, para depois ir em direção ao primeiro rio e enchê-lo, para que eu pudesse passar dias e mais dias, bebendo dele, enquanto eu caminhava em busca de um lugar em que eu pudesse permanecer em paz.

Bem, até aquele momento em que entrei por aquela porta da cozinha, eu não acreditava que poderia aprender, evoluir, que poderia ser o superior de alguém. Então, quando estava chegando na cozinha, escutei uma conversa entre a governanta e os seguranças. Eles riam, dizendo que não dariam uma semana para que o lapso do seu Pedro passasse e ele me expulsasse dali, que eu não daria conta, que eu fracassaria, que eu não tinha potencial suficiente para assumir um cargo tão importante. Depois de escutar aquilo, não dei procedimento aos meus passos em busca de água e voltei rapidamente para onde eu estava com a promessa interna de que não falaria sobre nada disso com o velho Pedro... como se eu pudesse deixar algo passar daquele velho.

Sorrio, ao lembrar do seu rosto me avaliando de perto. Ele me olhou e me pressionou a falar o que estava se passando comigo e eu, como fraco que era, falei. O velho, balançou a cabeça e me encarou, para logo em seguida falar:

“— Observe, preste atenção a cada ato meu e aprenda.”

Observei, prestei atenção e aprendi.

Hoje, sou Marcelo Marquês, um homem temido por todos e com todos aqueles que debocharam de mim aos meus pés. Não escondo de ninguém minha origem, não escondo que eu era um mendigo e todos ao meu redor me respeitam.

Se alguém por algum segundo ousou falar, debochar ou me diminuir?

Sorrio, pensando se algum deles seria atrevido o suficiente.

Essas pessoas são inteligentes o suficiente para não me contrariarem. Os exemplos que dei, enquanto ainda estava aqui aprendendo foram o suficiente para que virasse lição para o resto da vida.

Três batidas na porta e Bruno, meu secretário, entra na sala.

— Marcelo, você tem um jantar de negócios essa noite - diz olhando em seu tablet, ao tempo em que com seu dedo mexe em alguma coisa por ali.

— Com quem? - digo desabotoando o terno e sentando à minha mesa.

— Russo Martins - diz ao conferir na tela da seu tablet com uma careta.

— Me fale sobre ele.

Suspiro, recostando-me e o encarando com atenção. Meu dedo indicador repousa contra minha boca em uma tentativa de prestar atenção no que ele diz.

— Dono da M.F Construtora, ele quer fazer um acordo com você. A secretária dele não deu muitos detalhes sobre o que era. Marquei para você falar com ele pessoalmente, porque é um homem importante e muito conhecido.

— Tão importante e tão conhecido que não o conheço.

Reviro os olhos imaginando até onde esses enormes egos podem ir.

— Você só conhece quem está nas empresas.

Encara-me com impaciência, o que me faz sorrir minimamente ao observar o seu abuso.

Bruno, meu secretário, é mais que um simples empregado, ele é meu amigo. O mais próximo que me ajuda em tudo sempre e o mais folgado, que ainda permito fazer o que quiser dentro das circunstâncias certas...

— O que devo esperar nesse jantar? - pergunto voltando meu olhar para uma pilha de papéis à minha frente, esperando ansiosamente para que eu leia todas e as analise, para enfim ir embora para minha casa, onde quero dormir por horas e mais horas.

— E eu vou saber? - diz me encarando cético.

— Te pago para saber de tudo.

Reprimo um sorriso, já sabendo o quanto ele odeia quando falo dessa forma.

— Não, você me paga para que eu organize sua agenda e te mantenha informado sobre o que acontece na empresa, não para adivinhar os pensamentos e atitudes dos teus futuros investidores. Ainda faço muito me metendo na tua vida pessoal e te ajudando a fugir das loucas que você tem relações sexuais - fala com o rosto vermelho, fazendo-me arquear as sobrancelhas e ele empina o nariz. — Falo mesmo, não sou obrigado a isso.

E com o nariz empinado, se vira e sai rebolando da minha sala.

Quando a porta é fechada, permito uma risada profunda que eu estava reprimindo sair por minha garganta.

Esse cara é uma figura.



Cinco minutos de atraso!

Por que é tão difícil para as pessoas serem pontuais?

Como diria meu amigo Bruno: “Não sou obrigado a isso.” Poderia estar deitado na minha cama, lendo o resto dos processos e negociações, mas não, estou sentado à mesa de um restaurante *granfino*, que me faz sentir falta de um hambúrguer com fritas e uma Coca-Cola para acompanhar.

Chego a salivar só com o pensamento.

Olho ao redor, vendo várias pessoas comendo e outras conversando sobre coisas chatas, típicos de ricos mimados e sem costumes. Querendo fugir desse papinho paralelo, meu olhar vai para a entrada e, logo, vejo um homem de cabelo grisalho, alto e muito bem arrumado ao lado de uma mulher de cabelo curto vermelho, magra, vestida com uma daquelas saias que são como uma segunda pele e que valoriza muito bem suas curvas, uma blusa de seda preta e saltos de arrasar corações masculinos.

Não me interprete mal, sou um homem muito visual e é claro que nada me passa despercebido.

E essa ruivinha gostosa faz bem meu estilo. A prenderia na minha cama e a faria revirar os olhos de prazer, enquanto chupava meu pau em um perfeito meia nove. Sim, esse pensamento faz com que eu me sinta melhor, tendo de estar nesse lugar tão tediante.

— Boa noite, Marcelo.

Saio dos meus devaneios com a voz do homem que tinha acabado de adentrar o restaurante, perto de mim, o que me faz duvidar das suas capacidades de ser realmente humano.

Como ele veio parar aqui tão rápido?

— Senhor Russo? - pergunto levantando e rapidamente, estendo a mão para que ele aperte.

— Russo Martins - diz pegando minha mão e a apertando.

Só de o olhar percebo sua ganância, sua vontade de conseguir o que quer a todo custo... Esse olhar e essa necessidade, já vi muitas e muitas vezes. E no final, me dei muito bem, enquanto os donos se deram muito mal.

— Essa é minha filha. Pérsia - diz olhando para a mulher exuberante ao seu lado, com mínimo sorriso.

Então a ruivinha gostosa é sua filha. Um fato muito gostoso que me desperta uma curiosidade magnífica.

Sorrio, largamente.

Isso vai ser divertido e muito interessante.

Solto sua mão e estendo a minha para pegar a dela, que coloca a sua em cima da minha. Uma mão tão delicada, macia e pequena, que só consigo imaginá-la em volta do meu pau, o massageando...

— Prazer, senhor - fala analisando meu rosto com o seu completamente sério, sem espaços para sorrisos. Lhe ofereço o meu melhor sorriso e mordo o lábio inferior.

— O prazer é meu, senhorita - digo me inclinando e deposito um beijo na costa da sua mão. Percebo que ela fecha ainda mais seu semblante e revira os olhos. Isso me surpreende, ao mesmo tempo que me excita ao imaginá-la por cima de mim, enquanto a faço revirar esses belos olhos de prazer.

Sim, essa ideia me parece completamente interessante.

— Vamos nos sentar?

Tira sua mão da minha de supetão, como se não gostasse de manter contato, como se não tivesse interesse.

— Claro - digo e me afasto para o lado para que eu possa arrastar a cadeira para que ela sente.

— Obrigada.

Senta-se e olha para o outro lado, esperando que seu pai faça o mesmo.

Depois de acomodados em nossas cadeiras, ele me olha ainda com um sorriso ganancioso.

— Fui amigo de Pedro por muitos anos, sabia?

— Estou sabendo agora que você está me falando - digo abrindo meu paletó.

Vejo que ele sabe como jogar. O velho não é nenhum amador... coitado se pensa que pode me comover com historinhas como essa. Pedro me mostrou fotos e me apresentou todos aqueles que se diziam seus amigos e mais, ensinou-me muito bem como agir com todos eles.

Russo Martins não estava nessa lista.

— Ele teve um caso antigo com minha irmã - diz sorrindo largamente

colocando seus cotovelos em cima da mesa para me encarar.

— O velho era namorador - digo sorrindo fracamente, não desejando prolongar essa conversa toda. — Então, qual seu ponto?

— Quero que seja meu sócio - diz colocando uma pasta cinza em cima da mesa.

— Em qual área?

Inclino-me e a pego.

— Na construtora - diz sorrindo.

— Quanto?

— Metade - diz inspirando orgulhoso.

Vai se ferrar todinho, parece que nunca fez negócios na vida. Uma tacada de ouro como essa vai me garantir algumas propriedades..., mas tenho que ir com cuidado, até porque tenho uma belezinha à essa mesa e que tenho bons planos na mente para fazer com sua boca.

— Tenho uma construtora de bastante sucesso, mas quero que ela cresça mais, a julgar que a sua é uma das melhores do país. Penso que se juntar seu nome com o meu, vai fazer minha empresa crescer mais. Sendo lucrativo para mim e para você.

Sorrio interiormente.

Você sabe o que é isso? A mais pura ambição.

Ele não está pensando nas consequências e no que posso fazer.

— Minha filha irá ficar no meu lugar na empresa - diz olhando e sorrindo para a ruivinha.

Não disse? Ele não está pensando e não será eu a o ajudar a pensar.

— Meu secretário entrará em contato com o senhor - digo me levantando.
Olho para os dois e sorrio. — Até breve.

II

Pérsia Martins

Meu pai não consegue entender que eu não quero nada disso, que eu não desejo ficar com isso tudo. Ele quer me obrigar a tudo, inclusive a aturar minhas primas e minha tia. Tudo que eu queria era ter uma relação verdadeira com alguém, mas pelo que posso ver, isso não vai acontecer nunca. Vejo tantas meninas serem amadas, possuírem amigas, mães que as amam e pais que as apoiam... E eu não tenho nada disso.

Minha vida é um completo fingimento. Sou rodeada de pessoas interesseiras, falsas e pretenciosas, que só se aproximam de mim pelo dinheiro que tenho. Que tenho não, pelo dinheiro que meu pai possui e que ele quer passar para mim.

Você pode acreditar que ele me forçou a fazer faculdade de administração e contabilidade, para que eu tomasse conta de todas as suas empresas?

Você pode acreditar que ele não teve nenhuma participação na minha criação?

Minha mãe? Não faço ideia de quem seja.

Se eu já perguntei a ele? Sim, diversas vezes e sabe o que ele me respondeu?

“— Menina, vai estudar e deixa essa mulherzinha para lá, não vale a pena.”

Vida de uma adolescente normal? Daquelas que saem com as amigas para curtir nas baladas e tudo mais? Não tive.

Nem amigas cheguei a ter, porque todas que se aproximavam de mim queriam ter o status de ficar perto da filha do Russo Martins. Eu não sou a Pérsia, uma pessoa alegre, aberta a amizade e ao amor, eu sou a filha de Russo Martins, aquela que todos têm que se aproximar para obter alguma vantagem.

Tudo que eu queria, era por pelo menos um dia saber o que é ser feliz e saber o que é ser amada, porque isso eu não faço ideia do que seja.

Há alguns anos, quando eu ainda estava na faculdade, imaginei que um cara poderia ter se apaixonado por mim. Ele me falava tantas coisas bonitas, fazia tantas declarações de amor, até que ele me pediu em namoro. Eu toda boba e carente do jeito que era, aceitei com o pensamento que por pelo menos dessa vez, seria amada por alguém. Entreguei-me para ele, perdi minha virgindade e ele partiu meu coração da maneira mais cruel que poderia existir. O desgraçado era filho de uns dos amigos do meu pai e queria um lugar na empresa, já que era o namorado da filha do dono.

Quebrou a cara, coitado.

— Senhorita Pérsia? - minha secretária me chama ao entrar em minha sala.

Sou a vice-presidente da M.F Construtora e futura presidente.

Suspiro e a encaro, tentando não revirar os olhos ao ter de olhá-la.

— Sim?

— O secretário do senhor Marcelo está à espera do seu pai - comunica empinando o nariz tentando mostrar-se superior à mim.

Já disse que odeio essa mulher? Não? Pois é, eu a odeio.

Acha-se a superior a todos por ser minha secretária. Trata a todos com um ar de superioridade que nem eu tenho. Estou prestes a demiti-la, basta um vacilo para que eu tenha esse prazer. Mulherzinha insolente e insuportável.

— Diga para que ele entre aqui. Quero que você nos sirva cafés - digo

sem a olhar.

Ela pensa que nunca vi a forma que trata os outros funcionários. Logo, não sinto nem um pouquinho de remorso pela forma que a trato, porque sim, ela merece cada patada, cada ordem e cada grosseria.

— Sim, senhora.

— Senhorita - corrijo-a fazendo com que fique vermelha instantaneamente.

— Desculpe, senhorita.

— Vá logo e não me estresse - digo a encarando com raiva.

Ela rapidamente fecha a porta e eu me permito rir.

Vejamos quem é a superior agora, vaca!

Poucos minutos depois, um homem relativamente alto, vestido com uma calça social cinza, paletó da mesma cor, muito bem colocado em seu corpo, adentra a sala. É um loiro muito bonito e parece ter uma boa presença, pelo que pude notar.

— Bom dia, senhorita Martins - diz ficando em pé em frente às cadeiras.

— Por favor, me chame de Pérsia e se sente - digo sorrindo simpaticamente.

Aliás, não é porque a maioria das pessoas que estão ao meu redor são interesseiras, que todas as outras que se aproximarem serão assim e que tenho que as tratar rudemente. Nesses anos aprendi a estudar muito bem as pessoas, a observá-las antes de fazer qualquer julgamento.

— Obrigado, Pérsia - diz se sentando. — Marcelo pediu que eu viesse pessoalmente lhe entregar a proposta que ele fez ontem à noite mesmo.

— Muito rápido, seu chefe - digo e pego os papéis que ele estende na minha direção.

— Ele quer que o negócio seja fechado o mais rápido possível - diz olhando minha sala, provocando-me um sorriso.

— Gosta da minha sala? - pergunto deixando os papéis em cima da mesa e me recosto contra minha cadeira.

— Amei! É tão grande, espaçosa e arejada... Ai, mulher, te confesso que a sala do meu patrão é tão fechada e tão masculina... Às vezes me dá uma coisa, sabe? Uma fadiga, não sei descrever - diz e, logo em seguida, arregala os olhos, corando. — Muito indiscreto da minha parte, desculpe.

Sorrio ao ver a forma que ele fica desconfortável ao tentar se arrumar na cadeira.

— Relaxa, homem, entendo perfeitamente. Te confesso que me sinto da mesma forma na sala do meu pai. Tentei fazer da minha sala a mais confortável possível.

Sorrio para ele, que me encara ainda de olhos arregalados.

— Fico muito feliz que você não é nenhuma daquelas empresárias frescas. Te juro, mulher, tenho preguiça delas e na maioria das vezes tenho vontade de afundá-las dentro de uma xícara de café - diz suspirando.

Sorrio e pela primeira vez, me sinto confortável em sua companhia, ao vê-lo tão espontâneo na minha frente.

Minha secretária abre a porta e entra como se fosse a dona do lugar, o que me faz revirar os olhos e me inclinar na mesa, olhando-a intensamente.

— Você sabe o que é bater em uma porta? - pergunto arqueando uma sobrancelha.

— Desculpe, senhora.

Cora mais uma vez, dando-me a certeza de que ela é uma das piores pessoas que já tive o desprazer de conhecer. Sabe, não acredito que ela fale isso por acidente, é mais para pirraçar comigo mesmo, o que só me faz odiá-la ainda mais a cada hora que está passando.

— Se você me chamar de senhora mais uma vez, estará demitida - digo arqueando uma sobrancelha.

— Desculpe, senhorita. Eu não tive...

— Sim, você teve a intenção e se você repetir, estará demitida. Me escutou bem? - pergunto alterando o tom da minha voz.

— Sim, senhorita - diz baixando a cabeça para olhar seus dedos como se estivesse muito constrangida.

Reviro meus olhos, não acreditando em nenhum constrangimento vindo dela.

— Onde estão os cafés que te mandei trazer? - pergunto travando a mandíbula.

— Já irei trazer, senhorita. Seu pai está a sua espera e então eu...

— Você não faz nada sem a minha permissão, entendeu? Diga a ele que estou em reunião e saia logo da minha frente - digo voltando meu olhar para Bruno, que está de olhos arregalados e todo vermelho me encarando. Ela sai e fecha a porta, então me permito rir.

— Ainda bem que não trabalho para você. Ó céus, irei trabalhar em breve. Que todas as forças divinas me ajudem a não te matar - diz de uma vez, para logo me seguida, tampar a boca.

— Ela merece ser tratada assim. Você verá a forma que ela trata os funcionários, agindo como se fosse a superior de todos. Estou os vingando, meu bem - digo, sorrindo e, logo em seguida, pisco um olho para ele.

— Gostei de você - diz sorrindo e se recostando na cadeira.

Também gostei dele. É tão leve e natural, que as palavras parecem fluir entre nós logo na nossa primeira conversa. Só espero não me decepcionar mais uma vez com alguém que eu ache ser legal, sincero e verdadeiro.

Duas batidas na porta e minha secretária entra com uma bandeja com três cafés e meu pai logo atrás dela.

— Então a reunião será aqui em sua sala, minha filha? - pergunta sorrindo.

Ele pode estar sorrindo, mas eu sei que não está nada contente com isso. Meu pai gosta de tudo feito do seu jeito e da forma que ele pensa.

Nada pode ser feito de outra forma, mas acontece que eu não sou uma de suas marionetes que fazem tudo ao seu jeito. Pelo menos, não mais.

— Sim, pai. A reunião será aqui, quer sentar conosco? - pergunto sorrindo falsamente. Ele odeia esse sorriso e é por isso que tanto o repito.

Como eu queria que ele demonstrasse orgulho de mim por pelo menos uma vez na vida. Quantas e quantas vezes, eu já não fiz tudo que ele queria só para ter um sorriso, mas nunca o recebia? Agora, já desisti. Sei que dele, o que vou ter é somente dinheiro. Exatamente o que eu não queria, a droga do dinheiro. O carinho, o amor, o apoio, nada disso.

Isso é triste? Muito.

— Claro que quero - diz puxando uma cadeira e se senta ao lado de Bruno.

— Senhor Martins, meu chefe mandou que eu trouxesse a proposta que ele fez pessoalmente e que eu levasse uma resposta de imediato - Bruno diz se ajeitando na cadeira e adotando uma postura mais reta e séria.

— Onde está? - pergunta o olhando. Pego os papéis que ele me entregou e dou para meu pai. — Pérsia, mande sua secretária chamar nossos advogados - diz foleando os papéis com os olhos arregalados e ansiosos.

Reviro os olhos.

Ele realmente não pode olhar para ela e dizer.

— Você escutou, vá - digo a olhando com tédio.

Essa é a pior parte do meu dia. Ter que ficar o dia inteiro nessa sala, lendo vários papéis e conferindo todos os dias as movimentações das empresas, não é algo que eu tenha sonhado para fazer durante toda a minha vida.

O melhor momento do meu dia é quando estou em minha casa, cuidando das minhas flores e dos meus bichinhos, que pela hora já devem estar me esperando para comer algo. Já que não tenho empregados em minha casa, não posso me dar o luxo de chegar muito tarde em casa.

Você deve estar aí pensando: “Nossa, ela é tão rica e não tem empregados.”

Não tenho empregados, porque não confio em ninguém para ficar na minha casa e compartilhar da minha intimidade.

— Pelo que vejo a proposta é boa, mas para que possamos fazer com que ela se torne real, precisamos dos meus advogados e uma reunião - meu pai diz demonstrando sua alegria com um largo sorriso.

Ele está tão contente com o fechamento desse negócio e na minha concepção, isso foi tão fácil. Ora, o dono de uma rede de empresas aceitando tão fácil um negócio tão sério e que de início não vai se beneficiar tanto para que ele possa ter aceitado tão rápido.

— Sim, senhor. Quando o senhor marcar a reunião, me avise que falarei para meu chefe, tenho certeza que ele fará questão de vir - diz sorrindo e eu reviro os olhos.

— Peço licença aos cavalheiros, tenho um compromisso importante agora e não posso ficar, pois já estou atrasada - digo me levantando. Pego minha bolsa, a pasta com alguns papéis que infelizmente tenho que revisar, caminho até Bruno e estendo minha mão. — Foi um prazer conhecê-lo, Bruno.

Ele se levanta, pega minha mão, leva até seus lábios, deposita um beijo e sorri.

— Igualmente, senhorita.

— Pérsia, você não pode ficar até que os advogados analisem os documentos? - meu pai pergunta com o maxilar travado.

— Tenho certeza que o senhor vai dar conta disso tudo sozinho, Russo - digo sorrindo para ele, que fecha a cara e me encara.

Até parece mesmo que vou deixar meus bichinhos com fome para satisfazer mais um dos caprichos do meu pai.

— Uma boa tarde a todos - digo saindo da sala. Encontro minha secretária, conversando em frente à minha sala com a secretária do meu pai.
— Você chamou os advogados, Penélope?

— Sim, senhorita, eles já estão a caminho - diz se virando e me olhando.

— Acho melhor você procurar o que fazer. Não te pago para ficar de conversinha pelos corredores da empresa - digo em alto e bom som para que todos que estejam aqui escutem.

Nunca esqueci do dia em que ela derrubou uma xícara de café no chão de propósito para que a estagiária pegasse.

Caminho com meus saltos fazendo barulho até que chego ao elevador. Entro, me juntando a um conjunto de pessoas que ali estão, que quando me veem, se afastam.

Odeio isso. Odeio ser tratada diferente das outras pessoas.

Bufo, incrédula.

— A senhorita está indo para qual andar? - Dário pergunta olhando para meu rosto.

— Térreo - digo sorrindo educadamente.

Ele disca o número e quando chegamos até o térreo, espera que eu saia e me acompanha até a saída, como sempre. Todos os dias ele faz a mesma coisa. Só fala o necessário comigo. Acho que me confunde com as outras riquinhas metidas, para quem trabalha.

Acompanha-me até meu carro, abre a porta para que eu entre e a fecha, quando já estou dentro. E como ele faz todos os dias, comunica em seu rádio para o meu segurança particular que já estou saindo.

Revirando os olhos, dou partida no meu carro e dirijo rumo minha casa.

Você deve estar se perguntando mais uma vez, por que não tenho um chofer, não é?

Sorriso.

Acontece que sei dirigir muito bem. Dirigir me relaxa e não preciso de um chofer como todas as mulheres da minha família. Só de lembrar delas, me dá vontade de revirar os olhos. Bando de mulheres patéticas.

Odeio os jantares que meu pai me obriga a ir.

Odeio tudo isso.

Em poucos minutos já estou estacionando meu carro na garagem da minha casa. Vejo pelo espelho do meu carro, o carro do meu segurança parado em frente à minha casa.

Não é por que ele trabalha para mim, que vou deixá-lo morrer de fome, sede e frio ali fora, por esse motivo, ele tem um quarto reservado nos fundos, já que ele se nega a dormir em um dos quartos de visitas. Independente disso, tem onde dormir, o que comer e não o deixo passar nenhuma necessidade.

Saio do meu carro e entro em minha casa, respirando aliviada quando tiro meus sapatos.

Abro o zíper do meu vestido e tiro meu sutiã, os jogando de lado, no caminho para meu quarto. Abro meu closet e tiro uma camisa grande e folgada da banda *Avenged Sevenfold* e a visto, apreciando esse momento de conforto. Escuto um ronrono e procuro dentro do closet, encontrando minha gatinha dormindo no meio da minha roupa de cama, o que me faz sorrir. Deixo a porta aberta, para que entre um pouco de ar para ela e saio do quarto.

Vou para minha parte predileta da casa, onde posso ser eu mesma e

relaxar com o cheiro das minhas margaridas, rosas e tulipas.

Respiro fundo, deixando o aroma adentrar minhas narinas.

O melhor lugar para se passar o resto dos dias e não se preocupar com nada.

III

Pérsia Martins

Mais um dia exaustivo nessa empresa que não quero, fazendo as coisas que não gosto. Daria tudo para estar em casa com minhas flores, mas o que posso fazer se tenho que ficar nessa droga fazendo os gostos do meu pai?

Tudo o que me resta nesse momento é apenas um suspiro de puro cansaço.

— Senhorita Martins? - Penélope me chama ao adentrar minha sala mais uma vez sem bater.

Passando a mão por meu cabelo curto, a encaro.

— Penélope, quantas vezes vou ter que dizer para bater na porta antes de entrar?

— Desculpa, senhorita, não vai se repetir - diz com seus olhos arregalados.

— O que você quer? - pergunto revirando os olhos, não acreditando no seu pequeno teatro.

— Senhor Marcelo Marquês está na sa...

— Estou aqui. Odeio ficar esperando. - A voz grossa do homem que vi antes de ontem, verbera por trás de Penélope, quando rompe o espaço que o separa da saída do local.

— Entre, senhor Marcelo - digo me levantando.

— Não sou tão velho, senhorita Martins. Me chame de Marcelo - diz

passando por minha secretária e entra na minha sala como se ela o pertencesse por anos. Vira-se para Penélope e a encara. — Me traga um copo com suco de laranja, estou com sede - diz tirando a mão dela da maçaneta da porta e a empurrando para trás para logo em seguida fechar a porta.

Se vira e caminha até estar em frente à minha mesa.

Ele realmente acredita que pode entrar aqui e se sentir o dono da minha sala?

— Me chame de Pérsia.

Sento-me na minha cadeira, vendo que ele puxa uma cadeira e se senta em frente à minha mesa, encarando-me com atenção.

— Muito bem, Pérsia. Nome bonito - diz sorrindo largamente, fazendo-me revirar os olhos.

Ele não é o primeiro homem que entra nessa sala e que tenta me seduzir com elogios. Tenho dó, se pensa que vai conseguir.

— O que te traz aqui, Marcelo? - pergunto me inclinando sob a mesa e o encarando com atenção.

— Quero saber a data em que você irá se mudar para meu escritório - diz com o sorriso, fazendo-me arquear as sobrancelhas, tamanha é minha surpresa.

— Para o seu escritório?

— Sim, Pérsia. Você irá trabalhar lado a lado comigo, minha sociedade com sua construtora está concluída - diz sério.

— Está? Nossa, foi muito rápido, você não acha? - pergunto o encarando e observando cada ponta do seu rosto.

Ele é diferente dos outros executivos que já estiveram aqui. Não me esqueço do dia que meu pai insistiu tanto para que eu fosse em um jantar com ele e quando chego no restaurante, minha surpresa não poderia ser maior ao

encontrar esse homem com um ar tão selvagem, com esse cabelo grande solto e essa barba enorme. O sorriso sacana e o olhar marcante, ao mesmo tempo intenso. A mão esquerda levando um anel em formato de caveira e outro de prata, que não sei o que é. A camisa social que está usando, marca todos os seus músculos e acho que em seu braço tem uma tatuagem...

— Me avaliando, Pérsia? - pergunta com um sorriso de lado.

— Claro, afinal vou conviver com você, não é? - digo séria.

— Gosta do que vê? - pergunta passando a mão em sua barba e eu sorrio.

— Você acredita mesmo que vou cair nos teus joguinhos?

— Você não gostaria?

Ele me faz rir, ao menos tem esse ponto positivo no meio do seu conjunto de arrogância.

— Você realmente acha isso? Me poupe, Marcelo. Não te conheço e para te ser bem sincera, pelo que pude perceber até agora de você, tudo que quero é distância.

— Quero ver se continuará com essa mesma afirmação, quando estiver convivendo comigo.

— Sou muito profissional para terminar de outra forma com você, meu caro.

— Vamos ver o quanto dura a sua profissionalidade - diz sorrindo confiante.

— Não nos conhecemos, nos vimos uma vez e agora já estamos tendo uma conversa assim, o que dirá de um mês de convivência contínua - digo pensativa.

— Tenho certeza absoluta que você não resistiria.

— Você sempre começa seus negócios assim? - pergunto arqueando uma

sobrancelha.

Onde estou me metendo?

— Não, porque são raridades que tenho mulheres belas como você à frente dos negócios - diz piscando um olho.

Sorrio ao entender sua jogada. Ele quer me seduzir para que ele tome conta dos negócios sozinho e, para que me torne sua marionete.

— Você acha que sou burra?

— Em nenhum momento esse pensamento passou por minha cabeça - diz com seu olhar sério.

— Presumo que você deve pensar que sou muito fácil e ingênua, como as mulheres que costuma ter relações - digo estreitando o olhar.

— Posso ter pensado isso.

Sorrio.

— Você pode ter pensado que eu sou a típica “filhinha do papai”, patricinha, metida e esnobe?

— Isso pode ter passado por minha cabeça também - diz sinceramente, tomando uma carranca em seu rosto.

— Caro, Marcelo, você está completamente enganado e está jogando com a pessoa errada - digo mantendo meu semblante fechado.

— Você é lésbica?

Reprimir a risada que escapole do meu mais profundo interior foi praticamente impossível. Até onde pode ir a prepotência de um homem?

— Não, Marcelo, não sou lésbica. Sou uma mulher que leva os negócios a sério e que não tem tempo para joguinhos sexuais, então, se sua intenção for apenas essa, devemos desfazer esse negócio agora mesmo. - Ele arqueia

as sobrancelhas e sorri de leve, passando uma das suas longas pernas musculosas por cima da outra.

— Tudo bem, senhorita Pérsia. Vamos fazer do jeito que a senhorita quer - diz me encarando com um olhar tão intenso, que é capaz de hipnotizar qualquer alma pura que esteja a seu alcance.

Duas batidas na porta e a mesma se abre, revelando Penélope com sua saia mais curta que o normal, uma bandeja com um copo com suco de laranja e uma xícara com o que eu presumo ser café. Coloca a bandeja em frente à Marcelo, em cima da mesa e o olha esperando que ele diga algo.

Ele a olha com uma sobrancelha arqueada e a boca em um risco sério.

— Penélope, o que aconteceu com a tua saia? Encolheu quando você foi buscar o café e o suco? - pergunto travando a mandíbula.

— Eu...

— Querida sócia, você deveria escolher melhor seus funcionários. Quando cheguei, vi sua secretária destratando uma funcionária de uma forma completamente inaceitável. Eu, como dono da metade da empresa, sugiro que você a demita - diz pegando o copo com suco e tomando um pequeno gole.

— Penélope, você nunca aprende a lição...

— E esse suco está horrível. Não é suco da fruta e está muito azedo. Sócia mentalize uma coisa: eu vivo de suco de laranja. Suco natural e com três colheres de açúcar - diz colocando o copo na bandeja novamente.

— E por que eu deveria mentalizar isso? Não sou nenhuma das suas empregadas. Sou sócia, mentalize isso. Você não pode e nem vai me dar ordens, se não quiser ter seu traseiro chutado na primeira oportunidade - digo me encostando na minha cadeira e tentando passar uma postura relaxada.

— Eu posso tudo e onde está sua postura de empresária? Esses palavreados são usados com frequência por você em reuniões? - pergunta arqueando uma sobrancelha.

— Estamos em uma reunião? - pergunto sorrindo levemente.

— Eu pensava que sim - diz retribuindo meu sorriso. Fico séria e volto meu olhar para minha secretária. — Lembra do que te falei, Penélope?

— Eu preciso do emprego, senhora...

— Precisa? Não pareceu isso quando estava humilhando aquela funcionária no corredor do elevador - Marcelo diz a encarando, fazendo-me revirar os olhos.

— Você ainda tem alguma coisa para fazer aqui, Marcelo? - pergunto com minha paciência se esvaindo por entre meus poros ao ter que lidar com mais situações como essas de Penélope.

— Estou esperando você demiti-la.

— Deixe que da minha secretária cuido eu. Se você já fez seu ponto, peço que se retire da minha sala agora mesmo.

— Não a quero na minha construtora, entendeu?

— Isso quem decide sou eu, entendeu?

Ele revira os olhos, levantando-se da cadeira.

— Tenho que conversar com seu pai agora.

— Está esperando minha permissão? - pergunto suspirando e descansando meu queixo em minha mão, que repousa sob a mesa.

— Não preciso da permissão de ninguém para nada - diz, sério.

— Está esperando o que para sair?

— Você é muito cheia de si.

Não consigo impedir que uma gargalhada alta saia de minha boca, pela terceira vez desde que ele entrou aqui. Sou cheia de si, porque não dei

nenhuma condição para ele. Só o que me faltava acontecer mesmo. Escutar tal absurdo de alguém que acabou de perguntar se sou lésbica, porque não dei nenhuma abertura para ele.

— Seus achismos não me incomodam de nenhuma maneira.

Sorrio ainda o observando.

— Vamos ver até quando.

Se vira e caminha lentamente até o final da sala. Como toda a calma possível abre a porta, caminha até o lado de fora da sala, se vira, sorri de lado e fecha a mesma.

Suspiro pesadamente. O homem sabe como deixar uma marca onde passa, isso não consigo negar. Desviando meu foco daquele homem, volto meu olhar para Penélope que ainda me observa. As vezes até sinto pena dela, mas logo passa ao ver suas atitudes descabidas com o próximo.

— Passe agora no RH e saia da minha frente. Não quero ter o desprazer de ver você maltratando algum funcionário ou pensa que eu nunca vi? Vá, cansei de olhar para teu rosto - digo voltando minha atenção para os papéis que estão à minha frente.

— Mas, senhora, eu realmente...

— Não quero saber. Saia, agora - digo a encarando.

— A senhora poderia repensar...

— Sai, Penélope! - rosno apontando para a porta da sala.

Ela trava a mandíbula e se vira, caminhando até a porta, a abre e sai.

A presença daquele homem volta a minha mente. A arrogância pingando de cada palavra, a segurança deixando bem claro que ele sabe o que faz e fala...

Está bem claro que ele sabe muito bem o que está fazendo. Isso tudo que

ele me falou faz parte de um plano bem orquestrado em sua mente e estou concluindo que acabei de virar um desafio. E pelo jeito ele gosta de um desafio.

Sorrio.

Ele pode até ser esperto, mas não sabe com quem está se metendo.



— Pérsia - meu pai me chama ao entrar na minha sala.

— Qual o problema das pessoas em bater na droga da porta, antes de entrar? - pergunto irritada e o encarando.

— Isso são modos de se falar, garota? Você é uma vice-presidente...

— O senhor veio até aqui para me dizer como devo falar e me comportar? Não sei se percebeu, mas tenho vinte e seis anos, logo, o senhor pode concluir que sou uma adulta - digo o fazendo revirar os olhos.

— Você tem que aprender a me tratar melhor, garota - diz caminhando até uma cadeira em frente à minha mesa e se senta.

— Deveria? - pergunto arqueando uma sobrancelha.

— Sou teu pai.

— Não me diga, Russo.

— Você sabe que detesto essas piadinhas. Vamos ao que interessa, acabei de decidir alguns planos com Marcelo e tomamos algumas decisões...

— Deixa eu adivinhar, decisões que eu vou ter que cumprir e que não tive nenhuma participação? Esta sociedade já está começando muito bem. - Olha para os lados com o tédio escancarado em suas feições e só após soltar um longo suspiro, volta seu olhar para mim.

— Não me interrompa, garota. Parece que joguei dinheiro fora com todas aquelas professoras de etiqueta, que contratei para te ensinar alguma coisa - diz travando a mandíbula.

— Uma educação que deveria ter sido dada por você.

— Garota, no mundo em que vivo não tenho tempo para essas coisas.

— Você é meu pai, deveria ter tempo sempre disponível para mim - digo sentindo cada gota de mágoa se formar nos meus olhos.

— Vejo que você não aprendeu nada nesses anos de convivência nessa empresa comigo. Sentimentos te enfraquecem, garota. No mundo em que viverá a partir de amanhã, é bom que deixe bem claro que é uma mulher forte e fria - diz me encarando sério.

— Você se perguntou alguma vez se era isso o que eu queria?

Estou com os olhos marejados e as lágrimas estão quase caindo dos meus olhos, tamanha é a tristeza que invade meu peito, mas como sempre, ele não demonstra se importar com nada que sinto e dentre todas as coisas, isso é o que mais me magoa. A sua indiferença.

— Pérsia, você não tem que querer nada. Você faz o que mando e pronto, entendeu? Nem um filho aquela mulher soube me dar. Tinha que ser logo uma filha. Tanto trabalho para levar uma mulherzinha daquela para a cama e o que me sai é esse exemplo triste de pessoa. Fraca, sentimentalista, chorona, impotente - diz com tanto ódio pingando das suas palavras que sinto meu coração morrer mais um pouco.

A forma que ele fala da minha mãe... A forma como se refere a mim... Quem é esse homem? Eu carrego realmente seu sangue por minhas veias?

— Não sou a droga de um objeto que você fez para seguir o que quer - rosno me levantando.

— Você está aqui para administrar os negócios da nossa família. Negócios de décadas, Pérsia. Você estará me representando na empresa sede

de Marcelo a partir de amanhã, enquanto eu fico aqui cuidando das outras coisas. Quero que você fique atenta a toda movimentação de dinheiro que ele fizer e a entrada de outros sócios ou qualquer outra coisa, entendeu? Quero saber de tudo. Me mantenha informado.

— As ações estão no nome de quem? - pergunto tentando sorver toda essa raiva que está irradiando do meu ser.

Ainda não sei como filtrar suas palavras amargas dirigidas a mim como seu objeto, sua marionete, criada para cumprir com suas vontades. Eu odeio a vida que levo, mas a falta de amor vinda dele é o que mais me magoa.

— No seu - diz me olhando sem entender o que eu possa ser dito.

— Então, senhor Russo, a outra metade dessa construtora é minha?

— Sim.

— Então, não tenho que te manter informado de nada. A empresa é minha, estarei à frente de tudo - digo empinando meu nariz tentando mostrá-lo que, sim, eu posso fazer essa empresa crescer o tanto que eu quiser.

— Vai? - pergunta sorrindo, fazendo-me arquear uma sobrancelha.

— Você duvida?

— Você está me dizendo que vai ficar encarregada dessa empresa e não quer meu auxílio?

— Estou te dizendo, Russo, que a empresa é minha e me encarregarei dela sozinha. Eu vou fazer com que ela cresça muito mais e quando eu estiver no topo, vou fazer questão de olhar para você e dizer que a filha que você despreza é uma executiva de sucesso.

— Mas que só está aí por minha causa - diz sorrindo.

— Peço que se retire da minha sala, preciso arrumar minhas coisas - digo desviando meu olhar do dele, para que não presencie mais uma vez o que ele é capaz de fazer com o meu emocional.

— Você é muito fraca, Pérsia. Mas quero ver se você é capaz mesmo de alguma coisa na tua vida.

E com isso, ele se levanta, se vira e sai da minha sala levando junto consigo, meu raciocínio e minha força.

IV

Pérsia Martins

Eu queria tanto alguém do meu lado para me segurar quando eu sei que vou desmoronar. Não vou conseguir entrar nessa empresa e não lembrar de tudo que foi dito por meu pai ontem. Passei a noite inteira chorando na minha estufa, buscando um pouco de conforto nas minhas flores, mas como você e eu sabemos, não encontrei nada. Hoje quando estava me arrumando, passei mais maquiagem que o normal para disfarçar meus olhos inchados. E por falar nisso, meu corretivo está perto de acabar, do tanto que já o usei para tentar limpar minhas olheiras.

Não preciso que alguém identifique fraqueza em mim. Meu pai me criou para ser uma mulher fria e cruel, não é? Decidi que serei tudo que ele quer, assim ele vai ficar orgulhoso, virá até mim e vai querer se aproximar, mas eu não vou querer tê-lo por perto e vai ser nesse momento que vou jogar tudo que está entalado no meu peito, diretamente nele. E assim, ele vai sentir tudo que estou sentindo agora. Russo Martins, o homem que tenho como pai, não me ama, não sente carinho por mim nem nada parecido. Usou-me todos esses anos para ser uma cadela fria, destinada a levar os negócios dele adiante, sob seus comandos e é exatamente o que vou fazer. Vou ser exatamente o que ele planejou e eu juro que ele vai se arrepender de cada palavra dita naquela sala e durante esses anos de martírio que vivi, enquanto morava em sua casa. Respiro fundo, mais uma vez, tomo a coragem que não tenho no momento e saio do carro com minha bolsa em meu braço, óculos escuros nos meus olhos e a postura de mulher séria e inabalável intacta no meu rosto. Entro no hall da construtora com meus saltos tamanho quinze, fazendo o barulho mais irritante do mundo, para quem quer que esteja passando no momento.

Ao chegar até o elevador, cumprimento as pessoas que ali estão o esperando e volto meu olhar para a sua frente.

— Senhorita Pérsia?

Viro-me quando alguém chama por meu nome e encontro Bruno parado em frente a outro elevador, olhando-me com estranhamento.

— Bruno - sorrio, levemente e caminho até ele —, como você está?

— Estou bem e o que a senhorita faz esperando o elevador social? - pergunta formando um vinco em suas sobrancelhas.

— Qual o problema? - pergunto o olhando sem entender.

— A senhorita é uma sócia, seu elevador é o privativo, no caso, esse. — Aponta para o elevador à sua frente e eu reviro os olhos.

— Bruno, você não precisa me chamar de senhorita sempre. Eu exigia isso de Penélope, porque ela era uma esnobe e eu não a suportava. Me chame de Pérsia, tudo bem? - Ele balança sua cabeça concordando. — Sou como eles, só que com mais dinheiro. Sou humana, como eles são humanos. Não me importo em pegar o mesmo elevador que eles.

— Você existe mesmo? - pergunta boquiaberto.

Permito que uma gargalhada saia da minha boca, a primeira do dia.

— Claro, homem. Estou aqui - digo passando o braço por seus ombros.

— Você está me tocando - sussurra com os olhos arregalados.

— Você tem algum problema com isso?

— Não, mas é só...

— Vamos entrar nesse elevador logo, Bruno - digo o puxando comigo, quando o mesmo se abre. Entramos e Bruno disca o décimo oitavo andar ainda parecendo estar chocado, o que não ajuda muito no meu estado triste do dia.

— Marcelo quer que você vá direto para a sala dele - Bruno fala suspirando.

— Você sabe onde vai ser meu escritório? E se já está pronto? - pergunto, tirando os óculos do meu rosto.

— Ele já está pronto.... teus olhos... - diz arregalando os olhos, encarando-me.

— O que eles têm?

— Você andou chorando? - pergunta de olhos arregalados me fazendo sorrir.

Ele é tão leve e descontraído, que tenho vontade de abraçá-lo, mas reprimo essa vontade. Tenho que ser a mulher forte, fria e inabalável, ou seja, nada de demonstrações de sentimentos em público.

— Você não vai me ver chorando, Bruno. Nunca. Eu dormi muito tarde e não funciono com tão pouco tempo de sono no meu sistema.

Já estou ficando profissional na arte de mentir, uma a mais não faz diferença.

— Tudo bem. Te adianto que Marcelo vai pegar no teu pé um pouquinho por conta disso - diz fazendo uma careta.

— Vou lidar com ele - digo sorrindo confortante.

— Eu vou te defender.

As portas se abrem e nós saímos. Bruno vai na minha frente mostrando o caminho até a sala do seu chefe. O andar em que estamos é muito largo e extenso com várias pessoas caminhando para lá e para cá apressadas.

— Hoje está todo mundo dessa forma por conta de sua chegada, Pérsia - diz quando chegamos em frente à uma porta enorme de madeira. — Vou anunciar sua chegada.

Ele bate duas vezes na porta, a abre, entra e a fecha, deixando-me no mesmo lugar sem mexer um único músculo até que ele retorna a abrir a porta permitindo minha entrada. A primeira e única figura que vejo ao entrar é

Marcelo vestido com uma camisa social preta de mangas longas e os anéis ali em sua mão. A sua imagem de homem das cavernas não mudou em nada, mas eu acho que isso tudo é algo único dele que não pode ser mudado ou alterado por um simples capricho.

— Seja bem-vinda, senhorita Pérsia - diz se levantando da sua cadeira e dando a volta em sua mesa até estar em minha frente, exibindo um sorriso arrogante, que só é capaz de provocar um revirar de olhos ao mesmo tempo em que meu coração se acelera e eu juro que preciso de toda a minha concentração para não demonstrar nervosismo perto dele.

— Obrigada, Marcelo.

— Andou chorando, Pérsia? - pergunta com os seus olhos estudando os meus com uma precisão desconcertante.

Sei o que ele está procurando, sei que deseja encontrar uma fraqueza, afinal ele é um jogador, mas mal sabe ele que eu também sei jogar e que eu não seria boba o suficiente para demonstrar qualquer fraqueza na sua frente ou na frente de qualquer pessoa.

— Por que eu choraria? - pergunto tentando forçar um sorriso.

— Também quero saber - diz analisando meu rosto. — Um amor não correspondido?

Isso me faz rir e eu juro que desejava que fosse apenas isso, assim meu coração não estaria tão despedaçado como está agora e em um processo tão torturante de anos. Será se algum dia eu poderia encontrar algum remédio para uma dor tão chata e sofrida como essa?

— Acho melhor você começar a se acostumar com meu rosto dessa forma pela manhã.

— Ontem você não estava assim - diz se sentando em cima da sua mesa e me encarando.

Ele semicerra seus olhos enquanto me observa, estudando cada reação do

meu rosto e posso apostar que ele deve estar calculando diversas coisas em sua cabeça sobre o possível motivo de eu estar com tantas olheiras. Não desejo tanta atenção em algo que é pessoal e que não o interessa, por isso decido em mudar de assunto.

— Onde vai ser meu escritório?

— Aqui - diz abrindo os braços e olhando ao redor.

Pisco antes de semicerrar meus olhos, enquanto o observo. Juro que eu poderia começar com algumas das minhas mais famosas ameaças, mas não estou me sentindo bem o suficiente para um combate frente a frente com alguém agora.

— Hum.

— A senhorita teria alguma exigência? – Ele sorri achando-se vitorioso, como se fosse o dono de tudo, como se pudesse possuir tudo da forma que bem quisesse.

Estou aqui para mostrar a esse homem que eu não sou uma mulher de ficar e apenas aceitar o que a definem. Não deixaria que outro homem tomasse conta da minha vida inteira da forma que bem desejar.

— Vou fazer uma reforma nessa sala, quero uma lista de todos os acionistas e da movimentação de dinheiro feita nos últimos três anos, além de Bruno como meu secretário - digo caminhando para perto dele e colocando minha bolsa em cima da cadeira na sua frente.

— Bruno é meu secretário.

— Era, a partir de hoje ele é meu - digo cruzando os braços e olhando ao redor.

A sala é enorme, mas muito abafada com seus tons escuros. Se bem que esses tons escuros estão combinando perfeitamente com meu humor e esse talvez seja o meu humor até o fim dos meus dias. Acho que vou deixá-los. Essa mesa vai ser trocada por uma de vidro e as cadeiras para algo que

combine com os tons da sala.

Onde já se viu uma sala como essa com uma enorme mesa de madeira?

— Você não está entendendo. Bruno é meu secretário particular...

Viro-me para Bruno e o encaro.

— Meu bem, você aceitaria ser o secretário dos dois? Se você achar muito pesado, pode contratar um assistente.

— Quem vai pagar? - Marcelo pergunta atrás de mim.

— Você. E fique quietinho, que estou conversando, não está vendo? Onde está sua educação? - pergunto reprimindo um sorriso e agora até sinto que o controle está voltando para as minhas mãos.

Bruno está de olhos arregalados e a boca entreaberta com seus enormes olhos quase saltando para fora, à medida que eles pulam de Marcelo para mim.

Escuto uma respiração ser puxada e logo em seguida, mãos estão em meus braços e sou virada bruscamente para perto de um corpo musculoso e completamente forte. Sua mão está no meu pescoço e a outra segura fortemente minha cintura. Sua respiração está tão perto do meu rosto, que necessito puxar uma outra mais forte para trazer ar e força aos meus pulmões.

Estou nervosa, minha pressão está alterada e uma parte completamente devassa que fica reclusa no meu mais profundo ser, acabou de ser despertada. Sinto vontade de beijá-lo e depois sentir o que mais ele pode me proporcionar, mas tento conversar com meu lado racional, implorando para que recobre sua consciência.

— Você não pode me tratar dessa forma, entendeu?

E o meu encanto por ele acaba, no momento em que fala isso. Já estou cansada de escutar isso. Passei toda a minha existência escutando essa frase e apenas me deixar escutá-la de um desconhecido não está nos meus planos.

“Você não pode isso.”

“Você não pode aquilo.”

— Eu não recebo ordens suas, nem de ninguém, entendeu?

— Você tem que me respeitar – rosna aumentando seu aperto no meu corpo e eu sorrio completamente alheia a parte devassa que deseja pular nele o fazer calar essa boquinha que poderia estar trabalhando em outras áreas.

— Não tenho que te respeitar porcaria alguma. Você manda nessa construtora, mas não manda em mim.

— Acha que pode tudo, não é? - pergunta com os olhos raivosos.

Será se eu levo isso para todo mundo? O ódio?

— Acho?

— Você é uma patricinha mimada que pensa que pode tudo. É isso que você é! - rosna me fazendo sorrir.

— Essa é a conclusão da tua análise? - pergunto sacudindo a cabeça.

— Que análise?

Franze o cenho com sua atenção focada nos meus olhos.

— Você pensa que sabe quem sou, mas está completamente enganado. Se imagina que vai conseguir jogar comigo e ganhar está mais enganado ainda. Sei o que você está tentando fazer e acho bem melhor tirar isso da sua cabeça. O jogo pode virar e nele quem vai ganhar não será você.

Então ele me solta parecendo confuso e para demonstrar ainda mais o que eu já tenho certeza, ele passa a mão por seus cabelos revoltos e eu acho essa uma visão bonita, talvez atraente também?

— Do que está falando?

— Você não é o primeiro homem que eu estou lidando. Sei o que está tramando e se continuar com isso na sua cabeça, você vai se ferrar bonitinho. Não sou uma das mulheres que você faz negócios, leva para a cama, seduz, se diz apaixonado e depois pega tudo que elas têm - digo me afastando mais dele.

— Você é louca, eu não preciso disso. Sou trilionário, dono da melhor rede de empresas do país!

— E o que isso importa? Teu rosto, teus gestos e teu sorriso, te entregam. Você é um jogador, mas não te esquece que eu fui criada perto de um. Conheço cada tipinho de pessoa ambiciosa que passa por mim.

— Sua avaliação sobre mim é essa, Pérsia? - pergunta sorrindo de lado.

— Sim, é essa.

Ele sorri passando sua língua por seu lábio, o que me leva a semicerrar os olhos com mais um misto de ódio me corroendo por dentro, porque até esse pequeno movimento seu é lindo e cheio de erotismo? Eu o odeio.

— Você está certa... e acabou de virar o melhor desafio da minha vida - diz saindo de cima da sua mesa para se aproximar de mim.

— Boa sorte - digo sorrindo. — Peço que se retire da minha sala, afinal preciso ter uma conversa com meu secretário.

— Eu nem disse se aceitei - Bruno resmunga em algum lugar atrás de mim.

— Você iria negar? - pergunto me virando para ele.

— Claro que não - diz sorrindo.

— Ótimo.

— Nosso secretário e nossa sala - Marcelo fala me fazendo virar de uma vez para olhar seu rosto.

— O quê?

— Exatamente isso que escutou. Nós vamos dividir essa sala e o meu secretário. Vamos ver se você vai resistir a mim por esse tempo.

Confesso que isso me pegou de surpresa e que não vai ser nem um pouquinho fácil resistir a ele, porque se em apenas três encontros ele já se demonstrou ser a coisa mais excitante de todas, imagine durante semanas, meses. O homem é a tentação em pernas e o prazer em presença.

Só espero ter bastante controle, para não acabar enlouquecendo.

V

Pérsia Martins

Uma semana inteira se passou com esse homem me provocando com palavras e com sua proximidade. Ele sempre inventa alguma coisa para se levantar da sua mesa e vir até a minha, só para roçar seu corpo no meu e sua barba no meu pescoço, o que me deixa toda arrepiada e que ascende cada vez mais minha parte libidinosa. Já ameacei processá-lo por assédio sexual, mas tudo que ele fez foi sorrir arrogantemente. E eu sei que poderia fazer isso, mas se ainda permito que ele persista é porque sim, eu estou gostando de jogar esse jogo em que eu sei que ganharei no final.

Agora, ele está sentado à sua mesa com seus olhos travados em mim. Marcelo está fazendo de tudo para tentar ganhar uma reação minha de alguma forma, mas tudo que recebe de mim é a minha melhor cara de paisagem, mesmo que por dentro eu esteja morrendo um pouquinho mais necessitando do seu corpo mais perto de mim, mas é claro que isso tudo carnalmente. Meu coração está completamente fora dessa jogada mesmo que ele se acelere loucamente à cada vez que ele se aproxima de mim. Acredite ou não, passei todos os dias dessa semana com ele na minha cabeça. Tudo que eu ia fazer lá estava ele aparecendo mais uma vez e assim eu não conseguia fazer mais nada que prestasse.

Lembro-me que tenho que sair mais cedo, porque hoje meus bichanos têm vacina para tomar e tenho que comprar outra tesoura para flores, já que a última que eu possuía acabei perdendo em algum lugar da casa. Sem contar as compras do mês que faço questão de comprar pessoalmente. Ora, com todo o dinheiro que tenho poderia contratar mais de cem empregadas para fazer tudo, mas não desejo levar uma vida de uma pessoa inútil que nem as compras da casa é capaz de fazer sozinha, além do que não preciso de tantas coisas para que eu contrate outra pessoa para o fazer.

Durante toda essa semana Bruno se mostrou tão prestativo, amigo e

parceiro, auxiliando-me em tudo, que não posso negar que um novo sentimento esteja nascendo no meu peito. Sabe, com ele não sinto aquele negócio angustiante e falso, que sempre sinto quando meus parentes estão por perto. Ele é verdadeiro comigo, eu sinto isso e eu não pude deixar de observar a forma com que ele e Marcelo se tratam.

Como amigos, parceiros. Aquilo que sempre quis e nunca tive, mas que agora estou provando com Bruno.

Estou comparando o gasto da empresa durante esses dois últimos meses, quando a porta se abre e duas mulheres entram. Uma delas é alta, magra, com o rosto juvenil, cabelo longo, boca carnuda e veste uma calça jeans bem colada em seu corpo e uma blusa soltinha verde clara. A outra é baixinha, cabelo castanho curto, bochechas gordinhas e um rosto tão limpo, que não posso dizer que tenha alguma espinha ou cravo nele. Está com um vestido cinza de mangas, coladíssimo em seu corpo e curto.

— Olá, querido - diz a baixinha ao adentrar o escritório, como se ele a pertencesse.

— Radija e Violeta, o que as trazem até aqui? - pergunta Marcelo se levantando e as recepcionando com um abraço, não parecendo nada surpreso com a pequena invasão das duas. Desvio o olhar dessa cena à minha frente e foco minha concentração nos papéis em cima da minha mesa.

— Saudades, rabugento. Você sumiu essa semana - uma delas fala com a voz melosa, fazendo-me revirar os olhos.

— Estive ocupado - diz e logo o silêncio se instala na sala.

Não ousou levantar minha cabeça para olhar. Vai que acabam achando que estou observando demais a conversa que estão tendo e eu não quero que ele pense que estou interessada em algo que diz respeito à ele, afinal isso é tudo que eu não preciso para que ele se sinta ainda mais confiante sobre eu estar caindo na lãbia dele.

— Quem é ela?

— Sua secretária?

— Perguntem a ela – diz com sua voz grossa penetrando todo o ambiente.

Saltos tocam no chão, fazendo aquele barulho irritante típico de peruas que não sabem da existência de sandálias mais baixas.

— Olá - uma das vozes femininas fala próxima a mim, fazendo com que eu levante minha cabeça, vendo que é a baixinha de vestido cinza.

— Olá - digo sorrindo de leve em sua direção.

— Qual seu nome? - pergunta avaliando cada parte do meu rosto sem nenhuma descrição.

— Pérsia. E o seu?

Encosto-me na minha cadeira aderindo uma postura mais relaxada, enquanto a observo com um meio sorriso nos lábios.

— Radija, irmã de Marcelo e aquela – aponta para a que é mais alta —, é Violeta, nossa irmã.

— Prazer em conhecê-las - digo sorrindo.

As duas não me parecem ser as típicas patricinhas que são costumeiras no meu caminho e na minha família, mas o ar de superioridade está bastante presente em cada uma delas.

— Você faz o que aqui? - Violeta pergunta se aproximando de mim.

— Sou sócia.

— E por que está na mesma sala que Marcelo? - pergunta estreitando os olhos e eu sorrio, não conseguindo me conter. Deve estar achando que eu impus isso para seduzir o machão de meia tigela ali. *Mereço mesmo isso.*

— Teu irmão quis assim - digo dando de ombros.

— Vocês estão juntos? - Radija pergunta arregalando os olhos.

— Não! - Levanto-me de uma vez devido ao choque da sua pergunta. — Não tenho nada com ele e nem quero.

Eu o namorando... jamais!

— Não estou entendendo mais nada, agora - Radija diz sacudindo a cabeça parecendo um pouco confusa.

— Por que você se alterou quando minha irmã perguntou se estávamos juntos? - Marcelo pergunta com um sorriso enorme que me faz revirar os olhos.

— Não me alterei, só não quero que ela pense que tenho algo com você.

— Por que? - pergunta se aproximando de mim, exibindo um sorriso safado que eu bem conheço e que não me agrada nada.

— Você sabe bem o motivo - digo cruzando os braços em cima da minha barriga. — Se me dão licença, tenho algumas coisas para tratar com Bruno. Fiquem à vontade.

Saio de detrás da minha mesa e caminho até a porta, mas sou parada por uma mão forte e calejada, que me vira trazendo-me de encontro ao seu corpo musculoso. Mais uma vez e sem a minha permissão. Esse homem perto de mim e com essas mãos constantes no meu corpo, não é fácil de se lidar, mas com todo controle que ainda tenho dentro de mim, olho em seus olhos e o encaro, mantendo-me séria.

— Vou foder tanto com teu juízo, Pérsia - diz com sua voz rouca e perto de meu rosto, fazendo com que meus olhos se arregalem instantaneamente.

— O que?

— Você gosta de palavras sujas, Pérsia? - pergunta aproximando seu rosto do meu.

Tão próximo... Muito perto...

— Você é um abusado mesmo. Não pense que isso vai me afetar de alguma forma - rosno tentando me soltar das suas mãos firmes, mas o efeito é totalmente o contrário.

— Acho que já estou te afetando. Diz olhando nos meus olhos que não fica molhada todas as noites antes de dormir comigo no teu pensamento - diz com seu olhar intenso cravado nos meus.

Realmente, você está nos meus pensamentos e para ser bem sincera, já me toquei te imaginando no lugar dos meus dedos, mas disso você não precisa saber.

Indo contra tudo o que penso, abro um largo sorriso e começo a rir.

— Você está brincando, não é? - pergunto sorrindo.

— Você não sabe quem está provocando, Pérsia - diz estreitando os olhos e aumentando seu aperto nos meus braços.

Ele tem um aperto firme... interessante.

— Pobre Marcelo, não sabe quando parar.

— Não vou parar, enquanto eu não tiver você nua e gozando no meu pau - diz travando a mandíbula.

— Isso não vai acontecer, garanhão.

— Você vai gritar meu nome inúmeras vezes – fala passando sua barba por meu pescoço e o soprando, em seguida.

Ele está me fazendo sentir coisas absurdas e o pior é que nem consigo o controlar. Não foi assim que imaginei derrotá-lo.

Não posso me deixar levar pelo desejo. Tenho mais coisas em jogo aqui.

Preciso me controlar.

— Acho que alguém aqui está se tocando todas as noites antes de dormir,

comigo no pensamento - digo sorrindo para transparecer que isso não me afeta.

Se ele soubesse o quanto me afeta...

— É verdade. Todas as noites, desde o dia que você adentrou a porta desse escritório te imagino em cima da minha mesa nua, entregue ao prazer que te proporciono. Esse pensamento me deixa louco....

— Marcelo! Nós estamos aqui, cara - Violeta diz de algum lugar da sala.

— Irmãzinhas nos deixem a sós, por favor - pede afundando seu rosto na curva de meu pescoço e eu sinto que necessito juntar tudo dentro de mim para o afastar.

— Nem se incomodem de sair da sala - digo o empurrando. — Entenda uma coisa, Marcelo. Não vou cair nos teus jogos, você não faz o meu tipo.

— É mesmo? Aposto dez mil reais como você está molhadinha nesse momento - diz mordendo o lábio e eu sacudo minha cabeça devagar, considerando o quão arrogante ele parece agora.

— Isso você não vai descobrir nunca - digo e saio da sala escutando um praguejamento alto.

Fecho a porta e me escoro na mesma, respirando fundo. Que homem tentador é esse?

Nunca estive perto de alguém que me fizesse sentir tantas coisas ao mesmo tempo. O homem é uma delícia e me faz querê-lo o mais rápido possível. Quero que ele me tome em cima da sua mesa, quero que sua boca esteja no meio das minhas pernas, quero que ele me faça sentir diversas sensações, mas o pior é que não posso.

Não posso, porque sei que o que ele quer é obter vantagem em cima de mim.

— Pérsia? - Bruno me chama ao levantar-se da sua mesa e se aproxima de mim.

— Sim? - respondo tomando uma postura normal.

— Aconteceu algo? - pergunta com seu cenho franzido parecendo preocupado.

— Preciso de café - digo sorrindo para que ele tenha a certeza que estou bem e também para que não chegue aos ouvidos de Marcelo que me senti atingida por algo que ele falou ou fez.

É definitivamente a última coisa que preciso.

— Então, vamos até a cafeteria - diz pegando meu braço e o puxando até o elevador.



— O que Marcelo fez? - Bruno pergunta quando já estamos sentados à mesa da cafeteria. Pedimos dois cafés. Um sem açúcar e outro com.

A cafeteria é enorme com uma bancada cheia de bolos, pães e doces. É praticamente uma padaria, esse lugar.

Estou amando tudo isso.

— Como assim? – pergunto voltando meu olhar para ele.

— Você não está bem e suponho que Marcelo tem algo com isso - diz me encarando com bastante atenção.

— Que nada, homem. Estou muito bem - digo sorrindo.

— Por que você estava daquela forma contra a porta?

— Só estou cansada de tudo e preciso fazer muitas coisas hoje.

Suspiro e me recosto no acento da cadeira, imaginando as coisas que preciso ver ainda hoje.

— Você precisa conversar? - pergunta se inclinando e pegando na minha mão.

— Preciso que você me acompanhe no que tenho a fazer - digo sorrindo fracamente.

— Claro que te acompanho. Só preciso comunicar para Marcelo - diz sorrindo gentilmente.

Uma moça de avental azul com bordados do nome da empresa para ao lado da nossa mesa colocando uma bandeja com duas xícaras de café em cima da mesa. Tira as xícaras, coloca cada uma em nossa frente, depois se vira e sai.

— O café está delicioso - Bruno diz após tomar o primeiro gole.

— Digo o mesmo do meu.

— Como você toma um café sem açúcar? - pergunta sorrindo.

— Prefiro ele amargo, afinal temos algo em comum – digo rindo e olhando para as laterais da xícara.

— Não, você não é, Pérsia. Estive convivendo com você durante essa semana inteira e de amarga você não tem nada. Percebo a forma que você trata Marcelo, mas sei que isso é uma maneira de proteção – diz sorrindo.

— Ah, Bruno. Se você soubesse metade do que tenho que enfrentar todos os dias para estar aqui, você não diria isso.

Ao terminar de tomar meu café, coloco a xícara de lado.

— Temos tempo – diz sorrindo gentil.

— Não é algo que quero derramar em você, Bruno. Desculpa, já terminou teu café? - pergunto levantando.

— Já sim.

Segue meus gestos, deixando sua xícara para o lado e então, deixando-as ali de lado caminhamos rumo ao nosso andar. Quando chegamos em frente à sala que divido com Marcelo, Bruno me encara e respira fundo. Não entendo sua atitude, mas também não digo nada.

Ele toma a frente e abre a porta para que eu entre.

Entro e vejo Marcelo sozinho com sua camisa aberta e as pernas em cima da mesa em uma postura muito relaxada. Assim que me vê um largo sorriso toma conta do seu rosto e ele morde o lábio inferior.

Que todas as forças divinas me segurem, por favor. Ou vou acabar pulando em cima desse homem. Que pecado!

Sinto um calor fora do normal subir por minhas pernas e se concentrar bem no meio...

Não posso me deixar levar por essa tentação. Não posso.

Muitas coisas estão em jogo. Minha vida e minha fortuna também. Se bem que isso nem me importa, só quero sentir um pouco de carinho, sentir-me amada por pelo menos uma vez na vida. *Para, Pérsia!* Uma voz grita do fundo do meu subconsciente.

O que estou pensando?

Não posso perder tudo isso por causa de um homem lindo, tentador, sexy, delicioso...

Ele só quer te seduzir, te levar para a cama, te usar, pegar o que você tem e depois te largar, como se não fosse nada. Ele não tem caráter, Pérsia. Ele é como todos os outros. Aquela voz novamente soa na minha mente, trazendo-me para a realidade em que vivo.

— Está bem, Pérsia? – pergunta sorrindo presunçoso.

— Ótima. Vim te comunicar que vou levar Bruno para resolver algumas coisas comigo.

Caminho para minha mesa e pego minha bolsa, que ali estava à minha espera.

— Você não pode levá-lo.

Viro-me para olhá-lo, depois de escutar sua sentença. Arqueio uma sobrancelha de maneira questionadora ao observar com atenção.

— E por que não posso?

Encosto-me na mesa cruzando meus braços e arqueio uma sobrancelha.

— Porque ele tem que me ajudar em algumas coisas...

— Você não tem compromissos hoje, Marcelo - Bruno diz revirando os olhos e fechando a porta.

— Não quero saber. Você está do lado de quem? - pergunta engrossando mais sua voz.

— Ele está do lado dos dois, Marcelo. Bruno não tem que escolher com quem ficar, ele trabalha para nós dois. E sim, ele vai comigo. Preciso dele - digo desencostando da mesa e caminhando até estar em frente à mesa dele.

— Posso ir com você - diz sorrindo.

Sua barba... sua barba é como um hino encantador que me chama para me enroscar bem ali. Quando ele sorri, parece que toda ela começa a brilhar... não sei lidar.

— Você não é o tipo de homem que preciso.

Pisco um olho para ele e me viro, sentindo-me vitoriosa quanto a essa pequena batalha, porque eu vi bem o seu sorriso se desfazer e ele voltar a sua postura séria de sempre.

Caminho até a porta da sala, onde Bruno espera, parecendo estar entediado

— Vamos? - Ele concorda e abre a porta.

Sai, mas antes que eu possa colocar o pé para fora, sou puxada bruscamente por mãos calejadas e firmes, indo de encontro para um peito cheiroso. Logo escuto o barulho da porta sendo fechada atrás de mim e sou empurrada até estar contra ela.

Onde estão as forças divinas nesse momento?

A respiração do homem está tão perto de minha boca e seu corpo está tão perto...

— Quer dizer que não faço o tipo de homem que faz o que você precisa?

Sua voz está tão rouca, que acho que vou acabar derretendo, meus deuses!

— Não, você não faz. – Meus olhos se fecham quando digo isso, porque sinto como se isso fosse demais para um simples mortal como eu.

— E qual seria o tipo de homem que você precisa, Pérsia? - pergunta passando sua barba do meu pescoço até meu ombro, provocando arrepios por toda a minha pele.

— Não te interessa.

— Por que Bruno seria esse tipo de homem?

Acho que vou acabar mergulhando nessa tentação que é esse homem.
Forças divinas apareçam, por favor.

Quando abro meus olhos e me deparo com o seu olhar ávido no meu rosto, acabo me perdendo na maré de tentações que são seus olhos tão perto dos meus.

— Me solta - sussurro mordendo o lábio inferior.

— Poderia te ter agora mesmo se eu quisesse e eu quero, mas não vai ser bem assim as coisas entre nós dois.

E após finalizar o seu pequeno discurso ele se afasta me deixando toda derretida contra a porta. Eu sei que não deveria achar isso algo proveitoso e talvez, excitante demais, mas o meu peito carente gritou avisando que sim, a combinação da sua voz rouca, do seu olhar intenso e da sua barba contra a minha pele provocou tudo de mais animalesco que já se pôde existir em uma pessoa como eu.

Agora só resta descobrir como voltar a respirar, porque não estou sabendo lidar.

VI

Pérsia Martins

E estava empolgada pela primeira vez até agora, afinal estava levando um outro alguém para minha casa, onde não deixo que muitas pessoas frequentem. Posso estar nervosa, mas também estou feliz. Ele é alguém que eu realmente queira manter por perto.

— Eu pensava que íamos fazer uma coisa mais importante - Bruno diz sorrindo levemente.

— Isso é importante para mim.

— Nós só vamos até sua casa pegar suas gatas? - pergunta sorrindo.

O olho rapidamente e volto minha atenção para a avenida na minha frente.

— Depois vamos trazê-las de volta e você vai me ajudar nas compras do mês.

— Ainda estou pensando se você existe mesmo. Qualquer ricaça normal não estaria se preocupando com tudo isso.

— Sou uma ricaça atualizada e com nada de frescura - digo sorrindo largamente.

Estaciono em frente minha casa e saio do meu carro. Espero que Bruno desça também e o guio até a porta de entrada.

— Quem limpa sua casa? – pergunta suspirando.

— Minha pessoa - digo sorrindo.

O encaro e o vejo me olhar com uma careta, duvidoso das minhas palavras.

— Deve existir algum motivo para que você faça isso.

— Não confio em ninguém na privacidade da minha casa, Bruno. Considere-se bastante privilegiado, não é qualquer um que entra em minha casa - digo retirando minha sandália de salto. — Você não sabe o quanto é bom pisar nesse chão friozinho. Cá entre nós, odeio calçar essas coisas.

— Isso só pode ser algum tipo de sonho, não é?

— Pare com isso, Bruno. Sou assim e pronto. Aceite e pare de me constranger falando assim - o repreendo revirando os olhos.

— Tudo bem, desculpa. — Suspira baixando o olhar e eu o encaro. Ele ao perceber a forma que mantenho meu olhar sob ele acaba sorrindo, antes de começar a olhar de um lado para o outro. — Onde estão suas gatas?

Sorrio me sentindo à vontade com ele aqui. Não sei explicar o motivo, mas me sinto bem. A presença dele me faz bem. Apesar do pouco que nos conhecemos, já sinto que posso confiar nele. Respiro fundo. Ele é uma boa pessoa, disse eu tenho certeza.

São anos e anos avaliando pessoas, não seria agora que iria me enganar.

— Margô deve estar dormindo dentro do meu closet e Senizete deve estar na estufa.

Mal acabo de falar e ele começa a rir.

— Quem diabos coloca o nome de uma gata de Senizete? Que porra é Senizete? Pera, isso é uma adaptação de sinusite? - diz e cai na gargalhada, curvando-se com a mão na barriga.

Sacudo a cabeça e rio contagiada.

— Nem eu sei de onde tirei esse nome – sorrio –, não ria, porque ela vai ficar brava com você.

Caminho em direção ao meu quarto e ele me segue. Ao entrarmos, o levo direto para meu closet.

— Que quarto enorme, meu deus - diz suspirando, rendendo-me um sorriso. — Meu apartamento cabe aqui dentro. Sabia que você tinha alguma coisa de granfina.

— Muito bobo, você – digo sorrindo. — Margô, meu amor. - Abro a porta do closet e vejo seu rabo peludo na parte de baixo. Abaixo-me e a pego. — Minha lindinha estava dormindo?

Deposito um beijo em sua cabecinha peluda e a aconchego em meus braços.

— Ela é tão fofinha - Bruno diz ficando do meu lado, observando-a.

— Ela é linda - digo sorrindo alisando os pelos lisos que tanto amo.

— Onde está a outra? - pergunta abrindo as portas do closet.

— Na estufa.

— Você tem uma estufa aqui? - pergunta arregalando os olhos.

— Sim.

Sorrio e me encaminho para fora do quarto com ele vindo bem atrás de mim. Passo pela cozinha e entro no corredor enorme, que é ligado diretamente para meu cantinho da paz. O melhor lugar em todo o mundo. As pessoas deveriam ter um lugar como esse para que possam se sentir em paz consigo. Não sei o que seria de mim, se não tivesse minha estufa com minhas flores.

Paro em frente à enorme porta de ferro com pequenas janelas de vidros em toda sua formação, que mostram o meu paraíso. Apoio Margô em uma de minhas mãos e com a outra, empurro a porta para que abra. Adentro meu lugar e logo escuto um suspiro alto vindo de Bruno e eu o compreendo perfeitamente.

— Lindo....

— Sim, o melhor lugar no mundo - digo olhando com amor para meu lugar.

Quando comprei essa casa foi dito que tinha um enorme galpão, utilizado como um estúdio de dança e bem, no momento que olhei para ele, o pensamento foi certo que era nesse lugar que minhas flores iriam ficar.

Desde pequena sempre amei flores e plantas em geral. Queria ter aprofundado meus estudos a respeito delas, mas infelizmente a influência do meu pai na minha vida era enorme e eu queria fazer de tudo para agradá-lo só para tê-lo nem que fosse apenas cinco minutos perto de mim.

Contratei um arquiteto e o instruí de como eu queria que fosse feita minha estufa. Então em algumas semanas, ela estava feita. Ele aumentou o galpão, tomando alguns metros do enorme quintal, demoliu o teto e as paredes. Onde existia paredes de tijolos, foram colocados vidros e no teto da mesma forma para trazer o máximo de claridade. Sete enormes mesas de madeira foram esculpidas exclusivamente para serem colocadas aqui. Em cada uma delas leva um tipo de flor: Tulipas, rosas vermelhas, margaridas, lavandas, azaleias, lótus e peônias. Pedi também que fizessem uma junção com o quintal e o fechassem com paredes e vidros, onde foi construído dois acentos de cimento e uma larga mesa de vidro, que uso para trabalhar. Nessa junção plantei um pé de flor de cerejeira. Sim, eu a amo. Pode-se dizer que é meu maior mimo.

E essa união é o meu escritório.

— Não sei se estou encantado ou emocionado - diz olhando o lugar com bastante atenção.

Sorrio orgulhosa do meu lugar.

— Fique à vontade para dar uma volta e explorar - digo caminhando ao longo da minha estufa até chegar ao meu maravilhoso escritório no fundo. Abro a enorme porta de madeira com alguns desenhos de flores em sua extensão e adentro em busca de Senizete. Ela sempre fica aqui. Só sai para

fazer suas necessidades na rua, mas não demora muito a voltar e dormir em seu cantinho.

— Meu deus! - diz atrás de mim. — Esse é seu escritório?

— Sim, só assim consigo me concentrar para fazer algo – digo sorrindo com uma felicidade única invadindo meu peito.

— Bem original, ein. Quem teve essa ideia?

— Minha cabecinha aqui.

— Mulheres como você são bem difíceis de serem encontradas – diz suspirando.

— Não se apaixona – digo brincando.

— Não me fale em paixão, mulher. Imagine você que estou apaixonado, mas não sei o que fazer para chegar em minha amada. Não sei se ela gosta de algum outro cara ou se iria me aceitar.

Meio cabisbaixo, ele revela sua aflição me deixando um pouco surpresa.

Tenho aqui um homem apaixonado que não toma atitude para chegar em sua amada. Não tenho muitos conselhos para dar, até porque sou horrível nessa arte, mas vou tentar.

— Bruno você só vai saber se a questionar. Precisa conversar e revelar seus sentimentos. Vocês se falam? - pergunto e puxo sua mão para que se sente no banco de cimento.

— O básico do básico.

— E por que você não procura puxar assunto?

— Porque o irmão dela é meu chefe e porque eu sei que não tem possibilidades para que nós fiquemos juntos. Sou pobre, Pérsia.

Respiro fundo tentando procurar algum resquício de paciência. Então,

quer dizer que ele é apaixonado por uma das irmãs de Marcelo...

Resta saber de qual das duas.

— Qual delas? – pergunto olhando para ele e então, vejo o momento que um brilho toma conta dessas duas maravilhas azuis ao mesmo tempo em que um sorriso começa a brincar ali nos seus lábios. A reação de um homem apaixonado é tão interessante!

— Violeta.

— Vou te ajudar, Bruno – digo determinada. Não vou ficar aqui vendo esse homem passar um sofrimento desse e não fazer nada, porque não sou dessas que fica esperando as coisas sentada.

— O que você vai fazer? – pergunta me encarando.

— Não se preocupe com isso. Vamos levar minhas filhas para o veterinário e depois vamos as compras - digo, caminhando até onde Senizete está deitada e a pego.

Senizete é toda peluda e gordinha com seus pelos pretos e os olhos azuis clarinhos. Uma fofura completa.

Com as duas no braço vou para o outro lado do escritório e abro a extensa estante de madeira, para que então eu possa retirar a bolsa que as coloco sempre que as levo ao veterinário.

— Ajuda? - Bruno pergunta aparecendo do meu lado e pegando a bolsa da minha mão. A abre e eu coloco as duas gatinhas dentro. Essa bolsa tem uma abertura tapada com um tipo de pano que permite a circulação de ar dentro dela e eu nunca a fecho, já que ambas são bem tranquilas e vão a maior parte do tempo dormindo.

— Obrigada - digo sorrindo.

— O que falta, agora?

— Encontrar meu chinelo...

— Chinelo? Você calça chinelo?

— Qual o problema com chinelo? Sim, eu uso, é muito confortável. E eu sou uma mulher que coloca o conforto em primeiro lugar, quando estou em casa, já que tenho que ficar o dia inteiro em cima de saltos enormes e desconfortáveis – digo revirando os olhos.

— Eu pensava que mulheres ricas não calçavam chinelos. Juro para você, que pensava que vocês ficavam sempre com saltos agulhas até dentro de casa. Achava que só tiravam para o banho - diz rindo.

— Eu pensei que você já tinha notado que não sou uma ricaça metida.

Suspiro e me encaminho para fora do escritório.

— E notei, mas isso é bem estranho - fala me acompanhando.

— E é como te falei, valorizo muito o conforto para estar me importando com estar sempre arrumada.

— Entendi perfeitamente isso. – Escuto seu sorriso e me dou como satisfeita.

Saímos da minha estufa e fomos direto para a sala, onde comecei a procurar por meu par de chinelos. *Onde eu os deixei?* Ajoelho-me e olho embaixo do sofá, mas não tem nada aqui. Levanto-me e olho o cômodo com as duas mãos na cintura.

Se não está aqui, só pode estar no quarto.

Fui até meu quarto e vasculhei com os olhos cada cantinho, parando no pé da minha cama, onde vi uma pontinha de um deles. Depois de o pegar e o calçar, volto para a sala, onde Bruno está sentado fazendo carinho nas minhas gatinhas.

Sorriso.

— Te conquistaram, não foi? – pergunto sorrindo.

— Muito. Laçaram meu coração. Duas diabinhas sapecas – diz olhando para elas.

— Vamos? – pergunto tirando a chave da porta e a abro.

Ele se levanta e passa por mim, saindo para a garagem. Saio e fecho a porta, a trancando no processo. Caminho para a frente da minha casa com Bruno a minha frente e é quando chegamos na calçada que tomo um susto ao ver Marcelo encostado no meu carro.

Que diabos esse homem está fazendo aqui?

— O que significa isso? – rosno encarando seu rosto inabalável e muito calmo, mas só me olha e sorri levemente.

— Olá, Pérsia – diz tirando os óculos do seu rosto e cruza os braços.

Está com uma camisa preta, as mangas dobradas até o cotovelo, valorizam belamente seus músculos e mostram sua tatuagem... Ele tem um pássaro preto com uma tintura azul jogada ao redor. Tão sexy...

Por que esse homem não usa um paletó?

Deve ser uma coisa muito bela de se ver.

— O que faz aqui? – pergunto o encarando com o maxilar travado.

O que diabos ele pensa que é para vir até minha casa? E como ele sabe onde é minha casa?

— Vim te pegar para uma reunião de emergência – diz despreocupadamente.

— Que raio de reunião é essa? – pergunto com raiva. Viro-me para Bruno e o encontro com um leve sorriso. — Tinha alguma reunião marcada para hoje na minha agenda?

— Não e nem para Marcelo.

Encara o patrão com atenção, quando me responde, então ele sorri e sacode a cabeça.

— Por que está rindo?

— E então? Fizeram o que vieram para fazer? – Marcelo pergunta com uma curiosidade absurdamente inacreditável, irritando o inferno fora de mim.

— Não, você está nos atrapalhando - digo o encarando. Ele sorri, leva uma das suas mãos até sua barba e a coça, olhando para baixo, hipnotizando-me. Quando sobe seu olhar, vejo tanto fogo ali refletido, que meu corpo se esquentava no mesmo instante.

— Irei acompanhá-los até onde quer que vocês vão e depois iremos até a reunião – diz sério, fazendo-me sorrir alto.

— Você não vai a lugar algum conosco, Marcelo.

— Por que não iria?

— Você lembra do que te falei? – pergunto arqueando uma sobrancelha.

Ele trava sua mandíbula e franze os lábios.

— Lembro de você mole nos meus braços quando te coloquei contra a porta do nosso escritório – diz mordendo o lábio, encarando-me com desejo, enquanto eu apenas tento respirar com normalidade.

Cretino! *Como ele tem coragem?*

O rubor toma conta de meu rosto, deixando-me totalmente sem graça, mas é claro que não vou deixar essa passar.

— Posso ter imaginado outra pessoa no teu lugar – digo o encarando com um pequeno sorriso forçado.

Em um segundo o homem estava encostado no meu carro, no segundo seguinte, ele me tem na prisão dos seus braços com um aperto seguro na minha cintura. A boca próxima da minha, a respiração ruidosa e o olhar

intenso. *Que todas as forças divinas juntas, me ajudem.*

— Você não imaginou nenhuma outra pessoa no meu lugar, porque duvido muito que outro homem tenha te pegado da forma que te peguei. Quando eu tenho uma mulher nos meus braços, não existem outros pensamentos a não ser meu pau dentro delas – rosna tão próximo quanto possível da minha boca.

— Muito convencido você, cretino. Me solta – sussurro tentando inutilmente o afastar, porque mesmo que eu grite e me descabele, a verdade é essa: tudo que eu queria nesse momento era estar montada neste homem até a noite chegar.

Ele baixa sua cabeça e cheira meu pescoço. Leva sua boca até minha orelha e morde o meu lóbulo. Solto um suspiro baixo e escuto seu sorriso rouco, logo em seguida.

— Pérsia, minha filha? – Escuto a voz grossa de meu pai e tento me afastar de Marcelo, mas seu aperto não permite. Meus olhos estão arregalados, minha respiração acelerada e Marcelo muito calmo.

O que meu pai vai pensar que sou? Uma qualquer que se deita com o sócio na primeira oportunidade? Mas o que ele faz aqui? São raridades as vezes que ele vem aqui.

Por que hoje? Por que agora?

Viro minha cabeça em sua direção e vejo que está bem surpreso e com um sorriso leve. Ele nos encara com bastante atenção, não desviando seu olhar em nenhum momento.

— Pérsia? Acho que falei com você, me responda – diz cruzando os braços e desce seu olhar para as mãos de Marcelo na minha cintura.

Por que isso tinha que acontecer comigo? Tenho vontade de chorar com essa situação.

— Oi, pai – digo tentando mais uma vez afastar Marcelo de mim, mas ele

não permite, fazendo o ar ficar preso aqui dentro de mim, sem permitir entradas, nem saídas.

— Olá, Russo - Marcelo diz soltando uma das suas mãos da minha cintura e mantendo a outra com um aperto firme, deixando-me ainda presa em seu poder.

O que esse idiota pensa que está fazendo agindo dessa forma? Vou matá-lo!

— Olá, Marcelo. Vejo que cheguei em um mal momento - diz nos olhando.

— Claro que não, pai.

— O que significa vocês dois dessa forma, na calçada de sua casa, Pérsia? – pergunta com sua voz grossa e meticulosa, os olhos pulando de um para o outro.

— Significa que somos dois adultos e nos gostamos. Significa que estamos nos dando muito bem – Marcelo diz olhando para meu pai.

Tomo uma longa respiração e travo minha mandíbula. O que esse imbecil pensa que está fazendo ao falar dessa forma na frente do meu pai? O que ele está pretendendo com isso?

— Vocês estão namorando?

— Não! – rosno transparecendo toda a raiva que contenho no meu ser.

— Ainda não – Marcelo diz sorrindo.

— Bem, só passei para comunicar a você, Pérsia, que temos uma reunião importante daqui há três horas, já que você não atendeu nenhuma de minhas ligações nem respondeu nenhuma das mensagens que te deixei – meu pai diz gesticulando com as mãos.

Fecho os olhos e respiro fundo mais uma vez.

— Viemos aqui para que ela pudesse resolver algo e depois iríamos direto para a reunião, Russo. Não se preocupe, estaremos lá – o homem que tem meu abuso diz e pousa um beijo na minha cabeça.

— Ok, depois conversamos, Pérsia. Até mais.

Então, caminha até seu carro, que de alguma forma está em frente ao meu, espera que seu motorista abra a porta traseira e entra. Observo seu motorista dar a volta no carro e entrar, para que depois possa dar partida e sair na avenida sem movimentação.

Separo-me de supetão de Marcelo e fico de frente para ele. Olho em seus olhos, transmitindo toda a raiva e direciono minha mão até seu rosto, com um tapa ruidoso. Minha respiração rápida, a adrenalina correndo solta por minhas veias e a vontade de espancar esse jogador de araque domina o meu ser. Quando vou perceber, já estou dirigindo vários socos em sua barriga e chutes em suas pernas, mas infelizmente sou tirada de perto dele rápido demais.

Ele me olha com o rosto corado de raiva.

— O que você pensa que estava fazendo? Quem você pensa que é? - rosno com o dedo em riste, apontando para seu rosto. Minhas mãos estão tremendo e logo, sinto pontadas agudas, mas não me deixo abalar por isso. Posso ter batido com força nesse idiota, mas não me arrependo.

— Quem você pensa que é para tocar em mim dessa forma? – pergunta pausadamente com um bico do tamanho do mundo e nada poderia me dar mais vontade de rir, se eu não estivesse com tanta raiva.

— O QUE? – grito descontrolada. — Como você diz a meu pai que eu tenho algo com você? Como ousa?

— Posso fazer o que eu quiser, na hora que eu quiser e como eu quiser. Não vai ser você, uma patricinha amarga, que vai me impedir de ter o que quero. Aliás, você não pode impedir, porque você me quer. Sinto isso a cada respiração descompassada tua.

— Você é louco e prepotente, grande idiota! Quando vai entender que

não serve para ser o que quero? Você não me interessa e nunca irá me interessar, entendeu? – digo tentando tirar os braços de quem quer que seja de perto de mim.

Preciso dar um jeito nesse playboy metido!

— E por que não sirvo? Por que fui um mendigo, Pérsia? Por que não tive o berço de ouro que você teve? – Seus olhos estão em chamas me causando uma mistura de confusão e raiva.

— Mendigo? O que?

— Não sabia, Pérsia? Ou está se fazendo de desentendida? Em qualquer site de fofocas você iria encontrar facilmente toda minha história de vida.

— Não, eu não sabia. Não se coloque em um patamar tão alto na minha vida, seu idiota. Você não tem tanta importância assim, que vá me fazer ir procurar qualquer história de vida sua e para sua maldita informação, estou pouco me lixando para a droga do teu passado. Se me conhecesse, não estaria falando essa asneira de merda.

— Vocês estão dando a droga de um show aqui no meio da rua. Querem seus rostos estampados nos jornais e revistas online de fofocas? - Bruno fala tão perto de mim, que percebo que é ele que tem as mãos envolta da minha cintura.

— O show acaba aqui, porque teu chefe está indo embora, agora!

VII

Marcelo Marquês

Que droga se passa pela minha cabeça para que eu esteja aqui praticamente implorando atenção dessa megera? Porra, ela com certeza nunca deve ter aproveitado um orgasmo na vida.

Quem ela pensa que é para se desfazer de mim assim?

“Você não faz o tipo de homem que faz o que preciso.”

Ainda me lembro da boca dela pronunciando essa frase. Eu sou um homem que faz qualquer coisa para ter o que quer e bem, eu a quero. Sou um homem sem limites e nunca neguei isso para ninguém. Estava tudo muito bom, tudo muito bem e aí, aparece essa mulher amarga no meu escritório e agora nos meus sonhos.

Inferno, não consigo dormir sem que ela passe uma vez que seja pela minha mente. Por mais que ela diga que não é uma patricinha mimada, é o que ela é. E se pensa que eu vou deixá-la passar assim está muito enganada. *Espero que essa boceta valha todo esse esforço.*

— Estou saindo com você junto a mim, Pérsia. Sugiro a você que não volte a levantar a mão para mim, escutou? - digo lentamente, não acreditando que ela deu um tapa no meu rosto, porque fiz um favor a ela.

Oras, o pai dela deve pensar que ela seja uma virgem puritana.

— Quem você pensa que é para estar se estabelecendo na minha vida dessa forma?

Seu rosto está vermelho e sua respiração acelerada. Posso sentir por cada

poro seu a raiva que está sentindo e tudo que eu mais desejo é tê-la nos meus braços, para tomá-la até que essa raiva se disperse junto com os tremores do seu pós-orgasmo.

— Sou Marcelo Marquês, senhorita. Se eu disse que vou até lá com a senhorita, então eu irei – digo sorrindo prepotente, observando a ira que emana por seu rosto bonito.

— Sou Pérsia Martins e uma coisa que detesto é ser imposta a fazer algo que não quero. Se estou te dizendo que não quero sua companhia, então você não irá ficar, entendeu? – Afasta-se de Bruno e respira fundo. Coloca as duas mãos em cada lado da sua cintura e me encara com uma carranca, que me faz soltar uma gargalhada alta.

— Você fica uma gracinha com essa cara - digo rindo.

— Eu vou matá-lo! – rosna olhando para Bruno.

Meu amigo me olha segurando o sorriso.

— Marcelo, não é a melhor hora para você estar aqui fazendo brincadeiras com Pérsia...

— Nunca vai ter uma hora! – fala encarando-me e eu posso apostar que a qualquer instante estará soltando fogo pelo nariz. Com um piscar de olhos me aproximo dela e a prendo mais uma vez em meus braços.

— Pérsia, não me desafie. Não sou o homem que você vai gostar de enfrentar.

— Marcelo, me solte – diz em um sussurro, o rosto sério e a respiração entrecortada. Prendo seu olhar no meu e aumento meu aperto em sua cintura.

Ela não desvia por instante algum seu olhar do meu. É como se eu estivesse a hipnotizado e como se algo me puxasse, minha boca vai de encontro a sua com uma explosão de sensações. O desejo colidindo com o prazer fazendo nossos corpos agirem por si só. Seus braços serpenteiam meu pescoço e sua boca explora a minha. Colo seu corpo no meu, tanto quanto é

possível e intensifico nosso beijo. Ela afunda seus dedos em meu cabelo e o puxa, fazendo com que um gemido rouco saia furtivamente da minha garganta.

Um pigarro faz ela se afastar de mim como se estivesse levado um choque. Olho-a confuso, mas ao olhar seu rosto e vê-lo vermelho junto aos seus lábios inchados e a sua respiração irregular, deixam-me bem satisfeito.

— O que falei sobre possíveis repórteres e notícias? – Bruno rosna se aproximando de nós.

— O que você tem na mente para me beijar assim?

Seus olhos estão arregalados e sua mão vai até seus lábios. Os tocam e morde o lábio inferior. Ah, porra! *Ela me quer e eu vou tê-la, porra.*

— Não te beije sozinho, amor. Você correspondeu muito bem e com uma intensidade muito maior até - digo sorrindo e observo com atenção seus gestos.

Pérsia fecha os olhos e respira fundo mais uma vez.

— Parem com isso. Depois só vai sobrar para minha pessoa ter que acabar com os rumores que surgirão – Bruno murmura fazendo-me rir.

— Bruno, trate de colocar esse cara para bem longe daqui ou você vai ter que lidar com muitos rumores sim – Pérsia diz caminhando até ele e tomando a bolsa que ele carrega. Ela pisa duro no chão, a cada passo que dá. Destrava seu carro e o abre, colocando a bolsa com todo cuidado que pode no banco traseiro.

— Marcelo, chega desse show aqui, por favor. Você já a estressou o suficiente por hoje. Nos encontramos na reunião mais tarde.

Dá um tapa leve no meu ombro e me olha com um pedido suplicante. Aceno e coloco minhas mãos dentro dos meus bolsos da frente. Observo a ruivinha gostosa entrar no carro e fechar a porta com força. É impossível que tal gesto não seja considerado agradável da minha parte.

Bruno se afasta e entra do lado do passageiro, então ela arranca com o carro antes mesmo dele fechar a porta por completo e isso me faz rir.

Porra de beijo gostoso que não sai da minha cabeça. É como se os macios lábios dela ainda estivessem em movimento nos meus. Mordo meu lábio inferior e fecho os olhos, tentando trazer um pouco da lembrança daqueles lábios explorando os meus. Sua boca ficou tão bela inchada depois de me ter. Preciso de mais.



— Violeta! Vou chamar a rocinha para levar esse pulgento! Ele destruiu meu sapato de couro italiano!

Assusto-me, ao adentrar a casa de minhas irmãs. Isso é Radija implicando com os cachorros de Violeta como sempre. Ela não os suporta e acho que o sentimento é recíproco. Sempre que venho aqui me divirto muito. Por que estou aqui agora? *Porque prometi que vinha e preciso me distrair um pouco daqueles lábios macios, deixando-me louco.*

— Radija! Para com isso! Ele não sabe o que faz, pare agora! – Violeta aparece de algum lugar correndo. Para, quando me vê na porta encarando a cena com divertimento estampado em meu rosto. — Marcelo, me ajuda! Ela quer matar o Campeão!

Seus olhos arregalados e sua respiração acelerada me rendem um sorriso profundo.

— Oi, para você também – digo fechando a porta.

— Marcelo pare de graça e me ajuda, pelo amor de deus!

— Babão nojento! Juro que te mato! – Radija grita de alguma parte da casa e logo uma confusão enorme de um pitbull branco com manchas marrons aparece correndo na minha direção com a boca aberta e a língua rosa de fora. Pula em cima de mim ficando em pé com as duas patas traseiras e as dianteiras no meu peito, lambendo meu rosto. O seguro com uma mão e aliso sua pele com a outra. — Ah você está aí... eca, Marcelo! - Radija está com

um sapato preto na mão e os cabelos bagunçados.

Sorrio com essa cena. Quando ela se olhar no espelho vai querer se matar por ver a bagunça que se encontra.

— Radija! – Violeta se põe na frente dela e levanta as mãos. — Deixe-o agora. Te dou outro sapato se assim quiser.

— Acho melhor manter esse pulguento babão bem longe do meu quarto, entendeu? – Aponta um dedo para ela e se vira, saindo do enorme espaço que é essa sala. Coloco as patas de Campeão no chão e limpo meu rosto.

— Você gosta disso, não é? – pergunto sorrindo.

— Claro. Entra, Marcelo. O que te traz aqui tão cedo? – pergunta relaxando e caminhando até o sofá. Vou atrás dela e me sento quando estou perto.

— Saudades – digo tirando essa droga de sapato social e o colocando de lado.

Odeio sentir meus pés presos. Odeio paletó ou blazer e não uso nem sob tortura.

Logo me volta a cabeça aquela ruiva deliciosa com aquele vestidinho tão colado em seu corpo, que mais me faz pensar em uma segunda pele. Preciso sentir os lábios daquela mulher mais uma vez. Imaginar sua maciez como uma pétala de rosa explorando todo meu corpo, faz com que uma ereção intrometida cresça entre minhas pernas...

— Marcelo! – As duas gritam meu nome em uníssono, fazendo-me encará-las.

— O que foi? De onde você saiu, Radija? – pergunto assustado.

Ela tinha ido para seu quarto e quem estava comigo era Violeta, o que diabos essa mulher faz aqui agora?

— Estava pensando em que?

— Não era em negócios, porque ele estava mordendo o lábio.

— Mulher!

— Você está apaixonado?!

— Quê?! Está louca? Claro que não, suas loucas. Desacelerem um pouquinho, por favor – digo me levantando.

Apaixonado. Eu? Mais fácil que um meteoro caia na cabeça de alguém aqui do que esse pequeno fato acontecer. Gargalho alto imaginando o quão absurdas elas estão sendo.

— Não estou entendendo o motivo da risada – Violeta diz com os braços cruzados e batendo o pé. Arregalo os olhos e reprimo a próxima risada que iria romper por minha garganta.

— Você perguntando se estou apaixonado. Maior viagem sua, ein – digo sacudindo a cabeça e me sentando.

— Você estava pensando em alguma mulher que eu sei. Essa cara de safado sacana não me engana - Radija diz se sentando sorridente ao meu lado. — Quem é?

— É aquela que você está dividindo o escritório? – pergunta Violeta se sentando do outro lado. As duas com os olhos enormes tomados por curiosidade, fazem-me sorrir.

— É Pérsia, sim. E não estou apaixonado por ela, só quero tê-la.

— Você está apaixonado sim, você nunca se portou dessa forma diante outra mulher. Te conheço, Marcelo – Violeta diz me encarando.

— A quero, porque ela me desafiou desde o primeiro contato que tivemos.

— Ela não quer você? É isso?

— Ela diz que não quer, mas hoje demonstrou que não é bem isso.

Sorrio com a lembrança dos seus lábios contra os meus.

— O que houve hoje?

— Eu a beijei e ela correspondeu muito bem - digo mordendo o lábio inferior.

Lábios deliciosos....

— Muito bem e você está querendo tê-la novamente? É isso? – Violeta pergunta me observando com compreensão.

Sei o que ela está pensando e não gosto nada disso, mas não vou discutir isso agora.

Olho para meu relógio e dou por fim, minha visita à elas. Tenho que chegar mais cedo para dar algumas ordens para a organização do escritório. Uma reunião marcada de última hora para que possamos analisar algumas propostas de novos acionistas. Despeço-me de cada uma com a promessa de que voltarei para terminar de contar sobre o que está acontecendo na minha cabeça.

Sorrio imaginando que esse tormento não vai demorar muito a passar.



Faltam cinco minutos para o início da reunião e a senhorita Pérsia ainda não chegou aqui. Seu pai aguarda ao meu lado juntamente com outros acionistas.

Por que é tão difícil das pessoas serem pontuais?

Odeio atrasos.

E está tão claro como água que ela vai se atrasar...

— Olá, cavalheiros e damas – diz adentrando o ambiente e se posicionando na outra ponta da mesa. Bruno está atrás dela e olha confuso

para as pontas opostas que nos encontramos, acredito que não sabendo onde deva ficar. Tenho vontade de rir, mas reprimo esse desejo. Arrumo minha postura, ficando reto na cadeira e coloco meus cotovelos em cima da mesa.

— Olá, senhorita.

— Bom dia.

— Olá.

— Oi.

— Bom dia, senhorita.

— Olá.

Uma chuva de cumprimentos se dá na sala, fazendo-me revirar os olhos. Bruno decide se sentar ao lado dela, na ponta oposta da mesa. *Traidor...*

Ela se senta, olha para todos que estão presentes na sala e por fim, para seu olhar em mim, mas logo o desvia, deixando-o em cima de todos os outros que a observam. Entrelaça as mãos e se encosta na cadeira, séria, concentrada, analisando todos...

— Acredito que todos estão presentes, não é? – pergunto observando todas as cadeiras da sala preenchidas.

— Sim – um coro responde em uníssono.

— Ótimo. Primeiramente, qual o motivo da convocação dessa reunião? – pergunto observando os rostos tão conhecidos por mim e que me geram muitas dores de cabeça quando decidem que querem algo mais.

— Temos algumas propostas para apresentar ao senhor – senhora Virgínia diz ao se levantar com vários papéis em sua mão. Deposita à frente de cada integrante uma folha e quando termina, volta ao seu local.

Nem me dou ao trabalho de ler esse papel, já pressentindo uma dor de cabeça eminente.

Observo Pérsia pegar os papéis e lê-los com atenção. Ela sacode a cabeça e sorri em alguns momentos.

— Antes de qualquer coisa ser dita, preciso saber de uma coisa – diz depositando as folhas em cima da mesa à sua frente e olhando para cada um deles. — Não estão satisfeitos com o que a construtora os oferece?

Sua postura está intimidadora e confesso que nesse momento eu até me ajoelharia aos seus pés e a beijaria toda.

— Achamos que poderíamos melhorar. Queremos crescer mais e alavancar o nome da construtora.

Pérsia olha para Bruno e pede seu tablet, que com uma carranca no rosto entrega a ela. Demora um tempo pesquisando alguma coisa, mas logo direciona seu olhar para o homem que a respondeu. A verdade é que esse cara é um tremendo pé no meu saco. Vive promovendo essas reuniões e no final tudo, o que ele quer é mais dinheiro na sua conta. As propostas que ele faz sempre envolvem sua empresa recebendo mais investimentos da minha.

Estou prestes a desfazer sociedade com esse velho metido a esperto.

Acho graça desses idiotas que pensam que estão por cima, quando na verdade quem está sou eu.

— Antônio Castelo de Castro – diz o encarando.

— Meu nome, senhorita Pérsia. – Ele sorri a observando de volta. Conheço esse sorriso de homem safado, que está começando a admirar sua possível presa.

— Qual seria sua proposta?

— Não é somente minha, mas também de...

— A proposta, senhor Castelo. – E ela o corta se mantendo séria, profissional e intimidadora.

Sim, eu ficaria facilmente de joelhos aos seus pés nesse momento. A

mulher se pondo autoritária e intimidadora, meu deus, vou acabar me apaixonando, assim como minha Violeta questionou mais cedo.

— Bem, minha empresa...

— Bem, acredito que sua empresa já recebe muitos investimentos em comparação as outras, não é? Só queria saber onde está a contribuição da sua empresa nos negócios feitos juntamente com as outras empresas.

— Senhorita Pérsia...

— Ela tem razão, Antônio. Muito bom que tenha me lembrado disso, senhorita Pérsia. Você descumpriu uma das cláusulas do nosso contrato – digo o encarando.

Vejo que ele se torna desconfortável e seus olhos se arregalam.

— Próximo ponto a ser discutido nessa reunião – Pérsia diz passando uma folha.

Sorrio mentalmente. Com exceção dela e do pai, todos os que estão presentes nessa sala estão em dívidas com a Dragon. E é onde eles se ferram e eu ganho. Todos os investimentos que são dados a empresa deles, metade volta para mim por multas. Eles não cumprem os contratos, por acharem que eu não estou prestando atenção nas retiradas que fazem. *Pobres iludidos*.

— Levar a Dragon para fora do país.

— Qual seu nome mesmo?

— Bastião Sousa.

— Sim, Bastião, gostei.

— Estava pesquisando alguns terrenos e lugares que poderiam ser prédios da Dragon. Eles estão colocados no papel.

Meu celular vibra e eu o pego, visualizando uma mensagem de Bruno.

“Essas localidades são propriedades dele, Marcelo. As adquiriu recentemente. Vou mandar um anexo das movimentações da conta dele.”

Como disse, esses homens pensam que sou algum idiota.

Influências, meu caro leitor.

Olho para o lado e percebo Russo Martins me observando enquanto Pérsia debate algumas questões para Dragon ser levada para fora do país. Consigo captar cada gesto que ele faz com as mãos em seu modo de observação, que me fazem ficar com um misto de preocupação e felicidade. Ele está bolando algo e posso dizer que isso pode ser bom de alguma forma para mim.

O tempo passa rapidamente e quando vou me dar conta, os acionistas estão saindo da sala atrás de Pérsia. *Porra, nem me dei conta do que estava sendo dito aqui.*

Espero que a sala esteja vazia para que eu possa me recostar na cadeira e colocar os pés em cima da mesa. Pego-me avaliando a forma que Pérsia lidou com a reunião e com os acionistas que procuravam mais lucro com minha empresa. A mulher sabe o que faz e é bastante segura quanto a isso. Gosto muito disso e quanto mais me aprofundo, mais tenho vontade de tê-la sob meus comandos, gemendo a cada investida que darei.

Essa mulher, vai ser domada por mim...

Custe o que custar.

Acredito que por hoje não tenho mais compromissos, por isso resolvo ir para minha sala pegar um contrato que acredito que vá me dar muito lucro. Vou mostrá-lo a Pérsia e deixá-la a frente da negociação, até porque a pessoa que precisamos negociar, é completamente irritante e impaciente. Imagine um velho viúvo há dez anos e com uma fortuna imensa para liderar. Provavelmente, não deve ter muito tempo para ter alguma distração.

Quero essa parceria, mas não quero ter que lidar com ele. Vamos ver o que minha ruivinha gostosa irá fazer a respeito disso.

Caminho rapidamente até estar em frente minha sala, mas paro ao escutar vozes alteradas de dentro.

— Você não pode ser minha filha, Pérsia! Isso deve ser algum erro... Burra! É isso que você é!

— Burra? Então eu sou burra por não querer ir para a cama com ele? É isso? Sou burra por querer ter um relacionamento com alguém que eu ame de verdade? Se isso for burrice, então Russo, sou muito.

Posso perceber que sua voz está com uma mistura de mágoa com amargura e é tão profunda a maneira como o seu tom de voz sai, que de fato estou começando a ficar curioso sobre essa relação. De quem eles podem estar falando?

— Sua idiota, você teria essa empresa toda para você! Para nós...

— NÓS? Eu não posso ser sua filha! Não posso e não quero! Você vai acabar perdendo tudo que tem, por causa dessa tua ganância e eu não estarei por perto para te ajudar. Disso você pode ter certeza.

— Chega, Pérsia! Você é uma perda de tempo. Todos os dias me pergunto se valeu mesmo todo esforço que tive para levar aquela idiota da tua mãe para minha cama. Ela também era um idiota com sonhos de amor, sabia? Sabe como ela terminou com esses sonhos?

Resolvo abrir a porta e acabar com isso já que está indo longe demais. A primeira coisa que vejo é a ruivinha que ao meu ver era fria, reprimida e frígida, apoiada na mesa com o rosto banhado por lágrimas e os olhos arregalados, como se estivesse prestes a descobrir algo que tinha ansiado por muito tempo.

— Vejo que os senhores estão muito exaltados – digo adentrando a sala. Olho para Russo e percebo tanta raiva refletida em seu rosto, lançada em direção a Pérsia, que me assusta.

— O que você está fazendo aqui? – Pérsia pergunta lançando farpas por seu olhar magoado. Já vi muitas mulheres com esse olhar, já provoqueei isso

tantas vezes e em nenhum momento chegou a me importar, mas isso parece tão errado com ela. Não sei o que acontece dentro de mim que tenho uma vontade fora do normal de colocá-la em meus braços e fazer com que toda essa tristeza suma do seu peito.

— Essa sala ainda é minha, lembra?

Me aproximo dela, mas a mesma se afasta.

— Não ouse chegar perto de mim.

Se vira, agarra sua bolsa a trazendo para perto de seu corpo e passa por mim, pisando duro a cada passo que dá até ultrapassar a porta, deixando-me sozinho com seu pai.

— Não ligue para o que ela disse. Pérsia é assim quando está zangada. – Passa a mão por seu cabelo e arruma sua postura.

— Entendo – digo caminhando até estar em frente minha mesa.

— Tenho compromissos, preciso ir. Até mais, Marcelo – diz acenando.

Balanço a cabeça e ele se vai.

Sento em minha cadeira e observo meu local de trabalho. Tudo parece em ordem, se não for por um pequeno detalhe ao lado da mesa da minha ruivinha tempestuosa. Levanto-me e caminho até lá. Ao abaixar-me, pego a pequena pétala rosa caída no chão.

Tão delicada, tão macia e tão linda mesmo murcha, assim como a ruivinha tempestuosa que acabou de sair dessa sala. Se antes eu já a queria, bom, agora eu a quero muito mais e nada vai me impedir, nem mesmo seu gênio atrevido.

Preciso mudar minhas táticas.

Ah, Pérsia, você não faz ideia do quanto desejo levar todo esse teu sofrimento para longe e dar lugar apenas para o prazer...

O nosso prazer!

VIII

Pérsia Martins

Dizer que dormi bem essa noite seria uma mentira sem nenhum cabimento. Dizer que passei a noite inteira trabalhando, também seria uma mentira totalmente sem fundo. Dizer que minha noite se resumiu a lágrimas e a soluços seria a maior verdade já dita por meus lábios. Não estou bem, não me sinto com condições de enfrentar mais um dia com Marcelo à minha frente e seu sorriso malicioso em minha direção.

Mais uma vez fico pensando em como posso ser filha de Russo Martins. Somos tão diferentes em tantas coisas. Será se não fui trocada na maternidade? Essas coisas acontecem, pode até ser que não com muita frequência, mas existem alguns casos que isso acontece sim.

De dentro de meu carro, mais uma vez, me pego pensativa se isso é mesmo o certo a se fazer. Por que até hoje faço o que meu pai quer? O certo não era que eu procurasse minha felicidade? O que me deixa feliz?

A realidade é que nada me deixaria mais feliz do que ver meu pai, por um dia que fosse, feliz e orgulhoso de mim, mas o custo para que isso acontecesse é muito alto e não estou disposta a pagar.

Com a cabeça encostada no volante do meu carro que está no estacionamento da empresa, tento encontrar algum vestígio de coragem para enfrentar esse dia que promete ser um desastre.

Vem à minha mente mais uma vez a reação do meu pai quando eu disse a ele que não estava namorando Marcelo.

— Pelo que pude perceber, ele te deseja. Se aproveite disso e faça que isso se torne realidade. – Foi o que ele disse enquanto me encarava com uma carranca.

Fecho meus olhos mais apertadamente e tento jogar esse pensamento para dentro do baú, onde estão meus sentimentos nesse momento e o tranco.

Dois toques no vidro da porta, fazem-me despertar do transe que é minha vida sem amor. Levanto minha cabeça e vejo que é a última pessoa que poderia querer ver hoje sorrindo largamente para mim. Não reprimo a vontade de revirar os olhos e assim o faço, sob seu intenso olhar.

Ele bate mais uma vez e eu aperto no botão, para que o vidro desça.

— Bom dia, Pérsia.

Seu cheiro invade minhas narinas, deixando-me um pouco perdida aqui. Seu perfume tem um toque amadeirado que me deixa com vontade de me inclinar e cheirar seu pescoço de perto.

Oh, forças divinas, me segurem!

— Bom dia, Marcelo. – Fico séria enquanto em seu rosto o sorriso predomina.

— Pelo que posso ver, seu humor não está muito bom nesse momento. Deixe-me adivinhar, você não é uma mulher matinal.

— Não sou.

Viro-me e pego minha bolsa do banco ao meu lado, segurando-a em minhas mãos. Tiro a chave da ignição do carro e abro a porta, fazendo com que Marcelo se afaste. Saio do carro e fecho a porta. Aproximo-me dele e entrego minha bolsa para que ele segure, enquanto aperto o botão para travar o carro. Os vidros sobem automaticamente e me olho pelo reflexo do vidro.

Nada borrado, tudo está em seu devido lugar. Aliso meu vestido preto bem colado ao meu corpo e bagunço um pouco meu cabelo, dando um ar selvagem. Gosto bastante do resultado.

Viro-me para Marcelo e o encontro alternando seu olhar da minha bolsa em suas mãos, para mim à sua frente. Arqueio minha sobrancelha esquerda e o encaro.

— Minha bolsa está muito pesada?

Volto a me aproximar dele, pego minha bolsa para sentir o peso e a devolvo para suas mãos, quando tenho a certeza que ela não tem peso algum. Seu rosto adquire surpresa, enquanto eu tento entender sua reação.

— Sua bolsa não está pesada... é só que...

— Você nunca segurou uma bolsa? – Um riso brota em minha garganta e não consigo reprimi-lo. Ele parece considerar minha pergunta e acaba por sacudir a cabeça em negação, o que me faz rir mais. Um riso tão natural e tão gostoso, que parece minha alforria depois de uma noite marcada por dor e sofrimento.

— Bem, para tudo se tem uma primeira vez, não é?

Um sorriso tímido se coloca em seus lábios, fazendo-me parar de rir e sorrir largamente, ao vê-lo dessa forma.

Não acredito que Marcelo Marquês, o jogador frio, está tímido!

Vejamos uma deliciosa descoberta.

— Ah, não! Você está tímido!

Rio me aproximando dele.

— Não, não estou. Você é louca – diz se afastando e caminhando em direção a entrada da empresa.

Dou um passo para acompanhá-lo, quando um braço é colocado em meu pescoço o apertando forte, obrigando-me a parar de caminhar e ficar parada sob seu domínio. Um grito esganiçado sai da minha garganta, quando a pessoa aperta mais ainda meu pescoço prendendo minha respiração. Meus olhos se fecham contra minha vontade à medida que a realidade é tirada de mim aos poucos.

Escuto o disparo de um tiro e o braço afrouxa mais seu aperto, descendo

um pouco e apertando meu braço com muita força.

— Esse é um aviso ao seu pai. Se ele não cancelar o processo, a próxima vez você será executada.

E essa é a última coisa que escuto antes da dor tomar conta da minha cabeça e o escuro, juntamente do silêncio, tomarem conta de meu corpo.



— Pérsia...

— O que houve, Marcelo? - Escuto algumas vozes de longe ou perto... estou tão zozna.

— Um atentado, porra. O caralho de um atentado.

A voz rouca que me traz arrepios está tão perto, que sinto o seu cheiro inebriar meus sentidos.

— Como ela está? - Essa voz, eu sei quem é... eu acho.

— Desmaiada, como você pode ver, imbecil! Para de fazer perguntas idiotas e vai providenciar a droga de um médico!

— O que você vai fazer com ela? Não era para você tê-la levado para um hospital?

— Bruno, para de perguntas e faz a porra que mandei! - *Bruno, sabia.*

Parece que um peso enorme se materializou nas minhas pestanas dificultando que eu abra meus olhos. Aos poucos abro meus olhos encontrando uma luz que me deixa bastante incomodada. Tento levantar meu braço direito para tampar a luz, mas ele não me obedece de imediato. Parece que o peso que estava nas minhas pestanas se colocou em meus membros, os deixando triplamente pesados.

— Ela está acordando, olha!

— Pérsia... - diz passando a mão por meu rosto tampando a luz por alguns segundos.

— Luz... - sussurro percebendo que minha garganta está seca.

— Apaga a luz, Bruno! – ordena aproximando seu rosto do meu. — Como você está se sentindo? – Passa sua mão calejada por meu rosto e eu sinto a necessidade de fechar os meus olhos por um instante, antes de retornar a abri-los.

A luz se apaga e tento me acostumar com o ambiente.

— Água – peço respirando fundo.

A lembrança do que aconteceu vem a minha mente, deixando-me temerosa ao mesmo tempo em que liga uma alerta na minha cabeça. Não posso estar demonstrando tanta fraqueza em um dia. Eu sempre fui a mulher forte e fria, tenho que continuar sendo assim. Não posso esquecer que ontem Marcelo me viu completamente frágil na conversa que tive com meu pai. Ele sempre faz com que eu me sinta assim, frágil, impotente e fraca. Se eu estou aqui dessa forma, a culpa é inteiramente dele. E em pensar nele, preciso falar o mais rápido possível.

Tento me sentar com a ajuda de Marcelo e logo uma onda de tontura me faz parar. O que Russo não me faz passar... Já quer que eu seduza Marcelo para que ele fique com o dinheiro dele. Russo quer que eu seja quem eu não sou e nunca serei.

Não vou dar esse gostinho a ele.

— Me dê meu celular.

Encosto-me no braço de Marcelo para que eu me estabilize um pouco.

— Acho que você precisa de um médico e de gelo – Bruno diz se sentando ao meu lado.

Olho para baixo e vejo que estou sentada no enorme sofá da sala que divido com Marcelo.

— Meu celular, Bruno – sussurro e coloco minha mão na minha cabeça onde está latejando bastante.

— Onde está sua bolsa? – pergunta se levantando.

— Com Marcelo.

— Aqui. – Meu celular pousa na minha mão e logo, já estou discando o número de meu pai. Não demora muito e ele atende.

— Diga, Pérsia. – Sua voz está rouca e um grande tom de desprezo pode ser percebido quando ele fala meu nome. Posso lidar com isso? Desprezo da pessoa que eu mais quero que sinta orgulho de mim?

— Quem você está processando? – pergunto me levantando. Uma onda de tontura me bate e paro com a ajuda de Marcelo, que segura meu braço prontamente ao meu lado.

— Muitas pessoas.

Afasto o celular do ouvido e olho para os dois homens sentados atrás de mim.

— Vocês podem me deixar sozinha? – Bruno se levanta, acena e sai da sala, mas Marcelo continua onde está. O encaro e levanto uma sobrancelha. Ele continua sereno e relaxado no sofá. Reviro os olhos. *Tenho mais com o que me preocupar.* Volto com o celular para meu ouvido. — Tem alguém em especial que pode ser muito importante ou que você esteja o prejudicando muito?

— Um que eu esteja prejudicando muito? Sim, pode ter. Qual o motivo da pergunta?

— Bom, seja lá quem você está prejudicando, acho melhor você parar logo, porque não quero sofrer as consequências dos seus atos. Já sofri demais a minha vida inteira te tendo como pai, não quero morrer por conta das suas rixas.

— Por que você está falando assim, garota?

— Vamos dizer que acabei de receber um belo recado dessa pessoa e ela não está de brincadeiras. Acho bem melhor você fazer alguma coisa, ou antes que eu morra, faço questão de te deixar sem nenhum centavo na sua conta bancária. — E então, desligo.

Eu só queria ser uma pessoa normal sem esses problemas, que só vão me levar para o fundo do poço. Só queria trabalhar ao lado das minhas flores, sentindo aquele cheiro maravilhoso tomando conta de todo meu sistema emocional, mas como isso não será possível, então que seja pelo menos um pouco suportável viver nessa realidade.

— Gosto do seu cheiro. É delicado, doce...

Rio do seu comentário.

— A sua técnica de sedução não funciona comigo, Marcelo. Entenda isso — digo caminhando até o sofá e me sentando ao seu lado.

— Eu não estava te seduzindo. — O encaro e ele ri. — Não tenho culpa se você é linda e tentadora.

Ok, isso pode ter levantado um pouco minha autoestima e me deixado um pouco balançada, o que não quer dizer que ele tenha que saber disso, já que só iria alimentar as tentativas de me levar para cama.

— Sei, Marcelo — digo recostando-me no sofá e fechando os olhos.

— Como está se sentindo?

— Com dor de cabeça — digo considerando as reações do meu corpo.

— Vou te levar para sua casa — diz se levantando e eu o olho de relance.

— Não precisa, Marcelo. Vou trabalhar....

— Você vai para sua casa descansar — diz me encarando com as mãos na cintura.

— Já disse que não vou, Marcelo – digo e ele suspira.

Quem ele pensa que é para ficar dizendo o que vou fazer?

— Pérsia, não quero discutir com você. Entenda que não tem condições de você trabalhar por hoje, por conta do que acabou de acontecer. Aqui vai lotar de jornalistas querendo saber o que aconteceu e querendo declarações sua.

Pensando por esse lado eu realmente não quero ter que lidar com jornalistas agora, não tenho condições psicológicas para tanto. Concordando com o que ele diz, levanto-me e pego minha bolsa. Rapidamente, Marcelo toma minha bolsa da minha mão, segurando-a com certa firmeza nas suas, o que me faz sorrir levemente.

— Pode deixar que eu a levo.

— Vejo que gostou da minha bolsa, ein.

— Sim, porque ela é sua – diz tomando a frente e abrindo a porta para que eu passe. Tento entender o que ele disse, mas o que me vem à cabeça é que, possivelmente, ele não saiba o que está falando.

Assim como ele disse, quando chegamos a entrada do edifício, vários jornalistas já estavam na entrada causando um enorme tumulto. Os seguranças estavam tentando impedir suas passagens, mas estava sendo um pouco difícil. Resolvemos voltar e sair pelos fundos, onde estava mais vago com três seguranças fazendo nossa escolta. Acho que eles não sabem desse lado da empresa, o que é bem melhor para nós.

Passamos por um longo corredor vazio e saímos no estacionamento, onde o carro de Marcelo já estava a nossa espera. Vejo o carro do meu segurança particular atrás do de Marcelo e já consigo respirar aliviada. Diego é meu anjo da guarda e não tenho outra pessoa que confio tanto para estar perto de mim como ele.

Marcelo abre a porta do passageiro para mim e eu entro. Logo em seguida, ele entra e coloca minha bolsa em cima das minhas pernas. Dá

partida no carro e nos tira do estacionamento, entrando em seguida no tráfego.

Olhando para as ruas da cidade, enquanto Marcelo dirige, começo a pensar mais uma vez na discussão que tive com meu pai ontem e na sua quase revelação. O que aconteceu com minha mãe?

Será mesmo se quero saber da resposta?

Saio de meus devaneios, quando Marcelo liga o som e *Los Hermanos* invade meus ouvidos, cantando *O velho e o moço*.

“Deixo tudo assim

Não me importo em ver a idade em mim

Ouçó o que convém

Eu gosto é do gasto...”

— Sabe, eu amo essa música. Ela diz muito sobre mim e sobre quem sou – Marcelo diz batucando os dedos no volante. — Vai se acostumando, viu. Vivo a escutando.

Sorrio.

— E se eu fosse o primeiro a voltar para mudar o que eu fiz, quem então, agora eu seria... - canto seguindo a música.

— Vejo que não sou o único aqui a gostar do estrago – diz me fazendo rir.

— Não é mesmo – digo relaxando no meu assento e curtindo a música.

O resto do caminho é regado a mais de *Los Hermanos* e mais cantoria minha e dele. A voz rouca desse homem cantando é uma coisa de se admirar. Imagine-o cantando isso ao pé do ouvido... só o pensamento me deixa toda arrepiada.

Esse homem grita pecado por todos seus poros.

Quando chegamos na minha casa, ele deixa seu carro na minha garagem e logo Diego chega, deixando seu carro atrás do meu e a fecha para evitar imprevistos. Marcelo pega minha bolsa e me conduz até a entrada da minha casa o que acho desnecessário. Ao parar na porta de entrada, ao meu lado, espera que eu abra a porta.

— Não te convidei para entrar – digo estendendo a mão para que ele devolva minha bolsa.

— Mas estou me convidando para entrar e te deixar em segurança – diz colocando minha bolsa embaixo do seu braço, enquanto me encara.

Reviro os olhos.

— Não preciso da sua proteção. Tenho Diego para me proteger.

O encaro e levanto a mão para que ele me dê a bolsa.

— Estou com sede – diz dando de ombros.

— Vá beber na sua casa.

— Eu moro longe daqui.

Reviro os olhos mais uma vez.

— E o que eu tenho com isso?

— Você está me negando um copo com água? Que tipo de ser humano faz isso?

Suspiro.

— A bolsa, Marcelo.

— Vai me deixar entrar? – Não respondo. Respirando fundo e fazendo bico entrega minha bolsa.

Sorrio e sacudo a cabeça. Abro minha bolsa e procuro por minha chave, mas não a encontro. *Deve estar no fundo, droga.* Entrego a bolsa para que ele segure e procuro mais avidamente, a encontrando dentro do bolsinho interno.

Chave do meu ódio.

Abro a porta e encaro Marcelo, à minha frente.

— Entra.

Adentro minha casa e tiro meu sapato, o deixando no lugar que sempre os deixo quando chego em casa. Marcelo entra e fecha a porta.

— Esse cheiro....

Sorrio sabendo ao que ele está se referindo. Minha casa é tomada pelo cheiro das minhas flores, o que me faz sentir mais conforto.

— O que tem? – pergunto indo até a cozinha pegar a água que ele quer. Não escuto sua resposta, o que me deixa pensativa. Por que ele está agindo dessa forma comigo, sendo que até ontem estava usando de todas suas técnicas de sedução para me ter na sua cama?

Será que ele está mudando sua forma de abordagem? Bem provável, já que não estava funcionando. Não, não. Talvez ele esteja com pena de mim por ter me visto tão frágil ontem e hoje novamente. Será se ele está procurando minhas fraquezas para usar contra mim? Mas por que ele faria isso?

É em momentos como esses que tudo que eu preciso é de um ombro amigo.

Pego o copo com água para ele e levo até a sala onde o deixei há alguns segundos.

— Nirvana, Bon Jovi, Scorpions, Avenged Sevenfold... Vejo que você é um turbilhão de sentimentos e curte metal, ein – diz mexendo em meus cd's.
— Legião urbana, Engenheiros do Hawaii, Los Hermanos...

— E qual o problema? – pergunto depositando o copo em cima da mesinha da sala.

— Nenhum, mas confesso que eu pensava que você gostava de música clássica - fala e eu rio alto.

— Você não sabe nada sobre mim, Marcelo. Sua água está aqui, quando terminar pode ir embora. Vou tomar um banho agora e descansar. Até mais.

Saio da sala e vou direto para meu quarto precisando colocar um pouco de distância entre nós dois. Preciso pensar sobre tudo e procurar uma solução.

IX

Marcelo Marquês

E la que não pense que vai se ver livre de mim, porque não vai. Não sei o que está acontecendo comigo que quando eu a vi no chão desmaiada, algo dentro de mim doeu profundamente ao mesmo tempo que ordenava que eu a tirasse dali e a protegesse. Tudo aconteceu tão rápido que quando fui dar conta, já estava com ela nos braços dentro do elevador. Não quero ter que passar por isso uma segunda vez, não mesmo.

Pelo que pude perceber da conversa que ela teve com Russo, ele está metido nisso até o último fio de cabelo e eu não sei o motivo de eu estar querendo me meter nisso também.

Ainda não acredito que eu, Marcelo Marquês, quase implorei para entrar dentro da casa de uma mulher. Eu nunca cheguei nem a me oferecer e agora me peguei implorando. O que está acontecendo comigo e com o meu orgulho?

“Você está apaixonado sim, você nunca se portou dessa forma, diante de outra mulher. Te conheço, Marcelo.”

O que Violeta me disse volta a minha cabeça, deixando-me confuso e duvidoso. Apaixonado? Será? Não, não pode ser. Isso é o desejo falando mais forte.

Não quero pensar sobre isso agora. Quero saber o que vou fazer para ficar aqui o resto do dia e à noite. O que eu poderia inventar? Nada de saúde, até porque ela iria me expulsar na primeira oportunidade que tivesse. Então o que eu poderia...

Claro! Como não me lembrei disso antes?

Isso pode ser uma jogada bastante suja e pode vir a ser perigoso para sua segurança, mas vou me certificar que ela tenha segurança extra...

Antes que eu tome um segundo pensamento quanto a isso, mando a mensagem para uma das minhas funcionárias, ordenando-a que faça o serviço o mais rápido possível. E como eu tinha planejado, em poucos minutos um aglomerado de jornalistas e alguns fotógrafos estão do outro lado da calçada conversando entre eles, anotando coisas em seus blocos e tirando fotos da parte da frente da casa.

Sorrio e mais uma ideia idiota me vem à mente. Mando uma segunda mensagem para a mesma funcionária e a ordeno para passar essa informação para os jornalistas, de maneira confidencial, assim como mandou a anterior.

E então, a mágica acontece...

Vários carros, vans, bicicletas e motos estão parando em frente à casa da minha ruivinha gostosa com jornalistas e paparazzi descendo e correndo para a frente da casa. Olhando pela frecha da cortina da sala, vejo a segurança particular de Pérsia correr para a porta da casa e impedir que os jornalistas se aproximem.

Sim, eu vou ter o que quero. Sempre tenho...

Sorrindo, tranco a janela e fecho a cortina. Tiro meus sapatos e os coloco ao lado dos dela, na entrada da sala. Resolvo explorar um pouco sua casa e vou olhando cada pedacinho, observando e guardando na minha mente cada coisa que encontro em meu caminho. Posso ver que organização é bem o seu forte, a julgar pela arrumação da casa. A cozinha bem arrumada e limpa...

Paro em meu caminho quando vejo uma bola de pelos pretos desfilando ao passar por mim e indo para algum lugar além da cozinha. Como uma pessoa normal que sou, a sigo. Quem em sua condição normal seguiria um gato? E logo dentro de um apartamento desconhecido de uma pessoa que quero muito ter sob minha pele? Quem faria tal coisa?

Lógico que seria eu. Mas se eu não fizesse isso, não teria descoberto uma enorme porta de ferro com pedaços de vidros cravejados, refletindo uma

enorme estufa que me faz ficar de olhos arregalados e bastante surpreso.

Nesse momento, diante de tal descoberta, um homem normal apenas faria seu caminho de volta para a sala, mas como não estamos tratando de eu homem normal e sim, de mim, Marcelo Marquês, um homem sem um pinga de limites, que definitivamente vai adentrar esse lugar e explorá-lo de ponta a ponta e provavelmente vai descobrir coisas que vai trazer senhorita Martins, o mais perto possível dos seus braços, eu a abro e me vem à sensação que a partir desse momento, nada será mais o mesmo.



São exatamente doze e vinte e cinco da manhã e Pérsia continua dormindo. Descobri coisas que me deixaram bastante balançado e ainda mais curioso sobre essa mulher. Deitado em seu sofá e zapeando seus canais de televisão, fico pensando em como Bruno estava certo em suas afirmações sobre Pérsia Martins.

De uma coisa eu tenho certeza, ela não é como eu imaginei que era. Até onde pude perceber em minha pequena investigação pessoal sobre ela, alguns pontos devem ser muito bem frisados. Ela não é como as outras. Nada dela é como as outras. Pérsia é uma peça única e rara, difícil de ser encontrada. Definitivamente, ela não é uma mulher fria e calculista, que só pensa em futilidades.

Pérsia conviveu muito junto a seu pai e pode ter pegado pequenos traços dele, mas ela não é assim.

Preciso tê-la por perto por um tempo para conhecer um pouco mais de seu interior.

É uma fã de flores e da natureza a julgar por sua imensa estufa e a árvore, no que acredito ser seu escritório.

No momento em que vi a árvore, meu primeiro instinto foi rir, mas um segundo depois, quando olhei melhor o lugar, eu fiquei sem reação. Que lugar é aquele? Por que ela tem uma árvore e dois bancos de cimento, no que

eu acho que possa vir a ser seu escritório?

Quem seria tão normal, a ter uma coisa parecida como aquilo?

Em meio a minha confusão de pensamentos, minhas pálpebras vão ficando mais pesadas e acabo por dormir, ali mesmo em seu sofá, embriagado com o seu cheiro.

— Você não entende as coisas que digo? Qual a parte do vai embora, você não entendeu?

Acordo assustado com gritos estridentes, que eu bem conheço e estou começando a me familiarizar. Quando abro meus olhos uma deliciosa visão de Pérsia está projetada na minha frente com as mãos na cintura, o rosto sério, seu cabelo solto e todo revoltado, uma longa calça de moletom cinza e uma larga camisa preta com uma caveira, asas e o enorme nome da banda Avenged Sevenfold ali presente, a deixando tão graciosa. Tenho vontade de desfazer esse bico – que se formou em sua boca, por conta de sua irritação – com a minha a amassando e a deixando bastante inchada.

Abro um sorriso contido e me sento no sofá, espreguiçando-me no processo, o que percebo que a deixa com mais raiva.

— Marcelo, basta você ir.

Respira fundo, se vira e sai da sala. Mordo meu lábio inferior e sorrio de lado pensando em algo que não vá irritá-la tanto, porque vamos acabar contra uma parede e depois com ela gritando e me expulsando e bem, não foi bem isso que planejei para hoje.

Hoje é dia de paz e eu preciso me aproximar.

Continuo sentado no sofá até que ela volta segurando uma xícara fumegante, que imagino ter café dentro.

— Você ainda está aqui? – Sua voz está alterada e observo o momento em que ela aperta com mais força que o necessário a xícara.

E na sua mínima reação eu percebo que a afeto de alguma forma.

— Não tive outra alternativa.

Trago a melhor carranca frustrada e cínica ao meu rosto e jogo contra ela, que parece pegar com bastante sucesso. Rio interiormente.

Pobre Pérsia que pensa poder lutar contra mim.

Ela me olha como se eu fosse algum idiota sem sentido e me encara.

— Sobre o que você está falando?

— Você já olhou lá fora?

Seu rosto toma uma confusão e então, ela dá as costas para mim e vai até a mesma janela que tranquei há algumas horas. Ela afasta a cortina de uma vez, se assuntando em seguida com os flashes e posso ter a certeza, que ela vai pitar nesse exato momento, por ter várias fotos dela nesse estado nas colunas e revistas de fofocas. Aproximo-me propositalmente e passando o braço por seu ombro fecho a cortina.

— O que diabos eles estão fazendo aqui?

Sua voz sai como um sussurro me fazendo rir.

— Também queria saber – minto tomando uma postura séria.

— Como no inferno, eles descobriram onde eu moro? – Agora, ela sorveu todo o conteúdo da xícara de uma vez, fazendo-me arregalar os olhos.

— Eu não sei.

Respiro fundo e fico ao seu lado a trazendo para se sentar ao meu lado no sofá.

— Droga, onde está Diego? – Se levanta e vai em direção a porta de entrada com a clara intenção de abri-la, mas para. — Celular, preciso do meu celular. Onde está minha bolsa? – Me encara e eu aponto para a parte de cima do sofá. Rapidamente ela se aproxima e pega a bolsa. Abre e a vira de cabeça

para baixo deixando que tudo caia em cima do sofá. Assim que seu celular aparece em seu campo de visão, ela o pega e o liga. Disca algo na tela e logo, o coloca em seu ouvido.

Se afasta e ouço de longe murmúrios de sua voz.

Olho para o sofá e para o que ela derrubou de sua bolsa. Sem nada melhor para fazer, resolvo que pegar sua bolsa e começo a recolher as coisas, colocando-as onde estavam.

Respiro fundo e espero até que ela volte para a sala. O que parece uma maldita eternidade.

— Diego me disse que eles brotaram aqui e só foram aumentando mais e mais. Alguns deles estão tomando depoimentos de vizinhos. – A mesma xícara que ela estava até poucos segundos está sua mão, fumegante. Deve ter reabastecido com mais café... outro fato sobre ela. Quando está nervosa toma muito café.

— Isso não é bom.

— Não é.

Se senta ao meu lado e olha para sua televisão ligada.

— Isso quer dizer que vou ter que te aguentar aqui até eles irem embora?

— Exato.

Prepare seu coração, baby, pois não vou tornar nada disso fácil para você.

X

Pérsia Martins

Ter Marcelo aqui dentro e tão perto não parece uma ideia muito boa. Se na empresa já era difícil me manter sã e distante dele, agora está completamente mais difícil.

Quanto a meu pai que não está se importando muito comigo, pelo que Diego me disse, ele não vai retirar o processo do figurão. O cara que me agarrou mais cedo foi contido por Diego e pelos seguranças da empresa. Chamaram a polícia e a mesma o levou sob custódia e é obvio que vão querer me fazer ir até lá dar algum depoimento.

Suspiro pensando em como eu queria ter algo de gostoso na minha vida por pelo menos um dia. Quero amar, quero me sentir amada, querida, desejada...

Para, Pérsia! Você não está sozinha e você não pode parecer fraca diante Marcelo, não se esqueça quem ele é e o que ele quer. Uma voz o fundo de meu cérebro grita, fazendo-me dar uma fredda brusca no rumo dos meus pensamentos.

Não posso esquecer do que ele fez em frente à meu pai e sua maneira de continuar a querer me controlar da forma mais idiota que existe. Ele se acha o cara mais importante do mundo que as pessoas têm sempre que estar o obedecendo e fazendo tudo que ele deseja e da forma que ele quer.

Vou ensiná-lo que não é dessa forma que as coisas funcionam comigo, até porque não sou mais uma dessas que ele vive fazendo o que quer. Não vou me deixar envolver pela cor dos seus olhos, por sua lábia, por sua pegada sensual, por seu beijo... O homem sabe como beijar uma mulher e eu quero muito que isso se repita. O que não quer dizer que vá se repetir.

Esse caminho que estou tomando é muito perigoso. Minha cabeça e meu coração estão em perigo e isso não é bom. Não vou me apaixonar por ele jamais.

Nunca dica nunca, Pérsia. Você ainda vai morder muito essa sua língua. Lembro do que meu pai sempre diz a mim quando digo a ele essas palavras tão extremistas.

— E então, o que você faz para passar o tempo aqui dentro?

Seus olhos estão nos meus procurando alguma coisa.

— Acho que isso não te interessa.

— Acho que você não tem motivos para estar tão na defensiva comigo. Estou aqui na paz e só quero me distrair por um tempo.

— Escuto música, limpo a casa, leio um livro...

— O que você costuma escutar enquanto limpa a casa? – Se levanta e caminha até meus cd's na estante.

— Metal e funk.

Sorrio ao ver que ele está muito interessado em meus cd's.

— Você é um pouco estranha.

Sorrio.

— E para ler?

— Depende da leitura.

— Entendo. – Para e me olha ao encontrar um cd de Jorge e Mateus. — Você é eclética?

— Não.

— Sertanejo, funk e metal... o que ainda me falta para encontrar? – pergunta mais para si do que para mim.

— Reggaeton.

— Eclética – sussurra antes de suspirar e balançar a cabeça.

Levanto-me e caminho em direção ao meu aparelho de som, que é o aparelho principal para o som ser distribuído pela casa. O uso muito para tudo. Sou movida por música e por minhas flores.

— Vamos escutar música!

Estou animada mesmo que seja Marcelo a estar aqui, mas pelo menos ele é uma companhia e eu sou tão carente de companhia. *Para, Pérsia! Você não é mais nenhuma criança e sabe muito bem que ele não é uma companhia adequada para você.*

Ignorando esse aviso que minha mente tão gentilmente frisa, ligo meu sistema de som e logo, *Maiara, Maraisa e Marília Mendonça* começam a cantar *Motel*.

Resolvendo espantar toda o peso existente em meu ser, começo a cantar gesticulando com as mãos e com o corpo no ritmo da música. Quando a música para, eu também paro e só então posso ver seu rosto tomado por um enorme sorriso.

— Não pensava que você fosse tão solta assim. – Ele aperta o botão para uma próxima música surgir e então, um “proibidão” invade o som, fazendo com que ele adote uma careta e eu começo a sorrir. Ele se inclina e aperta no botão para mudar de música. A careta de descontentamento em seu rosto mostra claramente que ele não gostou do que está escutando. Volta seu olhar para a coleção de cd’s e pega um de *Guns N’ Roses* e coloca no aparelho de som. Logo, *Chinese Democracy*, atravessa o som e adentra nossos ouvidos.

Seu sorriso toma todo seu rosto me fazendo revirar os olhos. Ele nem é tão irritante e neandertal quanto eu imaginava.

— Para onde você vai?

Seus olhos acompanham cada passo que eu dou à medida que caminho para fora da sala. O momento está muito agradável, mas eu não posso ficar aqui como se eu não o odiasse e ele não quisesse a todo custo me levar para sua cama. Ora, mas o que está acontecendo comigo? Toda essa proximidade não deveria estar acontecendo assim dessa forma.

Estou tão confusa...

Ele está se mostrando outra pessoa aqui ao meu lado. Tão diferente daquele jogador, que só queria provar para si que pode pegar a mulher que o negava a todo custo.

Ainda o nego e ainda não o quero...

Ah, não posso me enganar assim. Você, leitor, e eu sabemos que eu quero sim aquele corpo enorme e forte por cima de mim com aquelas mãos calejadas explorando cada parte de meu corpo.

Marcelo divertido e relaxado faz com que minha carência e a vontade de ser tomada por algum homem, tome conta de meu corpo me deixando louca. Preciso me controlar, preciso sair daqui.

— Vou ler alguns contratos. – Continuo caminhando quando o respondo. Chegando à cozinha encho meu copo com água e a xícara com café.

— Você não vai me deixar aqui sozinho, não é? – Sua voz logo atrás de mim faz com que arrepios subam por minha espinha.

Deuses, me ajudem!

— Qual o problema?

Reviro os olhos diante de sua pergunta.

Por que ele está assim todo estranho? Ele não é de agir assim comigo.

Por que ainda não me agarrou ou tentou me beijar?

O que estou pensando? Estou ficando com algum problema mental? Diabos! Ele deve ter perdido o interesse, do tanto que eu o neguei, mas ele não faz o tipo de homem que desiste assim diante uma dificuldade. Ele é um jogador e para um jogador, quanto maior for o desafio, maior é o desejo de ter.

Pelo menos era para ser assim.

— É uma falta de educação muito grande deixar a visita sozinha em sua casa, Pérsia.

Está sério, a me encarar.

— Uma visita indesejada, então tanto faz.

— Nossa. – Sorri e sacode a cabeça. — Sabe, Pérsia, quanto mais você fala dessa forma, mais o desejo de ter teus lábios contra os meus, aumenta. Não consigo tirar da minha mente a lembrança dos teus lábios macios contra os meus. Quero degustá-los mais uma vez até que essa vontade passe, mas eu sei que se eu começar, não vou querer parar.

Arregalo os olhos diante dessa declaração.

Em um momento o homem não demonstra querer nada e em outro, já está todo intenso. Não consigo acompanhar, mas também não vou cair nisso, por mais que eu queira.

— Beijo que você roubou.

— E que você correspondeu, lembro muito bem.

Se encosta na mesa da cozinha e morde o lábio medindo meu corpo de cima a baixo.

— Você é muito prepotente! – digo antes de me virar e sair da cozinha.

Passo pelo corredor e depois passo pela porta da minha estufa..., mas isso me faz parar, porque eu tenho certeza que a tinha deixado fechada quando saí essa manhã.

— Opa, o que temos aqui... Uma estufa? Dentro de casa? – Sua voz verbera por trás de mim.

— Não me lembro de tê-lo convidado para vir até aqui – rosno me virando e batendo contra sua parede de músculos. Seu cheiro... porra, que homem cheiroso.

— Ah, Pérsia, não me tente.

Sinto quando ele deposita um beijo na minha cabeça, fazendo com que eu feche os olhos aproveitando esse movimento. Um calor toma conta do meu rosto e ao me dar conta do que está acontecendo, afasto-me dele o mais rápido quanto é possível e me viro, dessa vez caminhando direto para meu escritório.

Preciso respirar e me acalmar.

O que está acontecendo?

Entro em meu escritório, o lugar onde encontro paz e me deixa super feliz. O tempo está nublado e posso apostar como hoje irá chover. Como o teto é de vidro para dar luz solar para as flores tenho como ver o céu nublado. Amo quando o tempo está assim e amaria ainda mais se eu tivesse alguém para estar ao meu lado, me esquentando.

Balanço a cabeça para afastar esses pensamentos e me sento à minha mesa. Seleciono os documentos que tenho que ler e começo a trabalhar. Uma comoção no lugar me faz levantar a cabeça, encontrando Marcelo bebericando um copo com suco e sentado à minha frente alisando Senizete.

Mas o que está acontecendo com esse homem?

— O que você está fazendo aqui? E quem te deu liberdade para mexer nas minhas coisas? – pergunto suspirando.

— Continue como estava, você fica tão sexy concentrada. — Morde os lábios me encarando com atenção. Ele está mais uma vez me medindo de cima a baixo observando cada detalhe e eu estou gostando de uma forma que não deveria.

— Já que você está sem fazer nada e eu estou ocupada, poderia ao menos preparar nosso almoço.

— Não sei cozinhar.

Seus olhos continuam seguindo cada movimento meu e eu estou começando a sentir meu corpo esquentar sob seu intenso olhar. Tenho que o distrair para que eu passe por isso intacta. Levanto-me e caminho até minha prateleira.

Pego um pequeno livro de receitas e entrego a ele.

— Te vira. — Volto para minha mesa e tento não voltar meu olhar para ele.

Escuto seu sorriso e levanto meu olhar. Ele me olha com uma mistura de incredulidade e raiva.

— Sabe, Pérsia, desde que o velho Paulo me adotou e eu assumi sua fortuna, ninguém ousou falar dessa forma comigo. Você não tem ideia de com quem está mexendo, não é? — Seu rosto está vermelho e a respiração acelerada mostrando sua raiva.

Nossa, mais uma guerra? Vamos lá.

— Não estou mexendo com que você, meu bem. Você se instalou na minha casa e quer se meter a todo custo em minha vida, então você que precisa medir o que fala e como fala aqui — digo me levantando e o enfrentando cara a cara. Ele se aproxima da mesa e descansa seus braços em cima da mesma para estar com seu olhar da mesma altura que o meu.

— Você é muito insolente mesmo.

Fico boquiaberta com sua ofensa.

— Quem você pensa... - Quando ele rapidamente coloca a mão em minha nuca e puxa minha cabeça de encontro a sua, não sou capaz de continuar meu indignado discurso.

Nós estamos com as testas coladas e a respiração ofegante.

— Pérsia, Pérsia. – Estala a língua. — Sua insolência me enlouquece. Quero tomar teus lábios com um beijo que vai deixá-los tão inchados, que vai ser impossível que você queira outra boca na tua. – Ele para por um momento e aumenta seu aperto na minha nuca. — Não sei o porquê, mas só a ideia da boca de outro homem perto da tua me enfurece.

Meus olhos estão fechados e a respiração mais acelerada que nunca. Abro a boca para falar algo, mas nada sai. Ainda estou em processamento de tudo que foi dito por esse homem.

— Ah, Pérsia, o que você está fazendo comigo?

Ele afasta nossas cabeças, nos fazendo ficar poucos centímetros longe um do outro. Sua respiração está irregular e a minha se iguala a dele. Seus olhos caem sob os meus lábios e...

Um celular começa a tocar.

— Merda! – rosna se afastando e pegando seu celular de dentro de seu bolso. Olha a tela e atende.

— Diga, Bruno.... cancele tudo, estou preso.... não, preso por conta dos Jornalistas.... não, idiota, na casa de Pérsia... estou entendendo.... a frente está tomada por jornalistas.... faça alguma coisa quanto a isso... até. - Tira o celular da orelha, digita algumas coisas por algum tempo e depois volta seu olhar para mim. — Vou cozinhar, enquanto Bruno resolve o problema dos jornalistas.

Antes de sair, morde o lábio e sacode a cabeça me mostrando seu desejo.

Oh, seres divinos, socorro!

Mesmo seguindo o livro de receitas, seu almoço não estava bom. Na primeira garfada, meu intestino já reprovou com o abuso do sal e da pimenta. Já que nem ele conseguiu comer da própria comida, tive que preparar nosso almoço e mais tarde nosso jantar.

A massa de jornalistas lá fora pareceu aumentar ao longo do dia, enquanto que a medida que o tempo passava, eu brigava com ele para logo em seguida, cair na risada. Estava agradável, confortável e eu me sentia bem percebendo o quão louco e bipolar ele parecia e o fato de aquilo me irritar, fazia com que eu me sentisse ainda melhor.

Durante esse tempo ele não falou mais nada como o que tinha falado no meu escritório, o que me deixou bastante frustrada.

Na parede da sala os pontos do relógio apontam onze e meia da noite. Estamos sentados no meu sofá assistindo um filme de ação qualquer que ele colocou, mas minha atenção está toda em algum ponto da sala pensando em como as coisas estão acontecendo.

Não sei agir diante a ele. Já tinha decidido desde o primeiro dia que não iria cair nos charmes desse homem e está acontecendo o contrário de tudo que deixei dito.

Um alto trovão me faz encolher em meu lugar e tomar a decisão de que é hora de ir dormir. Não vou mais ficar aqui tão perto da tentação. Me levanto e quando estou perto de sair da sala, escuto sua voz.

— Já vai dormir?

Escolhendo não o responder, vou direto para meu quarto e entro no banheiro que existe aqui dentro. Tomo um banho lento deixando que todo o estresse do dia escorra por meu corpo, juntamente com a água. Meu pensamento vai até os jornalistas, que mesmo com a chuva forte, ainda continuam lá fora ávidos por informações.

Pelo que Diego me disse nas nossas trocas de mensagens, vários deles

tentaram suborná-lo para que entrassem na casa ou para que ele passasse informações sobre quem estava dentro dela.

Para ser bem sincera não ligo para o que eles publicam, porque sei qual é a verdade e qual a mentira. Eu sei que algumas coisas podem me prejudicar no ramo empresarial, mas Diego sempre dá um jeito nesses assuntos. O que mais quero é minha privacidade intacta e pelo que pude perceber, vou ter que trocar de casa ou levantar algum outro rumor para que eles saiam daqui.

Suspiro desligando o chuveiro e pegando uma toalha. Me enxugo e passo creme por toda a extensão de meu corpo. Passo antitranspirante em minhas axilas e por fim, visto uma camisa larga e que vá até o começo de minhas coxas, de *System of a down*.

Sim, eu amo essas camisas enormes para dormir.

Volto para meu quarto e encontro Marcelo sentado em minha cama e quando me vê, seu olhar cola em minhas pernas e vejo quando ele puxa uma longa respiração.

— O que você quer aqui, Marcelo? – Minha voz está alterada junto com os batimentos em meu peito.

— Só queria tomar um banho.

Dá de ombros com o olhar descendo e subindo por minhas pernas nuas.

— Então banhe. O banheiro é bem aqui – digo apontando para a porta do banheiro que acabei de sair. — Tem um banheiro separado no corredor, sabia?

— Só sei desse – disse antes de se levantar e caminhar até estar em minha frente. Se abaixa e cheira meu pescoço esfregando sua barba por meu ombro. Preciso dizer que os arrepios estão tomando conta do meu corpo? — Cheirosa.

Ele entra no banheiro e me deixa completamente besta na porta do banheiro.

Preciso tomar as rédeas dessa situação e achando que o melhor a ser feito é me afastar, então eu faço, respirando fundo e saio do quarto. Dou uma última olhada em minhas flores, coloco alimento para minhas gatinhas e volto para meu quarto, mas sou obrigada a parar na porta quando a imagem dele apenas de toalha, deitado na minha cama com um braço por trás da cabeça, preenche completamente a minha visão. Meu olhar viaja por todo seu corpo, parando em seu peito malhado e logo desce para a tatuagem em seu antebraço.

— Gosta do que vê, Pérsia? – Olho para seu rosto e o encontro com uma sobrancelha arqueada e um sorriso lindo, que me faz querer esmurrá-lo. Por que tem que ser tão lindo?

— O que você faz deitado em minha cama? – Minha voz está controlada juntamente ao meu temperamento... ou ao menos é o que desejo mostrar a ele.

— Irei dormir – diz fazendo com que eu o olhe incrédula.

— No quarto de hóspedes ou no sofá, não aqui – falo o encarando séria.

Minhas mãos vão instantaneamente para minha cintura.

— Não estou acostumado a dormir em sofá e no outro quarto a cama é de solteiro. Sou espaçoso.

— Então, durma no chão.

— Só na minha casa. – Se levanta da cama e se aproxima de mim. — Não quer dormir ao meu lado, Pérsia?

— Claro que não! – rosno semicerrando os olhos e ele ri.

— Quero dormir acompanhado essa noite.

— Ainda bem que querer não é poder!

O que ele pensa que está fazendo?

— Ah, Pérsia, você me mata. — Dito isso enlaça minha cintura com seu braço e o outro vai para minha nuca segurando minha cabeça no lugar que ele quer. — Teus lábios me enfeitiçam, Pérsia.

Sem esperar outra respiração, ele toma meus lábios com um beijo que transborda desejo. Aperta-me em seus braços e nos gira me conduzindo até estar encostada na cama. Aprofunda o beijo invadindo minha boca com sua língua ávida por domínio e me empurra na cama, separando nossas bocas de uma forma bruta e inesperada. Minha respiração está acelerada, quando ele vem por cima de mim com os olhos travados na minha boca e mais uma vez ele a toma como se fosse um doce raro que ele não pudesse provar muitas vezes.

O calor toma conta de mim e desse quarto fazendo a tensão aumentar. Suas mãos sobem por minha coxa até pararem em minha bunda e ele a aperta ao mesmo tempo em que aumenta o ritmo de nosso beijo. Abre minhas pernas se colocando entre elas e meus olhos saltam em direção aos seus, sendo impossível que eu os desvie.

A essa altura do campeonato não sei mais o que é controle e antes que eu possa me impedir, minhas mãos adentram seu cabelo revoltado e já estou me entregando ao momento.

Quero este homem com todas as minhas garras.

Ele separa sua boca da minha e olha no mais profundo abismo dos meus olhos.

— Essa boca me pertence, Pérsia!

XI

MARCELO MARQUÊS

O desejo tomou conta do meu corpo e dessa vez ela não vai fugir de mim, não irei permitir, logo depois de tê-la se contorcendo embaixo de mim.

Posso sentir seu calor e sua umidade contra essa toalha que está empatando minha vida aqui. Abro meus olhos e vejo os seus apertados e logo, a sinto procurar por fricção contra a protuberância no meio das minhas pernas. É dessa necessidade que gosto, é disso que preciso para tê-la sempre que eu quiser. Seu lindo rosto está vermelho e sua boca investe na minha tanto quanto pode, enquanto suas pernas entrelaçam minha cintura para aproximar minha virilha mais perto do seu centro úmido.

Oh, céus, ela dorme sem calcinha nessa cama enorme e sozinha.

Sozinha... acho que posso mudar isso.

Esses pensamentos se dissipam da minha mente quando escuto um gemido baixo e suave vindo dela. Nesse momento, qualquer resquício de controle já se foi. Minha mão viaja da sua bunda, onde estava fazendo um pequeno mapeamento de propriedade e sobe por dentro da sua blusa, por sua barriga lisinha e macia até chegar em suas duas montanhas redondas e durinhas. Ela abre os olhos e os mantém nos meus, o beijo constante nos prendendo. Seu olhar está determinado, fazendo-me arquear uma sobrancelha. Seu aperto no meu cabelo aumenta e uma ideia me vem à mente.

Movimento meus quadris, aumentando a fricção contra sua virilha e ela fecha os olhos tomando uma longa respiração. Separo nossas bocas e me arrependo no momento em que a sua desgruda da minha. Massageio seu seio esquerdo e logo em seguida, o seio direito. Ela joga sua cabeça para trás e aperta mais meu cabelo, dando os sinais que necessito para saber que ela está

perto e que provavelmente quer meu pau dentro dela.

— Assim... continua assim - diz mordendo o lábio inferior com os olhos fechados. Tira sua mão do meu cabelo e leva para sua cabeça, entrando no seu cabelo e os puxando, enquanto joga sua cabeça para o lado e se remexe mais contra meu pau. — Ai, meu deus!

— Sou seu Deus, meu amor. Chame por Marcelo, chame! – rosno com a boca próxima a sua e o olhar intenso cravado no seu.

— Não, não vou chamar! – Suspira aumentando a velocidade no meu membro. Aproximo-me do seu rosto e deixo uma mordida leve em seu queixo. Afasto meu quadril dela, fazendo-a abrir rapidamente os olhos. A mulher se levanta e rapidamente enlaça seus braços ao redor do meu pescoço trazendo meu corpo de uma vez para cima do seu. — Você continue o que estava fazendo ou não irei te fazer gozar na minha boca.

Arregalo os olhos e puxo uma longa respiração.

— Repete isso – rosno olhando em seus olhos.

Com minha outra mão faço o caminho das suas coxas até o meio das suas pernas, parando em seu centro molhado e quente. Muito humilde da minha parte dizer que ela está apenas molhada, quando na verdade está completamente encharcada.

Abre um sorriso cínico e morde o lábio me deixando louco. *Oh, céus, vou acabar gozando nessa toalha se ela continuar assim.*

Ela não espera que eu tome uma atitude e me empurra para o lado, subindo em meu quadril e tirando sua blusa. Fica nua por cima de mim e me encara com um olhar de mulher devassa, que com certeza não quero perder.

Essa mulher é minha a partir de agora. Somente minha.

Seu corpo é perfeito para mim. Sua pele branca, os seios rosadinhos e a boceta lisinha à espera do meu pau. Nunca que eu poderia imaginar que essa mulher seria dessa forma e agora que sei e que a tenho, não vou deixá-la se

afastar de mim.

Antes não tive a necessidade de fazer alguém minha como tenho agora de fazer Pérsia.

Um sorriso devasso ilumina seu rosto, quando se levanta de cima de mim e abre minha toalha revelando meu pau duro a sua espera. Sobe mais uma vez por cima de mim e coloca sua vagina contra meu pau. Não consigo ver essa mulher se esfregando no meu pau e simplesmente ficar observando, então levanto minhas costas da cama e a agarro abrindo minhas pernas, para que sua bunda redonda pouse sobre a cama. Olho em seus olhos quando levo minhas mãos para o meio de suas pernas e penetro dois dedos em sua entrada encharcada por sua excitação. Seu rosto está vermelho, a respiração acelerada e sua boca entreaberta, dando-me um prazer que em outra mulher jamais senti. Leva suas mãos para meu cabelo e o puxa, quando aumento a fricção em seu ponto G. Coloco meu dedo polegar em seu clitóris e faço movimentos circulares, estimulando-a até que esteja na borda do desejo e do prazer.

Quando sinto seu aperto em meu cabelo aumentar, juntamente com os seus quadris que começam a empurrar contra meus dedos, sei que ela está perto e então a faço vir. Tomo seus lábios com um beijo e ela se desfaz ali bem nos meus dedos, nas minhas vistas e quando seus olhos se abrem e ela foca sua visão nos meus lábios, eu posso ter a certeza que jamais quero ficar longe de uma vista tão privilegiada como essa.

Estou por um fio aqui, senhor!

— Quero você, Pérsia, mas eu te quero de quatro em cima dessa cama, enquanto eu te faço minha nas diversas formas que sonhei por todos esses dias, tão forte que vai te fazer revirar os olhos de tanto prazer.

Seus lábios tomam os meus, dando-me a resposta que preciso.

Essa mulher já é minha.



30 minutos depois...

— Fode gostosinho essa bocetinha, vai!

— Você quer mais, é? – Estapeio sua bunda e puxo mais forte seu cabelo. Seus gemidos estão altos e sua boceta gulosa encharca meu pau a cada investida que eu dou.

— Quero – sussurra empurrando seus quadris com força em direção ao meu membro. Paro de me movimentar e fico observando essa linda beldade engolindo todo meu pau. As sensações são as diversas possíveis, mas quando ela me tortura apertando essa boceta, ondas até então desconhecidas de prazer, brotam, fazendo-me ver estrelas e a tão esperada sensação surge...

Aquele pico máximo...

— Ai, que gostoso! Continua, porra! Ruiva gostosa do caralho! – As palavras surfam por minha boca, quando a onda se intensifica e me faz apertar mais sua carne. Ela entende o recado e para. Aumenta o aperto das suas paredes vaginais ao redor de meu pau, guiando meu clímax, da forma que ela deseja.



2 horas depois...

— Pérsia – gemo incontrolado ao ver seu olhar direto no meu e a boca ao redor do meu pau. Uma das suas mãos faz massagem nas minhas bolas, enquanto a outra aperta minha bunda.

Oh, céus, nunca senti tanto prazer na minha vida e olha que já fiz muitas coisas e com diversos tipos de mulheres.

Aquele pico novamente e eu quero que venha mais e mais...

É tão gostoso, porra!

— Está gostoso, Marcelo? – Passa a língua ao redor da cabeça do meu sexo, fazendo aqueles tremores bem-vindos atravessarem meu corpo.

— Muito, ruiva! Chupa mais vai, mete ele todinho dentro, mete? – E assim ela o faz, fazendo toda porra de controle ir para o inferno.



Estou exausto, mas não consigo fechar os olhos e simplesmente dormir, ao contrário de Pérsia, que dorme pacificamente ao meu lado com sua cabeça repousando tão bem no meu peito. Eu poderia estar dormindo também, mas as lembranças do que ela pensa sobre mim estão constantes na minha cabeça. Eu a quero e disso não vou fugir, mas eu sei que ela não vai me aceitar na sua vida. Seus pensamentos são que eu quero usá-la para pegar sua empresa. De fato eu queria isso sim no início, mas agora não penso mais assim. Não depois de conhecer um pouco sobre ela... imagine quando conhecê-la por completo.

Amanhã quando ela acordar, seu pensamento vai ser de que agora que eu tive o que eu queria, vou usar disso para chantageá-la ou que irei abandoná-la.

O que vou fazer para que ela mude...

Já sei.

Um tempinho depois que tenho tudo elaborado na minha cabeça, meu celular começa a tocar e tenho a sensação que é Bruno, já que passei tanto tempo afastado do mesmo e quando isso acontece, ele fica louco atrás de mim. O pego e saio rapidamente do quarto, para que não acorde minha deusa ruiva.

— Diz.

— Os jornalistas estão incontroláveis depois do boato que você mandou que soltasse, Marcelo!

— Deixe claro que são apenas boatos.

— O que é obvio que não vai funcionar.

— Dê o seu jeito, Bruno, e me deixe em paz, porra! – Desligo e caminho para a cozinha.

Se eu não tivesse mandado soltar esse boato, nada que aconteceu ontem, teria acontecido. Lembrar da noite passada faz com que uma ereção se forme entre minhas pernas.

— O que houve com Bruno?

Viro-me depois de ouvir sua voz, tendo o prazer de observar seu cabelo bagunçados e seu corpo vestido naquela mesma blusa larga de ontem. Essa blusa é de tamanho masculino...

— De quem é essa camisa? – pergunto e me aproximo dela.

— Minha.

O sorriso falso que ela planta em seu rosto me mostra que ela vai ser bem difícil e que para tê-la vou ter que travar uma guerra com a mesma. Uma guerra que é lógico irei ganhar.

— Bom, Marcelo, agora você está se sentindo bem?

Não disse? Ela vai começar...

— Estou me sentindo nas nuvens, senhorita Martins.

Enlaço meu braço ao redor de sua cintura, trazendo-a para perto do meu corpo para que assim eu possa sentir o seu calor, a sua presença e o seu cheiro, mas ao contrário do que eu quero e desejo, ela coloca suas mãos no meu peito e se afasta tomando alguns passos para trás.

Sabia que ela faria isso, mas eu não poderia sequer imaginar que essa atitude faria um incomodo surgir no meu peito, deixando as coisas um pouco difíceis de se digerirem.

— Imagino que depois de ter o que queria, deve estar mesmo.

— Você também queria. Ou vai negar? – Arqueio minha sobrancelha

encarando-a.

— Você me seduziu.

Gargalho alto pensando até onde ela vai para apenas fugir disso.

— Qual é seu ponto, Pérsia?

— Isso não voltará a acontecer, Marcelo. Eu não preciso disso na minha vida e não quero. Não quero me sentir usada e depois trocada por outra mulher como deve ser bem típico da sua parte – arqueio minhas sobrancelhas —, você não é homem para se levar a sério.

— E se eu dissesse que eu quero você?

— Eu não acreditaria, porque você é um jogador frio e calculista.

Não a julgo por pensar assim, essa foi a imagem que passei a ela e cabe a mim fazê-la mudar de opinião. E eu farei.

Oh, Pérsia, você não faz ideia do furacão que conquistou e que vai fazer do seu mundo uma reviravolta, porque na tua vida só terá espaço para você e eu, meu bem.

XII

Pérsia Martins

Que noite foi essa que tive? Nunca passou pela minha cabeça que eu fosse ser tão louca e insaciável na cama, até porque eu só tinha feito relações sexuais por uma vez antes, mas nada comparado com a noite enlouquecedora que tive. Acordei nas nuvens, mas sem quem eu esperava ao meu lado e logo me bateu a realidade dos fatos. Eu tinha dormido e transado com o cara que só quer me usar para obter minha empresa mais tarde.

A realidade é sempre uma cadela.

Agora estou sentada a minha mesa e ele na dele me encarando como um gavião. Percorrendo meu corpo com os olhos e eu não sei se consigo fingir que não me importo. A quem quero enganar? Eu estou amando.

Causar essas sensações em alguém é tão gostoso quanto vê-lo tão entregue...

O homem parece que está enfeitiçado vendo alguma deusa à sua frente.

O som do seu computador está ligado e eu conheço muito bem esse som. AC/DC tocando *Black in Black*.

Eu amo essa banda e mais ainda a música, mas não consigo me concentrar no meu trabalho, porque ela me distrai demais me fazendo viajar na letra e para longe dos textos técnicos na minha frente que precisam de avaliação.

— Você poderia diminuir o volume da música? — peço o olhando e ele se inclina em sua mesa e descansa seus cotovelos em cima da mesma.

Sorri com seus olhos cravados nos meus.

— Estava aqui pensando no quanto sua boca ficaria perfeita na minha.

Morde o lábio e se levanta, então caminha lentamente na minha direção e eu tomo uma longa respiração, já imaginando o que isso vai acarretar.

Ele não pode perceber o quanto me afeta, porque vai acabar se aproveitando ainda mais de mim e isso pode ser bom, sendo que deveria ser ruim...

— Teu cheiro ficou fixo na minha pele e teus gemidos na minha cabeça, o que eu faço com relação a isso? – pergunta se sentando em minha mesa com uma expressão séria como se estivesse falando dos seus negócios. Meus olhos se arregalam e minha respiração acelera quando seu olhar fica intenso na minha boca.

— Marcelo, preciso trabalhar – digo me afastando da mesa com minha cadeira até que estou encostada na parede precisando estar longe.

Seu cheiro tão perto e sua presença da mesma forma, não me deixam racionar direito e agora tudo que mais preciso é pensar em qual atitude devo tomar.

— E eu preciso de um beijo teu – diz e se aproxima de mim com seu olhar predador.

Aquele calor tão presente quando ele está por perto se torna tão intenso, que acho que perdi minha capacidade de respirar.

— Marcelo...

— Você não imagina o quanto desejo ter você gemendo meu nome mais uma vez. – Encosta sua testa na minha e morde seu lábio inferior, fazendo-me perder um pouco a minha compostura.

Respiro fundo em busca por controle. Não posso deixar que ele me seduza uma segunda vez.

— Marcelo, você só precisaria diminuir a música – sussurro e ele ataca meus lábios, calando minha voz, sessando minhas palavras e enfeitiçando o meu sistema.

Suas mãos vão cada uma para cada lado da minha cintura me apertando cada vez mais contra ele. Eu não sei como me afastar e para ser bem sincera não quero. Escovo seu cabelo para trás com meus dedos urgentes para entrar em seu caminho preferido. Sua língua disputa espaço com a minha e antes que eu consiga me parar enlaço minhas pernas em sua cintura e trago sua virilha para perto da minha, o apertando no lugar.

Ele aperta minha cintura me fazendo gemer baixinho em sua boca.

Da nossa noite me restou cansaço, saudade e marcas dos seus apertos, tanto em meus seios quanto em minha cintura. Dizer que não gostei estaria sendo uma mentira muito ordinária.

— Marcelo... opa!

Nos separamos ao ouvir a voz de Bruno adentrando a sala. Marcelo descansa sua testa contra a minha e suspira. Escuto a porta ser fechada, mas não ousa abrir os olhos, porque nesse momento eu só preciso de um pouco de tempo para que eu possa me controlar. Esse homem está me deixando louca.

Ah, meus deuses.

— Não tenho mais controle quando você está perto de mim – diz dando um selinho em meus lábios e eu derreto por ele mais um pouquinho, mesmo que tudo o que eu precise é apenas ficar ainda mais alerta.

— Não vai voltar a acontecer, Marcelo. Se afasta – digo lutando contra todos os meus instintos para não o agarrar e terminar com isso de uma vez.

Ah, meus deuses, acho que estou virando uma louca ninfomaníaca.

Ele sorri e se afasta.

— Nunca desisto do que quero, Pérsia, já deveria ter aprendido isso.

Morde o lábio inferior e pisca um olho para mim.

— Acho que vocês não me notaram aqui. – A voz de Bruno se faz presente na sala e eu arregalo meus olhos ao imaginar tudo que ele presenciou aqui agora. Onde está o controle sobre os meus atos?

Por que essas coisas têm que acontecer comigo?

— O que quer, Bruno? – Marcelo pergunta se virando e voltando para sua mesa deixando a cargo da minha visão, sua bunda bem preenchida pela calça social que está vestido. Procuro respirar fundo para trazer um pouco de lucidez ao meu sistema, mas nada parece ser coerente.

Ele se inclina em sua mesa e desliga por completo a música, enquanto minha cabeça gira sem que eu consiga me focar em apenas uma coisa.

— Senhor João está a sua espera na sala de entrada – diz cruzando os braços, os lábios pressionados em um bico.

— Ele marcou horário? Aqui na minha agenda não consta nenhuma reunião ou visita para agora – Marcelo fala recostando-se em sua cadeira parecendo ser o homem mais relaxado do país inteiro, o que me faz suspirar tentando tomar rumo de alguma forma.

Estou sem reação, apenas o encarando com a cadeira afastada da mesa e a respiração acelerada parecendo uma idiota congelada.

Oh, meus deuses, me ajudem!

— Segundo ele, você irá atendê-lo de qualquer forma mesmo, porque ele marcaria algum horário?

— Muito importante esse nosso possível sócio.

Sorri e sacode a cabeça voltando seu olhar para mim, fazendo com que meu corpo acorde de alguma forma. Tomo uma postura e afasto minha cadeira, até que estou próxima a minha mesa.

— Então, posso mandá-lo entrar?

— Pode.

Com sua ordem decretada, Bruno se vira e sai da sala me deixando mais uma vez sozinha com esse homem delicioso.

Só queria resistir a esse olhar intenso e a esse corpo tão másculo ao menos uma vez, meus deuses...

— Mais tarde conversaremos, minha ruivinha gostosa.

Pisca um olho e meu queixo pode estar considerado no chão.

Como deixei isso chegar tão longe?

A porta se abre levando nossa atenção para a mesma e um senhor a adentra acompanhado de um belo rapaz. Ambos de terno, vestidos como executivos tradicionais. O que não é o caso de Marcelo, não lembro de tê-lo visto usando um terno. Suas vestimentas usuais na empresa são camisas com as mangas dobradas até o cotovelo mostrando sua tatuagem, calça social preta ou cinza e sapatos sociais.

— Bom dia, senhor – diz Marcelo se levantando e estendendo a mão para o homem, que o mede de cima a baixo com um olhar de superioridade. O sorriso que Marcelo estava esboçando há alguns segundos sumiu, dando lugar a uma expressão séria e fria, a mesma que vi em seu rosto na primeira vez que o vi.

— Você é Marcelo Marquês? – pergunta o olhando com os lábios franzidos.

— Tem alguma dúvida?

Arqueia uma sobrancelha e se senta novamente em sua cadeira sem desviar seu olhar afiado do velho homem.

— Não imaginei que fosse assim. Quero entrar em contato com Pedro.

— Você terá que morrer para falar com ele.

Eles estão medindo poder é isso?

— Como?

— Tenho certeza que escutou muito bem o que eu disse. Deveria estar melhor informado, senhor.

— Quem você pensa que é para falar comigo dessa forma?

— Você não me conhece mesmo, não é? – Sorri sacudindo a cabeça e se levanta, o olhar banhado a fúria e as mãos fechadas em punho. — João, não volte a colocar seus pés nessa empresa sem antes ter feito uma bela pesquisa sobre quem sou e sobre como é minha forma de agir com certas pessoas como você.

— Você não sabe...

— Aqui você não me corta, muito menos altera sua voz, entendeu? Não sou conhecido por ser bonzinho, João. Sei tudo que preciso saber sobre você e posso ter qualquer coisa, a qualquer momento. Tenha isso mente quando retornar a essa empresa.

Volta a se sentar, agora com um sorriso cínico cheio de convencimento e de uma superioridade que me deixou toda arrepiada.

— Não retornarei.

Marcelo desvia sua atenção do senhor para o rapaz que o acompanha. O mede de cima a baixo e volta a encará-lo.

— Você é?

— Felipe Viana. – Estende a mão para Marcelo, mas o mesmo não retribui o cumprimento.

— Felipe, marque uma reunião com seu patrão amanhã, se ele não quiser sentir o que Marcelo Marquês é capaz de fazer – diz com seu olhar focado no pobre rapaz.

Reprimo uma risada quando eles se viram e saem da sala.

— O que foi isso, Marcelo? – pergunto o encarando.

Ele me olha, se inclina contra sua cadeira e passa sua mão direita por sua barba parecendo pensar um pouco na minha pergunta. Morde seu lábio e encara os meus, deixando-me ruborizada.

— Isso sou eu, Pérsia. Não sou caridoso, não sou bonzinho, não tenho pena de ninguém, mas eu quero você e terei.

Sorri e eu arregalo os olhos expulsando da minha mente toda a admiração e desejo que subiu no meu corpo, enquanto ele estava aqui.

— Você não pode me ter, Marcelo.

— E por que não? – Arqueia uma sobrancelha.

— Porque eu não te quero.

— Pérsia, você me quer tanto quanto eu te quero. Acho melhor você aceitar isso de uma vez – diz sorrindo.

Seu olhar confiante e sua postura dominante me irritam.

— Você está enganado...

— Estou? – Se levanta e caminha lentamente em minha direção deixando bastante claro o que quer fazer. Arregalo os olhos e me levanto. Não posso permitir que ele me tome como fez agora pouco, vai acabar dando a entender que em qualquer momento que ele quiser poderá me ter novamente.

— Pare, Marcelo. Preciso trabalhar e você está me atrapalhando. – Ele corre seu olhar por meu corpo de cima a baixo parando-o nos meus seios.

— Flashes da noite passada estão constantemente passando por minha cabeça e eu estou ficando louco. Você não imagina o quanto quero teus peitos na minha boca e as tuas mãos apertando meu cabelo. – Morde o lábio e em questão de segundos, ele está me pressionando contra a parede do nosso

escritório.

Meu cérebro não consegue filtrar mais nenhuma recusa quando sua virilha pressiona a minha. Olho para seus lábios e considero tê-los no meu, mas eu preciso ser forte. Não posso estar me deixando levar assim.

Oh, meus deuses, socorro.

— Então estou enganado? Você me quer, Pérsia, tanto que dói. Tenho certeza que sua bocetinha está babando para me ter dentro dela – sussurra com seus lábios próximos dos meus e eu fecho os olhos suspirando.

— Marcelo...

— Pérsia, precisamos conversar sobre.... opa! – Estalo minha cabeça para a porta e vejo Bruno com os olhos arregalados e a boca aberta em um “O” de pura surpresa. Estou tão fodida...

— Bruno, a partir de agora tenha em mente bater na porta antes de entrar. Evita toda essa atrapalhão aqui. – Marcelo não mexe um só musculo enquanto fala com Bruno.

Algo dentro de mim me faz lembrar que esse é meu ambiente de trabalho e que isso está errado, determinando o quão estúpida sou. Decidida a afastá-lo de mim, o empurro com toda força que tenho, fazendo-o tropeçar alguns passos para longe.

Respiro fundo trazendo coerência para meu cérebro e arrumo minha roupa, usando esse pequeno tempo para pensar. Ignorando Marcelo me viro para Bruno.

— Você quer conversar comigo sobre o que, Bruno? – pergunto e me viro, encaminhando-me para a mesa e me sento à ela, logo em seguida. — Por favor, se sente.

— Você vai me ignorar, Pérsia? – Marcelo pergunta com suas sobrancelhas levantadas demonstrando surpresa. — Lembre-se do que eu te disse, mulher – rosna com seu rosto tomando tons de vermelho.

Tão lindo...

— Bruno, acompanhe-me até a cafeteria, por favor – digo e me levanto.

Sigo até a porta e a abro não ousando voltar meu olhar para trás. Saio do escritório e caminho até o elevador, esperando do fundo do meu coração que Bruno esteja me seguindo. Se eu vejo o rosto desse homem, acho que sou capaz de ter um infarto.

Espero até que as portas se abram, as pessoas saem e então eu entro. Quando me viro para ficar de frente para a mesma, deparo-me com uma parede de músculos sexy a minha frente.

Oh, seres divinos, conheço esse cheiro.

— Gosta de me deixar louco, mulher? – Sua voz está branda, enquanto ele se encaminha para frente e eu me afasto para trás até que estou contra a parede e o corpo dele mais uma vez pressiona contra o meu.

— O que você está fazendo aqui? – pergunto colocando as duas mãos em seu peito para afastá-lo, mas o mesmo permanece onde está me encarando.

— Pérsia, não se esqueça do que eu te disse quando você estava nos meus braços na sua cama. Não me teste, nem me coloque a prova, porque você não vai gostar do que irá te atingir.

XIII

Marcelo Marquês

Essa é uma mulher que gosta de me desafiar e que a cada vez que faz isso, mais me deixa determinado para tê-la. Eu a quero novamente em sua cama ou em qualquer outro lugar que eu possa domá-la. Preciso do seu corpo, preciso do seu cheiro, preciso dos seus lábios...

Porra, seus lábios são tão macios e delicados, que me fazem querer tê-los pelo resto da vida contra os meus ou ao redor do meu pau. Oh, sim, meu pau aceita maravilhosamente essa ideia. O que tenho nesse momento é sua recusa e logo em seguida sua entrega. Como lidar com isso?

Aparentemente ela está lutando para não ceder a mim, mas quando eu estou a colocando contra parede, ela simplesmente se doa toda para mim.

O que fazer para reverter essa situação?

Preciso que ela pare de pensar tanto em mim como um inimigo. Minha noite foi tomada por pensamentos de como fazer para reverter essa situação. Ontem, no meu escritório e depois no elevador, tive a certeza que ela me quer sim, mas algo dentro dela luta para expulsar esse sentimento. Coitada dela, se pensa que pode vencer uma luta contra mim, logo quando a quero tanto. Nunca quis tanto uma mulher em toda minha vida e isso não se trata de um puro desafio e sim de uma coisa mais forte... que não sei explicar.

Estou com minha atenção voltada inteiramente para ela, enquanto a mesma está de olhos vidrados na tela do computador. Seu rosto está com um misto de concentração e preocupação. Eu poderia me aproximar e ver o que ela está olhando com tanta atenção, mas isso não seria o melhor a se fazer agora.

Ontem, no elevador, quando a coloquei contra uma das paredes, ela me

encarou séria, mas pude perceber que sua respiração estava acelerada, o que estava me deixando louco para tomar sua boca na minha com um beijo apaixonado. Pérsia conseguiu fugir de mim quando as portas abriram e outras pessoas a adentraram. Desde então, não dirijo uma palavra para ela, o que irá mudar agora.

— Sabe que hoje teremos a reunião com Pedro? – digo me recostando na cadeira e mantendo minha visão nela.

A mulher está deslumbrante hoje com esse vestido decotado nos seios e eu só estou querendo esses lábios mais uma vez.

— Sim – diz sem desviar os olhos da tela do computador.

Sorriso, já sabendo como trazer sua atenção para mim.

— Bati uma punheta ontem com você na minha cabeça. – E, como eu imaginava, o seu olhar vem para o meu rosto. Arregala os olhos e eu não consigo não rir.

— Você não tem limites? Meus deuses! – Suspira e se afasta da mesa. — Você não consegue me deixar trabalhar sem me atrapalhar?

— Não consigo ficar quieto ao te ver quieta – digo sorrindo.

Ela me encara séria e eu gargalho.

A porta é aberta e minha atenção vai para Bruno que entra apressadíssimo.

— Marcelo, não pude contê-la. Ela simplesmente está fazendo um inferno lá embaixo e eu não sei lidar com isso. Não sou pago para estar aturando essas loucas descompensadas – rosna com a respiração acelerada ao entrar na sala.

Levanto-me rapidamente e caminho até ele com minha animação se esvaindo com a preocupação. Não é possível que alguma daquelas...

— Quem é essa, Bruno? – Pérsia pergunta ao se aproximar de nós.

Desvio minha atenção para a porta da minha sala, onde uma mulher que lembro vagamente adentra a mesma, usando um vestido curto vermelho e um perfume forte que me faz coçar o nariz, com a vontade de espirrar chegando.

— Olá, Marcelo – diz adentrando a sala com um sorriso no rosto. Dois seguranças estão logo atrás dela. — Mande-os sair, amor.

— Amor? – Pérsia pergunta arqueando as sobrancelhas para mim, fazendo-me gemer interiormente.

O que desgraça essa mulher pensa que está fazendo?

Caralho, caralho, caralho! Ela só vai dificultar minha aproximação a Pérsia...

Estou tão perto, porra!

— Amor? – pergunto imitando o gesto de Pérsia.

— Já esqueceu, lindo? – Aproximando-se de mim e eu levanto uma mão, a parando em seu lugar.

Só o que me faltava agora. Essa louca vir me encher como as outras e logo na frente de Pérsia.

Nem fodendo, porra!

— Mande-os nos deixar sozinhos.

— Acho melhor sair daqui – aviso-a cruzando os braços em meu peito. — Estou comprometido e...

— Você diz isso para se livrar de todas, mas eu não sou como elas. Eu tenho o que você quer e precisa.

Morde o lábio inferior, aumentando minha vontade de expulsá-la daqui o mais rápido possível.

— O que eu quero e preciso está ao meu lado – digo rodeando os ombros

de Pérsia com meu braço e a trago para estar ao meu lado. — Vamos nos casar em breve.

Sorrio ao vê-la arregalar os olhos e prender a respiração.

Assim que eu gosto, querida Pérsia.

— Preciso conversar...

— Não volte aqui ou se arrependerá – digo alto e olho para os seguranças, dando a permissão para retirá-la daqui.

A mulher me encara com os olhos marejados e começa a gritar quando os seguranças a agarram e a tiram daqui. Sinto-me melhor quando seus gritos são abafados.

— Qual a porra do teu problema, Marcelo?

A encaro com o cenho franzido.

— Que?

— Por que inventou essa mentira? – Ela me encara, o tom vermelho prevalecendo no tom do seu rosto, então sacode a cabeça. — Não volte a repetir essa merda! Não temos nada e nunca teremos.

Dito isso, se vira e sai pisando duro de volta para sua mesa.

Ah, essa mulher vai acabar me deixando louco!



A água desce por meu corpo, fazendo-me pensar nas minhas atitudes, que não estão me ajudando muito a ter Pérsia. Encosto meu corpo contra a parede do banheiro deixando que a água que cai do chuveiro, leve para longe a enorme vontade que tenho de sair daqui e trancá-la em uma caverna para ser só minha.

Passei por muitas coisas na minha vida. Situações humilhantes, tristes, coisas que não me orgulho de ter feito, mas que se eu tivesse a oportunidade de voltar atrás não faria diferente, porque foi o que me fez ser quem sou.

Ser deixado muito cedo em um colégio interno, rodeado de crianças e adolescentes filhos da puta, não é algo muito bom para um começo de vida. Apanhar, ser obrigado a fazer coisas pelas quais não tenho coragem de citar e o pior, ainda receber punições por algo que não se fez, não é o que eu queria para o resto da minha vida. Sofrer naquele lugar, eu sofri muito e não aguentei por muito tempo. Logo arrumei uma forma de fugir dali e o único lugar que arrumei como casa foi a rua, o lugar onde fiquei mais seguro do que se estivesse lá dentro... naquele lugar.

Ninguém veio me procurar, quando fugi e eu não poderia ter ficado mais grato por isso. O tempo se passou e um dia quando eu pensei que estava na merda, eis que me aparece uma fresta de sorte.

Quando é que eu poderia imaginar que um velho rico, sem nada, além do dinheiro e do luxo, iria me dar tudo que tem? Tudo isso para um ninguém, um mendigo sem ter onde cair morto. Bilhões e bilhões de dólares, propriedades espalhadas por todo canto do mundo, aplicações e mais dinheiro chovendo no meu colo.

E minha única missão era somente fazê-lo crescer, dando continuidade ao nome do velho com o meu.

Impressionante, não é?

Bem, um tempo depois de estar em patamar elevado, voltei ao colégio interno junto a Pedro. Aquele lugar hoje é meu. E todos aqueles que fizeram da minha vida um inferno, trabalham para mim.

Respiro fundo e sorrio em meio as gotículas de água que descem por meu corpo. Como a vida dá voltas, não é?

E é em uma dessas voltas, que Pérsia será minha. Não vou descansar, enquanto não a ter somente para mim.

E eu terei, ou não me chamo Marcelo Marquês.

XIV

Pérsia Martins

Vestido vermelho colado na parte de cima e soltinho na cintura, um cinto preto fininho na cintura, salto preto com tiras no tornozelo, um colar simples com um pingente com a inicial de meu nome, uma pulseira delicada, perfume borrifado no pescoço, pulsos e depois de colocar, rímel, batom nude, base e pó, considero-me pronta para o tal jantar inventado por Marcelo.

Marcelo, esse idiota.

Não posso crer que ele falou aquilo para a amante dele. Não dou essas intimidades para que ele fique falando tais coisas comigo e logo na frente de outras pessoas. O cara não tem respeito nem por mim, nem por ninguém. Como posso conviver ao lado dele?

Suspiro sacudindo a cabeça.

Aliso meu vestido em frente ao espelho e pego minha bolsa preta de cima da minha estante. Com os saltos quinze batendo contra o piso do chão, vou até a sala com Senizete me seguindo.

— Mamãe, volta mais tarde, meu amor — digo para ela e abro a porta saindo no processo e a fechando.

Quem é que conversa com gatos nos dias atuais?

Eu, porque minhas bichinhas são como minhas filhas e eu as amo mais que tudo na vida. O que eu tiver de fazer para que elas fiquem bem, farei.

Sacudo a cabeça e caminho até meu carro. Diego que estava sentado em sua cadeira, na entrada da garagem, levanta a tirando dali e abre o portão.

— Obrigada, Diego – digo sorrindo sem escutar uma resposta, por conseguinte.

Destravo o carro com a chave e adentro o mesmo. Passo o cinto de segurança por meu corpo e o prendo. Olho pelo retrovisor vendo Diego abrindo o portão e quando o mesmo já está aberto, dou partida no carro, piso na embreagem e coloco em marcha ré.

Tiro o carro da garagem devagar, mas acabo parando quando um carro se coloca atrás do meu, bloqueando minha saída. *Era só o que me faltava mesmo.* Puxo o freio de mão e desligo o carro. Solto o cinto do meu corpo e abro a porta, saindo logo em seguida. Esse carro... sei bem de quem é ele.

Suspiro quando Diego vai até o carro e bate no vidro do mesmo. A porta do motorista se abre e ele sai vestido com uma calça preta social, sapatos sociais e uma camisa de linho azul clarinha, marcando cada músculo que esse homem possui.

Preciso dizer que já estou babando?

— Boa noite, Pérsia – diz colocando as duas mãos dentro dos bolsos da calça, enquanto um sorriso de lado está nos seus lábios.

— O que foi dessa vez, Marcelo? – pergunto o encarando. — Vamos acabar nos atrasando...

— Está linda – diz se aproximando de mim e em m questão de segundos seus braços estão ao redor de minha cintura e seu rosto em meu pescoço, aspirando meu cheiro.

— Marcelo – rosno fechando os olhos para me deleitar com esse gesto.

Ele se afasta e meus olhos se abrem automaticamente para olhar nos seus.

— Cheirosa! – diz mordendo o lábio inferior.

Meus deuses, o que vou fazer com esse homem?

— O que você está fazendo aqui, Marcelo? – pergunto o encarando séria.

Não tem como se manter séria com ele a minha frente, mas os deuses estão vendo que estou tentando. É complicado, é difícil, mas pelo que percebo estou fazendo uma boa tarefa.

Ele sorri de lado passando as mãos por sua calça.

— Vim te pegar para irmos ao jantar.

Olha para os lados e pisca um de seus olhos enquanto eu só consigo o observar de soslaio.

— Não vai não, porque já estou de saída, basta tirar seu carro de trás do meu.

Ele morde o lábio e sacode a cabeça.

— Não gosto de dirigir sozinho, sabe.

Reviro os olhos e o encaro.

— O que diabos eu tenho com isso? – Me viro e volto para dentro do meu carro fechando a porta no processo. — Se não tirar o teu carro, passarei por cima – aviso colocando a cabeça para fora e ele sorri sacudindo a cabeça.

— Ok, gostosa. – Pisca um olho para mim e depois se vira dando a volta em seu carro, então faz o que eu disse, deixando o caminho livre para que eu siga o meu caminho. Suspiro e coloco o cinto novamente, dando partida no meu carro e dirigindo diretamente em direção ao restaurante, onde foi marcada a bendita reunião.

Até agora não consigo entender o motivo dessa reunião. Marcelo parece que é maluco. O homem não gostou dele, pronto. Não tem necessidade alguma disso tudo, mas ele é um louco. Porque o homem o desafiou, ele irá fazer uma reunião com qual objetivo não sei ainda.

Suspiro e em meio a meus pensamentos, acelero o carro entre o trânsito fraco da noite.

Não tenho como negar a química que existe entre nós dois, mas não posso

simplesmente esquecer que ele só quer obter vantagem em cima de mim. Conheço bem um jogador quando estou diante a um e Marcelo é o que eu diria, exatamente, como um profissional. Que ele não mede ações para conseguir o que quer, já estou bem por dentro, mas não vou deixar que ele me tenha novamente. Não posso estar caindo nas teias de tesão que ele faz quando está por perto de mim. Marcelo é um homem perigoso e eu preciso tomar cuidado com ele.

O restaurante escolhido por Marcelo é um refinado, que fica em um bairro movimentado pela alta sociedade. Decerto, quis causar uma boa impressão ao tal senhor que mediu poderes com ele. Reviro os olhos ao sair do carro. O deixo estacionado na calçada de entrada e não demora muitos segundos, um dos frentistas que aqui trabalham vem até mim e pega a chave de meu carro para o colocar no estacionamento.

Já mencionei que odeio estar nesses lugares?

Luxo, muito luxo, luxo demais para minha pessoa.

Odeio.

Com meus saltos costumeiros tamanho quinze, subo a enorme escada de entrada e quando finalmente chego ao topo estou exausta.

Não sou nenhuma atleta e estar em um salto dessa altura, não é nada fácil.

Já mencionei que odeio esses lugares?

— Boa noite, senhorita – a recepcionista com um rosto de atriz pornô pergunta assim que me coloco à sua frente. Reprimo a vontade que tenho de revirar os olhos e sorrio, contidamente em sua direção.

A mulher está com os seios enormes praticamente saltando para fora do seu decote nada generoso, os lábios exageradamente carnudos que posso apostar serem implantes, a maquiagem exagerada, o cabelo liso por completo e para finalizar o circo de horrores, a maquiagem extremamente forte.

Acho que errei de caminho e vim parar em um circo.

— Pérsia Martins – digo e ela acena procurando algo em seu tablet.

Não sei como diabos ela consegue procurar algo com essas enormes unhas pintadas a francesa.

É normal se obter raiva das pessoas sem ao menos conhecê-las?

— Senhor Marcelo está à sua espera naquela mesa ali – diz se virando e apontando para a mesa afastada de todos, localizada no fim do corredor sem mais nenhuma mesa ao redor.

Tinha que ser mesmo Marcelo á ter reservado.

Aceno e caminho em direção a mesma, sentando-me em frente à Marcelo quando ele demonstra que levantará para provavelmente arrastar a cadeira para que eu sente.

Sorrio ao ver a careta que ele instala no rosto, quando sento.

— Nossa – diz suspirando.

— O quê? – pergunto demonstrando um falso desentendimento.

Óbvio que entendi o motivo do que ele disse.

— Você é muito... você. – Faz uma careta e dá de ombros.

Reviro os olhos.

— Se eu não fosse eu, seria complicado, ein.

Descanso minhas mãos em cima da mesa e olho ao redor, observando as pessoas conversando animadamente. Desvio meu olhar para Marcelo quando o mesmo coloca suas duas mãos sob as minhas.

— Você é tão linda – ronrona mordendo o lábio. — Sabe, tive um momento complicado hoje no meu chuveiro. Suas curvas não saiam da minha cabeça e quando fui me dar conta, minha mão já estava ao redor do meu pau e o teu nome estava tão presente na minha boca, quanto o teu rosto vermelho

na minha mente. Foi um momento gostoso, mas seria melhor se eu tivesse a tua bocetinha no lugar da minha mão.

Ao terminar de falar um sorriso se instala em seus lábios e eu só tento respirar. Meus olhos estão arregalados e meu rosto esquenta.

A noite que o tive me fazendo sentir prazer, volta a minha cabeça e meus olhos se fecham automaticamente enquanto tento buscar alguma coerência para minha cabeça. Sua voz rouca, sua respiração acelerada e seus xingamentos voltam a minha cabeça, golpeando minha boceta com uma forte onda de necessidade.

Ah, meus deuses, onde estão vocês?

— Boa noite, senhor e senhorita – uma voz fala próximo a mim fazendo com que eu abra meus olhos e traga uma longa respiração para dentro de meus pulmões. Marcelo está com um olhar intenso e atento em cima de mim enquanto eu apenas tento voltar ao mundo real.

— Sem formalidades, não tenho tempo para isso.

Desvio meu olhar e vejo o mesmo senhor que confrontou Marcelo puxando uma cadeira e se sentando ao meu lado. O mesmo homem que o acompanhava se senta ao lado de Marcelo e eu forço minha mente a se concentrar.

— Então, você veio, João – diz Marcelo tirando suas mãos de cima das minhas e se recostando na cadeira com um sorriso nos lábios.

Recolho minhas mãos para cima das minhas pernas e as deixo ali, onde acredito ser o lugar mais seguro para as mesmas.

— Como pode ver, Marcelo – cospe as palavras sem ao menos se importar com isso. — Devo acreditar que o fato de que metade dos meus patrocinadores terem tirado seus patrocínios da minha empresa está interligado a você?

Ele ri com o olhar travado no do senhor.

— Pode ter certeza, amigo.

— Você está querendo comprar uma briga comigo? – pergunta com o rosto salpicando ódio.

O sorriso some dos lábios de Marcelo e ele se inclina colocando os cotovelos em cima da mesa.

— Está me ameaçando, João? – pergunta e depois revela um enorme sorriso. — Posso terminar o que comecei sem problema algum.

Os olhos do senhor se arregalam e ele encara Marcelo com uma carranca.

— O que você quer? – Adquirindo uma expressão mais neutra, ele pergunta.

Sinto vontade de rir nesse momento, mas reprimo minha vontade.

— Amanhã meu assistente irá até a tua empresa e caso haja sucesso, seus investidores voltarão até o final do dia.

O senhor balança a cabeça e se levanta da cadeira.

— Conversamos amanhã, Marcelo. – Sem dizer mais nenhuma palavra, se vira e sai do lugar, pisando duro. O homem que o acompanha, precisa correr para o acompanhar, o que rende uma risada minha e outra de Marcelo.

Bom...

— Onde estávamos? – pergunta chamando minha atenção.

Sorrio e arrasto minha cadeira para trás, levantando-me, logo em seguida.

— Estou indo para minha casa.

— Não vai jantar comigo? – pergunta fazendo um biquinho que eu adoraria beijar.

— Não. E até amanhã.

Respirando fundo, viro-me e caminho apressadamente em direção a saída.

O que foi aquilo tudo?

A quentura ainda permanece no meu interior, deixando-me com a necessidade de me tocar.

Na verdade, eu precisava de outro toque, mas...

— Ei, me espera. — Uma mão forte e calejada pousa em meu braço fazendo com que eu pare imediatamente.

Ah, meus deuses, me socorram.

— O que é, Marcelo? — pergunto caminhando novamente e o arrastando junto a mim.

— Nossa, mulher, você é louca — diz e eu sorrio.

Diminuo os passos quando chegamos ao começo das escadas.

Com um suspiro, as desço com cuidado, já que estou com um salto mortal qualquer cuidado é pouco. Ao chegar no fim do mesmo, Marcelo me puxa para seu corpo e mantendo sua voz baixa e rouca, aproxima sua boca do meu ouvido.

— Eu sei que você pensou na nossa noite lá dentro e que nesse momento deve estar encharcada. Só tenho uma coisa a te dizer... — Passa sua barba por meu pescoço me causando arrepios. — Você terá uma noite infernal com todo esse tesão que ronda teu interior.

Maldito!

Ele sorri e se afasta com um sorriso irritante nos lábios.

Meus deuses, não me abandonem, por favor.

Estou com tanto sono que nem uma semana inteira dormindo continuamente, passaria e tudo por culpa de Marcelo, aquele maldito. As lembranças da noite que tivemos juntos não parou de rondar minha mente por um instante sequer e tive que me tocar por pelo menos umas três vezes durante a noite.

Suspiro encarando os papéis na minha frente e os afasto.

Estou morta de preguiça e não vai rolar mais nada hoje.

Quando a preguiça toma conta de mim, não sou capaz de produzir mais nada durante o dia inteiro. A única coisa que faço é ficar deitada aproveitando o que o tempo e as redes sociais me proporcionam.

— Está sentindo algo? – Marcelo pergunta me encarando e eu reviro os olhos.

Não aguento ficar o dia inteiro com ele em minha frente. Não consigo lidar com o desejo e com ele tão próximo se torna ainda mais difícil, quase impossível.

— Não te interessa – digo suspirando.

Encosto-me na cadeira e pego meu celular. Vejo minhas notificações nas redes sociais e bufo quando não encontro nada que me interesse. Verifico meu e-mail e... nada que chame minha atenção.

— Entediada? – Marcelo pergunta tirando os óculos e se inclina em sua mesa para me encarar com mais atenção. — Posso resolver isso...

Dois toques e a porta se abre com Bruno entrando rapidamente.

— Seu pai...

— Disse que não preciso ser anunciado – Russo diz encarando Bruno com uma enorme carranca no rosto.

Reviro os olhos e volto minha atenção para Bruno que está vermelho de vergonha.

— Bruno, quero conversar com você depois que eu terminar a conversa com Russo, ok? – digo e ele acena saindo logo em seguida da sala.

— Não irei demorar, menina – diz e mais uma vez reviro os olhos.

— E por que não mandou uma mensagem?

— Você não iria me responder.

Revira os olhos e eu faço questão de repetir o seu ato, em contrapartida do outro lado da sala, Marcelo se levanta. — Irei deixá-los sozinhos...

— Não precisa, quero que fique. – Para Marcelo meu pai sorri tão amigavelmente que me causa arrepios. — Amanhã, na nossa casa de campo, você sabe o que irá acontecer, não é?

Jogo minha cabeça para trás e reprimo um longo gemido de tortura, porque é isso que isso é. Uma tortura.

Odeio aquele lugar, odeio ter que ficar perto de minhas tias e primas nojentas.

— Marcelo está convidado.

— Você está brincando comigo, não é? – pergunto e me levanto.

— Não, Pérsia. – Revira os olhos e com um sorriso, olha para Marcelo. Tira um cartão do seu paletó sob medida e entrega para ele. — Esse é o endereço. Será uma reunião da nossa família e como namorado da minha filha acho que seria um arranjo bom que você fosse também.

Marcelo sorri largamente e acena.

— Estarei lá, Russo.

Definitivamente esse vai ser o pior final de semana da minha vida.

XV

Pérsia Martins

Meu pai não deveria ter feito isso. Como diabos ele convida Marcelo para a droga desse fim de semana? Já é uma tortura muito grande ficar no meio dessas pessoas tão esnobes e sem noção, a minha família.

Fecho os olhos ao me aproximar da enorme casa de campo da minha família. Infelizmente tenho que estar presente nessas drogas de reuniões, onde tenho que suportar minhas tias e primas, falando de grifes, do modelo cafona de alguém e da vida dos outros membros da minha família. E agora tem Marcelo nessa casa que não é nada pequena, na presença das minhas primas que são bastante atiradas.

Reviro os olhos com o pensamento delas se aproximando dele para tentar dar o tão esperado golpe da barriga. Ah sim, já me orientaram diversas vezes que para manter um homem, tenho que dar o golpe da barriga.

Não mereço ficar perto desses seres.

Só não dá.

Vou acabar ficando mais louca que já sou.

Um final de semana inteiro sem minhas flores e minhas bichanas é uma tortura sem tamanho. Estou considerando arrumar uma desculpa amanhã para ir embora mais cedo. Se bem que tenho certeza que não vai colar muito, já que faço isso sempre, o que deixa meu pai bastante zangando.

O motorista particular do meu pai estaciona o carro na garagem e sai do mesmo. Uma coisa bem importante frisada milhares de vezes é que não posso sair do carro sem que o motorista abra a porta antes, porque tenho que ser

uma dama acima de tudo e todos, palavras da minha tia.

Se eu me importo com isso? Jamais! E é por esse motivo que faço questão de abrir a porta e sair do carro, agradecendo ao motorista logo em seguida. Minha tia Morgana está na porta do enorme casarão com os olhos arregalados me encarando, o que me faz revirar os olhos.

Ah, ela me odeia, só para constar.

— Pérsia! – diz abrindo seus braços e me encarando com “nojo” escrito em sua testa. Reviro os olhos e passo direto, ignorando sua tentativa de me abraçar.

— Economize as falsidades para mais tarde, titia – digo abrindo a porta de entrada.

Desnecessário que alguém mantenha uma propriedade enorme como essa. É enorme, com piscina, praia particular, campos de golfe e mais um monte de coisas. Suspiro ao subir as escadas em direção a meu quarto e entro no mesmo deixando minha mala de passeio em cima da cama.

Verifico cada cantinho com medo de encontrar uma jiboia ou algum escorpião venenoso. Minha tia pode ser muito maldosa e logo com alguém que não gosta, como eu.

Nesse final de semana a família inteira estará aqui reunida e posso garantir que será algo terrível. Pelo que pude perceber meu pai deve ter convidado alguns amigos dele também. Então, nesse arranjo teremos primas se oferecendo para figurões da sociedade, tretas entre tias que se odeiam e mais tretas. É, por esse lado pode até ser interessante.

Somente por esse lado.

Adentro o banheiro acoplado no quarto e o verifico também, não encontrando nada que possa me prejudicar. Suspiro aliviada. Agora preciso ter em mente que devo manter esse quarto trancado durante minha estadia aqui.

Saio do mesmo e caminho pelo corredor, vendo várias portas abertas com algumas pessoas dentro do mesmo. Pessoas que não conheço e que devem ser convidados.

Desço as escadas, voltando para a enorme sala luxuosa e me sento em um dos enormes sofás. Pego um livro e olho seu título. *Memorias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Ao que me parece alguém aqui está tentando causar boa impressão aos convidados, já que temos plena consciência que as mulheres dessa casa não pegam um livro para ler.

— Bom dia, senhora.

Todos os cabelos de meu corpo se arrepiam ao escutar essa voz. Meus olhos se arregalam e rubor toma meu rosto.

Ah, meus deuses, ele chegou.

— Me chame apenas de Morgana, querido.

Reviro os olhos escutando o que minha tia diz. A mulher mesmo sendo casada não aprende as lições que a vida passa. Se o marido dela vê isso é capaz da cabeça dela sair rolando por esse tapete. Imagine, se ele souber o caso que ela mantém com o motorista da vizinha.

Fazer o que, né?

— Tudo bem, Morgana.

Ele sorri, fazendo um calor se instalar no meu interior.

Momento exato para que eu me afaste dele e da minha tia. Levanto-me e saio da sala, encaminhando-me para a cozinha. Irei procurar algo para comer antes que eu acabe comendo outra pessoa.

Outra coisa importante nessa casa que Morgana fez questão de ensinar a brados é que não podemos frequentar a cozinha, porque esse é o lugar dos criados e não dos da elite. Uma regra imposta por quem? Minha tiazinha, Morgana, claro. Certamente imagina estar vivendo no século XVII.

Bem, eu não faço parte dessas pessoas que seguem tais regras até porque tenho senso do ridículo. E minha família é ridícula nesse âmbito.

Ninguém merece. Ainda nem sei o motivo de ainda ter alguém trabalhando aqui.

Abro a porta da cozinha, encontrando todos em uma correria tão grande, que me faz arregalar os olhos. Não conheço nenhum dos rostos que transitam a mesma. Minha tia deve ter contratado um buffet para mostrar a todos o quanto ela é rica.

Desistindo de entrar na cozinha, dou meia volta e bato contra uma parede de músculos que conheço bem. *Oh, meus deuses, aqui não.*

— Olá, namorada – sussurra enlaçando seus braços ao redor da minha cintura.

— Não sou sua namorada – rosno subindo meu olhar para o dele.

Solto uma respiração lenta e me delicio com a visão do seu rosto. O cabelo está para cima amarrado com aqueles coques de samurai e a barba... aparada. O homem já era um tesão com a barba grande, agora está...

Não consigo encontrar uma palavra ao certo para denomina-lo.

— Será? – Ele sorri de lado e aperta minha cintura com suas mãos.

— Não serei, Marcelo – digo com um sorriso nos lábios e ele me acompanha.

— Você fica linda sorrindo assim – diz e coloca uma mão em minha nuca. Não me dando chance para me afastar, sela nossos lábios com um beijo que transborda desejo, mas como nem tudo permanece sendo flores, a porta se abre batendo contra minhas costas, atrapalhando nosso momento e me fazendo soltar um gemido fino.

Empurro Marcelo e me viro para encontrar uma senhora de olhos arregalados e as mãos tampando a boca.

— Mil perdões, senhora! Eu... eu... eu não a vi, eu não sabia... me desculpe. Meu deus!

Sacudo a cabeça e levanto minha mão.

— Não se preocupe...

— O que aconteceu aqui? – A voz estridente da minha tia atrapalha o que eu estava dizendo e a voz temerosa da senhora por seguinte, faz-me suspirar.

— Eu bati a porta contra essa senhora, mas eu juro que foi sem querer...

— O que você fez, sua inútil? Está louca? Como ousa? – pergunta se aproximando dela com a expressão fechada. — Você deveria beijar cada passo que piso, não desperdiçar as chances que dou. Está demitida!

Respiro fundo tentando buscar um pouco de calma.

— Eu preciso desse emprego, senhora...

— Não insista, inútil! Vai embora...

— Se você tem amor por seus dentes, cale a boca, titia – rosno a encarando com todo o ódio do mundo salpicando dos meus olhos. — Quem você pensa que é para falar dessa forma com ela? Ela deveria te processar, aliás aconselho isso a ela.

— Como ousa, sua moleca? Eu acabei de te defender...

— Não pedi sua defesa e não volte a me chamar assim, ou se arrependerá do dia que colocou os pés nessa casa, entendeu? – rosno com o dedo em riste. — Sobre o caso dela, estarei entrando com um processo contra você nas primeiras horas do dia de segunda-feira.

— Você não pode estar falando sério! Ela é apenas uma serviçal e eu sou a sua tia! Como pode ficar do lado dela?

— Estarei fazendo um favor a ela e me vingando de você. De todos os anos que fui maltratada e imposta a fazer coisas que não queria. Não ouse

bater de frente comigo novamente, ou o seu mundinho de vidro vai ser quebrado – digo e me viro para a pobre senhora, que nos encara com lágrimas nos olhos.

— A senhora tem um emprego garantido quando sair daqui, não se preocupe. Arrume suas coisas e vá para a frente da casa. Direi para meu motorista levá-la até minha casa – diz Marcelo me fazendo olhar em sua direção surpresa.

Onde é que eu iria imaginar que esse homem poderia fazer tal ato de bondade, depois do que ele fez ao tal João?

Minha tia apenas o encara com os olhos arregalados.

— Não acredito que você está fazendo isso, Marcelo! – guincha o encarando com descrença.

— Preciso de mais empregados. Minha casa é enorme e estou comprando outra propriedade, então quanto mais, melhor – diz dando de ombros. Semicerrou os olhos e reviro os olhos.

Ele tem que ser um idiota.

Bufando, caminho para longe dos dois. Dois idiotas sem sentimentos ao próximo. Não consigo ser alguém que consiga lidar com os dois...

Somente não dá.

Volto para a sala e sento no sofá da mesma, pegando o livro de Machado de Assis mais uma vez e abrindo a primeira página. Escuto uma movimentação na entrada, mas não dou o trabalho de levantar o olhar para ver o que possa ser. Concentro minha atenção no livro e começo a ler.

O sofá afunda e desvio minha atenção para o mesmo, vendo um homem ruivo dos olhos verdes encantadores, encarando-me com um sorriso no rosto.

— Em que posso ajudar? – pergunto arqueando uma das minhas sobrancelhas e ele sorri mordendo o lábio inferior.

Sério que ele vai flertar comigo?

— Me diga seu nome e número do celular, linda. — Aumenta o sorriso e pisca um olho em minha direção, o que me rende uma careta e, logo em seguida, um revirar de olhos.

— Não – digo e volto minha atenção para o livro. Escuto sua gargalhada e não volto a encará-la.

— Mulher, me contento só em saber seu nome.

— Sabe o significado da palavra não? – pergunto sem me dar o trabalho de olhá-lo, então ele sorri e se levanta.

Ótimo, livre-me de um.

Fico com minha atenção no livro, até que meu pai aparece acompanhado de vários homens vestidos com terno. Ele realmente trouxe trabalho para essa casa? Nem sei porquê estou contestando, é costumeiro da sua parte fazer isso.

Russo olha em minha direção e sorri apontando com o dedo onde estou, para os amigos. Reprimo a vontade de revirar os olhos e apenas coloco um sorriso falso nos lábios. Não quero ter que escutar mais um de seus discursos de bons modos.

— Aquela é minha filha.

Essa simples frase faz com que meus olhos marejem de emoção. Ele realmente está falando com algum toque de orgulho? É isso que vejo? Foram tantos anos esperando essa reação, que agora não sou capaz de mexer meus músculos.

Ele caminha em minha direção com os outros homens ao seu lado. Levanto-me e coloco um sorriso em meus lábios, esse agora verdadeiro. Apresenta-me para cada um deles e eu os cumprimento, então ele se coloca ao meu lado e inclina sua boca para meu ouvido.

— Escolha um deles para ser seu noivo, já que não quer Marcelo – sussurra fazendo minha alegria se dispersar e uma carranca se formar em meu

rosto, no lugar do sorriso.

— Com licença, cavalheiros – digo e saio de perto dos mesmos sem conseguir parar de pensar no quanto meu pai está me deixando ainda mais para baixo.

Subo as escadas e caminho até o fim do corredor tentando reprimir as lágrimas que querem descer por meu rosto. Russo só está interessado em me vender para um desses caras, apenas isso.

Tento abrir a porta do quarto, mas antes que eu entre, uma voz me para.

— Pérsia, prima! – diz minha prima Valéria, fazendo-me revirar os olhos com a lembrança das nossas antigas lembranças.

Suspiro e me viro para ela. — Diga.

Um sorriso falso está em seu rosto e me pego a avaliando por um segundo. O cabelo loiro sem um único fio fora do lugar, saia rosa, blusa branca e saltos.

Eu realmente nasci na família errada.

— Fiquei sabendo que você já tinha chegado...

— Estou com dor de cabeça, querida. Mais tarde conversamos – digo e entro no quarto, fechando a porta logo e a trancando, no processo.

Esse dia vai ser infernal, pelo que posso notar.



— Hora do almoço, Pérsia! Não faça seu pai passar mais vergonha do que ele já passa te tendo como filha e desça logo.

A voz de Morgana faz com que eu levante rapidamente da cama. Essa velha idiota pensa mesmo que continuo sendo a adolescente tapada, que ela tanto pisou? Coitadinha da titia, é incrível como ela nunca aprende. Abro a

porta, no momento que ela acaba de falar e a encaro com um sorriso cínico.

— Ah, titia, acho melhor a senhora ponderar o que fala, ou meu tio ficará sabendo de suas puladas de cerca com o motorista da sua vizinha – digo e arregalo os olhos fingindo estar chocada. — Isso seria arrasador para a sua vidinha de madame e para sua fama, não é?

Seus olhos estão arregalados e seu rosto sem cor, o que me faz esboçar um largo sorriso. — Ele não acredita...

— Sim, ele acreditaria. Tenho vídeos e fotos para comprovar o que digo – blefo com convicção e sem pestanejar, o que faz ela ficar completamente branca.

Da última vez que estive aqui, vi a forma que ela estava babando no motorista, enquanto ele lavava o carro do patrão. E vi também o exato momento em que ele desviou o olhar para ela e piscou um olho. Isso foi a melhor coisa que eu poderia ter visto.

— Você não seria...

— Ainda duvida? – pergunto sorrindo.

A mulher está pálida com minha ameaça e eu me viro, indo em direção ao cantinho do quarto, onde está meu sapato e chinelo. Calço meu salto quinze e volto para a porta com um largo sorriso no rosto, então fecho a porta e a tranco. Faço meu caminho até a cozinha e tomo meu lugar ao lado do meu pai na enorme mesa recheada por pessoas e mais pessoas, que nem ao menos me dou ao trabalho de observar.

Só eu que acho essa casa desnecessária?

A mesa está tomada por uma conversa paralela quando registro o momento que Marcelo adentra o lugar, levando todos os olhares em sua direção. Meu pai se levanta com um largo sorriso no rosto e o chama com um leve movimento com a mão. Marcelo se encaminha até meu pai e se coloca ao seu lado mantendo sua expressão séria.

Meu pai pega uma faca e uma taça e toca a faca contra a taça com delicados movimentos para chamar a atenção de todos e, quando consegue, coloca sua mão no ombro de Marcelo.

— Bom, pessoal, esse é Marcelo Marquês, meu sócio e namorado de Pérsia.

Arregalo meus olhos e chicoteio minha cabeça em sua direção.

— Pai, o senhor...

— É claro que me sentarei ao seu lado, amor – diz Marcelo sorrindo, causando mais ódio ainda aqui dentro de mim

— Eles são tão fofos. – Escuto alguém dizer, mas não tomo um tempo virando minha cabeça para registrar quem foi.

Isso vai ser um inferno! Já posso ver isso.

XVI

Pérsia Martins

O dia todo se passou comigo sendo arrastada de um lado para o outro por meu pai, que desejava apresentar meu “namorado” a todos da família. O mesmo deixou claro que daqui alguns dias estará me pedindo em noivado e se caso eu não aceite, o que segundo ele, não vai acontecer, vou ser sequestrada e ele me fará sua mulher nem que seja em Las Vegas. Ele não poderia tomar lugar de namorado sem o meu consentimento e meu pai sabe muito bem que não tenho nada com Marcelo, para que ele fique dizendo essas coisas para todos.

Não consigo entender meu pai, porque em um momento ele estava me mandando escolher um dos amigos dele para casar e no outro estava me jogando para Marcelo, na cara mais dura possível. Minha tia Morgana, ficou o dia inteiro de olho em mim, mas não me direcionou nenhuma ofensa e nenhuma palavra. Claro que não resisti e tive meu tempo conversando com seu marido, o que deve tê-la deixado bastante apavorada.

Sorrio encarando o teto desse quarto. Assim como o resto da casa, os quartos não poderiam ser diferentes com todo esse luxo estampado em cada cantinho... desnecessário.

Me viro na cama e fecho meus olhos, imaginando que Marcelo está aqui comigo com seus braços rodeados em minha cintura, a apertando e trazendo seu corpo o mais próximo que pode do meu. Suspiro.

Não deveria pensar nele, mas é tão gostoso...

Escuto o trinco de minha porta girar e me viro, ficando de frente para a mesma. Deve ser Morgana tentando entrar para me matar.

Minhas divindades, será se ela mandou alguém aqui para isso?

Ah, não, ela não seria capaz. Tem muita gente aqui e um assassinato na casa dela pegaria muito mal para sua reputação. Ainda bem que eu tinha trancado a porta antes de deitar. Todos devem estar dormindo a essa hora, mas eu não entendo quem possa estar forçando a porta.

Arregalo os olhos ao escutar algo sendo inserido no trinco e a porta é forçada novamente. Ligo a luz do quarto e faço uma rápida viagem no quarto com meu olhar, a procura de uma possível arma. Nada. Aqui não há nada e...

A porta é aberta por uma mão masculina e logo, vejo o corpo alto e másculo de Marcelo, fazendo com que eu respire aliviada. Ao menos não foi dessa vez que minha tia tentou me matar.

Ele entra e a tranca com a mesma chave que ali estava, então se vira em minha direção e eu cruzo meus braços em meu peito.

A pergunta que não quer calar é: Como diabos ele abriu essa porta?

Marcelo está me encarando com um intenso olhar, que percorre cada parte do meu corpo, fazendo com que eu me arrependa amargamente de estar em pé. Cometi a besteira de colocar em minha mala apenas camisolas indecentes que nem sei o porquê as tenho. A que estou vestindo agora é pequena, curtinha com detalhes de renda no babado, um “V” enorme na parte dos seios, descendo até o comecinho da barriga e é de seda.

— Deliciosa! – diz lambendo os lábios e me fazendo corar violentamente.

— O que você está fazendo aqui? – pergunto com um sussurro, colocando as duas mãos em minha cintura.

Ah, minhas divindades, o homem está um espetáculo vestido apenas com essa calça de moletom. Seu peito musculoso nu, fazendo-me salivar com a vontade de lambê-lo.

— Vim dormir ao lado da minha namorada – diz sorrindo e eu apenas o encaro com uma carranca.

— Então vá dormir com ela no seu quarto e deixei o meu – rosno com a raiva me tomando junto ao desejo.

Senhor, como estou desejando me ajoelhar e ter o pau desse homem na minha boca.

— Você quer dormir no meu quarto? – pergunta com sua voz rouca e logo em seguida, morde o lábio.

Suspiro tentando manter controle sob minhas ações.

— Marcelo, não me irrita e sai agora do meu quarto! – rosno colocando uma carranca em meu rosto, para que ele veja que essa guerra não será capaz de ganhar.

Ele morde o lábio, sorri e sacode a cabeça.

— Ah, Pérsia, nunca vai ser fácil minha relação com você, não é?

— Não temos uma relação.

— Vai me fazer agir sempre do meu jeito, não é? – pergunta se aproximando de mim.

Arregalo os olhos e me afasto, à medida que ele se aproxima.

— Marcelo, pare! O que você está falando?

— Quero tua boca, Pérsia. – E ele avança na minha direção, somente para enlaçar meu quadril com um braço e meu pescoço com sua outra mão. Coloca sua boca perto da minha e descansa sua testa contra a minha. — Não consegui dormir nesses dias que passei longe de você. Preciso te ter logo.

Rosna e ataca minha boca, não me dando oportunidade para resistências. Ele explora cada cantinho, reivindicando e fazendo da minha boca uma propriedade apenas sua. Meu corpo já se tornando aos poucos seu escravo e me deixando mais presa ao desejo que já sou. Ele sabe como ditar uma conversa e sabe como me distrair.

Aperta seu braço ao redor da minha cintura e a mão na minha nuca, fundindo nossos corpos, tornando-nos um só. Dizer que nesse momento penso em me separar dele seria uma mentira, porque tudo que quero é ficar aqui durante muito e muito tempo.

Sinto que me arrasta até a cama e deita meu corpo em cima da mesma, subindo em cima de mim no processo. Sua boca desgruda da minha e ele mantém seu olhar no meu.

Esse olhar...

Ele está definindo algo que já estava explícito, algo que não quero assumir, mas que está muito claro. Para o meu bem, não irei assumir. Se não assumo, isso não se enraíza no meu peito. Preciso conservar o que resta do meu coração...

— Nessa noite, o que quero é dormir com teu corpo contra o meu para que eu tenha paz – diz e pressiona seus lábios contra o meu. Quando desgruda, se coloca ao meu lado e puxa a coberta, cobrindo nossos corpos. Traz seu corpo de encontro ao meu e se cola a mim. Seu braço vai para cima de minha barriga, a rodeando e sua perna para cima das minhas, depositando seu peso em cima de mim.

— Você diz isso para todas? – pergunto fechando os olhos e suspirando.

Eu não deveria, meu corpo deveria estar expulsando-o e minha mente deveria estar me fazendo tirá-lo daqui, mas ao contrário de tudo que deveria estar acontecendo, eu acabo por gostar desse contato e esse é um erro tremendo.

— Não há outras, só existe você. Acho melhor tirar a ideia de que sou igual aos outros homens da sua cabeça e começar a aceitar que você é minha – diz me puxando mais para seu corpo.

Isso faz com que um fogo se ascenda em meu interior, mas não posso deixar que isso chegue onde ele quer, porque não preciso de mais decepções na minha vida. Já sofri tanto e mais uma... não é o que eu preciso, não é o que eu posso aguentar.

— Acha mesmo que vou acreditar no que está me dizendo? – pergunto rindo ironicamente.

Queria não estar acreditando, mas infelizmente isso está chegando no meu coração rápido demais.

— Acho melhor que sim. Sei que vocês mulheres tem a mania de acreditar que todos homens são iguais. Apague esse pensamento, mulher, porque não sou igual a nenhum outro. E sei também que você pensa que só estou perto de você, por conta do dinheiro do seu pai. Te confesso que no início era assim, mas agora não é mais. Espero que não me faça repetir isso, porque se eu for jogar para te ganhar, não irei economizar minhas armas e ninguém será capaz de me parar, Pérsia. Eu consigo o que quero de um jeito ou de outro. Da maneira mais fácil ou na maneira mais difícil.

— Aposto que você usou esse mesmo discurso com as outras que teve em sua cama...

— Nem termine! – rosna e levanta sua cabeça para olhar em meus olhos.
— As minhas relações anteriores foram baseadas em sexo, nada além disso. Aquela que apareceu em meu escritório, só me acompanhou em um evento e eu transei com ela sem um pinga de cuidado contra uma parede qualquer. Eu precisava de alívio e as usava para isso. Com você, eu tenho necessidade de estar próximo, de manter contato físico ou eu acabo enlouquecendo.

Ele suspira com seus olhos mantendo contato visual com os meus.

Cada palavra dita levou o que me restava de resistência e só sobrou um suco da parede de concreto que eu tinha construído ao redor de meu coração. Afinal, como é que posso lidar com isso?

— Espero que tenha entendido meu ponto – diz e volta a deitar sua cabeça no travesseiro. — Ah e não quero voltar a ver aquele ruivo do caralho perto de você novamente. — Ele para e depois volta a falar. — Se bem que não irei dar oportunidade para que ele tenha uma chance ao seu lado.

— Você está se escutando, Marcelo? – pergunto tentando levantar meu corpo da cama, mas ele não permite.

— Ei, amor, não se exalte. Nosso contato está tão gostoso, não vamos desfazer essa conexão, ok? Só relaxa.

— Você está louco, Marcelo!

— Louco por você, minha ruivinha gostosa. Só minha. – Desce um pouco e coloca seu rosto na curva de meu pescoço. — Quero dormir assim sempre.

Não digo mais nenhuma palavra e fecho os olhos, só me deixando levar pela sensação de que alguém gosta de mim de verdade e que quer manter proximidade comigo. Ele começa a fazer uns movimentos circulares com o polegar em minha barriga, o que faz que eu chegue mais rápido ao sono.



— Pérsia! O café está na mesa. Não demore e não me faça vir te chamar outra vez, garota! – Escuto a voz de Morgana e meus olhos relutam para se abrirem. Não estou com muita vontade de levantar agora, aqui está tão gostoso com esse abraço quentinho e esse corpo confortável...

Abraço quentinho?

Ai meus deuses! Marcelo!

A noite foi tão maravilhosa, que não tive como pensar muito para evitar cair no sono. Estou muito confortável, mas não posso ficar aqui assim. Ele vai pensar que tem chances comigo e eu não posso...

— Essa mulher é um pé no saco, porra! – Ouço seu rosnar e logo sua respiração em meu rosto, quando abro meus olhos, o encontro me encarando com um sorriso fofo nos lábios.

— Por que está me olhando assim? – pergunto exibindo uma careta.

Ele sorri e deposita um selinho nos meus lábios.

— Você é linda – diz rouco. Sinto sua mão migrar por cima da minha barriga e ao chegar em minha cintura, a aperta e leva seu rosto para a curva do meu pescoço, o beijando, fazendo um suspiro sair por meus lábios.

— Pare de galanteios e me solte – digo o empurrando. Ele sorri alto e eu arregalo os olhos com medo que alguém o escute. Coloco minhas mãos em sua boca e o encaro séria. — Pare de esparros, homem! Vão escutar e saber que está aqui comigo.

Ele arqueia uma sobrancelha e tira minhas mãos de sua boca.

— Não me importo, Pérsia. Você é minha namorada.

— Não sou tua namorada, homem! Tire isso da sua cabeça, pelo amor dos deuses!

— Você que deveria fixar nessa cabecinha que estamos namorando sim – diz batendo de leve seu dedo em minha cabeça. — BOM DIA, MEU AMOR! – grita me fazendo ficar vermelha com a mortificação caindo como um véu bem no meio do meu rosto.

— Marcelo! – rosno batendo em seu braço, fazendo-o rir.

— Você fica linda assim, amor.

Beija meus lábios.

— Pare de me chamar assim – digo o encarando com uma careta.

— VOCÊ É MEU AMOR.

O empurro e me levanto da cama. Meus deuses, qual o problema desse homem? O encaro e ele se espalha na cama, a tomando por inteiro com esse enorme corpo. Suspiro gostando da visão que tenho a minha frente.

Pode ser que ele seja uma boa coisa a se levar a sério, mas não posso esquecer que ele é um jogador que não desiste até conseguir o que tem e eu não quero ter meu coração partido. Já sofri tanto durante minha vida. Sempre tive tudo, mas nunca tive nada. Sou vazia por dentro e não quero continuar

assim. Quero encontrar alguém que preencha todo esse vazio, sabe? Quero alguém que me entenda, que me ame, que cuide de mim e que suporte todos os meus momentos de mau humor.

Preciso me sentir amada. Preciso sentir que alguém sente algo por mim sem ter nenhuma ligação com meu pai.

Você me entende?

— Consigo escutar tuas engrenagens – sussurra se sentando na cama. — Não estou jogando, Pérsia. Juro para você que não estou.

Quero não acreditar, juro que quero!

— Sai do meu quarto, Marcelo – digo desviando meu olhar do seu.

— Não.

Meu olhar volta para o seu imediatamente e ele volta a se esticar na cama.

— Preciso banhar e você não tem roupa aqui. Vai tomar café assim? – pergunto colocando as duas mãos na cintura e ele suspira.

— Não me importo, também não acredito que suas tias e primas irão...

— Se acha muito, não é?

Se levanta rapidamente e agarra meu corpo, puxando-me para perto de si. Morde o lábio e sorri. — Estou me apaixonando, Pérsia. Muito. E eu gosto disso que está no meu peito. – Sacode a cabeça com o sorriso enorme instalado em seus lábios. — Não vou desistir de você, minha ruiva. Farei de tudo para que qualquer pensamento errôneo que você tenha de mim suma e só fique uma coisa em sua cabeça. Que eu sou louco por você.

XVII

Marcelo Marquês

S e existe algo dentro de mim que é bastante explícito é minha sinceridade. Pérsia povoa meus pensamentos, minha sanidade e acaba por não deixar nada organizado no meu peito. Estou apaixonado e quero que ela tenha consciência disso, porque não vou aceitar que mais tarde ela tenha dúvidas quanto a isso.

Seu corpo está me deixando louco e a cada vez que ela tenta me afastar mais louco fico, mas é de raiva. Estou construindo sentimentos fortes por ela e não suporto que me afaste. A quero cada vez mais e não posso manter distância, não consigo.

As noites que passei longe dela, não consegui pregar os olhos por um instante, o que acabou por me deixar mais louco sem saber que porra era essa que estava ocupando meu coração. Não precisei de muito pensar para logo entender o que estava acontecendo. Tudo nessa mulher me fascina e ultimamente me transformei em um maníaco indo atrás dela. Não sou homem de fugir do que sinto e do que quero, não seria dessa vez que seria diferente.

Agora com o corpo dela pressionado contra o meu, enquanto tenta tomar banho, meu coração salta mais forte em meu peito, iluminando o dia.

— Marcelo — rosna me encarando lindamente com raiva, o que me faz sorrir. Não consigo me manter sério ao lado dela.

Eu sei que ela sente algo por mim. Atrevo-me a dizer que ela sente o mesmo que sinto por ela, só que tem medo de assumir para si. Pode parecer loucura e insanidade, mas quero que ela assuma para si, que acredite nos meus sentimentos.

— O que foi, amor? – pergunto mordendo o lábio inocentemente.

— Como vou banhar com você tão perto de mim? – Tenta me afastar, mas mantenho meu aperto em volta de sua cintura.

Olho em seus olhos e tento transportar pelos mesmos o que tenho no meu coração. Não me reconheço nesse momento, mas não vou me parar. Não para ela.

— Amo olhar em teus olhos, amo ter teu corpo perto do meu, amo te ter aqui, mas odeio quando me afasta, quando nega o que sente por mim. Eu sei que está apaixonada por mim, Pérsia. – Descanso minha testa na sua e suspiro. — Eu sei disso e não vou desistir de te ter. Juro que não vou. E quando, finalmente, você me aceitar, vou lutar todos os dias para que a chama do nosso amor nunca se apague.

Fecho os olhos, tentando levar a verdade saindo do fundo do meu coração a ela e me surpreendo quando ela sela meus lábios com os seus com um selinho demorado.

— Por que está fazendo isso? – pergunta ao afastar nossas bocas.

Seus olhos estão marejados e eu só preciso que ela acredite em mim.

Em cada palavra dita, porque foram todas verdadeiras.

— Porque te quero – sussurro e junto nossas bocas com um beijo lento, que transborda amor e paixão. Vejo que se entrega ao beijo, mas sinto uma parte dela lutar contra... uma parte pequena, já que não nos separou...

— Pérsia! Café da manhã, garota! É surda? Só serve para me dar trabalho, mereço! – Ouço a voz de Morgana do outro lado e rosno, separando nossas bocas.

Não me passou despercebido a forma que ela trata minha ruivinha e isso não poderia me deixar mais furioso. Ela deveria saber que não sou um homem que tenha dó de alguém, quando esse alguém mexe com o que é meu de uma maneira que não gosto e foi exatamente o que ela fez.

Estou pensando seriamente em não deixar isso barato...

— Preciso terminar o banho – diz me afastando.

— Porque se preocupa com ela? Te conheço por ser uma mulher fria e que não deixa que ninguém te pise, mas não é isso que vejo aqui – rosno a empurrando levemente, à medida que caminho para a frente colando seu corpo na parede.

Ela revira os olhos e eu continuo a encará-la.

— Não me preocupo com ela, na verdade, quero mais que ela exploda, só não quero desentendimentos com meu pai – diz e dá de ombros.

— Sério?

— Não preciso provar nada a você, Marcelo – rosna revirando os olhos e me afasta.

— Não vou discutir com você, meu amor.

Inclino-me e deposito um beijo na sua testa.



— Marcelo, preciso me vestir – diz rindo quando a abraço por trás e esfrego minha barba contra seu pescoço cheiroso.

Nosso banho pode ter demorado por alguns minutos, enquanto nós dois estávamos ocupados demais tentando decidir quem iria ensaboar quem e é claro, acabei ganhando o prazer de fazer isso com minhas próprias mãos. Tive cada pedacinho do seu corpo explorado por minhas mãos e não estou disposto a perder isso. Meu sorriso se alarga, quando ela tenta me afastar, golpeando-me com seu cotovelo.

— Sabe, estou pensando seriamente em te prender nesse quarto o dia inteiro – digo beijando seu ombro e ela gargalha alto.

— Não, Marcelo – diz e para por um momento como se estivesse se dando conta de algo só agora. Ela limpa a garganta e congela o corpo. — Me solta.

Tiro meu aperto do seu corpo e quando ela se afasta, pego em seu braço e a puxo de frente para mim, de encontro para meu peito. Olho no fundo dos seus olhos encontrando um conflito de emoções ali. Eu sei exatamente o que está pensando e não poderia estar mais desesperado para desfazer todo esse achismo que ela tem em relação a mim.

A quero tanto que dói, será que ela não é capaz de entender isso?

Eu me abri na noite passada na mesma cama em que dormimos agarrados a noite inteira e isso não foi o suficiente?

Suspiro e a encaro.

— Pérsia, até quando vai resistir ao que sente?

Ela arqueia uma sobrancelha e continua a encarar meus olhos. Sem conseguir a olhar dessa forma, coloco minha mão em seu pescoço e a puxo de encontro a minha boca, tomando sua boca em um beijo intenso, onde derramo toda minha sinceridade e emoções. Pérsia responde com a mesma intensidade, dando-me a entender que ela sente o mesmo.

O que se passa na cabeça dessa mulher? Queria estar lá dentro nesse momento para saber o que está pensando.

Pérsia desde o início foi um mistério para mim. Tenta resistir o máximo que pode ao que sente por mim, mas quando a tenho contra meu corpo fica toda entregue. Então, o que eu devo fazer é sempre mantê-la por perto. Exato.

Dessa forma, ela não irá me afastar quando eu me aproximar.

— Não precisa mais se apressar, Pérsia. Já tomamos café.

A voz de Morgana verbera por trás da porta e Pérsia me afasta rapidamente. Se vira e com o rosto sério caminha até a porta, abrindo-a no processo.

— Morgana, querida, você perdeu a noção do perigo? – O tom de voz da minha ruivinha está baixo, ameaçador.

Nossa, que meu tesão por ela só aumenta.

— Acho melhor você moderar seu tom, mocinha.

Reviro os olhos e me encaminho até elas, colocando-me logo atrás de minha ruiva. Enlaço meus braços ao redor da sua cintura e descanso meu queixo em seu ombro com meu olhar na mulher à frente de Pérsia.

— Bom dia, Morgana – digo e beijo o ombro de Pérsia.

Morgana desvia seu olhar do meu rosto, para o de Pérsia.

— Essa é uma casa de família, Pérsia – sussurra com o olhar ameaçador, fazendo-me rir.

— Estamos desrespeitando sua casa, Morgana? – pergunto arqueando uma de minhas sobrancelhas.

— Claro que estão e...

— Você não tem moral alguma para estar me repreendendo, Morgana. – Pérsia sorri e passa uma de suas mãos por meu braço. — Até porque não estou traindo ninguém, muito menos fazendo nada de errado.

Morgana semicerra os olhos e sua expressão fica nublada com ódio sendo expulsado por cada poro do seu corpo.

Não gosto nada disso.

— Não ouse tentar...

— Saia, Morgana e não volte a me incomodar.

Pérsia dá alguns passos para trás, levando-me junto e quando tem distância o suficiente da porta, a fecha e eu não consigo controlar a vontade

que se apoderou do meu ser de rir. Ela se vira com um sorriso nos lábios, observando-me enquanto me dobro de rir.

O que acabou de se passar aqui?

— Como você é besta! – diz sorrindo e sacudindo a cabeça. Dá a volta por mim e eu me viro para acompanhá-la.

Está vestida com uma calça jeans, sutiã preto, que deixa seus seios ainda mais desenhados que já são. Uma parte de mim, quer tirar essa coisa do corpo dela para logo em seguida tê-los em minha boca, mas a outra parte quer apenas ficar aqui admirando cada parte dela, que hoje está tão mais leve, confortável e despojada.

Quero que seja sempre assim comigo. *Somente comigo.*

Pérsia pega uma blusa de dentro da sua mala e a veste. Sorrio, quando vejo que é uma da banda *System of a down*.

— Sabe, eu odeio ficar o dia inteiro em cima de saltos.

Suspira e eu sorrio.

— E por que fica?

— Porque fui imposta a isso. – Então, ela dá de ombros e se apoia na parede para calçar os sapatos de saltos enormes.

Quando está segura em cima do mesmo, aproximo-me dela e a abraço por trás, enlaçando mais uma vez meus braços ao redor de sua cintura e descansando meu queixo em sua cabeça.

— Eu estou tão apaixonado por você.

XVIII

Pérsia Martins

Marcelo apaixonado por mim? Acho que vou acabar pirando, porque não consegui ver nenhum fingimento em sua forma de falar, pelo contrário, senti verdade e eu acho que vou pirar.

O homem passou o dia inteiro me seguindo para todo canto que eu me deslocasse, transformando-se na minha segunda sombra e em qualquer canto reservado que encontrava, puxava-me e me agradava com seus lábios contra os meus. Confesso que não achei ruim em nenhum momento, o que ele está me causando, mas veja só, não sou uma mulher acostumada a tantas demonstrações de amor e carinho. Faz parte do meu instinto desconfiar de qualquer atitude ou qualquer coisa que envolva ele por perto de mim.

Quando o conheci o que ele queria era se aproximar de mim, para, enfim, dar o golpe e ter tudo que tenho. *Porra, o que mais eu poderia fazer em relação a isso?*

Agora, estou sentada à uma mesa no jardim extragrande dessa casa com Marcelo ao meu lado. Sua mão repousando em cima de minha perna, queimando minha pele desejosa de mais contato, desejando que ele explore cada canto do meu corpo com essas mãos que me deram bons momentos de prazer.

Suspiro, tendo a certeza de que não estou com meu raciocínio no lugar certo.

Observo quando ele pega o copo de whisky de cima da mesa e leva até seus lábios, sorve o conteúdo com o olhar perdido por entre o campo e eu só reservo esse pequeno momento para observar cada cantinho do seu lindo rosto.

— Ai que tempo quente!

Saio do meu torpor para desviar meu olhar para minha prima, Valéria, que está se abanando com um leque.

Ridícula.

Seu olhar está em Marcelo e eu não deixo passar de forma alguma, o momento em que ela dá uma sacudida de leve nos seios para chamar sua atenção, o que me faz arquear uma sobrancelha involuntariamente. Eu não sei o que diabos está se passando por meu interior, que uma raiva tão pesada se apoderou do meu peito e da minha cabeça. Meus olhos semicerram e minha respiração acelera tamanha é minha vontade de voar em cima dessa biscate de quinta!

Meus deuses onde vocês estão? Esse é o exato momento para que vocês apareçam para me impedirem de fazer uma merda!

— Você não acha, Marcelo? – pergunta mordendo o lábio e eu sorrio.

Não, eu não sorri porque achei engraçado o que ela falou. Eu sorri, porque estou com meus nervos à flor da pele para me levantar o mais rápido que eu posso dessa cadeira e estrangular o pescoço dessa vaca.

Marcelo volta sua atenção para ela, o que me faz puxar uma respiração.

— Desculpe? – pergunta sorrindo na direção dela e tudo que eu quero nesse momento é depositar meu punho no rosto dele com toda a força que se apoderou do meu corpo, mas tento me controlar.

— Calor, está fazendo muito calor – diz e sorri parecendo uma galinha engasgada.

Parem, meus deuses, eu não mereço presenciar isso aqui!

Decidida a me poupar dessa cena ridícula, tiro a mão de Marcelo da minha perna e me levanto, fazendo com que a atenção dele se volte completamente para o meu rosto.

— Para onde vai, amor? – pergunta se preparando para levantar.

Reviro os olhos e continuo tão séria, quanto eu já estava antes de levantar.

— Banheiro.

Dito isso, afasto-me da cadeira e caminho rumo a parte de dentro da residência, mas como eu não sou uma pessoa com sorte na vida, meu gracioso pai me vê e me chama com um movimento básico com as mãos.

Reprimo a vontade de revirar os olhos e burlo meu caminho para ir até ele. Caminho com passos largos e rápidos, para que eu me livre logo seja do que for que ele esteja querendo.

Estou de saco cheio dessa droga de lugar, maldição!

Assim que estou ao lado dele, ele passa seu braço por meu ombro, trazendo-me para perto do seu corpo com um largo sorriso amarelo estampado nos lábios. Em sua frente estão dois homens bem bonitos e vestidos casualmente, encarando-me com bastante atenção.

— Filha, está curtindo esse belo dia ensolarado? – pergunta ostentando um enorme sorriso e eu não posso resistir a vontade de revirar os olhos.

Sabe, quando você conhece uma pessoa melhor que qualquer coisa?

Então, Russo Martins, está com uma alta dose de álcool em seu sistema e sempre que ele está dessa forma, adivinhe quem ele usa para fazer passar vergonha. Isso mesmo, a minha pessoa. Mas como nesse momento não estou com meu humor mais aflorado, não garanto que saia algo agradável para ele, até porque não sou obrigada a manter aparência diante a ninguém.

— Vá direto ao ponto, Russo – digo tirando o braço dele do meu ombro e dando um passo para o lado.

— Sou teu pai, menina – diz fazendo-me revirar os olhos. Levo meus dedos até minha cabeça e coço meu couro cabeludo, tamanha é minha impaciência. Meu subconsciente grita para que eu me vire para saber o que diabos está se passando na mesa que acabei de me levantar, mas se eu olhar,

vou estar mostrando que me importo e isso não é algo que eu queira demonstrar...

Ah, foda-se!

Aceitando o que meu subconsciente berra, viro meu pescoço para a mesa e encontro Marcelo me encarando com o maxilar travado, enquanto minha maldita prima está tagarelando alguma coisa para ele. Rapidamente, volto meu olhar para a frente, onde os dois homens me encaram, alternando entre sorrisos e goles em suas bebidas.

— Você me chamou aqui, apenas para me dizer isso, Russo? – pergunto o encarando.

Ele sorri sacudindo a cabeça.

— Te chamei para te apresentar esses dois rapazes, filha.

Sorrio, para os dois e tento ser o mais simpática que posso nesse momento.

— Prazer, me chamo Pérsia...

— Marcelo, o namorado de Pérsia. – A voz grossa dele verbera por trás de mim e um de seus braços rodeiam minha cintura colando sua frente contra minhas costas. — Com licença.

Vira-me mantendo seu aperto forte contra minha cintura e me força a andar pelo enorme jardim até entrar na casa. Ele apressa seus passos me arrastando até a escada e eu paro, negando-me a deixar ser arrastada dessa forma. Escuto seu rosnado e logo a pressão de seu braço na minha cintura aumenta, quando ele me levanta tirando meus pés do chão e me sustentando apenas com seu braço.

Corroendo-me por dentro, não digo uma palavra e ele segue meu exemplo. Sobe cada degrau rapidamente como se meu peso não importasse nada para ele.

Esse é o momento que eu desejaria pesar pelo menos cento e vinte quilos.

Ao chegar no topo das escadas, ele me encaminha para o corredor dos quartos, arrastando-me diretamente para o meu. Posso escutar sua respiração acelerada, quando para de caminhar. Pego a chave do quarto do meu bolso traseiro e coloco na porta, a destravando.

Marcelo me empurra para dentro do quarto e com uma de suas mãos fecha a porta com um baque, enquanto a outra tira seu domínio de minha cintura.

— Você não sorri para outro homem, que não seja eu, Pérsia! — rosna e eu arqueio uma de minhas sobrancelhas.

Ele respira fundo e volta a me encarar, seu rosto aderindo uma careta irada e eu só tenho vontade de esganá-lo. Sem dar tempo para que eu fale algo, Marcelo se aproxima de mim e rodeia novamente minha cintura com seus braços fortes e me prende contra a parede mais próxima de mim. Levanta-me, deixando minha cabeça na mesma altura que a sua e eu enlaço sua cintura com minhas pernas. Sua respiração está mais rápida que o normal e eu me prendo ali por um segundo, para logo em seguida ele lacrar minha boca com a sua, tomando-me de surpresa. Sua virilha fazendo fricção contra a minha e eu não preciso de muito para que eu me entregue toda aqui para ele. Sua língua invade minha boca, circulando ao redor da minha e a massageando.

Meu corpo está quente, acordado da maneira mais certa existente e minha parte de baixo tão quente quanto qualquer outra parte do meu corpo.

Rodeio seu pescoço com meus braços e entranho seu cabelo com meus dedos, puxando à medida que o beijo vai tomando medidas mais intensas. E, sem um aviso prévio, ele separa sua boca da minha, deixando-me zonda e desejosa por mais.

Quero muito mais e quero agora, porra.

— Pérsia... — suspira —, não quero teu sorriso destinado a outro homem. Eu só não consigo...

Não consigo controlar a vontade de rir e assim o faço.

— É meio sem noção você me fazer um pedido como esse, não acha? – pergunto apertando ainda mais minha virilha contra dele ganhando um rosnado de resposta.

Ele sorri contra minha boca e se afasta bruscamente, ganhando em troca minha frustração.

Meu interior queima para tê-lo, deuses!

— Eu vi a forma que seu rosto mudou quando Valéria se aproximou...

— E você sabe o nome dela? – pergunto colocando minhas duas mãos em seu peito e o afastando mais.

O que é que está acontecendo aqui?

— Isso é ciúme? – pergunto aderindo um largo sorriso, que me faz semicerrar os olhos.

— Não! Estou surpresa e...

Paro de falar quando ele cola seu corpo no meu abruptamente e eu puxo uma respiração forte. Seus dois braços estão o apoiando na parede, enquanto sua cabeça está na altura da minha. O rosto aderindo uma cor vermelha e a respiração mais uma vez se acelerando.

Que homem lindo, meus deuses!

— Para de me afastar, Pérsia. Para de negar o que sente – rosna com seu olhar intenso no meu.

Não consigo falar nada, já que estou perdida no mar de sentimentos que está sendo estendido à minha frente. Tanta coisa percorrendo esse olhar, suas feições, que estou mais impactada que nunca.

Sem conseguir produzir uma palavra, faço o que meu instinto manda e selo minha boca com a dele, levando minha língua de encontro a sua em uma

dança sensual de puro desejo e carnalidade.

A porta se abre e a voz alta de Morgana se faz presente no lugar, fazendo com que nosso momento se acabe.

— Vocês respeitem essa casa! – fala alto e nós nos afastamos.

Ela deve algum tipo de problema, porque não é possível que ela realmente não acredite que eu poderia falar o que sei para o marido dela.

Marcelo descansa sua cabeça em meu ombro e eu a encaro.

— Você não aprende, titia – digo e ela não diz nada, apenas me encara com raiva piscando em seu olhar e logo em seguida, sai do quarto, fechando a porta com um baque.

— Não aguento mais essa mulher – rosna e eu rio balançando a cabeça.

— Ela é impossível e me odeia.

Ele afasta sua cabeça do meu ombro e mais uma vez olha em meus olhos.

A quem quero enganar, meus deuses?

Eu estou perdidamente apaixonada por ele. Sem quaisquer vestígios de dúvidas.

XIX

Pérsia Martins

A noite chega e o sono se instala em meu corpo, não deixando que eu raciocine direito. Estamos na sala de jantar, onde todos estão reunidos com seus pratos a suas frentes sendo devorados. Marcelo ao meu lado com sua mão constante em minha perna, deixando-me confortável. Ok, posso até me acostumar em tê-lo dessa forma comigo. Amo receber toda essa atenção como estou recebendo agora. Sempre foi meu desejo ter alguém para compartilhar minhas inseguranças, para receber amor, tanto quanto para entregar. Não sei o que vai seguir a partir daqui, não sei o que vai acontecer em nosso futuro, mas não quero ficar me privando do que eu posso ter de bom na vida, logo quando sonhei tanto para ter tudo isso.

— No que está pensando, linda? – Escuto sua voz sussurrando em meu ouvido e logo minha atenção está toda em seu rosto. Seus olhos estão dançando de alegria e eu não sei lidar com isso. Acho que estou tão acostumada a não ter atenção dos outros, que nesse momento tudo isso é tão confuso e revelador.

Confuso, porque não sei se seus sentimentos são reais e revelador, porque é uma coisa tão gostosa de se apreciar e vivenciar. Estou em cima do muro, sem saber o que fazer, mas de algo tenho certeza, preciso me permitir.

Se for uma armadilha, irei cair, mas irei levantar...

Será mesmo?

Já passei tantos anos sendo ignorada, fazendo parte dos planos do meu pai e nunca recebendo uma palavra de carinho, afeto e amor. Não sei, mas isso tudo é estranho para mim.

Suspirando, resolvo expulsar todos esses pensamentos da minha cabeça.

— Nada de importante – digo dando de ombros.

Ele se vira em minha direção e me encara sério.

— Se te fez tão distante, é importante, logo é do meu interesse – fala com seus olhos cravando atenção no meu. — Já disse que não pretendo te enganar, Pérsia.

— Marcelo, isso não é de teu interesse. Meus pensamentos ficam guardados somente para mim – rosno semicerrando os olhos e ele bufa.

— Você é minha, logo tudo que é relacionado a você e seus sentimentos, são meus – diz com punhais de ferro sendo lançados por seus olhos, o que me faz sorrir.

Isso foi muito fofo e eu quero essa boca contra a minha, porque de repente o desejo floresceu em meu ser, tomando conta da minha imaginação. Encaro seus lábios e ele faz o mesmo com os meus.

— O que está fazendo, Pérsia? – pergunta com sua atenção voltada inteiramente para mim, o que me faz ter mais vontade de tê-lo.

Meus deuses, vocês poderiam estar atuando junto a mim agora, não é?

— Não estou fazendo nada – digo batendo meus cílios, levando uma falsa inocência para ele, que semicerra os olhos em minha direção.

Logo, um largo sorriso se instala em seus lábios, fazendo-me sorrir automaticamente junto a ele.

— Sabe, minha linda, acho que você está precisando urgentemente de um beijo – ele diz mantendo o sorriso nos lábios e se aproximando da minha boca. Puxo uma respiração longa, antes que ele sele nossos lábios, com um selinho demorado.

Curto esse contato com gratificação, enquanto sua barba amacia minha pele.

Nos separamos ao escutar uma série de suspiros e limpações de

gargantas, o que faz parecer um coral combinado. Marcelo desvia seu olhar do meu somente para olhar ao redor da sala com seu rosto sério. Sua mão aperta minha coxa e a sobe até que se posiciona perto de meu centro úmido ansioso por seu toque e estímulo.

— Não tenho culpa se amo essa mulher – diz e meus olhos se arregalam à medida que o ar parece sumir dos meus pulmões. Sinto meu rosto esquentar quando minha concentração se foca única e inteiramente em seus olhos, à procura de algum sinal de mentira. Ao constatar que esse sinal não existe em seus olhos, meu coração para uma batida e por um momento chego a acreditar que todo o mundo parou para que somente nós dois pudéssemos ter esse tempinho juntos. — Sim, eu quis dizer exatamente isso.

Não pude raciocinar, meu corpo agiu por mim, tanto que quando fui me dar conta meu braço estava ao redor do seu pescoço e minha boca colada com a dele com minha língua invadindo sua boca, enquanto ele apertava minha coxa enviando correntes elétricas diretamente para o meio das minhas pernas.

— Por favor, vocês dois! Essa é uma casa de família! Nos respeitem, por favor! – Escutamos a voz de minha tia e logo nos afastamos.

Desvio meu olhar instantaneamente em sua direção com as sobrancelhas arqueadas.

— Você se acha muito no direito de cobrar respeito, não é? – digo a encarando. — Já que tanto cobra, deveria começar a aplicá-lo também, para que tenha moral de cobrar alguma coisa de alguém.

Um coro de “Oh” se faz presente na sala a deixando com o rosto vermelho e olhos arregalados. Sorrio ao ver que cumpri minha meta.

— Do que ela está falando, Morgana? – pergunta meu tio se virando inteiramente para ela.

Vendo que não tenho nada mais a fazer nessa mesa, levanto-me com Marcelo seguindo meu exemplo. Os olhos da minha tia continuam arregalados e observo sua respiração acelerada.

— Acho que a senhora deveria tomar um tempo explicando a meu tio, Morgana – digo e me viro caminhando rapidamente para sair dali.

Assim que alcanço a escada, escuto o riso contido de Marcelo.

— Você é mesmo impossível, meu amor.

Abro a porta do meu quarto e o adentro esperando que ele entre para que eu feche a porta. Assim que está dentro do quarto, me viro e encosto meu corpo contra a porta do quarto. Meus dentes prendendo meu lábio inferior e meu olhar preso no dele, que me olha com um sorriso em seus deliciosos lábios.

— Sabe – começo liberando meu lábio de meu dente —, estava pensando o quanto seria maravilhoso ter o teu corpo contra o meu agora. – Minha voz sai como um sussurro e seu sorriso se alarga mais ainda.

— Meu corpo está louco para te ter nua na minha frente, enquanto exploro cada cantinho de sua pele com minha boca e mãos, mas minha cabeça diz para que eu deite com você essa noite e te embale nos meus braços, até que nós dois estejamos dormindo.

— Não estou com sono – digo dando de ombros.

— Sei muito bem que você está morrendo de sono, amor – diz me encarando seriamente.

Reviro os olhos enquanto o encaro.

— Estou te dizendo que te quero e você está preocupado com meu sono? – pergunto arqueando uma sobrancelha.

Nunca vi isso na minha vida. Geralmente, quando você diz a um homem que o quer, o mais lógico é que ele te agarre e te faça dele. Não estou entendendo essa recusa de Marcelo.

— Lógico que estou preocupado. – Ele me encara como se eu tivesse três cabeças. — Certa vez, li em um livro que amar é se conectar ao outro formando um só, não existindo limite para o sentimento que você sente,

sabe? Tudo relacionado a você vai me preocupar e eu não poderia estar mais feliz por tê-la ao meu lado para que eu cuide de você e não, não vou permitir que nada te aconteça. Toda e qualquer ameaça dirigida a você será eliminada com total êxito, porque irei me certificar disso pessoalmente. Quem ama, cuida. Quem ama, protege. Quem ama, luta. E eu te amo, então não espere nada menos vindo de mim.

Definitivamente, esse foi o momento que perdi o meu coração.



Acordo, sentindo muito calor. Tento me mexer, mas isso se torna impossível já que um peso enorme está posicionado em cima de meu corpo, já pesado do sono. Tomo sentido de quem está deitado perto de mim e meu lado diabólico, tem uma ideia que vai fazer com que ele acorde do jeitinho de que eu desejo tê-lo.

Como seu corpo está de frente para minhas costas e sua virilha contra minha bunda, faço o que tenho certeza que vai fazê-lo acordar no ponto que quero. Rebolo minha bunda fazendo fricção contra o seu pau, que já o sinto duro.

Sorrio quando seu corpo pressiona mais o meu contra a cama e eu posso imaginar, que ele está fazendo isso automaticamente.

Aumento minha fricção e logo escuto um gemido romper sua garganta.

— Porra! – rosna com sua voz rouca e seu corpo se afasta do meu, fazendo com que eu me vire rapidamente para protestar seu movimento.

Deita de peito para cima na cama e eu não penso muito antes de levantar meu tronco da cama e com um impulso, monto em sua cintura, passando minha perna pela mesma.

— Bom dia – digo passando minha virilha contra a sua.

— Pérsia! – chama colocando suas duas mãos ao redor de minha cintura e para meus movimentos.

O encaro fazendo beicinho.

— Marcelo! – digo franzindo as sobrancelhas.

Levo minhas duas mãos até a bainha de minha curta camisola e a levanto, revelando meu corpo diante dos seus olhos até que ela esteja fora de mim. A jogo no chão e o encaro com um sorriso rebelde nos lábios.

— Você está tão sexy com a cara toda amassada e os olhos sonolentos – digo me inclinando e passando minha mão em seu rosto suavemente.

Seus olhos estão presos nos meus seios, o que me faz morder meu lábio inferior.

Jogo meu cabelo para o lado e concentro meu olhar repleto de desejo nos seus. Apoio meu tronco colocando meus dois braços em seu peito e sua atenção ainda não desvia dos meus.

— Gosta do que ver, Marcelo? – pergunto sussurrando.

— É muita tentação para um homem apaixonado, como eu. – Leva uma das suas mãos até meu seio e o aperta. Rebolo contra seu pau já duro e logo, ele levanta, colando seu peito contra o meu. Pele contra pele. Excitação contra excitação. Boca contra boca. — Você não está facilitando meu trabalho aqui, Pérsia...

O interrompo tomando sua boca na minha e o beijando com lasciva paixão. Meus dedos adentrando seu cabelo e apertando seus fios, fazendo um gemido rouco ser ouvido. Seu aperto na minha cintura aumenta à medida que aumento meus movimentos em cima de seu pau.

Sua boca separa da minha e ele me encara.

— Cansei de me fazer de difícil.

Sorrio e ele se inclina jogando meu corpo contra a cama e logo se posiciona no meio de minhas pernas.

É disso que eu gosto, porra!

XX

Marcelo Marquês

Pérsia me encara com um sorriso estampado nos lábios, enquanto faço o mesmo em sua direção. Ela está sentada à minha frente com um livro em cima da sua coxa e a atenção voltada inteiramente para mim.

Não há ninguém na sala além de nós dois, o que é muito bom.

Depois do nosso toque de acordar tomado por fogo misturado a carícias e sexo gostoso matutino, descemos, tomamos nosso café e viemos nos sentar aqui na sala, onde não tem ninguém.

Um homem poderia ser mais feliz?

Na verdade, eu poderia ser mais feliz se a gente ficasse aqui pelo resto das nossas vidas. Acho que vou dar um jeito de comprar essa casa, para que a gente venha sempre nos finais de semana. Russo e eu precisamos de uma conversinha camarada, porque não vou correr o risco de deixar minha mulher sofrer alguma coisa por causa de irresponsabilidades que ela nada tem a ver. Se ele não se preocupa com ela, o problema é único e inteiramente dele, mas vai ficar sabendo em primeira mão que agora ela tem alguém para protegê-la. Vou me encarregar de cuidar de cada necessidade que ela vir a ter.

Quero-a muito feliz ao meu lado sem quaisquer dúvidas do que sinto por ela e sem qualquer perigo. Não é minha intenção fazê-la se magoar, por isso tratarei de perto para que esteja bem sempre.

— Sabe, você fica sexy no modo despojado – diz dando de ombros me fazendo rir alto.

Eu escutei o que acho que escutei?

Pérsia Martins está dizendo que estou sexy?

— E você fica sexy de todos os jeitos – digo mordendo um lábio e piscando um olho em sua direção, que revira os olhos.

Escuto o barulho de passos e a tia dela adentra o local em cima dos seus saltos enormes, vindo diretamente em nossa direção.

— Tomaram café...

— Ninguém está pedindo tua presença aqui, Morgana – Pérsia diz sem desviar o olhar para a mulher.

Reprimo uma risada colocando uma mão na minha boca. Encaro Morgana, a encontrando com o rosto vermelho e os punhos fechados. Está se controlando a todo custo para não pular em Pérsia.

Como se nada tivesse acontecido, ela adere um sorriso falso, se vira em seus calcanhares e sai de perto de nós meio caminhando, meio correndo e quando ela finalmente sai por completo da sala, um riso estrondoso sai da minha boca. Isso foi muito genial e maldoso! Mas ainda não posso esquecer que Morgana fez e fala muitas coisas desagradáveis para minha mulher. Coisas essas que não gosto nada e foi por esse motivo que designei meu motorista para manter um olho nela e caso ele veja que ela está indo se encontrar com o motorista da casa vizinha, que registre esse momento imediatamente.

Pobre mulher. Não sabe com quem acabou de se meter.

— Vaca falsa! – rosna tirando o livro da sua coxa e o depositando em cima da mesa, que está ao seu lado.

Ela se levanta, logo em seguida, alisando a saia jeans que está vestida.

Tive algumas paradas cardíacas ao vê-la vestida nessa saia. Pensei algumas vezes em rasgá-la somente para que ela a retirasse do seu corpo, mas eu sei que isso não iria agradá-la. Resolvendo manter nosso relacionamento confortável, manti meus pensamentos dentro de uma caixa e não os coloquei em prática. Sei quando sou irracional e irei lutar arduamente para não deixá-la desconfortável por causa de vontades ou discordâncias minhas.

— Pérsia, filha! – a voz animada de Russo chama minha atenção e eu me levanto rapidamente. Ele se aproxima de Pérsia com mais dois homens ao seu lado. Sorrindo de orelha a orelha, pega a mão da minha mulher na sua e a puxa para um abraço.

Percebo que Pérsia tem um olhar brilhante, que logo é substituído por nada mais que um vazio. Isso fez com que meu coração rachasse um pouco.

Tratando de tirá-lo de perto dela, aproximo-me dos dois e o encaro.

— Vamos conversar, Russo – digo com minha voz grave, deixando bastante claro que não quero ouvir recusas.

— Marcelo! – diz sorridente e eu mantenho minha expressão séria.

— Escritório, sogrinho – digo e abro um sorriso.

Ele acena e toma a frente deixando Pérsia como se fosse uma desconhecida.

Eu odeio esse cara com toda a força do meu ser!

Caminho logo atrás dele, mas me lembro que esses dois idiotas podem tomar um lugar perto de Pérsia, o que não me agrada muito e como não tenho o sangue de barata, viro-me e encaro cada um dos dois com ódio estampado no meu olhar.

— Minha mulher – digo apontando para Pérsia, que arregala os olhos. — Espero não ter o desprazer que ver algum dos dois perto dela.

Dito isso, viro-me dando de cara com Russo com a boca aberta em uma metade de sorriso, o que me faz revirar os olhos e apontar para a frente.

— Escritório – digo sério.

Ele acena e caminha diretamente para o escritório sem parar no meio do caminho para dar atenção à mais ninguém. Assim que chegamos, ele fecha a porta e eu vou diretamente para o sofá que tem no canto do lugar.

Sento-me e ele faz o mesmo.

— Whisky? – pergunta arqueando uma sobrancelha.

Aceno e ele se inclina pegando os copos e os servindo com a bebida que estava em cima da mesinha ao lado do sofá. Entrega-me o copo redondo e eu bebo um pouco do meu líquido apreciando quando o mesmo desce queimando por minha garganta.

— Tenho dois assuntos para tratar com você – digo e ele acena tomando de sua bebida.

— Fale.

— Encerre o processo que está movendo contra o cara que ameaçou Pérsia – digo e ele arqueia as sobrancelhas. — Você pode ser uma merda de pai que não se importa com o que vai acontecer com a tua filha, mas a partir de agora, ela é minha responsabilidade, ou seja, todo e qualquer risco que ela correr, estarei eliminando. Seria de muito bom agrado se você colaborasse para termos uma boa relação. – Bebo mais um gole da minha bebida e ele sorri balançando a cabeça.

— Eu já estava tratando desse assunto...

— Mentira. Sabemos bem que você não moveu um dedo para desfazer esse processo. Faça isso imediatamente, por favor – digo sorrindo e tomando mais um gole do whisky.

— Minha filha soube escolher bem o homem para casar.

— Quero comprar essa casa – digo o fazendo se engasgar com sua bebida.

Reviro os olhos e paro um pouco quando a porta se abre e aquela antiga secretária da Pérsia adentra a sala com um enorme sorriso. Pérsia entra logo atrás dela com os olhos arregalados, o rosto vermelho e a respiração acelerada. Levanto-me rapidamente depositando minha bebida em cima da mesinha e me encaminho até estar na frente dela. Coloco minhas mãos em

cada lado do seu rosto e a encaro observando que não está passando muito bem.

Acho que vou acabar matando esse homem! Não consigo ver e aceitar o quanto ele fere minha mulher.

— O que é isso? – pergunto em um sussurro quando ela desvia o olhar para trás de mim.

Eu sinto que a qualquer momento ela vai quebrar e porra, não quero que isso aconteça na frente desse verme.

— Eu acho que vou cometer um assassinato – sussurra olhando nos meus olhos. Os seus estão brilhosos com lágrimas ameaçando surgir ali e isso está tirando meu controle.

Isso não é bom...

— Vejo que minha surpresinha chegou! – a voz de Russo soa alegre por trás de mim.

— Não vim antes, porque estava renovando meu guarda-roupa, amor. Desculpa! – diz e nesse momento os olhos de Pérsia se alargam mais ainda, as lágrimas ameaçando descer por seus olhos.

Desço minhas mãos para seus braços e os aperto chamando sua atenção para meu rosto.

— Vamos deixá-los sozinhos, só um instante – digo e a arrasto para fora dali fechando a porta no processo. Caminho rapidamente com ela ao meu lado até que chegamos a porta do seu quarto. Pérsia parece perdida em pensamentos quando, de repente, com um gesto grosseiro, ela solta seu braço do meu aperto. — Eu não vou te deixar, Pérsia – rosno e ela levanta o olhar com os olhos injetados com a mais crua ira.

Em todo esse tempo que estive perto dela a provocando, nunca a vi dessa forma.

— Essa escolha foi sua – rosna e volta o caminho que fizemos agora

pouco.

Sem conseguir controlar meu instinto a sigo com uma mão posicionada em seu ombro.

Ao chegarmos no escritório, Pérsia abre a porta de uma vez e quando ela bate contra a parede, minha mulher coloca um sorriso nos lábios.

Eu sei que isso é falso e sei que ela vai ligar o foda-se.

— Então, quer dizer que os dois estão juntos? – pergunta com uma fingida graça. — Até que os dois combinam... Ah, pera! Vou ter uma irmãzinha?

A mulher que está sentada nas pernas de Russo sorri largamente mordendo o lábio.

— Um irmãozinho, querida – diz parecendo brilhante.

Posso jogar uma aposta que ela não está grávida porcaria alguma e que isso aqui não passa de um golpe.

— Ela vai ter o mesmo fim que você deu a minha mãe se ela te der uma filha mulher, Russo? – Pérsia pergunta com sua carregada a rancor, fazendo meus olhos se arregalarem.

Minha mente dá um giro completo e logo estou novamente naquele dia em que ele jogava várias ofensas em Pérsia e ele disse algo sobre a mãe dela.

— Aquela vadia mereceu o que teve. Até hoje não entendo o que deu na minha cabeça para seduzi-la. Ela era como você, sem sal, emotiva, fraca e incompetente. – Suspira passando a mão em cima da perna da mulher em seu colo. — Cuidado para não acabar do mesmo jeito que ela. Esse homem que você escolheu para namorar é igual a mim – diz e gargalha alto.

Puxo uma pesada respiração o encarando com ódio.

— Você é muito iludido, Russo – digo rindo. — Não tem nenhuma semelhança entre mim e você. Sabe porquê? Você é um velho oportunista

que não se importa com ninguém ao teu redor e que vai terminar sozinho, porque essa daí vai tirar cada tostão que você possui. Já eu, amo a mulher que tenho e não pense que tudo que você disse aqui nesse momento vai passar batido por mim, porque não vai. Se não quiser que eu te abale por completo, trate de resolver aquele probleminha.

Viro-me para Pérsia, que me encara com os olhos arregalados e a boca entreaberta. Dou de ombros e pego sua mão. Tiro-a de dentro desse lugar cheio de energia pesada e a levo para outro, talvez com uma energia mais leve.

Acho que irei repensar aquela minha ideia de comprar essa casa.

XXI

Marcelo Marquês

S eu choro baixinho em meu peito está acabando com o pouco de controle que ainda tenho em meu interior. Desde que entramos no quarto dela, que seu olhar está distante e do nada lágrimas começaram a rolar por seu lindo rosto. Não demorou muito e ela começou a fazer pequenos barulhos, que não consegui escutar quieto e tratei de trazê-la o mais rápido possível para perto do meu corpo.

Meus pensamentos estão vacilantes e estou pensando seriamente em voltar para baixo e acabar com aquele maldito do Russo, junto com a Morgana e a secretária interesseira. Que as forças divinas me ajudem ou eu vou acabar matando esse povinho de merda, que só prestam para magoar a mulher que amo.

Porra, não sou nenhum idiota otário para não perceber o quanto a família dela só se preocupa com o status.

As horas se passam e eu fico aqui ao lado dela apenas passando a mão por seu cabelo liso à medida que sua respiração vai se acalmando, junto com seu choro, o que faz meu coração se acalmar um pouco em meu peito.

— Desculpa – diz fungando e se afastando de mim.

Mantenho meu aperto em torno de seu corpo e não a deixo se afastar.

— Não tem motivo para estar se desculpendo – digo soltando uma longa respiração.

Ela se remexe, mas não me encara, o que me incomoda.

Posso bater uma aposta nesse momento que ela deve estar morrendo de vergonha por ter chorado na minha presença e tenho certeza que eu ganharia. Suspiro, afastando meu corpo do seu, mas ela pressiona sua cabeça em meu peito, impedindo-me, o que me faz sorrir abertamente.

— Minha linda, como está se sentindo? – pergunto passando minha mão por seu cabelo bagunçado.

— Quero pintar meu cabelo – diz me deixando um pouco confuso.

Ok, acho que preciso estudar melhor essa mulher, porque ela não pode ser muito normal. Mas se bem que eu entendo sua atitude. Ela está manobrando a situação para fugir dos meus questionamentos.

Suspiro decidindo que isso não vai passar.

Ela tem que começar a aprender que não pode estar guardando as merdas para si. Estou aqui para tudo e ela precisa entender que se depender de mim, jamais vai passar qualquer necessidade. Estou falando do emocional até porque do financeiro sabemos que ela não precisa. E mesmo se precisasse estaria, nesse momento, bastante instabilizada, porque eu faria de tudo para dar tudo que ela desejasse.

A julgar pelo seu jeito, seu olhar, suas apreensões, pude perceber que sofre de uma carência muito grande que estou disposto a amaciar com muito amor, carinho e atenção.

Estou aqui aberto e inteiro para ela, como nunca... se atente bem ao que estou dizendo. Nunca estive para mais ninguém, nunca estive aberto para o amor com outras mulheres, porque o que elas desejavam era dinheiro, status, o meu sobrenome e é claro, o meu corpo para que elas tivessem satisfação sempre que quisessem. Só estive disponível para elas de uma única forma: o sexo. E olhe que não passava de uma vez, porque eu sabia bem o que acontecia caso passasse disso.

Velho Pedro falava muito disso e eu procurei seguir alguns dos seus conselhos rigorosamente.

Sou um homem persistente e é exatamente por isso que vou lutar cada dia da minha vida para ter Pérsia. E não adianta que ela tente se enganar e passar essa mentira para mim.

Eu não vou deixar que isso influencie em nada.

Pensando nisso afasto do meu corpo e levo meu dedo até seu queixo, levantando-o para encarar seus olhos.

— Como você está se sentindo? – pergunto arqueando uma sobrancelha.

Não vou deixar que ela se esconda de mim, que esconda o que a atormenta.

— Marcelo...

— Pérsia, me diz.

Suspirando ela tira meu dedo do seu queixo e se senta na cama, cruzando as pernas. Com o olhar concentrado em suas mãos, que repousam em seu colo, ela começa a falar.

— Me sinto uma bosta. – Suspira. — Não consigo acreditar no que meu pai é capaz de falar e de fazer comigo. Ele não sente nenhum tipo de sentimento por mim? – Ver as lágrimas se formando novamente em seus olhos fez meu coração chorar junto a ela. — Sabe, dediquei toda minha vida até aqui para fazer tudo... tudo para agradá-lo, chamar sua atenção... – Funga e leva seu braço até o nariz, passando ali. — Prossegui em algo que nunca foi minha paixão, me dediquei em algo que ele impôs na minha vida e abandonei o que sempre amei. Sim, estou muito mal por causa disso e não sei o motivo de ainda persistir nessa esperança sem cabimento.

Encaro-a com atenção, enquanto escuto e pondero o que acabei de ouvir.

— Talvez esse seja o momento em que você deva parar de pensar pelos olhos do seu pai e começar a agir em seu benefício, amor. Você não precisa disso para ser feliz – digo me levantando e me arrastando até estar à poucos centímetros de distância dela.

— Sim, Marcelo, mas isso é coisa de criança, sabe? Eu sempre quis a atenção dele, sempre quis o amor dele, sempre quis receber, sabe? Mas eu não tive isso nunca – diz e não consigo resistir à necessidade de tê-la em meus braços, fazendo contato com minha pele.

Porra, eu não quero que ela se sinta assim nunca!

Eu odeio ainda mais Russo por fazê-la sofrer dessa forma.

— Mas Penélope não vai passar assim por aqui não. Ela está pensando que tem tudo nas mãos dela... pobrezinha.

Sorrio com seu tom de voz sombrio.

— Ela não está grávida – digo passando a mão por suas costas.

— Pode estar, mas duvido que o filho seja do meu pai. E se for, será bem-vindo... a criança, porque ela vai comer o pão que o diabo amassou nas minhas mãos.

Essa mulher ainda vai causar alguns infartos em algumas pessoas.

— Marcelo.

— Sim, amor? – pergunto me afastando para olhar seu rosto. Dos seus lindos olhos não caem mais lágrimas, mas ainda estão vermelhos junto com seu nariz.

Russo, isso vai ter troco, querido!

— Estou com sede – desvia seu olhar para o chão —, mas não quero descer e topar com Penélope. Não quero me vejam assim... vulnerável.

Suspiro me inclinando para depositar um beijo nos seus lábios. Nos afasto e sem dizer uma palavra, levanto-me da cama e me viro caminhando diretamente em direção à porta.

— Tua bunda é sexy – diz e eu paro no meio do caminho, virando-me para encontrar seus olhos dançando em alegria e o lábio inferior preso entre

seus dentes.

Um sorriso involuntário brota em meus lábios.

— Sou todo sexy, amor.

Pisco um olho para ela e abro a porta, saindo do quarto no processo.

Caminho rapidamente em direção as escadas e as desço praticamente correndo. Preciso pensar em algo para dar o troco em Russo, mas não posso me esquecer de reforçar minha ameaça em cima dele. Não vou medir esforços para proteger minha mulher. Aproximo-me da cozinha e quando vou abrir a porta, vozes sussurradas chamam minha atenção, fazendo-me parar antes de abrir a porta.

— Eu não vou prejudicar ninguém, Morgana!

— Você prefere ficar comigo e seu emprego, ou prefere perder tudo?

— Lógico que quero você... meu emprego.... mas esse preço é muito alto e...

— Coloque fogo na casa dela... a invada no meio da madrugada e atire nela ou... isso! Isso! Corte os freios do carro do motorista que a trouxe. Eles vão embora em poucas horas. Acredito que depois do almoço, então se apresse!

— Você não acredita mesmo que eu seria capaz...

— Ou você trata disso logo, ou pode me esquecer! Escutou bem?

Meus olhos estão arregalados assim como minha respiração acelerada. Essa maldita não está pensando mesmo em ferir Pérsia! Sim, ela está, caralho.

Escuto o momento em que eles param de falar e trato de sair dessa porta, o mais rápido que posso, correndo para o banheiro mais próximo em baixo da escada. Uma coisa é certa, tenho de ser rápido no que vou fazer. Preciso pensar. Ela não pode ir no carro em que veio e de alguma forma, terei que fazê-la vir junto comigo.

Ela é tão difícil e teimosa!

A casa. Preciso dar um jeito nisso.

Para lá, ela não volta.

Pego meu celular e disco o número do único que pode me ajudar nesse momento.



Volto para o quarto depois de ter resolvido tudo quanto à nossa volta para casa. Só espero que Bruno seja bastante ágil na tarefa que coloquei em suas mãos. Não quero contar à Pérsia o que acabei de descobrir, porque iria deixá-la mais abalada e acabei de descobrir que não quero ver a mulher que laçou meu coração dessa forma.

Se preciso for, moverei céus e terras para evitar...

— O que...

Minha fala fica presa no meio da minha língua quando a vejo. Todas as forças divinas são testemunhas do que ela está fazendo com o meu coração e com o meu juízo.

A mulher está em pé em frente ao espelho usando um short jeans curto, blusa de mangas longas, que molda perfeitamente o seu corpo e que possui um decote bastante generoso nos seios, maquiagem simples, o que me faz praticamente babar e, para terminar com meu pobre pau, saltos altíssimos na cor.... vermelha.

Ela se vira lentamente até estar de frente para mim.

Em seu rosto não tem como perceber que ela havia chorado há poucos minutos e...

Estou muito surpreso e fodido.

— O que acha? – pergunta me encarando com alegria dançando em seus olhos.

Ela vai me causar um infarto.

Isso é certo na minha vida.

— Destruidora do meu coração – digo colocando a mão no meu peito esquerdo dramaticamente.

Ela ri e se aproxima de mim com um olhar lascivo.

— Onde está meu copo com água? – pergunta arqueando a sobrancelha.

Sem conseguir desviar meu olhar do seu, penso em algo para usar como desculpa, mas...

— Não peguei – digo sem ao menos piscar.

É nesse momento que eu percebo que não vou conseguir mentir, nem enganar essa mulher. E para ser bem sincero, isso não está nos meus planos.

Assim que está perto de mim, enlaça meu pescoço com seus braços e me puxa em sua direção. Seus lábios separados dos meus por um sopro. Seus olhos fixos na minha boca e logo, ela sobe tendo sua atenção em meu olhar.

— Hora de ir embora, cabeludo – diz ainda observando meus olhos e minha boca fica seca em antecedência para ter a sua.

— Quero ter você ao meu lado todo o caminho até em casa – digo tentando convencê-la.

Ela sorri e sacode a cabeça.

— Não vai rolar, meu amor. Precisamos de espaço agora.

— Não quero espaço entre nós dois – digo e inclino minha cabeça em direção à sua, mas ela afasta sua cabeça, não me deixando beijá-la.

— Precisamos dele, meu amor.

E agora? O que faço?

— Não estou pronto para te deixar ir – digo com meus olhos cravados no dela, que sorri.

— Vamos descer.

Se afasta de mim e caminha até a porta. Abre-a e sai, me deixando como um idiota sem rumo. Eu já sabia que isso seria difícil, mas não vou deixar que ela entre naquele carro ou naquela casa. Ou não me chamo Marcelo Marquês.

XXII

Marcelo Marquês

Acho que nem preciso dizer mais o quanto estou louco por essa mulher e o quanto a quero estabelecida na minha vida de uma vez por todas. E é por esse motivo, que há horas tento convencê-la a vir no meu carro, junto a mim, mas a ruiva é teimosa e eu acho que vou acabar tendo um derrame do coração.

— Amor, venha no carro comigo – digo pela milésima vez apoiando minha mão no meu carro para encará-la com mais atenção.

Pérsia está olhando seu reflexo pelo vidro do meu carro, enquanto imploro repetidas vezes para que venha comigo. E como fez das últimas vezes, desvia seu olhar para meu rosto, revira os olhos e volta seu olhar para seu reflexo onde alisa o cabelo com os dedos.

— Pérsia, pare de me torturar! – digo com uma voz chorosa.

Ela sorri balançando a cabeça.

— Pare de insistir – diz sem me olhar.

Desvio meu olhar para o carro atrás de nós, vendo que o pai dela está entrando no mesmo sozinho. Penélope o acompanha com um largo sorriso e acena quando ele entra no carro. Essa é uma que vai se dar muito mal nessa vida. Russo é um velho meticuloso sem amor no coração. Quando ele descobrir que está sendo enganado, ela vai se ferrar por completo e esse nariz empinado, com toda certeza, vai ser quebrado.

Suspiro ao ver o carro ganhando movimento e saindo pela estrada de pedras que aqui possui. Eu sei que não vai demorar muito para Pérsia entrar nesse carro e vá embora. E não poderei deixar que ela o faça. Só tenho um jeito de evitar que ela entre nesse carro.

— Ou você entra com o pouco de sua boa vontade, que existe dentro de você ou eu te coloco aí dentro a força – rosno pegando em seu braço e o apertando um pouco.

Pérsia me encara com seu rosto adquirindo um vermelho escarlata e logo, estreita seus olhos com raiva salpicando ali. Suspiro violentamente.

Decidido a dar um fim nesse estresse, resolvo dizer para ela a verdade.

Baixo minha cabeça até estar perto do seu ouvido e laço sua cintura com meu braço, aproximando seu corpo do meu.

— Morgana está armando para você. Escutei uma conversa dela com o motorista – sussurro sentindo seu corpo ficar tenso.

Suspiro tomando uma respiração forte e me afasto para observar seu rosto, que agora está com uma expressão chocada.

— O que ela está armando? – pergunta com um sussurro.

— Sabotou teu carro – digo prestando bastante atenção em seus gestos.

Eu achava que conhecia bem as mulheres, mas ao olhar para essa em minha frente, tenho a certeza que nada é como eu imaginava. O que uma pessoa normal faria em uma situação como essa? Certamente estaria se cagando de medo ou querendo chorar, mas não é bem isso que está acontecendo aqui. Os olhos dela estão dançando, junto com seus lábios que se arregaçam com um sorriso que ofusca qualquer um ao nosso redor e logo, as gargalhadas rompem sua garganta, tomando conta do lugar, com seu barulho.

Vejo que Penélope nos encara com as sobrancelhas arqueadas.

Revira os olhos e bufa se virando e entrando dentro da casa. Juro que se eu não estivesse tão preocupado estaria rindo junto com ela e com o coração dançando de amor.

— Ela mandou sabotar meu carro? – pergunta se curvando e rodeando sua barriga com os braços.

O que está acontecendo com essa mulher?

Ok, tem gente que quando fica nervosa tem essas crises de risos.

— Amor, não vou deixar que ela te prejudique de nenhuma forma – digo pegando em seu braço para estabelecer algum equilíbrio nela, que continua a rir.

Passamos alguns minutos com ela rindo, até que se acalma e volta a sua forma normal.

— Coitada de Morgana – diz sacudindo a cabeça.

Sem dizer mais uma palavra, se vira e sai do ambiente. Seus passos são lentos e calculados. É como se eu pudesse sentir que ela está tramando algo bem pesado contra a tia e nada poderia me deixar mais feliz.

Desde quando tive meu primeiro contato com Pérsia, pude sentir a loucura dominante e a sua autoridade, que me fez mais louco ainda por ela. Oras, uma mulher como essa não encontro em lugar algum e nem quero.

Só espero que não faça nada que vá piorar sua situação.

XXIII

Marcelo Marquês

Como um cão de guarda acompanho todos os seus movimentos com atenção e tomando cuidado com qualquer possível ameaça, que possa estar dirigida à minha mulher.

Que todos os deuses me ajudem, porque eu não permitir que nada à atinja.

Pérsia à minha frente caminha com determinação. Suas mãos estão abrindo e fechando, acho que para controlar o círculo de raiva que passa por seu corpo. Não irei pará-la, mas pretendo fazer com que ela não faça uma besteira muito grande.

Adentramos a casa e Pérsia caminha diretamente até a entrada da cozinha, onde Morgana está dando comandos para os empregados. Observo que Penélope está a encarando por cima da revista que possui na frente do seu rosto.

Se eu não fosse tão vacinado contra cobras, com certeza deixaria passar isso despercebido, mas como já sou, nada disso irá me passar e eu sei que depois do que quer que seja que Pérsia vai fazer com Morgana, Penélope vai querer se juntar a ela para fazer da vida de Pérsia um inferno. E eu espero que ela faça isso mesmo, porque pelo menos terei o prazer de eliminar mais duas venenosas da face da terra. Ou, posso pensar em coisas mais interessantes para fazer com elas, como uma delas perder o posto de madame e a outra, descer do pedestal que acabou de subir.

Não sou piedoso e isso deixei claro desde o início.

O que está em perigo aqui é a vida da minha mulher...

O que me faz pensar que, talvez ela possa ter se precavido e mandado sabotar o meu carro também. Pode ser paranoia da minha cabeça, mas na vida que tenho não existem limites para quem quer eliminar uma ameaça. E quem

estiver por perto jamais seria um impedimento.

Quer dizer, pelo menos assim eu faria.

Observo quando Pérsia caminha em direção a sua tia e observa seus movimentos com atenção. Morgana, por sua vez, está empenhada no que instrui aos seus empregados e trata de fazer isso da forma mais criteriosa possível.

— Morgana? – chama colocando os dois braços na cintura.

Ela desvia sua atenção para Pérsia, mas mantém a pose de superior a olhando com o nariz empinado e um leve sorriso nos lábios.

Aquele sorriso que mostra o quanto tem tudo sob controle.

— Sim?

Pérsia avança alguns passos para perto dela e, quando está à poucos centímetros de distância, aproximo-me ficando atrás dela e de frente para Morgana.

— Estou indo embora – diz inclinando sua cabeça para o lado.

— Que bom, vá com Deus. – Revira os olhos.

Controlo uma longa vontade de rosnar e trato de dar atenção à Pérsia, repousando uma mão em sua cintura fina.

— Não tem nada para me dizer? – pergunta com seu tom de voz frio e distante. É como se ela voltasse a ser aquela mulher amarga, que conheci na empresa de seu pai.

— Não. Estou ocupada, como pode ver – diz e logo desvia seu olhar para os empregados.

Pérsia sacode a cabeça e solta uma gargalhada alta, nada natural.

— Tenho tanta pena de você, Morgana, mas não vou perder meu tempo

aqui com a sua falta de amor ao próximo.

Dito isso, se vira, afastando-se de mim e caminha até a saída da casa.

Não escuto uma resposta de Morgana, assim como também ela não se virou para responder. Suspirando, apresso meus passos para acompanhar Pérsia mantendo minha atenção em todos ao redor e antes que eu terminasse de sair do ressoito, escuto a voz de Penélope dizendo que concorda com a atitude da mulher horrenda. Junto tudo que me resta de controle para não voltar lá e proferir umas boas ameaças, para logo em seguida, cumpri-las com todo gosto possível, mas Pérsia não está bem agora, logo, uma discussão entre nós só iria piorar o que ela está sentindo agora.

Pérsia caminha com passos rápidos até seu carro, onde seu motorista já espera com o motor ligado. Imagino que deve estar cega de alguma forma e que vai entrar nesse carro, mesmo sabendo da ameaça que lhe contei.

Será se é louca o bastante para se deixar morrer?

Ah, isso não. Nem por cima do meu cadáver.

— Pérsia! — chamo-a fazendo minhas pernas trabalhem na mesma intensidade que meu coração. Quando estou perto o bastante de seu corpo, coloco minha mão em seu braço e puxo seu corpo em direção ao meu, fazendo-a se chocar contra mim.

— Está louco? — rosna levando seu olhar em direção ao meu e semicerrando o mesmo.

Sorrio tentando levar algum conforto, mas vejo que não consigo...

— Não vai entrar nesse carro — sussurro aproximando minha boca da dela.

Só em pensar que algo poderia acontecer com ela, uma série de pensamentos sombrios preenchem minha cabeça. Não quero dormir para sonhar que tal coisa poderia vir a acontecer. Acho que eu seria capaz de matar todos ao meu redor, apenas para que exista tristeza, assim como o meu

coração estaria.

Suspiro rodeando sua cintura com meus braços e a aperto em meus braços.

Se aquela mulherzinha fizer algo a ela, juro que vou acabar a matando com minhas próprias mãos. Não me importo com a comoção que isso poderia causar, mas não sou capaz de apenas lidar com tais coisas.

Acho que por compreender o que estou sentindo, ela corresponde da mesma forma ao meu ato de carinho, dando ao meu coração um pouco de conforto por compreender que ela está aqui e que, enquanto estiver, nada de ruim vai acontecer a ela, porque não vou permitir.

— Venha no meu carro, sim? – digo mantendo minha voz suave, tendo como resposta apenas um acenar de cabeça contra meu peito.

Ok, agora imagino que posso respirar com mais facilidade.



Ao meu lado, Pérsia está empenhada em seu notebook, digitando ferozmente, enquanto mantenho meu olhar focado no seu corpo e em sua ação. Estamos dentro do meu carro sendo conduzidos por meu motorista. Sentados no banco de trás sinto a necessidade de manter contato pele contra pele com ela, mas nem atenção me envia.

Poderia ser considerado muito infantil de minha parte pensar assim? Foda-se!

Não deveria me importar com tal coisa, até porque a tenho aqui perto de mim e isso deveria ser considerado por mim, a melhor das coisas, mas como estou me descobrindo um louco por atenção... a atenção dela. Apenas dela, porque é a única que me interessa.

— O que está fazendo? – pergunto ao aproximar meu corpo do seu, colocando meu braço no encosto do banco perto dos seus ombros. Ela desvia sua atenção da tela do maldito notebook, para mim e sorri levemente.

— Você acha mesmo que minha querida tia irá passar por essa sem um retorno? Isso jamais – diz e pisca um olho em minha direção.

Sobre eu estar amando ainda mais essa mulher, depois disso...

Porra, posso me ajoelhar agora mesmo no chão e pedi-la em casamento. Não tenho mais dúvidas de que ela é a mulher que quero manter até o meu último suspiro. Sem conseguir controlar meus instintos, desço meus lábios para os seus e tomo-os, levando minha mão diretamente para sua nuca, o lugar onde tenho o maior prazer em tocar para mantê-la próxima a mim. Seus olhos se fecham e sua mão vai diretamente para minha coxa, onde repousa, enquanto exploro com intensidade os lábios que me deixam louco em todos os sentidos possíveis. Meu lado insano quer tê-la pelada sob meu domínio, no banco desse carro, mas o meu lado racional exige que eu a respeite e espere até que cheguemos em casa.

E como quero fazer tudo da mais perfeita forma, para que ela não tenha mais dúvidas do que sinto por ela, separo minha boca da sua e deixo que minha testa repouse contra a sua, enquanto nossa respiração acelerada volte ao normal.

— Me deixe terminar minha vingança, senhor aceleradinho – ela diz fazendo uma gargalhada alta romper por minha garganta e depois me afaste um pouco dela para procurar ar.

Essa é a mulher que vou lutar para manter.

Não existe um alguém que me impeça de fazer tal coisa.

— Senhor? – a voz do meu motorista chama minha atenção, então eu o encaro. Vejo em seu rosto sério, que algo não está indo bem e que ele também não está confortável.

— Pode falar – digo olhando em seus olhos pelo retrovisor do carro. Ele desvia sua atenção para Pérsia e depois para mim, contraindo os lábios. — Pode falar – repito, encarando-o à espera da informação que ele tem a me dizer.

Ele suspira e volta seu olhar para a estrada.

— Já faz uma hora mais ou menos que saímos da casa de campo da senhorita e desde então, um carro nos segue. Pode ser algo irrelevante...

— Porra! Por que não me falou antes? – rosno sentindo uma coisa muito ruim se colocar dentro do meu peito. Viro meu rosto para trás, vendo um carro de luxo com os vidros escuros logo atrás de nós.

Preciso pensar, preciso pensar...

Coisa boa isso aqui não pode ser e imagino que seja algo enviado de Morgana...

Olho ao redor de onde estamos e vejo, através das árvores, uma avenida movimentada que pode ser nosso refúgio.

— O que está acontecendo, Marcelo? – pergunta chamando minha atenção diretamente a ela.

— Não se preocupe, amor – digo lhe enviando um sorriso leve e rapidamente encaro meu motorista.

— Entre no tráfego dessa avenida, vamos despistar esse engraçadinho que está procurando a morte.

XXIV

Pérsia Martins

Meu coração está batendo descompassadamente dentro do meu peito, minha respiração acelerada e meu olhar está vagueando por todos os lados, observando todos que passam por nós, nesse exato momento.

Marcelo optou que ficássemos os três sentados em uma mesa de um café da cidade vizinha. O motorista dele está sentado junto à nós parecendo estar muito incomodado, aliás, o que me faz rir internamente.

— O carro está parado do outro lado da avenida, ninguém saiu de dentro do mesmo e acredito que estão nos observando – o homem diz encarando o carro.

— Bem, eu tenho certeza de uma coisa. Seja lá quem for que está dentro daquele carro, já sabe que sabemos dele – diz observando ao redor e mesmo contra minha vontade, viro minha cabeça na mesma direção que o motorista de Marcelo está encarando.

O carro é uma S10, do último lançamento, que tenho andado babando e querendo loucamente. Seus vidros são muito escuros, o que faz todos os cabelos de meu corpo se arrepiarem de uma vez só. Eu não consigo desviar meu olhar do carro que está atrás de mim e como se algo dentro de mim avisasse que algo vai acabar dando errado, o vidro do carro começa a descer lentamente, fazendo meu coração bater mais rápido ainda e minha mão vai imediatamente em direção ao braço de Marcelo.

Meus deuses, meus deuses, se eu sair dessa, juro que faço um blog anônimo, para contar todos os podres da minha família, que é tão conhecida e admirada...

— Senhor, o vidro... ele está o baixando – escuto a voz do motorista, mas minha atenção está focada demais no que acontece ali. Quanto mais o vidro

baixa, mais de um rosto masculino, que eu nunca tinha visto antes, se revela em minha frente, fazendo minhas entranhas se revoltarem em meu interior.

Um vento frio bate contra minha pele e não sei como, mas me arrepio mais ainda.

— Porra, porra, porra, porra!

Escuto os xingamentos de Marcelo, mas não me prendo nele por muito tempo, porque nesse momento, o homem levanta sua mão e acena em minha direção... algo brilha no meio de seus dedos e...

— Merda!

Meu corpo é puxado para o chão, ao mesmo tempo que uma série de tiros é disparado no lugar. Levo minha mão em direção aos meus ouvidos para bloquear os sons que estão corroendo em minha cabeça. Alguém mantém um aperto forte ao redor da minha cintura, fazendo com que eu possa sentir, mesmo que seja inconscientemente, que nada de ruim vai me acontecer.

Os tiros cessam e logo, o barulho de gritos, acompanhados de passos apressados se fazem presentes no ambiente. Abro meus olhos e sem que eu tenha tempo para registrar algo ao meu redor, sou puxada para meus pés e forçada a apressar meus passos.

— Precisamos entrar no meio dessas pessoas, amor, vai ficar tudo bem – diz Marcelo com sua voz tensa e eu não sou capaz de ignorar o que ele está dizendo.

Faço o que pede mantendo minha atenção no mar pessoas que correm à minha frente. O homem, motorista de Marcelo, vira sua cabeça em nossa direção e com seus olhos arregalados, olha ao redor. O barulho de pneus cantando na pista, chama minha atenção, mas não deixo de correr.

— Baixe a cabeça, não pare de correr e não se solte de mim – Marcelo rosna e assim o faço, para logo em seguida, escutar mais uma série de tiros sendo disparados e mais pessoas gritando.

— Vamos entrar naquela loja! – escuto a voz do motorista de Marcelo e levanto minha cabeça para ver ele apontado a loja do outro lado da avenida.

As pessoas ao nosso redor estão furiosamente tentando ultrapassar os outros e seus rostos tomadas de pavor me deixam ainda mais nervosa que já estou. Marcelo me puxa e eu corro mais rápido ainda em direção à loja que seu motorista nos indicou. Ele se adianta e abre a porta de vidro preto, deixando-a aberta, o que facilita nossa entrada junto à mais um monte de pessoas que fazem o mesmo nas outras lojas.

Ainda com a respiração acelerada, Marcelo me arrasta para o interior da loja se é que pode ser possível, enquanto os burburinhos, gritos e choros, preenchem o local.

— É um ataque terrorista!

— Ele estava atirando em todo mundo!

— Quase morri do coração!

— O que aconteceu?

— FECEM A LOJA!

Ainda estou trêmula e não me sinto capaz de registrar mais dessas vozes, mas só em sentir que Marcelo está o meu lado, alguma coisa aqui dentro de mim se acalma. Ele nos arrasta até que estamos atrás de uma enorme arara de roupas. Nos encostamos na parede e ele me puxa para sua frente. Seus olhos estão arregalados e seu rosto pálido.

— Você está bem? Ferida? Machucada? – pergunta ele viajando por meu corpo com seu olhar urgente e penetrante. Suas mãos exploram meus braços e sem conseguir controlar a avalanche de emoções que estão agora dentro de mim, deixo que lágrimas escorram por meus olhos com o sentimento de alívio momentâneo rodeando o ambiente.

Sacudo minha cabeça levando meu olhar para o dele.

— Estou bem.

— Tem certeza? – pergunta passando sua mão calejada por meu rosto e a diversidade de coisas que estão passando por meu peito, fazem com que, em um momento de impulso, eu colida com o meu corpo no dele rodeando sua cintura com meus braços e o apertando com toda a força que tenho.

Em toda a minha vida, vivendo com a dor do abandono com a dor da derrota e o sentimento de culpa, nunca imaginei que nada poderia me deixar mais sem chão, do que isso que acabei de viver. Eu sempre soube que Morgana não gostava de mim, sempre soube que me detestava, porque sempre deixou isso muito claro, mesmo eu sendo sua sobrinha legítima e, talvez o problema está aí. Eu sou sua sobrinha, um impedimento para que consiga a herança completa da família. Nunca me deixei enganar com isso, mas é algo que dói muito, sabe?

Vivi sem o amor do meu pai, vivi sem o amor de mãe com pessoas interesseiras ao meu redor, sem amigos, sem nada e sem ninguém para poder contar.

Dediquei minha vida toda até aqui para que em algum momento, eu visse nos olhos do meu pai, um pinga de orgulho, de amor, para agora receber da mulher que esteve presente ao longo da minha vida, um mandando de morte.

Ela mandou alguém me matar! Matar sua sobrinha.

— Calma, amor, nada vai acontecer com você, porque não vou permitir – Marcelo diz passando sua mão suavemente por minha coluna.

Um suspiro sai por entre meus lábios deixando um sentimento muito forte arrebatando meu peito.

— O que estão fazendo aqui? – uma voz grossa e dura se faz presente em algum lugar perto de nós, fazendo com que eu tire minha cabeça de seu peito e olhe para ele.

Um homem que aparenta ser novo, vestido com uma calça social preta, sapatos sociais, camisa branca de mangas longas e um colete preto, com um

broche com a sigla da loja no peito direito.

— Procure duas calças de moletom pretas masculinas, uma calça moletom cinza feminina, duas camisas de corrida cinzas masculinas e uma feminina. Providencie tênis também e, não demore, não tenho tempo a perder – Marcelo diz e eu vejo que o garoto arregala os olhos à medida que ele proferia suas ordens.

Rapidamente saiu de nossas frentes e foi providenciar o que Marcelo ordenou.

— Irei falar com o gerente da loja para só abrir a porta da loja quando estivermos prontos – diz o motorista de Marcelo e sem conseguir controlar minha curiosidade, pergunto:

— Qual o seu nome?

Ele arqueia as sobrancelhas ao mesmo tempo que seus olhos se arregalam e seu rosto adquire um tom vermelho.

— Pablo – aceno e envio um sorriso apaziguador para ele, que apenas sorri, parecendo muito surpreso. Sem se deixar demorar muito, se vira e sai em direção à multidão de gente que tem na entrada do lugar.

— Não te preocupa, Pérsia. Vai tudo ficar bem.



— Já falei com o gerente dessa e da outra loja, ao lado dessa. Eles vão abrir as portas do local ao mesmo tempo, mas ao que tudo indica, ele já deve ter ido embora, mas é melhor que a gente continue com o plano – diz Pablo se aproximando de nós dois, já vestido em sua roupa recém adquirida.

Marcelo ainda mantém seus braços ao redor de meu corpo, enquanto os pensamentos loucos continuam rondando minha cabeça. Ele está se metendo em algo que não tem nada a ver com ele e eu não quero que nada de ruim aconteça com ele por minha causa. Não é porquê minha família quer me matar que ele tem que morrer junto comigo.

Para tudo se tem um limite e eu preciso delimitar isso com esse homem.

— Marcelo — chamo-o fazendo seu olhar vir para o meu e, instantaneamente uma dor se tona presente em meu peito. É uma dor semelhante àquela de quanto você consegue algo que tanto quer e depois, sem poder fazer nada, perde. — Você vai acabar se machucando nessa história e eu não quero isso. Então, esse é o momento em que você vai se afastar.

Coloco minha mão em seu braço ainda com meu olhar no seu e registro o momento em que ele franze suas sobrancelhas, ao passo que aumenta seu aperto em volta da minha cintura.

— Ruivinha, essa é uma decisão que quem deve tomar sou eu. — Seus lábios se esticam para trás à medida que ele me revela um sorriso genuíno. — E o que eu quero, é o que vou seguir.

Sem desviar meus olhos do dele, tento controlar meu coração dentro do meu peito, que a todo momento parece que vai sair correndo daqui de dentro para ir diretamente para dentro do dele.

— O que você quer?

— Você — ele diz sem pestanejar, nem desviar seu olhar do meu. O mundo pareceu parar, quando essa palavra saiu de sua boca e aqui dentro de mim, o restinho de muro que eu tinha ao redor de meu coração, terminou de quebrar dando lugar à rosas vermelhas com o nome dele cravado com tinta permanente.

Ainda estou com meu olhar no seu quando sinto algo vibrar no seu bolso. Coisa que acredito ser seu celular, que ele pega fazendo uma careta. Quando já o tem em mãos, olha para tela e faz uma careta maior ainda.

— Quem é? — pergunto tentando colocar um pouco de distância entre nós dois, mas ele não permite, o que só me faz revirar os olhos.

— Bruno. E pare de tentar se afastar. Coisa chata — diz franzindo a sobrancelha e os lábios. Balançando a cabeça ele clica na tela e leva o celular

ao ouvido. — Sim, fale... O que? Quando? Conseguiu tirar tudo? Até o meio dia estou chegando... Vou tentar... Ok, deixe tudo pronto. Ok, preciso que me faça um favor... quando chegar, conversamos direito. Violeta? Sério? Ok, até mais, Bruno. — Suspira e tira o celular do ouvido voltando seu olhar para mim. — Temos que voltar logo.

Procuro em seu olhar algum tipo de hesitação, mas só encontro a maior calma que pode ser vista, notada e apreciada.

Tudo pode estar bem, não é?

Marcelo desvia seu olhar para Pablo.

— Faça os arranjos para que saíamos agora e... vamos pegar meu carro na avenida, logo.

Pablo acena e se encaminha para onde estava até pouco tempo.

— Vamos lá, meu amor. Enfrentaremos esses demônios juntos – ele diz e antes que eu possa dizer algo, já está desencostando seu corpo da parede e se encaminhando para onde Pablo foi, puxando-me em seu encalço.

Assim que chegamos perto da multidão de pessoas trêmulas e chorosas, Marcelo se aproxima de um homem vestido da mesma forma do garoto que nos atendeu. Depois de ter pago as roupas, Marcelo pediu que ele retirasse uma quantia para que pagasse o favor que o gerente da loja estava nos fazendo para nos liberar em meio das pessoas.

— Agora – Marcelo diz e o homem acena e sem demoras as portas da loja se abrem, revelando a rua cheia de pessoas, umas conversando, outras amedrontadas e... vários carros de polícia já a preencheram.

Marcelo começa a caminhar mantendo seu braço firme em minha cintura. Nossos passos aumentam mais ainda à medida que mais pessoas vão se concentrando ao nosso redor. Meu coração continua descompassado com o pensamento de que à qualquer momento, o homem apareça para tentar me matar novamente e pior, acabe conseguindo ferir Marcelo.

Saio dos meus devaneios assim que Marcelo para no meio da calçada com seu olhar focado na frente. Sigo seu campo de visão e meus olhos se arregalam.

Uma série de carros estão com todos os vidros quebrados e desde o primeiro carro do começo da rua, até o carro de Marcelo, uma frase está escrita, essa que faz com que todos os cabelos do meu corpo se arrepiem e um terror sem tamanho, cresça dentro de mim.

— Acho melhor que peguemos um táxi – Pablo diz com um suspiro alto.

— Concordo – Marcelo diz e sem mais, se vira, me levando junto à ele.
— Teu pai vai se ferrar direitinho, meu amor. Me desculpe por isso, mas isso aqui é culpa dele e eu não vou permitir que chegue tão perto de você como estive preste de chegar hoje.

Eu não consigo responder, na verdade, eu não tenho uma ação para conseguir responder, só me deixo levar por ele e no alcanço de sua presença, eu sei que estou segura. Eu sei, eu sinto... não consigo mais mentir para mim, nem para ele... ele me ama. Não consigo encontrar algum outro sentimento para explicar essa atitude dele e suas palavras.

Pablo toma nossa frente e nos guia até um táxi, que por coincidência está parado na esquina da rua com o motorista mantendo sua cabeça para fora da janela, observando as pessoas que se formam ao redor de alguma coisa que não consigo e nem quero ver. Marcelo abre a porta de trás e aguarda que eu entre. Assim que entro, ele vem logo atrás de mim com Pablo abrindo a porta do passageiro.

O motorista do táxi leva um susto, desviando seu olhar para nós e com seus olhos arregalados nos observa.

— Não tenho tempo para mimis e conversa. Ligue esse táxi e trate de nos tirar dessa droga de lugar. Rápido. Pago triplo da corrida por isso. Pablo te dirá para onde terá que ir – Marcelo diz passando seu braço por meu ombro e arrastando meu corpo para perto do seu.

Sua boca vai para minha cabeça, onde deposita um beijo demorado.

Ainda com os olhos arregalados, o motorista do táxi da partida e sob instruções de Pablo, saímos da avenida movimentada, entrando em outras ruas. Assim que estamos na estrada que tanto conheço, deixo que uma lágrima de puro alívio corra por minhas bochechas.

Coloco minha mão na coxa de Marcelo, a procura de contato com seu corpo.

— Eu sei está sendo difícil – ele diz com sua voz baixa, perto de meu ouvido. — Lembra da hora que Bruno me ligou? Ainda na loja? – pergunta fazendo com que meu olhar vá diretamente para seu rosto. Aceno, concordando com o que ele diz e ele suspira. — Mais cedo, quando escutei a ordem da tua tia, pedi para que ele fosse na tua casa e pegasse tuas coisas para levar para minha casa, o único lugar onde eu poderia manter minhas vistas em você, além de te manter a salvo.

Meu maxilar trava instantaneamente e eu sinto a raiva crescer em meu sistema.

Depois de tudo que passei hoje, ele realmente pensa que pode tomar decisões sem me consultar?

— Com que di... – começo a falar, mas ele me para, colocando seu dedo indicador na frente de meus lábios ao mesmo tempo que fecha os olhos e cola sua testa na minha.

— Bruno me disse que quando estava voltando para pegar as coisas que restaram, ela estava em chamas. Desculpa por não conseguir impedir que isso acontecesse, mas eu te juro que vou encontrar quem fez isso e ele vai pagar.

XXV

Pérsia Martins

Nada consegui falar desde que recebi a notícia que minha casa estava em chamas. Eu só consegui pensar em tudo que vivi lá dentro, no trabalho que tive para conseguir construir tudo, para agora, por conta de um capricho do meu pai perde-la.

Perdi o único lugar em que eu me sentia em paz e segura.

É como se alguém tentasse me tirar o ar aos pouquinhos e agora, com muito custo, eu tentasse resistir, mas está tudo tão difícil.

Tenho tanto dinheiro na minha conta no banco, que eu poderia sustentar até a minha quarta geração, mantendo uma vida de luxo. Não, não estou exagerando. Minha família fez muito dinheiro e continua fazendo. Eu poderia comprar quantas casas eu quisesse, poderia mandar construir milhares daquele mesmo jeitinho, com tudo em seu lugar, mas algo de muito importante não estaria ali para me trazer a mesma paz.

As horas dos meus dias que dediquei para construí-la. As viagens que fiz para obter mais aprendizagem sobre minhas flores...

Minhas flores.

Quantos anos eu dediquei para encontrar cada uma delas, cada espécie.

E os poucos momentos de alegria? E os muitos momentos de tristeza?

Todos vividos e compartilhados ali dentro... agora, eu não a tenho mais.

A admiração que eu tinha por Russo acaba aqui junto com vontade de tê-lo perto de mim. Eu sei que isso já passou diversas vezes por minha cabeça, mas esse é o momento em que eu estou determinando que ele vai se

arrepender de todo o sofrimento que me fez passar durante anos e mais anos. Não vou usar de boas armas, quero vê-lo na sarjeta e bem longe de mim.

Russo nunca me amou, nunca me quis, mas eu, ao contrário dele, sempre o amei, sempre o quis. Coisa que, acabou de chegar ao fim, porque fez questão de deixar bem claro que não se importa comigo e com nada que tenha ligação à mim.

Não, não, não.

Estou agindo como ele agiria. Estou sendo como ele e, eu sei que não sou como ele. Nunca vou ser.

Posso usar do meu dinheiro para construir o meu próprio império, para ter o que eu tanto sonhei e sempre quis, sem precisar dele. Eu sei que ele vai jogar na minha cara, que o que quer que eu consiga, é por causa dele, por causa do que ele construiu, mas não vou me deixar abalar por isso.

Já tenho meu plano traçado em minha cabeça e pretendo levar essa página da melhor forma possível.

— Ei, já chegamos — a voz daquele que está fazendo borboletas voarem em meu estômago, se faz presente próximo a mim. Levanto minha cabeça de seu peito, onde tratei de me meter depois que ele me deu a notícia que abalou minhas estruturas e olho ao redor.

Essa casa é muito maior que a minha, isso sem comparações.

Abro a porta e saio do táxi, observando tudo ao meu redor. O pátio onde o táxi estacionou está cheio de carros e motocicletas, daquelas típicas de motoqueiros, todas ao ar livre. No canto do enorme portão, há uma enorme variedade de plantas e flores, que fazem com que meus olhos brilhem de pura admiração. Me virando para frente, vejo a enorme casa luxuosa com dois pilares de sustentação na frente, junto aos degraus, que me fazem ficar mais um pouquinho admirando...

Se a entrada da casa já é um luxo, imagine por dentro...

Sem esperar que ele me convide ou que saia do táxi, me adianto abrindo a porta de entrada sendo ricocheteada pelo cheiro maravilhoso de... flores.

Não são flores qualquer... são flores que eu estou muito acostumada a sentir e...

— Onde está ela? Meu deus, eu perdi as gatas da minha patroa! Vou ser demitido, ela vai me matar! – essa voz tomada por tensão, eu conheço também.

É a de Bruno...

— Como é o nome dela, para que eu possa chamar? – essa é uma voz feminina que até agora, desconheço completamente.

— Sinusite...

— Sinusite? Quem coloca o nome de um animal assim?

Arregalo meus olhos ao perceber que estão falando de minha filha, minha gatinha...

Ah, meus deuses! Lágrimas brotam em meus olhos ao lembrar das minhas bichanas e minhas pernas ganham vida adentrado a casa. Dou de cara com a sala recheada com minhas flores... Estão por todos os lugares junto com malas que reconheço bem por serem minhas e as casinhas de minhas filhas abertas no chão.

— O nome dela é Senizete, Bruno – digo me ajoelhando no chão limpo do que acredito ser a sala e toco suas casinhas.

Minha dor maior era de imaginar que elas tinham morrido e...

— Pérsia! – ele exclama se aproximando de mim.

Sem conseguir controlar minhas emoções, enlaço seu pescoço com meus braços e trago seu corpo para perto do meu, em um aperto de urso.

— Muito obrigada por ter salvado minhas gatinhas, minhas flores e

minhas roupas – digo fungando em seu pescoço, sentindo o momento em que ele rodeia minha cintura com seus braços. — Estou com uma dívida enorme com você, Bruno.

— Ok, pode soltá-lo, Pérsia. Você já fez seu ponto – Marcelo diz afastando Bruno de mim e me puxando para meus pés, fazendo questão de colar o seu corpo no meu com um aperto forte.

Levo minhas duas mãos para meus olhos e trato de limpar as lágrimas que dali estavam escorrendo. Continuo sendo a Pérsia que detesta ser vista como fraca e não vai ser agora, que serei diferente.

— Vamos para meu quarto – Marcelo diz —, enquanto eles arrumam isso tudo aqui, meu amor. Você precisa descansar e eu não quero que ninguém te incomode.

Sacudo a cabeça me afastando dele.

— Não, Marcelo, eu vou arrumar tudo isso e tratar de encontrar um apartamento que eu me...

— Não vai procurar nada. Essa casa, a partir de agora, também é sua, então trate de aceitar isso e pare de se afastar de mim. Me deixe cuidar e te manter segura – fala trazendo-me novamente para perto de si com seu aperto sempre presente ao redor do meu corpo. — Essa casa é tua assim como meu coração. Não negue que eu te proteja, por favor.

XXVI

Pérsia Martins

Estou de braços cruzados observando os empregados de Marcelo carregarem minhas coisas de um lado para outro sob suas ordens. Eu nada disse até agora até porque ainda não esqueci do que me aconteceu há algumas horas. O frio ainda está instalado em meu corpo e os rostos apavorados das pessoas correndo em busca de salvação ainda não saíram da minha cabeça e eu ainda não consegui me concentrar em nada.

A sala de estar da casa de Marcelo é elegante e requintada, o que me faz ter o desejo de passar o dia todo admirando. Ainda não saí do lugar em que me coloquei desde a hora que cheguei aqui, mas preciso me mexer um pouco para expulsar esses pensamentos indesejados da minha cabeça.

Bruno está ao lado da irmã de Marcelo, que agora observando melhor, lembro bastante. É a mesma que questionou o porquê de eu estar na sala dele e que perguntou se a gente tinha algum envolvimento. Ela está aqui, cheia de sorrisos para Bruno enquanto ele está na árdua tarefa de tentar tirar Senizete, minha filha, de debaixo do sofá onde tanto mia.

Tentei dizer à ele que eu resolveria, mas ele me tratou da mesma forma que Marcelo: a típica mocinha, que depois de um trauma está frágil e precisa descansar.

Vivo me perguntando o porquê de tudo para rico é descansar.

Foi ao shopping, depois que chegou das andanças atrás de uma bolsa de grife caríssima, o que não é algo muito difícil encontrar, vai descansar a beleza, porque é algo que mereça.

Reviro os olhos suspirando.

Mesmo que não tenha sido Morgana a mandar me matar, ela ainda está

em dívida comigo, porque mesmo que não tenha conseguido com o plano dela, ela bolou um plano para conseguir isso. Como não sou besta, tratei de ficar de olhos bem abertos nela e... adivinhe.

Tenho uma carta na manga triunfal!

Como deram fim no carro de Marcelo e dentro dele estava meu notebook, que eu tinha escrito com tanto entusiasmo uma nota, onde contava sobre o envolvimento de Morgana com o motorista da vizinha sinto que terei que pedir para meu querido...

Como devo chamá-lo?

Não temos um relacionamento, mas o sentimento está ali.

Por falar em sentimento, não consigo retirar de minha cabeça, o momento em que ele pediu para que eu ficasse junto dele, que não o deixasse que o deixasse cuidar de mim e me proteger. Esse foi o momento em que fiquei toda derretida! As flores ao redor do meu coração só cresciam mais e mais ao redor do mesmo e sem contar nos duendes vermelhos que surgiram ali para comemorarem. Mas o melhor de tudo isso é que acabei de descobrir que aquilo que eu tanto quis e almejei, foi finalmente alcançado!

Tenho alguém que me ama, alguém que eu sei que posso contar sempre e me proteger. Não que eu precise, mas me sinto muito bem mesmo em saber que ele quer tal coisa. Apesar de tudo que me aconteceu hoje, estou muito feliz. Mas, preciso resolver algumas coisinhas e a primeira de todas elas, tenho que tratar logo com meu querido papai. Inclino-me um pouco no sofá em que estou sentada e tiro meu celular do bolso para fazer a ligação que me dará muita dor de cabeça pelo que posso pressentir.

Disco seu número e ligo, levando meu celular até minha orelha, para esperar que atenda. Antes de chegar ao quarto toque, sua voz se faz presente em meus ouvidos.

— O que é, garota?

— Onde você está? – pergunto mantendo minha voz fria e dura.

Ele sempre quis que eu fosse assim sempre exigiu de mim essa postura.

— Na minha casa.

— Venha na casa de Marcelo agora e não demore muito. O assunto que tenho a tratar com o senhor, é do seu total interesse – ao terminar de dizer, desligo o celular e fecho meus olhos sentindo o contato da mão calejada que tanto conheço.

Marcelo não fala nada, apenas se senta ao meu lado e mantém sua pele em contato com a minha, enquanto minha cabeça viaja em pensamentos. E aqui ficamos por um bom tempo sem deixar de observar a conexão que existe entre Bruno e a irmã de Marcelo.

Recordo-me muito bem de uma conversa que tive em minha casa com Bruno quando me confessou o amor que sentia por ela.

E o que o impede de viver esse amor?

O dinheiro.

Só que nesse caso, a falta dele.

Lembro-me bem também da promessa que fiz para Bruno. Eu disse que iria ajudá-lo e é exatamente isso que irei fazer.

Ou não me chamo Pérsia Martins.

XXVII

Pérsia Martins

A campainha toca e uma das mulheres que trabalham nessa enorme casa, vai rapidamente atender, enquanto fico acompanhando seus passos com meus olhos, pensando no quanto me sinto inútil ao mesmo tempo em que sinto falta da minha casa, que não consigo encontrar coragem ainda para ir ver.

Com toda certeza preciso me mexer, porque ficar aqui sentada não vai trazer minha casa de volta. Não será com um passo de mágica, que ela irá aparecer novinha da forma que estava, quando saí dela para viajar. Esse pensamento me faz lembrar Diego, meu segurança predileto que eu ainda não recebi nenhuma notícia.

— Pérsia. Onde ela está?

Assim que escuto a voz de Russo, meu querido pai, levanto-me e caminho até a entrada, onde ele está todo sério encarando a empregada de Marcelo.

— Pode deixar. Eu o chamei – digo e ela sacode a cabeça concordando e saindo dali.

— E então? O que quer? Acredito que não seja saudade até porque acabamos de nos ver e... Esse relacionamento com Marcelo está sério mesmo – ele diz rindo e observando ao redor.

Entra, fechando a porta logo atrás dele e eu não quero fazer rodeios, nem puxar muito assunto.

— Quero saber o nome do cara que você está prejudicando – digo mantendo minha voz baixa e leve, assim sua atenção volta para mim

enquanto me encara com ódio.

— Você ainda está com...

— Ele mandou me matarem, colocou fogo na minha casa e, porra, eu não estou para brincadeiras aqui, Russo! – rosno lançando fogos por meu olhar e a única reação que ele tem, é a de arquear as sobrancelhas em surpresa.

— O que ele fez? Te vi há poucas horas e você parecia muito bem – diz me encarando com um sorrisinho de lado, que agora me causa tanta raiva que não sou capaz de raciocinar direito.

— Eu fui perseguida por um carro! O homem atirou em mim, em Marcelo e em Pablo! Você acha isso pouco? – minha respiração está tão acelerada que chego a acreditar que a qualquer momento, posso ter um infarto.

Russo fica sério e por um segundo, penso que talvez ele esteja abalado pelo que acabou de ficar sabendo, mas isso seria muito para se esperar logo dele. Um homem frio, sem sentimentos e apenas, com um interesse claro: Ter aos negócios dele crescendo todos os dias... Mais e mais.

— E o que fizeram? – pergunta semicerrando os olhos e cruzando os braços, o que me faz suspirar em descrença.

— Conseguimos fugir – digo tentando abafar a vontade que tenho de extravasar e gritar, ao mesmo tempo em que choro implorando por alguma emoção.

Eu nunca pedi nada a ele, mas tudo que desejo é o seu amor de pai. É desejar muito? Sim, se tratando de Russo é sim.

— Você deveria estar feliz que está viva – diz fazendo outra careta.

Por todos os deuses que me rodeiam, eu sinto tanta raiva dessa careta, desse descompromisso, desse descaso, dessa falta de amor e de tudo! Eu só quero amor, só desejo carinho vindo do meu pai... É tão difícil?

— Russo, eu só quero saber o nome...

— Malaquias é o nome dele, mas ele sempre manda o filho dele, Luciano Malaquias, resolver suas merdas – diz dando de ombros, mas ainda estou em estado de choque. — Pelo que fiquei sabendo por aí, ele nunca erra. Você deu sorte, garota.

Estou descrente completamente que ele possa achar realmente isso e que ele possa estar tão tranquilo, distraído observando a casa de Marcelo. Está mais preocupado em tomar todos os detalhes da casa de Marcelo, do que em saber do meu estado de saúde.

O que tinha na cabeça de minha mãe em tê-lo como homem?

Suspiro, olhando para qualquer lugar que não seja na direção dele, porque se o encarar agora, entrarei um surto de lágrimas que nada nesse mundo será capaz de parar e eu não quero isso aqui na frente dele.

— Quero te vender minha parte na empresa – digo com um suspiro, controlando as lágrimas que insistem em sair de meus olhos.

Sua atenção vai diretamente para meu rosto, no instante em que acabo de falar.

— Como é que é? – sua voz se transforma em um rosnado e seu rosto adere tons de vermelhos nunca antes vistos por mim... Não ali em seu rosto.

— Exatamente o que você escutou. Quero vender para ti minhas ações – digo arrumando forças do meu mais profundo ser para empinar meu nariz e mostrá-lo o quanto posso ser forte e fria.

— Por que você quer me vendê-las?

— Vou investir em outro negócio e...

— Você é minha filha legítima! Você é a herdeira da minha fortuna, garota! – Com seu dedo em riste, ele se aproxima de mim. — Não vai me vender nada! Nem a mim, nem a ninguém! Eu te proíbo!

Minhas sobrancelhas ganham vida própria ao subirem e minha boca se

entreabre, meu coração bate rápido dentro de meu peito e um frio instala-se em meu peito, tamanho é meu nervosismo.

— Não vou mais seguir nada do que você me ordenar. Não sou uma marionete sua, Russo – rosno me afastando dele com alguns passos para trás.

Ele me encara, para logo em seguida, virar-se soltando uma gargalhada alta. Passa uma de suas mãos por seu rosto e a outra mantém em sua cintura.

— Tanto trabalho para conquistar a maldita inútil da tua mãe, para nada! – rosna chocando seu punho contra a parede. — Tão pequena, quanto à mãe. É isso que você é, garota! – diz se virando para mim com os olhos injetados de ódio.

Meus olhos se arregalam com as lágrimas socando mais forte para fora de meus olhos.

— Fraca, sentimental, idiota, pequena e inútil! – rosna semicerrando os olhos com seu dedo em riste em direção ao meu rosto. — Quer saber o que aconteceu com a maldita da tua mãe? Quer? – pergunta sorrindo. — Vou te dizer, filhinha!

Sorri passando uma mão por seu cabelo grisalho. Sinto que a qualquer momento meu mundo irá desmoronar e eu vou cair. As lágrimas já derramam por meu rosto e eu não consigo mais me controlar.

— Ela era uma típica dama da sociedade – sorri, mostrando todos seus dentes amarelos —, só que não era como suas tias. Ela era desapegada com a fortuna que possuía, pensava pequeno e só desejava um amor. Eu, ao contrário dela, queria um herdeiro. – Um bolo se forma em minha garganta tornando difícil respirar. — Mulherzinha difícil aquela, mas eu consegui. Bonita, boa descendência, a mulher perfeita para que eu tivesse um herdeiro perfeito. Obvio que eu não iria deixá-lo ser criado por ela, porque ele sairia um bosta... – Seu dedo vai novamente ao meu rosto e seus dentes estão rangendo. — Nove meses mais tarde com aquela nojenta enchendo o meu saco, finalmente deu à luz. Parto complicado, gestação complicada, na hora, ou era ela, ou era você. Ah, o sexo da criança... Ela segurou até o dia do parto, porque dizia que eu iria ficar muito feliz.

Ele gargalha ainda me encarando.

Encarando as lágrimas descerem por meu rosto.

— Fraca, inútil, sentimental. — Coloca sua mão em meu queixo e o sacode. — Você não saiu a mim. Saiu a ela e vai ter o mesmo fim que ela.

Dito isso, ele me olha, se vira e caminha em direção à porta, sacudindo a cabeça. Abre a mesma e sai batendo a mesma no processo.

Meu peito dói, as lágrimas escorrem por meu rosto e meu corpo escorrega pela parede até que estou no chão. Olhando para a parede de frente para mim me perco em mil pensamentos, apenas criando imagens dela, de como ela era e de como, talvez, pudesse ter me amado se o destino não fosse tão cruel.

Acho que minutos se passam até que uma mão que tanto conheço vem ao meu ombro. Subo meu olhar para vê-lo se sentar ao meu lado com um sorriso mínimo e o olhar tão perdido quanto o meu. Assim que está ao meu lado no chão, não consigo me conter e afundo minha cabeça em seu peito, aproveitando da conexão que temos.

Sem reservas e sem restrições deixo que toda tristeza que possuo no meu peito se esvaia junto com as lágrimas que escorrem por meu rosto.

Isso vai passar.

Isso tem que passar.

XXVIII

Pérsia Martins

Minha noite foi a pior possível ao tempo em que eu me lembrava e tentava imaginar como poderia ser ter uma mãe ao meu lado sendo da forma que Russo a descreveu.

Russo...

Como ele pode ser assim? Como poder ser meu pai? Como alguém como ele pode ter filhos? Como ele pode ter a maldita coragem de me obrigar a seguir o que ele quer?

Por tantos anos da minha vida, por tanto tempo, eu quis ter uma família unida, onde eu receberia amor, carinho e compreensão. Mas por que isso é tão difícil? É um pecado muito grande querer e desejar tais sentimentos?

Não sei lidar com tantos pensamentos ao mesmo tempo em que tempo em que tenho Marcelo aqui, embaixo de mim, fazendo carinho na minha cabeça. Estou tão emocionada que sinto vontade de chorar mais ao sentir seus dedos trabalhando em minha cabeça, movendo-se para frente e para trás lentamente, enquanto sinto sua respiração clara e seu cheiro doce e fraco invadir minhas narinas.

Esse é o lugar que quero ficar pelo resto de minha vida.

Disso não tenho dúvidas.

Marcelo se tornou tudo que sempre desejei, tirando o ego enorme que esse homem possui. Meus deuses! Mas eu não poderia desejar nada menos que isso. Ele se intrometeu em algo que nada tem a ver.

Estou sendo ameaçada, meu pai me odeia, ir para empresa... preciso, mas ainda é um pouco difícil. Ele mesmo não pisou por lá ontem e isso está me fazendo ainda mais miserável, porque está deixando de seguir o curso da sua vida para ficar aqui deitado no chão do seu quarto, comigo em seu peito.

Sorrio ao lembrar esse detalhe. Sim, meu amado não é um homem nada convencional. De normal ele e nossa relação nada têm.

O quarto de Marcelo é enorme, requintado e único. O colchão é coberto por lençóis pretos e está ao chão. Na parede oposta à sua cama está uma enorme escrivaninha do lado direito seu closet, onde, em seu interior, há um banheiro. Não posso me esquecer de mencionar que seu closet por fora tem várias caveiras de madeira dando um ar rústico e encantador. Uma janela enorme de vidro está do lado esquerdo, nos dando uma visão maravilhosa de árvores.

Confesso que quando entrei aqui ontem à noite fiquei bastante surpresa. Tanto que não sabia se ria ou se admirava, por ser tão diferente e... Aconchegante.

Ontem, quando eu estava arrasada, Marcelo foi tão carinhoso e atencioso. Pegou-me em seus braços e me levou ao banheiro, onde fez questão de me dar um banho maravilhoso sem nenhuma intenção sexual, o que só me fez amá-lo ainda mais. Depois me secou e me levou até a outra parte do seu closet, onde pegou uma das suas blusas largas e me vestiu tão calmo e tão atento, que não suportei a distância e o trouxe para perto de meu corpo, selando meus lábios nos dele e tentando demonstrar a todo custo o quanto eu admiro sua atitude.

Como assim admiro?

Eu amo Marcelo Marquês.

Cada passo, cada movimento, cada sorriso, cada atitude... Tudo!

Embalou-me em seus braços e lá fiquei durante toda a noite, curtindo cada respiração, cada afago e cada carinho que me dava, sem proibir que as lágrimas descessem por meu rosto incessantemente.

— Por que um colchão no chão? — Quebro o silêncio que aqui estava desde que acordamos, enquanto passo meu dedo indicador por sua barriga definida.

— Passei muitos anos da minha vida dormindo de esquina em esquina apenas com um papelão para me proteger do chão. — Arregalo os olhos levantando minha cabeça do seu peito para olhá-lo nos olhos. — Tinham momentos que eu tinha que brigar por meus papelões e como naquela época eu era novinho, sempre apanhava e perdia a única coisa que eu tinha.

Observo que ele dá de ombros ainda de olhos fechados. Sinto vontade de levar essas más lembranças para bem longe.

— Gosto de sentir o chão frio na minha pele. — Dá de ombros me fazendo sorrir. — Tem momentos que eu prefiro dormir no chão do que no colchão. — Ele sorri abrindo os olhos e me encara. — Sério, amor! É muito gostoso e eu já estou acostumado a ele. Quando passo muito tempo sem deitar no colchão, sinto dores nas costas, sabe.

Sorrio admirando seu rosto lindo e barbudo com um corte no meio da sua sobrancelha, esse que tenho curiosidade e por esse motivo, levo meu dedo polegar ao seu rosto, passando ali em sua sobrancelha. Ele sorri depositando um beijo no meu braço.

— O que foi isso?

Seu olhar está no meu observando minhas reações e eu só desejo ser uma mosquinha para saber o que ele possa estar pensando agora ao me olhar com tanta intensidade, como está agora.

— Uma briga.

— Onde? Como? Quando?

Não sei o que deu em mim para estar tão tomada em curiosidade. Não poderia ser diferente com ele. Quero saber tudo sobre esse homem, tudo.

— No colégio interno em que eu estava. Uns garotos queriam que eu

fizesse coisas que eu não estava disposto a fazer. Faz muito tempo.

— O que eles queriam? – a pergunta saiu de minha boca sem que eu conseguisse controlar.

— Que eu roubasse um dos professores e colocasse o objeto nas coisas de outro menino – diz e eu arregalo os olhos.

Puxo uma longa respiração sentindo mais lágrimas brotarem nos meus olhos e logo, está puxando meu corpo para junto do seu ao tempo em que passa suas mãos ao redor de meu corpo, dando-me alento e conforto. Sinto-me protegida, amada. Ele faz com que eu sinta que eu tenho alguém, coisa que até alguns dias não tinha.

Não poderia me sentir melhor ao ter essa constatação e no meu peito e tão presente no meu corpo, em minha pele. É, Marcelo em pouco tempo fez do seu corpo, meu lar e eu nem me dei conta disso.

Agora, com ele tão perto de mim, me contando o que passou quando era mais jovem, faz com que as flores só cresçam mais e mais no meu coração à medida que o sentimento que tenho aqui dentro de mim se intensifique mais. Não irei negar algo que está tão obvio na minha vida e em minha frente.

Eu o amo e não poderia desejar outra pessoa para mim.

— Sinto muito que tenha passado por tudo isso, Marcelo – digo afagando seu peito.

Ele sorri passando suas mãos por meu cabelo e eu levanto, mais uma vez, meu olhar em sua direção. Observo cada cantinho do seu lindo rosto. Suas linhas de expressão mostram o quanto está feliz comigo aqui perto dele, fato esse, que me deixa do mesmo jeito instantaneamente.

Só quero esquecer o descaso do meu pai comigo, a morte de uma mãe que eu nunca tive nenhum tipo de notícia e a falta do sentimento que eu, infelizmente, tive que conviver durante toda a minha vida.

Encaro seus olhos com intensidade, levando minha cabeça lentamente em

direção aos seus lábios, onde pressiono os meus nos dele em uma explosão de desejo.

Sua língua não demora muito a invadir minha boca e, logo, estou caindo no mar de excitação que sempre fico quando estou por perto dele. Assumindo o que minha querida parceira de prazer aqui embaixo me ordena, monto em sua cintura, ficando posicionada em cima de sua virilha muito bem preparada para me receber em sua mais alta glória.

Mordo seu lábio, assim que ele interrompe meu beijo.

Logo sua mão vem para minha bunda, onde a aperta, pressionando contra sua ereção aqui embaixo da minha boceta, que está livre, apenas com a cueca dele, atrapalhando minha invasão.

— Você é uma safada, senhorita Pérsia – diz com sua voz grossa pertinho da minha boca, fazendo com que eu sinta imediatamente um aperto logo aqui embaixo.

Pedindo por libertação, pedindo por ele.

— Me satisfaça, senhor Marcelo – digo passando meus lábios contra os seus com meu olhar focado, vendo-o puxar uma longa respiração.

Rapidamente, antes que eu possa me dar conta, ele nos vira, deixando-me com as costas no colchão, enquanto fica por cima de mim com a sua virilha perto da minha boceta exposta, que faço questão de abrir mais ainda minhas pernas, para que ele tenha uma melhor visão da minha boceta bem molhadinha esperando que sua boca deguste aquele lugar cheio de pontos sensíveis que só me fazem sentir mais e mais prazer.

— Você vai me enlouquecer, Pérsia! – rosna mordendo os lábios, fazendo um sorriso genuíno surgir em meus lábios.

O sorriso que fiz questão de reservar apenas para ele.

Com os olhos cravados nos meus, ele sai de cima do colchão apenas para retirar a cueca e logo retorna se posicionando entre minhas pernas, me

presenteando com a visão do seu membro devidamente ereto na minha frente. Minha boca chega a salivar para tê-lo, mas se adianta se aproximando mais do meu corpo, deixando que seu membro fique posicionando contra meu clitóris.

— Pérsia, Pérsia... — Suas mãos sobem das minhas coxas, por minha barriga e para em meus seios, levando junto com ele seu blusão, que me apresso de retirar. Com meu movimento para frente, seu pau fez uma pressão contra meu centro excitado e ele aumenta seu aperto em meus seios ansiosos para ter sua boca... Mais precisamente sua língua, rondando em meus mamilos ao tempo que faz movimentos circulares no meu clitóris.

Sim, estou um pouco ensandecida agora.

Assim que sua blusa está bem fora do meu corpo e em algum lugar no chão, sinto sua boca vir de encontro aos meus seios e eu sorrio. Um sorriso de pura satisfação surge nos meus lábios. Ele suga, morde, lambe um e depois parte para o outro, repetindo a mesma coisa.

Não espero para que ele tome outra atitude e, logo, meus dedos estão descendo por meu corpo, indo de encontro ao pontinho que lateja por atenção e, como não sou de negar atenção a ninguém, faço-o.

— Pérsia! – rosna descendo seu olhar para minha mão que trabalha com afinco, na intenção de me dar mais e mais prazer. Fecho meus olhos e deixo que as sensações me dominem.



— No que está pensando, Pérsia? – a irmã de Marcelo pergunta ao se sentar ao meu lado na sala de estar, onde estou olhando algum ponto e apenas pensando nas horas atrás em que Marcelo me fez delirar de prazer.

Três orgasmos foi o que ele me deu e eu não poderia estar mais suspirante em toda a minha vida. O homem sabe como me enlouquecer. Sabe cada ponto que deve mexer para ativar a ninfomaníaca que existe aqui dentro de mim.

Agora, ele está ali na cozinha fazendo algo com seus empregados para que possamos tomar café da manhã. *Estou muito apaixonada, meus deuses!* Só tenho medo que ele acabe me machucando. Isso eu não sei se suportaria. Não sei se deixaria que mais alguém entrasse na minha vida.

Até porque todos que entram em minha vida, só entram com um objetivo: *Me foder.*

E não é no bom sentido, tá?

— Pensando por onde vou começar meu novo projeto – digo sorrindo para ela, que retribui da mesma maneira.

— Já sabe o que vai fazer? – pergunta cruzando suas pernas e me observando com atenção.

— Quero abrir uma rede de floriculturas.

Ao terminar de dizer meu plano, a imagem de Russo vem imediatamente a minha cabeça, fazendo um aperto surgir no meu peito. A forma que ele reagiu quando eu disse que iria vender minha parte para ele foi estranha demais para alguém que não me ama e que só deseja que eu fique a frente de seus negócios, sendo sua marionete.

— Como posso ajudar? – pergunta me olhando com seus olhos brilhando, o que me faz sorrir.

A imagem de Bruno atrás dela, ao fundo da sala, nos encarando, se torna presente em meu campo de visão me fazendo lembrar instantaneamente da promessa que fiz a ele.

Eu disse que iria ajudá-lo. E é exatamente o que farei.

Só não sei como... Ainda.

— Claro, mulher – digo demonstrando o maior interesse possível em sua ajuda.

Minha mente gira rapidamente para minha conversa com meu pai, onde

ele disse o nome do sujeito que está querendo me matar. *Luciano, filho de Malaquias*. Com o impulso tomando conta do meu corpo, pego meu celular que está ao lado do meu corpo e procuro o número do meu motorista, esse que até agora não tive notícias.

“Onde você está?”

Envio e sua mensagem não demora muito a chegar.

“Na frente da casa de Marcelo. Sou seu segurança, além de motorista. Irei cumprir com meu serviço, enquanto a senhora não me dispensar.”

Suspiro enquanto meus dedos trabalham na resposta.

“Fico muito feliz em ler isso, Diego. Preciso de um favor.”

Envio e espero por sua resposta.

— Venham tomar o café logo, meninas. — Escuto a voz do meu lindo Marcelo, mas não levo minha atenção a ele até porque minha mente está trabalhando a mil por hora.

“Claro, é só falar.”

Sua resposta chega e levantando do sofá, digito rapidamente a resposta a ele.

Meu coração está disparado, mas eu preciso resolver minhas pendências sem depender de Marcelo. Ele não pode ficar a cargo dos meus problemas e acabar se machucando.

“Preciso que pesquise sobre Luciano, filho de um tal Malaquias e me passe o lugar em que eu possa encontrá-lo.”

Envio e caminho para a mesa da sala de jantar enorme, com uma mesa de madeira maior ainda. Meu sonho só seria descobrir o que diabos Marcelo têm com essas mesas de madeira.

Sento-me ao seu lado e logo, sinto meu celular vibrar.

“Ok, amanhã retorno com a resposta.”

XXIX

Pérsia Martins

No dia seguinte, acordei primeiro que Marcelo e tomando todo cuidado possível para que ele não acorde com meu modo de fugir do seu forte aperto no meu corpo. Até que consegui sair, deixando que ele se virasse um pouco na cama para se agarrar agora ao travesseiro.

Com uma dorzinha no peito, me encaminhei para fora do quarto com meu celular em mãos, à espera da resposta do meu segurança, que não demorou muito para chegar, me deixando ainda mais aflita que jamais estive na vida. Era uma mensagem onde dizia que sabia da localização do tal homem, esse que, mandou que eu fosse ao seu encontro em missão de paz, apenas para que conversemos. Claro que na hora, pensei bastante no próximo passo que eu deveria tomar, mas acabei chegando à conclusão de que, não poderia ficar todo o tempo embaixo do braço do meu pai esperando que tome uma atitude para que eu fique a salvo, coisa que sei que ele não irá fazer, porque está pouco se lixando para o que pode acontecer comigo e, Marcelo não poderia sofrer as consequências de algo que ele não tem nada a ver. Ou seja, apenas saí da cozinha e me encaminhei para o banheiro do quarto de Marcelo, onde tomei um banho demorado e depois, me troquei. Vesti calça jeans, uma blusa de Avenged Sevenfold, botas e soltei meu cabelo. Considerando-me pronta, desci tendo o cuidado, antes, de verificar meu belo amor que dormia pacificamente na cama, ainda agarrado ao seu travesseiro.

Com um sorriso preenchendo meus lábios deixei um lembrete na cômoda dele, avisando que eu sairia, mas que voltaria logo e que ele não precisaria se preocupar com a minha saída, pois estaria com Diego, meu segurança. Deixando-o ali, saí, caminhando rapidamente em direção à saída da casa, onde ele já estava me esperando. Tomando o assento do passageiro, me sentei ali, vendo que ele ligou o carro e deu partida.

Agora estou aqui observando o movimento de alguns homens em frente à

um enorme portão. O lugar não é agradável de olhar, assim como não é de sentir o cheiro, esse que predomina algo como se estivesse podre. De dentro do carro, mesmo com os vidros fechados, consigo sentir o odor insuportável.

Oh, céus! Aonde vim me meter?

— Vou descer do carro e procurar saber se podemos entrar, tudo bem? — pergunta Diego fazendo com que eu traga minha atenção em sua direção.

Aceno, concordando e ele abre a porta do carro, saindo logo em seguida e a fecha, deixando-me sozinha aqui dentro.

Observo-o se aproximar de todos com o olhar atento e desviando minha atenção para os homens segurando armas, vejo que sorriem com reconhecimento claro em suas faces. E eles se conhecem?

Voltando meu olhar para Diego, vejo um sorriso beirar seus lábios e ao se aproximar dos homens, toca suas mãos apertando-as e logo em seguida os puxa para um abraço, o que me deixa ainda mais desconfiada.

Ao se afastarem, trocam um par de palavras e logo, está desviando sua atenção para mim, com um sorriso nos lábios e logo, levanta sua mão, fazendo um movimento de “vem cá”.

Respirando fundo, abro a porta do carro e saio, indo em direção à eles com passos vacilantes, conseguindo escutar uma música distante que parece estar bem alta, mas não me deixo abalar com isso.

Com os tremores dançando ao longo do meu corpo, passo por eles, que abrem caminho para que eu passe, junto com Diego que me acompanha de perto me guiando até a porta do que acredito ser uma casa, já que está cheia de furos ao longo da sua parede de entrada, fazendo mais arrepios subirem por meu corpo.

Tomando minha frente, Diego abre a porta, dando passagem para mim. Tento a todo custo manter minha respiração ritmada calmamente, enquanto coloco meu pé para dentro do local, mas não posso impedir que em minha cabeça, vários cenários diferentes de eu sendo morta por esse tal homem,

surja em minha cabeça.

Calma, Pérsia, vai dar tudo certo, se você não terminar morta.

Respirando fundo, adentro logo o local, dando de cara com um jovem, que acredito ter vinte e seis anos, loiro, musculoso, barba da mesma cor e um sorriso muito bonito, não posso negar. Seu rosto, inicialmente, me passa um homem safado e inocente de qualquer suspeita. Diria que seria um modelo, tirado de alguma revista de moda, mas o seu olhar, esse que sobe em minha direção, traz outra coisa à ele. Algo mais cruel, frio, sem lugar para sentimentos e... O sorriso que ele faz questão de exhibir revelando seus dentes incrivelmente brancos, mostra algo que beira o cinismo. Não sei o que dizer, além de seguir todos os seus movimentos, ao ver que ele me observa com certa intensidade, fazendo um frio incomodante subir por meu corpo.

— Diego, essa é a mulher que mandei matar e que falharam? – pergunta fazendo sua voz grossa sacudir meu intestino com o medo tomando conta de meu corpo, mais uma vez.

— Sim, senhor – diz Diego fazendo com que meus olhos se arregalem ainda mais.

O homem sorri, se recostando contra a cadeira, a qual está sentado e coloca os pés em cima da mesa, que há em sua frente.

— Pode sentar – diz sorrindo em minha direção e, o mais lento que posso, vou em direção do mesmo hesitante até que me sento na cadeira em que ele me indicou, ficando de frente para o mesmo.

Procuro não deixar que o local ao qual estou e o homem à minha frente me intimidem, tratando de deixar meu nariz empinado e com uma postura sem para cima, sem deixar que nada me abale.

— Pelo que percebi, teu pai não está se importando com a tua segurança, além do que, pelo que vejo tem bom gosto musical. Logo, não tem um motivo para que eu tire a tua vida – diz sorrindo, o que faz minha respiração ficar ainda mais acelerada. — Acredito que tenha vindo até aqui para me afirmar que o processo será retirado, não é? – Antes que eu possa responder,

ele levanta sua mão me parando. — Espero que cuide mesmo disso, *querida*.

Eu acho que esse cara tem algum problema mental.

— Eu iria propor um acordo – digo dobrando minha perna e puxando uma respiração, vendo que ele ri balançando a cabeça.

— Querida, não quero saber dos seus acordos. Eu sei quem você é, sei de onde vem e sei também que não é algo de muita importância para seu pai, porque caso fosse, ele estaria aqui e o processo teria sido retirado para que sua vida fosse poupada, mas não foi o que aconteceu. Agora você não me interessa, porque te matar, te perseguir, não vai fazer com que meu objetivo seja alcançado. – Sorri mostrando seus dentes brancos mais uma vez. — Só tenho pena de você por ser filha de um cara como ele, ao mesmo tempo em que eu vejo alguma semelhança entre nós.

Escutar isso da boca de outra pessoa é mais doloroso, que chegar a essa conclusão. Eu sei que meu pai sente por mim e não é nada como eu gostaria. E, escutar essas palavras saídas da boca de um desconhecido, junto com uma justificativa faz com que meu coração só se afunde ainda mais.

As lágrimas beiram minhas pupilas, mas me recuso a deixar que elas saiam para manchar o meu orgulho.

— Você tem muita coragem em pisar aqui depois de quase ter sido morta por um dos meus homens incompetentes. Admiro certas atitudes e por isso você vai sair daqui viva, com uma segunda chance. – De cima da mesa, ele retira um cigarro e leva-o para os lábios. — Considere-se com sorte, porque não dou terceiras chances. Diga isso para Russo. Ele só tem cinco dias para retirar o processo, caso não faça as consequências não serão nada agradáveis.

— O que posso fazer para retirar essa ameaça? – pergunto tentando algo e, não sei de qualquer forma deixá-lo entender que não irei apenas aceitar o que ele disse.

— Você pode ir embora e não me desafiar, porque caso o contrário aconteça, irei pessoalmente dar fim ao que você chama de vida.

Arregalo os olhos com minha respiração prendendo em minha garganta e todo o meu sangue indo para se concentrar em meu rosto.

— Olhe – retira o cigarro dos lábios e se desencosta da cadeira colocando os pés no chão —, vou te dar um conselho. Afaste-se desse homem, ele não gosta de você e nunca vai gostar.

Puxo uma longa respiração com o impacto que suas palavras trazem para mim.

Sacudindo minha cabeça levo força para minhas pernas e me levanto da cadeira, encaminhando-me para a porta, mas sua voz me para, fazendo meu corpo gelar por inteiro.

— Fiquei sabendo que estava acompanhada de Marcelo Marquês. Já escutei muitas coisas sobre ele. Caso o que vocês tiverem for real, aconselho-te a conservar o que vocês têm, compartilhando do sentimento.

Sem que eu me vire em sua direção, apenas sacudo minha cabeça continuando meus passos para fora dali, mas sua voz para meus movimentos mais uma vez.

— Diego você fica. Vou precisar dos teus serviços aqui comigo. Deixe-a na casa do tal Marcelo e volte. A partir de hoje seus serviços estão suspensos para ela. Entendeu?

Meu olhar vai diretamente para Diego, que acena para o loiro atrás de mim. Abre passagem para mim e logo está caminhando junto comigo a passos rápidos, até que chegamos ao carro, esse que ele abre a porta para que eu entre.

Estou digerindo o que acabou de ser dito, o que acabei de sentir, o que acabei de ver e, estou decidida a saber a verdade.

Assim que entra no carro, tomando a direção, viro-me em sua direção, encarando-o com determinação.

— Trabalha para ele, não é? Desde quando? Quando começou a trabalhar

para ele ainda estava... — Minha cabeça está girando e, algo vem imediatamente a minha cabeça. — Você estava envolvido naquele ataque na porta da empresa não estava? Por que não estava perto para me defender?

Meus olhos estão à procura dos seus, esses que estão focados nos meus acompanhando cada olhadela.

Tenho vontade de gritar, chorar, de quebrar tudo.

— Sim, fui até você, quando teu pai se envolveu com o pai dele. Estava passando por necessidades, ele me ajudou e para toda ajuda dele temos um preço para pagar. O meu foi ser fiel a ele, além de lutar as suas lutas, sempre de perto e eu não me arrependo.

Estou completamente descrente que isso possa estar acontecendo.

— Você poderia ter vindo para mim, Diego. Eu teria te ajudado — digo e ele sacode a cabeça.

— A necessidade que eu estava passando, não é nada com o qual você poderia ajudar — diz me encarando com seriedade.

Claramente em sua cabeça, ele não cometeu nenhum delito.

— Foi você quem queimou minha casa? — pergunto com um aperto surgindo em meu peito.

— Sim. Esperei que Bruno retirasse todas as coisas importantes para que eu cumprisse a ordem que me deram — diz e eu apenas sacudo a cabeça confusa e decepcionada para que algo dentro de mim tenha coerência.

— Peço que saia do carro. Eu mesma volto para a casa de Marcelo. Não precisarei mais de seus serviços — digo e ele apenas acena abrindo a porta do carro e saindo dele, sem ao menos me dizer uma só palavra, o que só faz meu coração se afundar um pouco mais.

Não querendo ficar mais nem um segundo nesse lugar, pulo para o banco do motorista, tomando a direção em minhas mãos e logo estou ligando o carro para sair desse lugar horroroso com pessoas falsas e assassino louco.

No primeiro semáforo que pede minha parada, paro e, olhando para ele penso no que é a minha vida, já sentindo a vontade de chorar copiosamente nos meus travesseiros, mas não é isso que eu sou. Não é isso que quero continuar sendo. Uma chorona, fraca e impossibilitada de resolver seus problemas.

E, tomando esse pensamento como um mantra, dou partida no carro, quando o sinal verde ascende, decidindo que, não vou mais chorar, mesmo com as lágrimas aqui no pontinho de escorrer e fazer uma bagunça tremenda no meu rosto. Não é isso que quero, nem o que fui ensinada a ser. Não vou me virar contra o que sou, apenas porque não tive meu pai para me amar.

Talvez a culpa não seja minha, talvez não seja dele... Talvez não exista um culpado.

Ou talvez eu queira acreditar que não exista, porque assim doeria menos e eu não me odiaria tanto.

As palavras de Luciano estão aqui rodeando minha cabeça, deixando-me ainda mais louca de vontade de chorar por anos a fio, mas me forço a pensar que sou mais que isso, mais que todos e mais que a falta de amor que me ronda.

E, com isso, chego ao portão da casa de Marcelo pensando se vale mesmo a pena continuar com essa maldita empresa em meu poder.

XXX

Marcelo Marquês

Com as mãos ocupadas enquanto preparo algo de uma receita que peguei na internet, sinto mãos delicadas rondar minha cintura, uma cabeça repousar contra meu ombro ao tempo que o cheiro da única mulher que pode parar qualquer trânsito da minha vida, invade minhas narinas trazendo um pouco de conforto para meu peito.

Já estava louco de preocupação pensando onde ela poderia estar, mas não querendo fazer ligações constantes para sufocá-la pensei em apenas me concentrar em tentar preparar algo para nossa refeição da manhã, já que sei que ela saiu sem tomar nada de café. Como minhas cozinheiras ainda não chegaram em casa, resolvi me ocupar com alguma coisa que não seja papéis para serem analisados, para transações, movimentações e mais dezenas de outras coisas que preciso me preocupar, mas que no momento não desejo.

Suspiro sentindo que aperta seus braços ao redor de minha cintura, ao tempo que faz o mesmo em meu ombro com sua cabeça.

— Onde estava, capetinha? – pergunto tendo o prazer de escutar seu sorriso baixinho, quando termino de falar.

— Se eu contar, você vai querer me matar. E como não quero discutir com você agora, irei guardar essa informação para mais tarde quando chegarmos da empresa.

Franzo minha sobrancelha, quando ela menciona a empresa. Como assim ela está pensando em sair daqui hoje, depois do ataque que sofreu?

— Meu amor, você está liberada da empresa para ficar aqui organizando suas coisas.

Escuto seu suspiro e me viro para olhar em seus olhos com atenção.

— Não quero ficar aqui enfurnada, Marcelo – ela revira os olhos —, tenho muitas coisas para resolver na empresa. Além do que, preciso me distrair.

Observando que ela está com os olhos inchados, de quem acabou de ter uma guerra com as lágrimas, apenas aceno, tendo em mente que ela esteja precisando disso agora. Mesmo sem concordar, acato sua decisão sem discutir, porque ela não precisa de mais uma discussão.

Já passou por muito e não quero que ela se estresse comigo agora quando só quero ser aquele que ela busque conforto.

— Ok, deixe-me terminar nosso café – digo exibindo um sorriso mínimo que ela retribui da mesma forma, revelando seu conjunto de dentes brancos, que incendeia meu coração e um olhar cheio de brilho zombeteiro, que me deixa mais relaxado.

— Podemos tomar café na empresa, você sabe... A arte de cozinhar você não domina bem – diz provocativamente e eu sorrio.

Sua mão vai diretamente para meu rosto, onde ela a pousa para amaciar minha barba, enquanto sorri docemente percorrendo seu olhar por minha face.

— Eu só estava me ocupando – sussurro aproximando nossos rostos para dar-lhe um beijo nos lábios, que tanto senti falta essa manhã, quando acordei e não os tive perto dos meus para que a manhã começasse melhor.

Querendo que isso mude imediatamente, selo nossos lábios com um beijo lento, que transborda saudade, ao mesmo tempo que despeja paixão. E aos pouquinhos sinto que o dia está amanhecendo de verdade aqui dentro do meu subconsciente, simultaneamente penso no quanto estou viciado nela, em sua presença, em seu toque, em seu carinho e até mesmo nas suas zangas sem sentido.

Sim, sou um homem amarrado pelas bolas por uma megera completamente malvada e safada, que faz meu coração bater em paz quando está em minhas vistas.

Ela separa sua boca da minha, apenas deixando que sua testa descanse contra a minha, ao passo que ela aperta meus braços com suas mãos e respira aceleradamente.

— Vou tomar um banho e me arrumar para ir a empresa – diz e separa nossos rostos para me encarar, enquanto morde o lábio, fazendo que eu queira tê-la dessa forma para mim desprovida de qualquer roupa, enquanto faço-a delirar de prazer.

— Por que me tortura assim?

Pérsia sorri, bate os cílios e se vira para sair do local. Não deixo que minha visão saia de seu corpo e desta calça jeans apertada, fazendo-me desejar tirá-la do seu corpo para que me minhas mãos e lábios ocupem a pele coberta pelo pano.

Suspiro, vendo-a sumir e desisto da minha tentativa frustrada de fazer um café para nós dois.

Queria ser aquele namorado perfeito que acorda pela manhã cedinho para preparar uma refeição deliciosa para a amada, mas ainda bem que tenho minhas cozinheiras para se empenharem nisso por mim. Pelo horário, já deveriam ter chegado por aqui, mas acho que só devem vir até o meio dia, já que sempre só estou aqui pela noite.

Para que elas não tenham tanto trabalho ao chegarem, limpo as coisas que sujei, porque isso eu sei fazer. Lavar louças é comigo mesmo, até porque, quando eu morava no colégio interno, vez ou outra, lá estava eu fugindo dos meninos para ir ajudar na cozinha, só que, como na vida, nem todo mundo é perfeito. De cozinhar não sou um mestre, porém de outras coisinhas...

Assim que termino de arrumar todas as coisas que tinha desorganizado, dirijo-me diretamente para meu quarto, onde tenho que terminar de me vestir, já que quando acordei, tomei banho e só vesti a parte de baixo de minha roupa, deixando a parte de cima nua, o que foi uma ótima ideia, porque tive as mãos de Pérsia viajando por meu corpo.

Não quero ter de perder esse nosso contato. Não quero ter que vê-la ir

embora, enquanto eu fico aqui nessa casa enorme e sozinho sem sua presença. E, sobre isso temos que conversar urgentemente.

Alcanço a entrada do meu quarto e a primeira coisa que tenho o maior prazer em ver, é Pérsia terminando de fechar o zíper do seu vestido preto que molda seu corpo, juntamente com o decote que ele tem nas costas.

Acho que hoje terei minha atenção nela durante todo o dia, à medida que tento trabalhar.

— Sabe, eu estava aqui pensando... – digo vendo que ela se assusta, arregalando os olhos e se virando em minha direção com a mão no peito.

— Que susto!

— Desculpa. – Sorrio, aproximando-me dela e vendo que solta algumas respirações fracas, recuperando-se do susto que lhe dei.

Impressionante como ela é encantadoramente forte, mesmo tendo acabado de sofrer um ataque, ao mesmo tempo que descobriu que sua casa está queimada, tudo por culpa do pai que não sabe agilizar nas coisas que eu o ordeno.

Mas isso vai ter volta, isso pode ter certeza, porque não irei permitir que Pérsia saia ferida se houver uma próxima vez.

— Tudo bem – diz revelando um sorriso de lado, que me deixa ainda mais apaixonado, além de louco para ter sua pele na minha e como não sou obrigado a manter distância, faço o que quero, passando meu braço por sua cintura, ao tempo que descanso minha cabeça na sua.

— Não quero acordar com a sua boca longe da minha – digo suspirando.
— Eu sei o quanto você busca por independência e o quanto é orgulhosa, mas queria te pedir que somente desta vez, você fique, mas não porque está sendo ameaçada e não tem um lugar seguro para ficar. Quero que você fique aqui comigo, porque não consegue ficar longe de mim, assim como eu não suporto estar longe de você.

Quando acabo de falar, ela vira sua cabeça lentamente para olhar em meus olhos que estão com lágrimas acumuladas, prestes a serem derramadas e um sorriso lindo de pura felicidade, misturada com paixão. Essa combinação faz meu coração pulsar com mais força, conforme sinto o quanto nossos sentimentos estão sincronizados.

— Você realmente quer isso? — pergunta varrendo meu olhar com os seus, fazendo meu sorriso se ampliar.

— Nunca falei tão sério em toda minha vida, Pérsia.

Ela pisca liberando uma boa quantidade de suas lágrimas, essas que ela trata de expulsar de seu rosto com o dorso da sua mão rapidamente.

— Muitas emoções em um dia só.

Sorri desviando seu olhar para a cama. Se afasta de mim e caminha até ela, onde se senta juntando as duas mãos em seu colo e concentra seu olhar nas mesmas.

— Eu te amo, Pérsia.

Ajoelho-me em sua frente vendo que um sorriso magnífico brinca em seus lábios, ao mesmo tempo que, vejo hesitação em seus gestos.

— Sei que pode ser rápido demais, sei que você pode querer um tempo e sei também que eu deveria pensar no que você quer e precisa, mas desculpa se eu sou egoísta demais para te ter longe de mim. — Suspiro. — O tempo que você passou fora, o momento em que eu acordei e não te vi, foi tão ruim e... me senti tão vazio, sabe? Eu não quero ter que passar mais uma noite longe de você. Esta casa é sua, assim como o meu coração e...

Nem termino de falar, porque sua boca vem selar a minha, ao passo em que sinto suas mãos entranharem no cabelo de minha nuca, tendo um punhado em seu domínio, então pode atacar minha boca com sua língua urgente para ter cada vez mais de mim, o quanto for possível, o que dou com intensidade, não querendo negar nada e nem conseguindo.

— Eu também te amo – sussurra ao afastar sua boca da minha, fazendo meus olhos se arregalarem. — Mas eu preciso pensar um pouco... É um passo muito grande, Marcelo.

Seus olhos estão focados nos meus, enquanto busco por algum sinal de negação, esse que não encontro.

Não vou desistir, até que ela esteja completamente decidida a ficar nesta casa comigo para todo o sempre.



Observo-a, enquanto mexe no computador em sua frente com total atenção. Meus pensamentos viajam para o lugar que ela possa ter ido nesta manhã, para ter saído sem ao menos me dizer nada e, julgando que ela se negou a me dizer mais cedo, devo acreditar que ela deva ter ido ver o pai.

Antes de virmos para cá, ordenei aos meus seguranças que o sistema de segurança da casa fosse reforçado, assim como o da empresa, até porque não desejo visitas indesejadas além de atentados inesperados.

Suspiro ao pensar novamente em Russo.

Ele está vacilando e eu não vou permitir que isso passe de hoje. Está arriscando a vida de Pérsia e é claro que não posso me esquecer de Morgana, que está muito empenhada em destruí-la.

Meus deuses! É incrível como sua família só está tratando de levar desastres para sua vida.

— Com licença – Bruno diz ao abrir a porta e já entra de uma vez sem esperar uma confirmação. — Só seria um milagre vocês não estarem se agarrando?

— Questão de tempo, Bruno – diz Pérsia levando sua atenção para meu amigo com um sorriso brilhante.

— Os jornalistas estão rondando querendo saber sobre o incêndio da casa

de Pérsia e, o motivo pelo qual vocês saíram juntos da mesma casa.

— Faça com que eles tomem outro rumo – digo suspirando exasperado.

Por mim, já levantaria o fato de que vamos nos casar, mas tal coisa só faria Pérsia se afastar no momento. Além de me considerar um traidor, assim como os membros de sua família.

— Não é assim tão fácil, Marcelo – diz e me encara com seriedade.

Reviro os olhos tragando uma respiração.

— É pago para isso, Bruno.

Ele rosna e sem dizer mais uma palavra, se vira e sai, batendo a porta.

Muita ousadia mesmo.

— O que deu nele? – Pérsia pergunta recostando sua coluna contra o encosto de sua cadeira.

Suspiro me levantando da minha cadeira e rapidamente me aproximo dela, que acompanha todos os meus movimentos com o olhar e exibindo um sorriso lindo nos lábios.

— Como se sente? – pergunto e me ajoelho entre suas pernas, apoiando meus braços nela.

Seus olhos se fecham, quando ela puxa uma respiração cansada e se abrem para olhar em minha direção.

— Diego foi quem colocou fogo na minha casa, acredita?

Arregalo os olhos com a respiração travando no meio de minha garganta e o frio, começando a subir por meu corpo.

— Ele trabalha para o cara que tentou nos matar.

— Como você sabe disso? – pergunto ainda sem conseguir filtrar um

pensamento coerente devido a essa notícia impactante.

O que foi que aconteceu aqui?

— Eu fui me encontrar com Luciano, o filho do cara que Russo está prejudicando.

Todo o ar foge do meu organismo e eu sinto que vou acabar tendo um ataque do coração aqui mesmo, meus deuses. O que é que tem na cabeça desta mulher, pelo amor? O que?

Ela não tem ideia do que seja bom senso?

— Ele disse que não valeria a pena dar fim a minha vida, porque eu não sou assim de grande importância para Russo. E ele disse que me deu uma segunda chance e que se eu me meter em seu caminho uma outra vez, não vai hesitar.

Precisei me levantar para não vir de encontro com o chão.

Buscando coerência para esse momento, puxo longas respirações esperando que isso resolva o duelo de sentimentos dentro do meu organismo.

A mistura do medo com o pavor, juntos brigando para ver qual dos dois é maior.

— Eu sei o quanto fui imprudente e o quanto isso poderia ter dado errado, mas eu não estava pensando direito. Só queria resolver tudo sozinha para que isso parasse, mas ao que parece eu só fiz com que a arma dele fosse em direção ao Russo e saísse da minha. Não sei bem o que fazer se ele não resolver isso o mais rápido possível.

Levo minha mão para minha barba com diversos pensamentos passando por minha mente e, entre eles o de que agora, Pérsia poderia não estar aqui em minha frente, me tornando uma desgraça bem miserável no processo. Só o pensamento faz com que uma dor sem tamanho suba por meu sistema, deixando-me totalmente sem reação.

Ela ainda vai causar minha morte, com essas atitudes sem cuidado.

Eu sei que vai.

XXXI

Marcelo Marquês

Observo seu rosto sereno enquanto seu peito sobe e desce, ao tempo em que dorme pacificamente. Essa noite foi um total inferno, porque meu peito só permaneceu apertado enquanto vários tipos de cenários eram plantados em minha cabeça, fazendo minha paz ir para o inferno que existe no mundo e na vida.

Como pode existir alguém tão assim?

Por que ela não se preocupa tanto assim com a sua vida e segurança?

Como eu pude deixar aquela segurança dela, que no atentado que sofreu, não estava lá para impedir que algo acontecesse com ela?

Realmente foi muito estranho, mas sobre isso não me atentei tanto pensando, até porque eu a tinha machucada perto de mim.

Expulso todos esses malditos pensamentos e me foco nela, apertando-a em meus braços e selando meus lábios com sua pele do rosto, descendo em direção ao seu pescoço, onde fico por um tempinho absorvendo mais do seu cheiro e da sua presença, já que não consigo mais me afastar do seu corpo. Tenho medo de deixá-la sozinha e a qualquer momento ela se arriscar a fazer algo imprudente, arriscando ainda mais sua vida, o que só traria minha morte súbita, com toda certeza.

Essa mulher tem o poder de fazer com que meu coração pare em um momento e, logo em seguida volte a funcionar a todo vapor, assim como um trem desgovernado apenas em ouvir sua voz perto da minha ou seu carinho dirigido a mim. Nunca antes me senti tão dependente de alguém, meus Deuses.

E, na minha mente, nada mais tem sentindo sem que ela permaneça ao

meu lado.

Os pensamentos desagradáveis não abandonam minha cabeça e, lágrimas descem dos meus olhos, fazendo com que eu só a aperte ainda mais para senti-la aqui pertinho de mim ainda mais.

— Eu sei que você deve estar muito confortável... – sua voz rouca desperta a luz dentro de mim, fazendo com que a escuridão de pensamentos negativos suma de perto de mim. — Mas você está me esmagando.

Sorrio em meio a torrente de lágrimas que escorrem de meus olhos e diminuo meu aperto em seu corpo, relaxando mais. Passo minha perna por sua cintura e suspiro ao sentir que ela serpenteia seu braço por minha cintura, onde faz pequenos movimentos circulares.

— Agora sim – diz sorrindo e eu apenas fico quieto, sentindo-a tão perto de mim quanto for possível.

Acho que seria cruel demais para um homem como eu, que já passou por tanta coisa na vida, do nada perder a única que já sentiu algo tão forte, chamado amor.

— Quero te pedir uma coisa – sussurro com minha voz adotando tremores violentos, devido a confusão de sentimentos dentro do meu peito, entre eles, o pavor está no controle.

Sim, ele ganhou essa guerra.

— Fale, meu amor.

Suspiro ao escutá-la me chamar de amor. E assim levando minha cabeça do seu pescoço, para encarar seus olhos que estão inchados, por ela ter acabado de acordar.

Admiro-a tanto por ser esta mulher forte, capaz de arriscar a própria vida para lidar com os problemas que o pai cria, mesmo que ele não seja aquilo que ela se baseie de exemplo.

— Não faça mais tamanho ato de burrice, como aquele de ontem, por

favor – peço sentindo lágrimas fortes escorrendo por meu rosto.

— Você está chorando? – sua pergunta sai em um sussurro à medida que passa sua mão por meu rosto limpando-as com urgência.

— Eu só te peço que não repita isso, Pérsia. Não saberia viver em paz sabendo que minha mulher está correndo perigo de vida.

Vejo que seus olhos se suavizam e sua boca vem de encontro a minha, onde deixa um selinho demorado, enquanto aperta meu rosto com suas duas mãos.

— Não fique assim, amor – diz sorrindo. — Eu não sei explicar o que está em mim agora, sabe? Mas eu... – Levanta o dorso do seu corpo e se coloca por cima de mim com cada perna ao lado do meu corpo. — Estou feliz como nunca antes tinha sido. Sinto-me completa, me sinto desejada e amada. Tudo que eu sempre desejei durante toda minha infância, adolescência e fase adulta.

Um sorriso brota em meus lábios ao ver o quanto seus olhos brilham, à medida que fala cada palavra sem deixar que o sorriso enorme escape de seus lábios.

— Estou parecendo uma criancinha, eu sei, mas não posso evitar! – gargalha batendo as mãos com animação.

E o que antes era meu peito cheio de pavor e medo, agora é algo mais lindo e sublime. É como se ela tivesse aberto a porta do paraíso, revelando-se uma deusa destinada a ser minha.

— Eu não estou feliz por te ver triste, não pense isso. Estou feliz por perceber que você se importa! Sabe que eu nunca tive isso de ninguém? Tem ideia do quanto eu quis isso durante toda minha vida?

Sua gargalhada alta ao tempo que joga sua cabeça para trás, faz com que eu sorria junto com ela, expulsando o aperto que eu tinha no meu peito.

— Tipo, eu sempre tive tudo, materialmente falando, sabe? Mas

sentimentalmente nunca tive nada!

Sorrio tomando mais uma determinação em minha mente e vida. Mostrá-la todos os dias, o quanto meu amor por ela é verdadeiro e que sempre estarei aqui ao seu lado para mimá-la.



Sentado em minha cama, vejo-a se arrumando ainda com um enorme sorriso nos lábios, enquanto remexe o quadril, o que me faz rir baixinho. Nunca que eu poderia imaginar que ao fazer uma súplica como a que fiz, a deixaria tão feliz e radiante assim.

Mais uma prova de que da Pérsia posso esperar tudo do mais inusitado possível nos momentos de total aperto.

— Sabe, tomei uma decisão definitiva – diz se virando para olhar em meus olhos. — Irei entregar minha parte da empresa para Russo.

Arregalo os olhos a encarando com surpresa. Com toda a certeza do mundo, esses dias foram os que mais tive surpresas.

— Essa é uma nova fase da minha vida. A fase em que serei feliz e livre de todas as cordas do meu pai e, que, irei seguir com o que mais amo.

Ainda com um enorme sorriso, se vira, pegando uma calça jeans de dentro do closet, junto com uma camisa do Scorpions, que ela leva para a cama, colocando-as ao meu lado e depois volta para pegar um par de coturnos pretos. Deixando-os ao lado da cama no chão, vai pegando cada peça e as veste. Sigo observando-a e pensando no quanto ela é bela até se vestindo e no tanto que a desejo assim para mim todos os dias ao alcance de minhas vistas para que eu possa apreciar cada vez que ela vá vestir uma calça.

Sorrio, completamente encantado, quando ela pega a blusa preta para vestir. Pérsia usa um sutiã azul daqueles sem enchimento e que tem tipo uma renda nas laterais e na frente. Quando veste a blusa, a renda fica visível, já que sua cava embaixo dos braços é enorme.

Tão encantadora e diferente daquela mulher que conheci há algum tempinho.

— Você não respondeu ao que eu te perguntei e pedi, amor.

Seu olhar vem para o meu e ela suspira, aproximando-se de mim. Ajoelha-se na minha frente e com um sorriso lindo nos lábios, encara-me.

— Eu quero ficar sempre do teu ladinho, meu barbudo grosso. – Levanta-se e deposita um selinho em meus lábios, se apoiando em minhas pernas. — Não prometo que não irei fazer nada imprudente, mas posso prometer tentar.

Sacudo a cabeça sorrindo ao vê-la assim tão leve, mas sua resposta ainda não traz paz para meu peito.

— Falo sério, Pérsia...

— Eu te amo!

Me beija mais uma vez dando por encerrado meu pedido. E, quando se afasta para calçar os coturnos continua sorrindo largamente e cantarolando baixinho, o que me faz rir, enquanto observo-a calçá-lo.

Quando termina, se levanta me dando a bela visão de uma roqueira de estilo pesado, que faz meu coração dar um salto apaixonado.

— Vou sair!

Meus deuses, a cada vez que ela abre a boca é um ataque diferente. Ou eu estou muito fora do ar, ou ela está muito acelerada.

— Para onde vai?

— No salão – diz com um enorme sorriso nos lábios, que me contagiam também, fazendo com que involuntariamente um sorriso se abra nos meus.

— Posso te levar?

Ela arqueia as sobrancelhas e me encara com a boca entreaberta.

— Você perguntando se pode me levar para algum lugar? – pergunta sorrindo.

Levanto-me, encaminhando-me para dentro do closet, onde está o banheiro.

— Claro, agora você agora tem um homem aos seus pés cheio de pura paixão.

Entro no banheiro e vou direto para o chuveiro, sem conseguir ouvir sua resposta.

Tomo um banho rápido e me arrumo, tendo em mente que ainda terei de ir para a empresa hoje. Sua revelação de que devolverá sua parte na empresa para o pai, leva-me a pensar que não terei mais seu rostinho lindo em minha frente o dia inteiro, o que me faz um pouco miserável com a falta que sentirei de seu corpo tão perto do meu durante o dia.

Suspiro, saindo do closet e tendo o prazer de vê-la sentada na cama com seus olhos curiosos focados na porta em que acabei de ultrapassar.

— Vamos, homem! Estou ansiosa – diz ficando em pé rapidamente e se aproxima de mim laçando seus braços ao redor de meu pescoço. — Cheiroso...

Sorrio recebendo um beijo na bochecha.

— Apenas para você.

— Acho bom mesmo.

Solta-me e se vira me fazendo morder o lábio ao olhar sua bunda recheada por sua calça e sem controlar meus instintos deposito um tapa em seu lindo monte, vendo que ela me encara vermelha e com as sobrancelhas arqueadas.

— Muito safadinho, mas guarde seu lado selvagem para quando chegar em casa mais tarde.

Sorridentes e felizes, descemos as escadas e nos dirigimos diretamente para a garagem, onde meu carro está com nossos seguranças. Sentamo-nos no banco traseiro, quando meu motorista ligou o carro. Pérsia o diz para onde quer ir e ele nos conduz.

Vendo que ela está entretida, olhando para fora da janela, saco meu celular do bolso de minha calça e mando uma mensagem para Russo.

“Espero que você esteja providenciando a retirada do processo, Russo.”

Envio e o guardo em meu bolso.

Teria de ser muito retardado para deixar que isso passe assim, sem exigir que ele faça algo para que mude. Mesmo que Pérsia tenha se arriscado para tentar reverter a situação, não posso vacilar. Se tem uma coisa que aprendi durante tanto tempo da minha vida é que assassino não tem palavra. Suas decisões podem mudar em questão de segundos, assim como a situação melhor lhes convir. Todo cuidado é pouco. E é exatamente por isso, que quando o carro para em frente ao salão de beleza que Pérsia indicou ao nosso motorista, desço junto com ela, acompanhando-a de perto até que ao chegarmos na porta do mesmo ela se vira e me encara.

— Vá embora, agora. Já estou aqui e posso me cuidar sozinha.

Estava muito bom para ser verdade mesmo.

— Irei te acompanhar, Pérsia.

— Sabemos que não estou mais em perigo. Agora, pode ir embora.

Encaro-a com seriedade, disposto a não ir embora mesmo.

— Não.

Pérsia revira os olhos e suspira.

— Quero fazer uma surpresa, Marcelo. Além do que, aqui só tem mulher...

— Espero dentro do carro.

Pérsia fica vermelha ao tempo que trava seu maxilar.

— Você vai para a empresa e, a noite, quando chegar vai me ver em casa. Simples.

Sem piscar continuo a encarando, vendo que ela não vai desistir e como não quero dar um motivo para que ela considere não morar comigo, apenas aceno, beijo seus lábios, viro-me e saio deixando ali meus seguranças.

O que não faço para que essa mulher seja minha de uma vez...

Suspiro quando meu motorista coloca o carro em movimento e eu a vejo com um sorriso nos lábios, abrindo a porta do salão.

Vou sentir saudades.



Tempo maldito que não passa.

Ódio mortal dessa droga.

Sem paciência deixo os papéis de lado e me recosto em minha cadeira, pegando meu celular para ver se tem alguma mensagem dela. Meu ânimo cai completamente ao ver que não tem nada seu, fazendo um bolo se formar em minha garganta.

Meus seguranças não me informaram nada, o que me leva a pensar que tudo está bem, em contrapartida, nada está bem em meu peito e é por isso, que deixo tudo aqui e me levanto da cadeira, pegando os principais processos, que preciso analisar ainda hoje.

Bufo e me dirijo para fora da minha sala vendo um Bruno muito irritado

teclando em seu computador, mas não me prendo em tal ato, porque estou com uma urgência sem tamanho para ter Pérsia em minhas vistas.

Vou direto para o elevador e clico no botão para ir ao estacionamento. Assim que estou nele, busco com o olhar meu motorista que conversa animadamente com o porteiro do lugar. Reviro os olhos, encaminhando-me para meu carro. Entro no lado de motorista e o ligo, fechando a porta. Dou movimento ao carro e o mais rápido que posso, avançando alguns sinais fechados, dirijo para minha casa, onde espero que minha ruiva esteja.

Sei que muitas coisas devem estar passando por sua cabeça agora, mas só espero que ela não pire no processo. E que seja feliz ao meu lado sempre. Tomara que eu tenha sabedoria para sempre colocar um sorriso em seus lábios, mesmo quando brigarmos.

Suspiro já avistando o portão da minha casa. Acelero e quando estou em frente a ele, clico no botão que tem no carro para que o portão se abra. Assim que é aberto, entro e clico novamente, mas desta vez para fechá-lo. Estaciono-o logo na entrada e saio dele, me encaminhando para dentro de minha casa tendo o prazer de sentir o cheiro delicioso das flores de Pérsia.

Com toda certeza, essa foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida e nessa casa. Ter Pérsia e suas flores aqui dentro.

Aspiro ao caminhar e quando enfim chego na sala, a visão de uma mulher loira, mexendo nas flores de Pérsia, chama minha atenção, fazendo com que eu estanque no meio da sala. Ela está com um vestido florido solto e um par de chinelos.

— Quem é você?

A resposta não vem, mas a mulher se vira lentamente, deixando-me boquiaberto, quando a vejo por completo.

Meus deuses!

XXXII

Pérsia Martins

Sorrio ao olhar meu cabeludo lindo de olhos arregalados, enquanto sobe e desce seu olhar por meu corpo. Sabia que iria causar uma reação como essa nele, já que antes não tinha me visto com um vestido tão curto e solto como este.

Geralmente meus vestidos são aqueles adequados para um dia de trabalho maçante, mas hoje quero descontraír um pouco, esquecer todos os problemas que me cercam, sabe?

E pensando nisso resolvi que iria fazer uma surpresinha completa.

Assim como a cor do meu cabelo, que resolvi mudar, para se identificar com o momento apaixonante da vida que estou vivendo, resolvi também vestir algo agradável para que passemos o dia todo curtindo um ao outro.

Ele ainda está parado quando pisco um dos meus olhos em sua direção para que tenha a ideia do quanto estou me divertindo em olhá-lo desta forma, tão surpreso e de sobrancelhas arqueadas.

Acho que nunca me senti tão feliz em toda minha vida, como estou agora em perceber o quanto ele me considera dele, com o quanto se preocupa comigo e agora, se surpreendendo. Sem contar que chegou mais cedo em casa, sendo que deveria estar na empresa cuidando dos processos e organização dos papéis, por conta dos dias que passamos fora.

— Você está linda!

Abro um sorriso ainda maior ao vê-lo me encarar ainda com a boca entreaberta. Ao sair da sua bolha de entorpecimento, larga sua pasta em cima do sofá e coloca as duas mãos em seus bolsos ao tempo em que se encosta na parede, ainda correndo seu olhar por todo meu corpo. Belo e charmoso é

como ele está agora me encarando.

— Assim como você.

Morde o lábio e sacode a cabeça negativamente, com um sorriso de lado, que só faz meu coração bater ainda mais acelerado em meu peito.

— Pérsia, você é a única capaz de abalar o mundo de um homem... No caso, o meu.

Sorrio com uma felicidade fora do normal subindo por meu corpo, fazendo com que eu corra em sua direção e lace seu pescoço com meus braços ao tempo que rodeio sua cintura com minhas pernas, não deixando por nenhum segundo de imaginar o quão sortuda eu sou por ter alguém que me ame assim.

— Tão cheirosa, minha cabelo de ouro – diz com sua voz grossa pertinho do meu ouvido, fazendo com que os cabelos do meu corpo se arrepiem todos.

— Te amo, Marcelo – digo beijando seu rosto com todo amor que posso e quando separo minha boca da sua pele, levando meu olhar para o seu, vejo que os mesmos estão cheios de lágrimas não derramadas. — Nunca fui tão feliz em toda minha vida com alguém, como sou com você.

Ele suspira feliz e eu apenas me derreto, quando sua boca vem de encontro com a minha, beijando-me e adorando-me lentamente com sua língua pontilhando cada cantinho da minha boca, fazendo com que eu me torne ainda mais apaixonada e feliz, que eu jamais fui na vida.

Acho que estou no paraíso, tendo esse homem para mim. Não vejo outra alternativa, outro modo de se pensar e forma de agir.

Como amo este homem, Deuses!

Sustentando meu peso em suas mãos, Marcelo me carrega por seu apartamento ainda me distraindo com sua boca e eu que não sou nenhuma hipócrita, jamais deixaria que ele mudasse alguma parte sua.

De certo, sua arrogância no início do nosso relacionamento foi algo que

eu não gostei nada, mas que agora, ao vê-lo tão entregue a mim, esse seu lado arrogante foi para outro mundo.

Estou muito feliz!

Acho que sou capaz de gritar aos quatro ventos, o quanto sou feliz com ele e com esta volta que a vida está dando para mim. Até parece que os deuses estão olhando para mim.

Intensifico nosso beijo, apertando com minhas mãos, seu cabelo da nuca, fazendo com que ele pare e me encoste em algum lugar sólido, que posso apostar ser uma parede de alguma parte deste apartamento que ainda não conheço perfeitamente.

Querendo esquecer disto, apenas limpo minha mente me concentrando no homem que tenho aqui, apertando-me com tanta garra e força, que acho que deseja fundir seu corpo no meu desta forma, porque suas mãos estão me apertando de uma forma, como se precisasse sentir mais e mais de mim, o que acho maravilhoso, porque aproveito para esfregar meu sexo no seu, sentido que seu beijo se torna cada vez mais urgente e que suas mãos exigem sentir minha pele.

Ele explora meu corpo por dentro do vestido apertando cada pedaço de pele que encontra disponível, fazendo com que eu arfe inconscientemente contra seus lábios desejosos e deliciosos, que estou amando me perder.

— E toda essa urgência, amor?

Ele sorri descendo suas mãos pela lateral de meu corpo, até que estão ao lado da minha calcinha. Marcelo passa seus dedos por ali, deixando que minha pele se esquente ainda mais.

— Você me deixa louco.

Mordo seu lábio inferior deslizando ali com meus dentes, vendo que ele acompanha meu movimento com seu olhar focado na minha boca.

Sentindo meu sexo latejar em busca de contato, rebolo minha virilha

contra a sua vendo seu arquejo delicioso e excitante, causando ainda mais prazer dentro de mim.

Oh, meu caro, vou te deixar louquinho.

Pode acreditar!

XXXIII

Pérsia Martins

Estaciono meu carro na parte de dentro da casa de meu pai, vendo que o movimento por aqui está bem ritmado, à medida que seus seguranças andam de um lado para outro prestando atenção em tudo que se mova. Não posso impedir que uma careta se instale em meu rosto, fazendo meus olhos revirarem com a quantidade de homens que vão se concentrar no portão que acabei de entrar.

Suspiro quando vejo o quão idiota Russo é para gastar tanto dinheiro com tantos homens assim, sendo que poderia ter uma equipe mais competente para cuidar de sua segurança.

Saio do meu carro colocando meus pés contra o piso de cimento da área, sentindo um vento frio bater contra meu rosto e um sorriso brotar em meus lábios ao me dar conta da saudade que estava sentindo desse lugar, em que passei toda minha infância. Por vezes, sendo obrigada a fazer o que não queria, mas sempre com um sorriso fingido nos lábios para exhibir a todos, até porque se eu vivia de aparências, não poderia estar triste aos olhos dos estranhos. Uma filha perfeitinha do empresário perfeitinho multimilionário Russo Martins.

É um tempo que não quero ter o desprazer de voltar a lembrar, mas que apesar de tudo aquilo que passei nas garras do meu pai tiveram momentos em que sorrisos surgiam em meus lábios. Sim, eles eram verdadeiros e só eram revelados em meios as lágrimas de felicidade, quando eu as via.

Minhas flores.

Foram aquelas que me renderam conforto, que me aconchegaram quando eu mais precisava. As pessoas não estavam interessadas em me conhecerem por ser a Pérsia, uma menina que precisava de atenção, amigos e amor. Eles queriam conhecer a Pérsia, filha de Russo Martins e futura herdeira de toda

sua fortuna, essa que valeria a pena ser amiga, namorada, porque no fim renderia muitas recompensas valiosas. E é com esse pensamento, que caminho lentamente até a parte de trás deste lugar, onde fui feliz, mesmo que por pequenos intervalos de tempo.

Impressionante como naquela época eu desejava um carinho, abraço, conforto, mas o que recebi foram apenas muitas lições de como uma herdeira deveria se portar em meio as outras pessoas. A tristeza está entalada no meio de minha garganta, quando lembro das palavras de Russo quando uma de minhas professoras o disse sobre uma possível depressão. Foram duras e, deste dia jamais irei esquecer.

“Você não pode ser minha filha, garota! Fraca, inútil! Depressão? Você está prestes a ter depressão? Que merda eu fiz para merecer uma inútil como você?”

Não estou aumentando, nem diminuindo suas palavras. Foram exatamente essas e desta forma que ele colocou para fora, sem ao menos se importar com o que eu poderia estar sentindo naquele momento. O meu passado é certo que não vou esquecer, mas o presente, só espero que seja muito melhor que o passado que vivi. Eu sei que será melhor, porque agora tenho um homem que eu sei que se importa verdadeiramente comigo, além de me amar.

Eu sei, eu sinto e nada será capaz de apagar o que tenho no peito.

Continuo meus passos observando cada cantinho, cada detalhe que já não existia em minha mente como o conjunto de balanços coloridos que ficam ali na parte lateral da casa. Os balanços que jamais ousei me aproximar, porque aquilo não era comportamento de uma criança rica e que seria em breve herdeira. As lágrimas estão escorrendo por meu rosto quando me aproximo dos mesmos e passo minha mão por sua extensão já enferrujada.

Querendo não demorar muito tempo aqui, afasto-me dele e continuo minha caminhada parando no meio do caminho apenas para observar a casinha abandonada de passarinhos. A casa tem uma energia tão negativa, que nem os pobres pássaros querem visitá-la.

Sacudo minha cabeça avançando minha caminhada, mas tomando o cuidado de parar silenciosamente ao chegar na esquina do espaço lateral da casa, no momento em que escuto barulhos de cochichos. Nesta casa não teve uma só pessoa que gostasse de mim, logo qualquer que seja a pessoa que esteja morando aqui, para mim, é suspeita.

— E se algo der errado? Como vai fazer? – uma voz masculina pergunta fazendo com que minha atenção fique ainda mais ativada.

Não conheço esta voz, muito menos do que estão falando.

Limpo a lágrima que escorre por meu rosto e trato de pegar meu celular do meu bolso traseiro, para que eu grave o que está sendo dito aos cochichos.

Vai que me serve para alguma coisa, não é?

— Vou me casar com ele logo – sussurra uma voz feminina, essa que não me é desconhecida.

— E este filho que está esperando?

Puta merda! Só poderia ser...

— Não tem como ele desconfiar de nada, seu idiota! Eu me deitava com ele antes mesmo de que a maldita filha dele me demitisse da empresa.

Tapo minha boca com minha mão, enquanto com a outra, seguro meu celular, que agora parece pesar ainda mais em minha mão.

Até onde vai essa farsa toda?

É um caminho tão largo que agradeço muito não estar mais inserida...

— Mas, e quando a criança nascer? E todos verem que não tem semelhanças com ele...

A voz do homem é abafada rapidamente, o que me faz arregalar os olhos, ao mesmo tempo em que minha respiração fique presa no meio de minha garganta.

Será se fui descoberta?

Meu corpo se retesa todo, quando escuto passos e como se minha vida dependesse de meu celular, o guardo no bolso da minha calça. Espero que me encontrem, mas o que escuto são barulhos de pequenos estalos, que considero serem beijos, por conta do barulho tão conhecido.

Sempre soube que esse filho não era dele e até lamento um pouco por quebrar a felicidade do meu querido pai, que não me considera tão querida assim para ele. Sonhou tanto em ter um filho homem, para moldar e ser como ele...

Arrisco um olhar e minha surpresa só aumenta, ao ver que eles estão contra um dos carros de Russo se atracando da maneira mais furiosa já existente. Rapidamente, aproveitando o quão estão presos em suas cortinas de excitação, saco mais uma vez meu celular e coloco na câmera para que eu possa filmar os dois se agarrando. Ele desce a mão por sua bunda e aperta, fazendo com que eu arregale meus olhos, parando neste exato momento de filmar, para que eu não acabe ficando sem minha gravação tão importante e que vai me render um plano de vingança perfeito.

Animada e quase saltitante, viro-me, tomando o cuidado de não fazer nenhum barulho. E com um enorme sorriso agora nos lábios, dirijo-me para dentro do enorme casarão dando de cara com a governanta, essa que está aqui desde que eu era uma molequinha. Sempre me encarou com raiva e impaciência. Hoje em dia nem chega a me encarar, já que sou a futura herdeira, capaz de fazer da vida dela um inferno. Seu olhar é sempre para baixo quando passo por ela, o que acho muito adequado como uma perfeita governanta que maltrata crianças inocentes, que ela é.

— Onde está Russo?

Minha respiração está acelerada devido a corrida que dei até aqui, mas não me importo com seu olhar torto e de nojo. Apenas a ignoro e me encaminho até o lugar que tenho a certeza que está. Seu escritório ao lado da sala de estar.

Assim que estou em frente à porta de entrada do escritório, a empurro e

entro, fechando-a logo em seguida. Quando me viro seu olhar está focado em mim, por cima do seu óculos redondo e muito refinado, que acredito ter mandado fazer exclusivamente para ele.

— O que quer aqui, garota? – rosna com seus olhos em brasas.

Não me deixo abater por nada disso. Fui criada para ser uma mulher forte e inabalável. E é exatamente como irei me portar em sua frente.

— Vim trazer os papéis que irão determinar minha transferência de ações e de alguns bens que não precisarei. Como todos são meus por direito, quero te vender todos, assim você pode aumentar sua fortuna e bens para seu próximo herdeiro.

Seu maxilar está travado e sua boca está em um bico quando leva a mão até o rosto para retirar o óculos brutaemente, depositando-o em cima da mesa.

— Você não irá me vender nada, garota. Tudo isso aqui é seu. Te criei para ser minha sucessora e é exatamente isso que será! – brada se levantando com o rosto todo vermelho de pura ira, direcionada apenas para uma pessoa.

Eu, Pérsia Martins, sua filha.

— O que você quer comigo à frente dos seus negócios, Russo? Seu filho está sendo gerado na barriga daquela vadia, que acabei de ver aos beijos lá atrás com o seu segurança. Eu tenho um sonho e é ele que irei seguir, você querendo ou não.

— É o que?

Reprimo um sorriso sabendo muito bem o que ele está perguntando, mas para deixá-lo ainda mais furioso, apenas franzo meu cenho entreabrindo os lábios e inclino minha cabeça para o lado.

— O que? – pergunto com toda a inocência fingida que existe dentro de mim, vendo que ele puxa uma longa respiração ao tempo em que suas mãos se fecham em punhos.

— O que você disse, garota inútil. O que você acabou de dizer!

Sorrio contraindo minimamente meus lábios, pegando o exato momento em que range os dentes.

Dou de ombros levando minha mão para o bolso traseiro de minha calça para que eu pegue meu celular e assim que eu o tenho em minhas mãos, toco na tela a procura do áudio e quando finalmente o encontro, dou play, fazendo com que a voz dela e do amante preencha o lugar. Sem olhar para ele quando chega ao fim da minha gravação, seleciono o vídeo que fiz e o mostro, olhando-o agora hesitadamente.

Sua respiração fica irregular, mas seu rosto não altera de forma alguma.

Achando melhor me afastar, o faço, observando que ele pega o telefone de cima da mesa e disca alguns números. Logo a voz da governanta está preenchendo o lugar e já com o pressentimento de que as coisas irão esquentar, me afasto, indo até o sofá no cantinho do escritório, sentando-me logo em seguida.

— Mande que Penélope venha imediatamente para minha sala!

Desliga o telefone e lentamente se senta na cadeira em frente à mesa com seu olhar focado na porta.

— Acho que alguém aqui vai ficar sem herdeiro.

— Você não pode abrir mão do que construí, moleca!

Reviro os olhos cruzando minhas pernas.

— Já abri mão de muita coisa para te impressionar, papai. Isso não vai continuar. Aguarde que meu nome estará de volta em sua boca...

A porta se abre revelando uma Penélope toda desganhada e desarrumada, o que me faz rir baixinho.

— Sim, amor?

Sua voz, quando dirigida a Russo é baixa e doce, o que me faz arquear as

sobrancelhas com descrença completa. *Que grande puta!*

— Você vai pegar seus trapos e vai sair daqui agora mesmo. Não ouse abrir essa boca maldita para falar em filho, porque eu tenho provas que ele não é meu.

Sorrio tampando minha boca com minha mão, fazendo com que sua atenção venha para mim.

— O que você está fazendo aqui? Saia. Estou conversando com meu noivo!

Arqueio minhas sobrancelhas e me levanto dirigindo meu olhar para ela, que empina o nariz com petulância.

— Você não tem noivo mais, projeto de puta. Trate de sair daqui logo, antes que eu mesma faça isso por você.

Seus olhos estão marejados, quando sua cabeça se vira para encarar Russo.

— Amor, olha como ela está falado comigo! – funga levando uma mão para limpar alguma lágrima que de seus olhos escorreu, me fazendo rir. — Juro que posso explicar. Eu não fiz nada. Ele me forçou tudo e... e... e...

— Basta, sua puta! Basta! – rosna levantando. — Saia da minha casa agora mesmo ou, você vai conhecer quem é Russo Martins na realidade!

Ele está realmente chateado pelo que posso perceber.

Ainda acho pouco!

— Russo...

— Saia, agora! – seu rosnado descomunal foi o suficiente para que ela se virasse e saísse correndo do escritório, fazendo-me sorrir baixinho.

E sem me importar com o que ele possa estar sentindo agora, me aproximo da sua mesa e deixo lá os papéis que preparei na madrugada para

que eu esteja completamente livre dele. Russo trava ainda mais seu maxilar e pega com raiva os papéis de cima da mesa. E sem ao menos se dar o trabalho de olhar o que está escrito, apenas o rasga com suas duas mãos, enquanto me encara causando um furor de ódio dentro de mim.

— Nossa conversa não acabou – rosno semicerrando os olhos e, sem dizer mais uma palavra, me viro, me encaminhando para fora do lugar, mas a sua voz grossa e rude me faz parar para escutar o que ele tem a dizer.

— Acabou sim, garota. Não teremos uma próxima.

Com uma raiva subindo por meu sistema e com algo diferente rondando meu coração, saio desta casa sem conseguir esquecer de que ele não notou que pinteí o cabelo.

Ele não me nota.

Nunca me notou. Por que notaria agora?

XXXIV

Pérsia Martins

Escuto um suspiro de Marcelo e não consigo controlar o sorriso que se instala instantaneamente em meus lábios, apenas por senti-lo perto o suficiente para me trazer paz e leveza. Seu cheiro ao alcance das minhas narinas, faz com que eu tenha a certeza de que este é o meu lugar no mundo. Ele está concentrado em sua tarefa de ler papéis, enquanto estou bem confortável contra seu peito, desenvolvendo minha vingança contra Morgana, minha tia maldita, que em breve descobrirá com quem não deve se meter mais. Meus dedos trabalham rapidamente no notebook de Marcelo, que tão fofo e gentil, disponibilizou para que eu o utilizasse, já que ele não iria precisar tão cedo e também porquê tem outros ao qual pode usar sempre que quiser.

A casa está silenciosa para uma tarde no meio da semana. Os dias que passei aqui, pude perceber o quanto as empregadas da casa são animadas.

Ontem quando cheguei da casa de meu querido pai, uma delas estava com fone de ouvido enquanto molhava minhas flores com um borrifador, enquanto outras conversavam animadamente no outro canto da sala de estar. No momento em que me viram se assustaram e começaram a pedir desculpas, que claro, tratei de esclarecer a elas, que não deveria se importar comigo ali.

Ah, a mulher que Morgana demitiu na cara mais dura do mundo está trabalhando aqui também. Só que ela vem apenas três vezes na semana, já que precisa cuidar da sua mãe que exige cuidados mais atentos dela, que não tem como pagar uma enfermeira. Fiquei sabendo pelas meninas ontem, que Marcelo permitiu que ela trabalhasse assim e que continuaria a receber seu salário normal. Jamais que eu poderia pensar que ele fosse tão bom com outras pessoas, mas essa foi uma perfeita descoberta, que me deixou ainda mais apaixonada por ele, se é que pode ser possível.

— Estou cansado de ler essas coisas — escuto seu rosnado baix,

derramando cansaço e exasperação.

Sorrio ainda com os olhos na minha tarefa de produzir um texto bem *bafônico* de como Morgana é uma farsa no meio da sociedade. Só tenho pena do meu tio, que nutro um pouco de simpatia, já que ao longo de minha infância, não me corrigia como também não me dava muita atenção. Então, no meu modo de pensar, ele é até legalzinho comparado ao resto da escória que é essa minha família.

As provas que tenho da traição está em minhas mãos também, agora só falta que eu termine o texto arrasador e que também crie um blog para que eu jogue na rede para destruir Morgana de uma vez por todas. Tenho pena dessas pessoas que pensam que ainda sou uma mosquinha morta, uma criança indefesa e que se esquecem da minha criação. Do que fui criada para ser e do que sou. Fico com mais dó ainda, que essas pessoas são as mesmas que contribuíram para que eu fosse assim.

— O que está fazendo aí? – Marcelo pergunta depositando um beijo na minha cabeça e rodeia minha cintura com seu braço forte, apertando-me ainda mais contra seu corpo.

— Escrevendo coisas – digo sorrindo e sem desviar meu olhar da tela, que já estou quase terminando de escrever a carga que eu tinha para despejar na mídia.

Sinto que ele se mexe atrás de mim e logo, sua cabeça está se colocando na curva do meu pescoço para observar o que estou escrevendo com tanto afinho e determinação.

— As damas da sociedade são mesmo fiéis aos seus maridos? – Lê em voz alta me fazendo rir alto. — O que você está fazendo, sua louca?

Sorrio mais ainda enquanto concluo o último parágrafo da minha pequena matéria.

— Minha vingança contra Morgana.

Ele ri afundando sua cabeça no meu cabelo e aspira o cheiro, fazendo sua

barba esfregar contra a pele de meu pescoço causando arrepios em meu corpo.

— Você é malvada! Sabe que se isso cair na rede, ela está ferrada e o nome da sua família na lama, não é? – diz tentando abafar seu sorriso com sua boca em meu pescoço. Beija e morde a pele, fazendo meus olhos se fecharem automaticamente para absorver o momento de puro prazer que tenho sempre que estou em seus braços.

Com toda a certeza da existência, Marcelo foi a melhor coisa que apareceu na minha vida, mesmo que no início, tenha se mostrado um homem insuportável, chato, ao mesmo tempo que muito gostoso, intenso e sexy. Acho que me apaixonei por ele no momento em que ele me prendeu contra a porta do seu escritório e selou nossos lábios com um beijo tão intenso quanto as vezes em que ele tem seus dedos na parte de baixo de meu corpo, gerando tanto prazer quanto é possível. Sei o que sinto e o que está enraizado em meu peito, nada disso pode mudar e sendo bem sincera, eu não mudaria nada do que aconteceu anteriormente... Não, se bem que eu poderia ter sido menos dura com ele. As palavras que vez ou outra eu o dirigia, eram muito pesadas e sem necessidade.

— Não me importo com eles – digo sorrindo largamente ao tomar reconhecimento de seu corpo tão próximo ao meu.

Com toda a certeza esta é a melhor fase da minha vida.

— Você deveria pedir ajuda do Bruno para espalhar isso.

Meus olhos se arregalam e trato de me separar de seu corpo, mesmo que com um pouco de luta, já que ele insiste em não deixar que eu me afaste, mas com alguns beliscões em sua coxa e uma cotovelada em sua costela, ele acaba me libertando com um choro fingido, que não me causa pena de forma alguma.

— Nossa, amor! – diz com um gemido forçado, fazendo-me rir da sua cara de falsa dor.

Sacudo minha cabeça e me aproximo da mesa da sala, para pegar meu

celular que está ali, tendo em mente já mandar uma mensagem para Bruno. Quando o tenho em mãos, é exatamente o que faço, que não demora um minuto, já tenho uma resposta que me faz rir baixinho.

“E essa fofoca? Me manda que eu jogo até na China nos mais diversos sites da existência. Ande, me mande!”

Sorrio, me encaminhando até o sofá, onde Marcelo me encara com um leve sorriso nos lábios.

— Suponho que Bruno vai fazer que seu desejo vire realidade.

Sorrio, balançando a cabeça.

E sem delongas sento-me no sofá, coloco o notebook em minhas pernas e o mais rápido que posso, envio para meu querido mais novo amigo, a matéria que escrevi com tanto prazer.

— Agora é só esperar a bomba se espalhar.

Já posso imaginar a cara dela quando isso cair mesmo na rede de pessoas que ela é muito amiga. O susto que tomará, as vezes que tentará negar, mas as provas que mandei junto serão o suficiente para que nenhuma de suas justificativas sejam válidas. Só sinto, porque ela ainda vai sair do casamento com dinheiro no bolso, mas duvido que ainda tenha as mordomias que tinha antes.

Vai dançar bonito e estarei bem linda rindo e tomando uísque.



— Ela quer processar os blogs – Bruno diz rindo depois de olhar seu tablet com as novas notícias.

Se passaram três horas desde que a notícia fora espalhada e como essas notícias correm rápido em um site foi publicado que meu tio teria, supostamente, já entrado com o processo de separação, enquanto Morgana acionava vários advogados para que os rumores saíssem da internet, mas que já está em todos os lugares possíveis, ou seja, ela não tem como fugir.

Bruno chegou aqui há pouco tempo com um enorme sorriso nos lábios, dizendo que tinha várias novidades para nos contar, sendo cada uma mais bombástica que a outra. E realmente, ele tinha total razão.

— Deve estar desesperada – Marcelo diz sorrindo baixinho.

Agora estamos sentados no chão, já que ele não para quieto em cima do sofá. Estou com minha cabeça em seu ombro, sorrindo, quando a lembrança de Russo volta à minha cabeça.

Ele nem se deu o trabalho de me ligar para contar o que aconteceu com Morgana, ou pode estar ocupado demais resolvendo seus negócios como sempre esteve para tirar um segundo do seu tempo para fazer contato comigo.

A campainha toca e Marcelo se levanta para ir atender, deixando um beijo em minha cabeça antes. Bruno está todo sorridente me encarando quando Marcelo some, o que me faz franzir o cenho.

— O que foi?

Seu sorriso aumenta e ele deposita o tablet na perna.

— Você está apaixonada por ele.

Não posso deixar que um sorriso preencha meus lábios depois desta afirmação, porque ele realmente tem razão.

Estou loucamente apaixonada por Marcelo.

— Fiquei sabendo de uma notícia que saiu da tia de Pérsia e vim correndo. Como ela está?

Escuto uma voz feminina, vendo que o rosto de Bruno fica todo vermelho

e seu olhar muda de foco, indo para a parede oposta.

— Você é apaixonado por ela – sussurro vendo que seus olhos se arregalam ainda mais e, decidida a fazer com que vire realidade a promessa que o fiz, há algumas semanas, levanto-me e me encaminho até ela, que está ao lado de Marcelo, encarando Bruno com o rosto vermelho, assim como ele.

Abro um largo sorriso vendo o quanto eles dois estão combinando neste momento.

— Violeta, que bom te ver por aqui! – digo me aproximando dela, fazendo com que seu olhar venha para mim.

Posso notar imediatamente que seu rosto suaviza. Assim que estou próxima o suficiente, rodeio seu pescoço com meus braços, recebendo os seus ao redor de meu corpo.

— Sinto muito pelo que está rolando na net sobre sua tia, xuxu!

Sorrio, olhando para Marcelo que desvia sua atenção de nós para olhar Bruno, dando tempo o suficiente para que eu plante a sementinha do amor nela.

— Bruno também te olha assim. Acho que vocês têm algo que precisa ser alimentado, mas que nenhum dos dois tem coragem o suficiente para fazer com que isso aconteça.

Seus braços se apertam ao redor de meu corpo e eu posso sentir o quanto está nervosa, já que sua respiração se acelera mais ainda.

— O que? Ele é gay.

— Não é mesmo e tem uma quedinha por você, amiga.

Separo nossos corpos e olho em seu rosto, vendo que seus olhos estão mais arregalados que nunca, enquanto o encara por trás do meu corpo, o que me faz rir baixinho.

— Amor, teu celular está tocando.

Viro-me para Marcelo, vendo-o me olhando com meu celular em mãos. Sorrio e me aproximo dele, para pegar o celular de sua mão.

Aposto que ou é Morgana ou é Russo.

Respiro fundo e atendo sem olhar na tela.

— Sim?

Do outro lado da linha, está um barulho muito alto de pessoas falando ao mesmo tempo e, de carros uns buzinando, outros freando.

— Russo está mexendo em um ninho de cobras, querida Pérsia. – Meus olhos se arregalam com a respiração travando no meio de minha garganta ao mesmo tempo que o sorriso some de meus lábios. — Bem... Não costumo dar terceiras chances.

Ele desliga e eu acho que vou acabar desmaiando.

XXXV

Pérsia Martins

Meus olhos continuam lacrimejantes e eu não consigo parar de andar de um lado para o outro na sala enquanto escuto mais meio mundo de ordens de Marcelo para os seguranças que acabou de requisitar na casa.

Já liguei para Russo incontáveis vezes, mas ele fez o favor de desligar o celular depois da quinta vez que retornei a ligar para ele, o que só fez a angustia dentro de mim aumentar mais ainda, porque eu sei que ele desligou o telefone só para não ter de ouvir minha voz, já que sei o quanto me odeia, mas independente do ódio que sente por mim, ele é o meu pai. Ele quem me deu a vida, mesmo tendo sido por interesse e mesmo que não me ame.

E eu sempre procurei receber dele todo o amor possível, apesar de nunca ter conseguido nada disso vindo dele, que só fez questão ao longo da sua vida, de apenas me entregar muito ódio, rancor e desprezo.

Acho que sempre fui uma decepção na vida dele para receber tanto descaso como recebi. Respiro fundo procurando em meu peito algum lugar para trancar esse sentimento ruim, mas que infelizmente não encontro, tendo que continuar a estar assim com esse aperto maldito no peito.

— Não, ela não pode falar com você! – Um rosnado do meu amor faz com que eu desvie minha atenção para ele tendo a graça de sair desta nuvem de agonia.

Aproximo-me dele vendo o quanto está nervoso e passo minhas mãos por suas costas, rodeando sua cintura com minhas mãos no processo. Só preciso do seu apoio, do seu contato e, eu sinto que ele precisa do mesmo.

— Minha mulher tem mais o que fazer, Morgana! Se continuar a nos incomodar terei de fazer com que você pare com isso por mal mesmo.

Tira o celular do seu ouvido e suspira, passando uma de suas mãos em seu cabelo.

Vê-lo tão irritado e tendo que lidar com meus problemas, faz com que um aperto se forme em meu peito, deixando-me ainda mais miserável por dentro e cria mais um acúmulo de lágrimas em meus olhos.

— Você não precisa lidar com tudo isso, Marcelo – digo afundando minha cabeça em suas costas másculas e com seu cheiro, esse que é capaz de trazer mais um pouco de paz para meu peito transtornado.

— Mas eu quero – sussurra afastando minhas mãos de seu corpo para só então se virar em meus braços, ficando frente a frente ao meu rosto.

Coloca suas mãos uma em cada lado de meu rosto e lentamente aproxima sua boca da minha, selando nossos lábios com um beijo que transborda doçura, cuidado e carinho, tudo que eu sempre sonhei ao longo da minha vida. Na verdade, eu acho que ele é o único que eu sempre quis, que eu sempre precisei e agora o tenho. E que os deuses me ajudem, porque vou fazer de tudo para mantê-lo ao meu lado por todos os dias da minha vida, sem me importar com os recursos que posso utilizar para obter o homem que desejo manter.

Posso estar soando muito psicótica agora, mas é o que meu instinto grita aqui em meu peito. Mesmo com todos os apertos e loucuras que estou passando neste momento, ele escolheu lutar minhas lutas, ao mesmo tempo em que permanece ao meu lado. Se isso não é amor, sou incapaz de delimitar o que possa ser tal sentimento.

— Não sei o que será de mim se algo acontecer a você – sussurra ao desgrudar seus lábios dos meus, trazendo mais luz e ar para o meu coração. Seus olhos cheios de lágrimas sendo derramadas por seu rosto e se perdendo pelos cabelos de sua barba, deixa-me ainda mais louca de amores e felicidade.

Ainda não acredito que tenho alguém em minha frente que seja capaz de chorar apenas com a possibilidade de que algo de ruim possa acontecer comigo.

Um sorriso brilhante em meio as lágrimas que surgem em meus olhos, brota em meus lábios e como se eu necessitasse disto, rodeio seu pescoço com meus braços e o beijo.

Beijo com toda a força, garra, paixão, descontrole, amor e admiração, que existe dentro do meu coração, destinado apenas para ele.

Só desejo provar o quanto o amo e o desejo.

Marcelo me corresponde na mesma intensidade entranhando meu cabelo com suas mãos, enquanto aproxima ainda mais minha cabeça da dele para que ele possa mais uma vez reivindicar minha boca com a sua, mas como a vida decidiu agir contra mim agora, o celular toca, nos atrapalhando e trato de tirá-lo de seu bolso antes que ele desgrude nossas bocas.

— Pérsia...

Levanto um dedo pedindo silêncio e atendo a maldita ligação, que fez com que nós dois nos separássemos.

— Sim?

A respiração de alguém do outro lado da linha está acelerada, o que me deixa gelada da cabeça aos pés, com diversas possibilidades em minha cabeça.

— Foi você, não foi? Foi você quem publicou aquela nota na internet? Desgraçada!

Suspiro ao ver que é somente Morgana, que por essas horas já deve de estar pirando com a repercussão do que está rolando na internet, sobre sua traição com meu tio.

— Em vista que você ordenou que seu amante mandasse me matar, acho que ainda fiz pouco. Pensa que está lidando com quem, Morgana? – pergunto mantendo meu tom de voz neutro, sendo que na verdade tudo que eu gostaria era gritar bem alto o quanto a odeio e o quanto sou feliz, sensação essa, que ela não deve fazer ideia.

— Maldita! Eu sabia que você era uma cobra! Sempre soube, sua inútil! Vadia!

Um riso amargo rompe meus lábios ao escutar suas palavras e para minha surpresa, elas não me abalam em nada. Pelo contrário, só fazem com que meu coração inche ainda mais, para que eu solte mais afrontas destinadas a ela.

— Você se enxergue, tiazinha. Não se esqueça que o mesmo poder que você imagina ter de acabar com a minha vida, eu também tenho, mas esse não é ilusório. Que fique bem claro – dito isso afasto o telefone de meu ouvido e o desligo, soltando um suspiro logo em seguida.

Tomara que um dia eu consiga me ver livre desse povo, que se diz fazer parte da minha vida. Quer dizer, até fazem, mas não de uma maneira positiva, que vá me fazer contribuir com algo bom, ou seja, os quero o mais longe possível de minha casa e de minha vida.

Principalmente Morgana, mas sinto no fundo do meu ser que ela ainda vai voltar para me atormentar e no momento em que ela chegar, estarei disposta a acabar com a boa pose que ainda mantém, porque não sou obrigada a suportar alguém como ela perto de mim.

Meu pensamento volta para Russo e não posso evitar que um alto grau de preocupação ocupe minha mente. Com a falta de amor ou não, não posso deixar de pensar nele. Além de tudo, ele é meu pai e nada pode me fazer tirá-lo de minha mente assim tão fácil.

Só espero que ele esteja bem...



Sentada ao chão da sala com Marcelo ao meu lado respondendo diversas mensagens em seu celular, é como estou agora. Subo meu olhar, quando vejo uma movimentação muito próxima a mim e consigo pegar o exato momento em que Violeta passa pela sala, diretamente para o escritório de Marcelo, que é onde Bruno está dando conta dos jornalistas que querem cada vez mais saber de Morgana e seu amante.

Sorrio apostando internamente que esse movimento deve ser algo que trará muitas coisas boas mais tarde, para os dois. E eu torço bastante, que dê certo.

— Amor, você tem duas irmãs, não é? – pergunto repousando minha cabeça em seu ombro tão convidativo, ao meu lado.

Ele suspira deixando seu celular de lado e logo um de seus braços vem para meu ombro, onde ele descansa-o relaxado, fazendo com que eu derrape minha cabeça para seu peito.

— Sim, as duas que foram até a empresa...

— Aquele dia, eu sei, mas por que apenas Violeta frequenta sua casa?

Minha intenção aqui, é apenas distraí-lo para que Violeta tenha seu tempo no escritório, junto com Bruno.

— Radija está em uma fazenda com um homem que ela diz estar apaixonada, mas eu não sei muito se é bem isso não, viu – diz suspirando e fica calado por uns segundos, para logo em seguida, tomar uma respiração.

— Elas não são minhas irmãs de sangue, mas eu as considero como se fossem. – Arregalo meus olhos ao escutar essa revelação, que eu não poderia imaginar como sendo válida. — A vida de um morador de rua não é nada fácil. Oportunidades são negativas, assim como as pessoas que imaginam que temos doenças contagiosas e que ao nos ver passam o mais longe possível. Ajuda? Poucos trocados que mal davam para comprar um biscoito ou salgado.

Passo meu braço pelo seu tronco para que ele saiba que estou aqui para ele, mesmo que ele esteja apenas contando. Preciso que ele saiba que não tenho reservas, por conta de seu passado.

— Agora imagine tudo isso, voltado para uma prostituta, tendo que afastar a irmã dos olhares maldosos de todos. Eu nem pensei quando as retirei da rua para trazerem para o conforto da minha casa, até porque na época, eu já tinha tudo isso em meu nome, graças ao velho Pedro.

Fazendo pequenas carícias em seu abdômen sarado, prendo minha atenção ali enquanto o escuto dizer cada palavra.

— Quando conheceu as duas?

Ele sorri da minha pergunta, fazendo-me subir meu olhar para ele, que encara a parede da frente.

— Um dia que eu estava passando em uma rua próxima a essa casa e Radija estava... – Limpa a garganta tentando se recompor. — Estava fazendo seu serviço, enquanto Violeta chorava na esquina. Eu não tive como evitar e as trouxe para casa. Ambas eram moradoras de rua e aquele era o meio que encontraram para se sustentarem. Não julguei, como também não julgo sua escolha de continuar com essa... profissão.

Meus olhos estão arregalados, tamanha é a minha surpresa com essa revelação.

— Nossa!

Saímos de nossa pequena bolha com a invasão precoce e confusa de Bruno, que está vermelho e de olhos arregalados, segurando o celular em mãos, enquanto sua boca abre e fecha.

Levanto-me rapidamente, para me aproximar dele, que está com sua respiração sôfrega me encarando.

— O que aconteceu? – pergunto vendo que em seus olhos está rondando uma confusão de sentimentos, ao mesmo tempo que ele se encontra em uma disputa de lados.

Algo ruim aconteceu aqui, eu posso sentir.

XXXVI

Marcelo Marquês

— Uma emergência na distribuidora do Marcelo – Bruno diz com seu olhar viajando de mim para Pérsia com pavor escrito nos mesmos. O seu tom de voz me indica que está mentindo e, que o motivo dele ter ficado assim foi algo bem pesado e tem a ver com Pérsia, já que não tem outro motivo para ele estar assim.

— O que houve? – ela pergunta com seus lindos olhos aflitos buscando algo em Bruno, mas ele parece aterrorizado demais, para conseguir responder alguma coisa.

Suspiro separando-me de Pérsia somente para encará-lo com atenção.

Eu sei que preciso tirá-lo de perto dela, para que ele possa me dizer, mas eu simplesmente não tenho coragem de deixá-la, a julgar todo o drama que ela está passando agora em sua vida, com as ameaças daquele maldito, acompanhado com as palavras maldosas do pai, que não serve para nada, além de destruir o bom humor que a filha tem.

Por Russo, eu só nutro um sentimento: raiva. Eu não consigo pensar em como um pai pode tratar a filha, como ele trata Pérsia. Tantas palavras que a devastam por dentro, que ele profere a ela, que o meu maior desejo é fazer o que sempre faço com aqueles que atravessam meu caminho.

Pisar, como faço para matar um inseto.

Não vejo diferenças entre um inseto e Russo. Estão no mesmo nível e acrescentando que ele só apoiou meu relacionamento com Pérsia, porque acredita que a qualquer momento pode receber algo em troca, o que só me deixa ainda mais irado de ódio.

Velho nojento, não merece um pinga de piedade em seu leito de morte.

— Bruno, depois tratamos disso, ok? – digo e ele arregala mais ainda os olhos sacudindo a cabeça.

Que deve ser importante, já entendi, mas ele que me perdoe. Nada nessa vida é mais importante que minha mulher aqui ao meu lado, sofrendo da forma que está e, com uma ameaça em cima de sua cabeça.

Já mandei que investigassem sobre esse tal Luciano Malaquias para que eu tenha argumentos o suficiente para pisá-lo da mesma forma que farei em algumas horas com Russo, se ele não retirar a maldita ameaça da cabeça de Pérsia. Não consigo respirar direito só com o pensamento de que podem tirá-la de mim tão cedo.

Eu não vou permitir que isso aconteça.

— Eu realmente preciso falar com você agora, Marcelo – diz enviando por meio do seu olhar, a maior urgência e pavor, que jamais antes fui capaz de ver, mas só sinto muito, porque não vou deixar Pérsia sozinha, no momento que ela está precisando do meu alento.

— O detetive fez contato? – pergunto assumindo que isso só pode ser a ver com ele.

Pérsia desvia seu olhar para mim com o cenho franzido e o olhar confuso.

— Não, mas...

— Então, pode ficar para mais tarde – digo passando meu braço pelo ombro de Pérsia, para trazê-la novamente para perto de mim e, assim que tenho sua cabeleira loira tão perto, é inevitável que a necessidade de sentir seu cheiro, não invada meu ser. E assim o faço, já sentindo uma calma fora do normal surgir aqui dentro de mim.

Um sorriso de lado brota em meus lábios, quando a lembrança da primeira vez que a vi com o cabelo loiro ainda nesta sala, me vem à mente. De certo, jamais poderia imaginar que ela estava falando naquele dia, ainda

na casa de campo de seus familiares, disse que queria pintar seu cabelo. Pensei que estava apenas querendo fugir de nossa conversa, por isso que, ao vê-la com o cabelo de uma cor completamente diferente, não consegui estabelecer um pensamento coerente. Tenho de ter em minha mente que tudo que essa mulher disser, não pode ser deixado de lado, muito menos desconsiderado.

Se tem algo que descobri sobre Pérsia é que esta mulher tem palavra e que se ela disser algo, isso vai se cumprir com toda certeza. Ou seja, preciso tomar cuidado com meus atos também, até porque já sei o quão raivosa ela pode ser.

— Acho que não pode não, Marcelo.

Coça sua cabeça, encarando-me com uma careta.

— Bruno, você quer conversar comigo?

Os olhos dele se arregalam ainda mais, dando-me a certeza de que é algo interligado à ela, o que só me deixa ainda mais preocupado. E, assim, tiro meu braço de perto dela para que eu possa descobrir o que diabos está acontecendo.

Ao escutar passos rápidos, desvio minha atenção, para a parte interna da casa, de onde Violeta aparece rapidamente com um largo sorriso nos lábios e o tablet de Bruno em mãos.

— Pérsia! – Corre até estar em nossa frente, ainda exibindo um sorriso, o que leva Pérsia a revelar o sorriso mais lindo, que é capaz de derreter icebergs, inclusive o meu, que já está derretido a muito tempo.

Sorriso ao ver que as duas estão sorrindo tão perto de mim.

Como amo ver minhas duas mulheres tão felizes!

Vivo para vê-las assim.

— O que foi?

Pérsia está me parecendo tão relaxada agora, o que não estava aparentando alguns segundos antes dela aparecer. Acho que Violeta poderia vir morar conosco, só para trazer ainda mais felicidade para Pérsia.

— Encontrei dois estabelecimentos perfeitos para a sua Floricultura!

A boca de minha mulher se abre e por um momento, vejo seus olhos marejarem de uma forma tão espontânea para logo em seguida, seu corpo ir de encontro ao de Violeta, a abraçando com força, enquanto a agradece de todas as formas que jamais achei possível.

Notei que, para fazê-la feliz, não preciso dá-la coisas materiais, sabe? Pérsia é tão intrigante e diferente que um simples ato de carinho, atenção e amor, dirigido a ela, pode fazê-la a pessoa mais brilhante que vá preencher o mundo inteiro, por anos e mais anos. E, com toda a certeza do mundo, é o que farei para que ela permaneça sempre com um lindo sorriso nos lábios, encantando-me cada vez mais.

— Eu não fiz nada, xuxu. Só pesquisei em algumas mobiliarias...

A cabeça de Pérsia se afasta do ombro de Violeta e, logo, ela a encara, seus olhos cheios de lágrimas não derramadas, faz meu coração acelerar ainda mais. Nunca na minha vida que eu poderia imaginar que estaria louco por uma mulher, como sou por essa.

— Agradeço por ter pesquisado, mesmo sem eu ter pedido. Agradeço por se importar.

Ela pisca, fazendo com que as lágrimas escorram por seu rosto e, logo minha irmã está a abraçando novamente.

— Claro que me importo, anjo – diz fechando seus olhos e passa a mão por sua costa, afagando-a.

A melhor visão da minha vida inteira.

Quando eu poderia imaginar que aquela megera fria, seria tão carregada de emoções assim? Nunca.

Atrapalhando o momento das duas, o celular dela toca, fazendo com que ela se separe de Violeta para que enfim possa olhá-lo. Vejo seus olhos se arregalarem e rapidamente desviar para o meu com sua respiração travada.

— É ele – sua voz sai em um sussurro e o que antes era emoção, agora é pavor, medo.

— Quem? – pergunto sem saber quem possa ser.

Talvez Russo?

— Luciano.

Arregalo os olhos e, rapidamente me aproximo dela para então pegar o celular da sua mão e atender o mesmo.

— Alô.

A linha está muda e, logo... desliga.

Desvio minha atenção para Pérsia que me encara de olhos arregalados, as lágrimas sumindo de seus olhos e antes que eu possa raciocinar direito, ela se aproxima para tomar o celular das minhas mãos.

— Por que fez isso? – rosna semicerrando os olhos.

— Isso o que? Estou tentando te proteger!

Ela suspira acenando e, quando vai abrir a boca para falar alguma coisa, o celular retorna a tocar, fazendo-a arregalar os olhos ao encarar o visor.

— Coloca no viva-voz.

Ela acena e atende fazendo o que eu disse.

— Sim?

Uma gargalhada rompe a linha e eu semicerro os olhos ao tempo que encaro o maldito celular, considerando tomá-lo de suas mãos e quebrá-lo.

— Sei que me escuta, Marcelo Marquês. Então, preste atenção no que te direi, *querido*. Pense bem antes de mandar alguém me investigar, porque da próxima vez, o morto pode ser você, não o detetive.

Arregalo os olhos com a respiração travando no meio de minha garganta.

— E, Pérsia, *querida*, eu te avisei, eu o avisei, mas ele não quis escutar. Sua dívida comigo está cumprida. Quer um conselho camarada, *querida*? Não volte a se meter com Malaquias ou comigo, porque não darei chance alguma para sua família.

— Co... Co... Como a dívida foi paga?

Há um silêncio e depois ele volta a falar.

— Russo está morto.

XXXVII

Pérsia Martins

Ter um pai, passar a vida ao lado dele desejando receber um pouco que seja de carinho, amor e atenção, é uma coisa, mas saber que esse pai morreu e que agora, nada mais pode fazer para tentar ter o seu amor, é algo completamente devastador. Sinto como se um pedaço do meu peito tivesse sido rasgado e enterrado junto ao seu corpo completamente desfigurado, porque o assassino não soube apenas matá-lo com um tiro, de uma forma mais rápida e indolor. Não, ele foi torturado de uma forma tão brutal e animal que nem sei descrever direito. Os médicos legistas que o examinaram, disseram que parte das suas tripas foram arrancadas por sua boca, enquanto ainda lutava para viver.

Fecho meus olhos os apertando forte, quando as palavras deles voltam a minha cabeça, novamente e novamente, fazendo-me ainda mais miserável.

Sabe todas as lágrimas que eu estava segurando para não deixar cair por todos aqueles dias? Pois foi impossível que elas não escorressem por meu rosto quando a notícia de Luciano, chegou aos meus ouvidos.

Nunca poderia imaginar que tamanha crueldade poderia existir dentro de uma pessoa humana assim como todos nós. Pensei por diversas vezes em me vingar em colocar a baixo aquele cafofo ao qual ele vive, mas quem sou eu para medir forças com alguém como ele, que foi capaz de tal ato de brutalidade para com meu pai?

Russo nunca foi inocente e não será agora depois de morto, que se tornará um homem decente, de bom coração como foi dito por nossos tios e parentes em seu enterro, enquanto um padre fazia uma oração para que ele encontrasse as portas do céu com graça. Esse foi o momento em que eu mais fiquei enojada com aqueles que nos rodeavam, porque Russo sempre tratou de

humilhar cada um daqueles que foram para perto do seu caixão, fazer discurso. Tudo para ficar bem aos olhos de terceiros, porque o seu orgulho não é nada, já a visão dos outros é tudo. Como eu odeio essa família, como eu quero me livrar o mais rápido possível de todos eles.

O mais irônico e sem sentido foi ver minha querida tia Morgana lá, na companhia da sua mimada filha, em posse de lenços brancos em que levavam até seus olhos e como damas da mais alta sociedade brasileira, limpavam seus rostos como se ali houvesse alguma lágrima. Seus olhares baixos ao encararem cada uma daquelas pessoas que ali estavam eram dignos de óscar. Se eu não as conhecesse diria com perfeição que estavam mesmo sofrendo pela perda daquele que me trouxe a vida, ao mesmo tempo que me tirou a mesma, transformando-me em um mero robô, que estava ali, viva apenas para servir ao propósito de servi-lo, enquanto eu respirasse.

Mesmo sentindo algo ruim aqui dentro de mim em relação à ele foi impossível que eu não sentisse tristeza por sua partida e morte tão horrível. Apesar de tudo, eu o amava, ainda amo. Ele sempre estará guardado no meu peito como aquele que me deu a vida, mas me negou o amor paterno.

Depois que todos foram até lá fazer seu discurso, os outros olhares se voltaram para mim, que estava bem agarrada a Marcelo, aquele que estava me trazendo conforto, enquanto tudo que eu mais queria era sair dali para sentir minha dor longe daqueles olhares aguçados e crentes de que eu era obrigada a falar para que todos ouvissem. Pois bem, eu me aproximei do caixão preto e cravado com seu nome na parte de cima e, jurei, perante seu corpo morto, que faria com que sua fortuna crescesse mais ao longo dos anos em que eu estivesse no poder, mas da minha boca, não saiu uma palavra para aqueles que ali estavam. E depois disso dei as costas a todos e com minha mão entrelaçada a de Marcelo, saí dali, sem ao menos voltar meu olhar para trás para ter o desprazer de ter o olhar de terceiros voltados para mim.

Hoje, quinze dias depois da sua morte foi o momento de abrir seu testamento, onde continha uma carta, essa que pertencia a minha mãe em que dizia que todo o patrimônio que Russo formou enquanto vivo, pertencia a mim, porque no leito da sua morte todo o dinheiro que a pertencia, foi destinado a mim, a fim de que quando atingisse minha maioridade, pudesse abrir o meu próprio negócio ao tempo que pudesse desfrutar de uma boa vida,

sem precisar lutar tanto por isso. Em um testamento feito por Russo, ele revelou que todo esse dinheiro foi utilizado como investimentos em sua rede de empresas que ele montou com a finalidade de me pertencer, quando ele já não estivesse mais em meio à nós, logo toda a sua fortuna, passaria único e exclusivamente para o meu nome.

Quando seu advogado terminou de dizer todas essas coisas, meu peito já não batia com exatidão, porque a confusão que eu já tinha aplacado com o passar dos dias só retornou com ainda mais força e chorar ali bem na frente daquele senhor, que tinha seus setenta anos foi inevitável. Foi só então, que eu fui capaz de compreender o motivo pelo qual ele me preservava ali em seu poder por tanto tempo.

Puxo uma longa respiração quando Marcelo traça com seus dedos, os fios do meu cabelo com uma certa lentidão, que me deixa um pouco mais calma.

Estamos na sala de sua casa, deitados no chão, esse que virou um costume de nós dois, de tanto que ficamos por aqui. Não temos ido a empresa, porque ele preferiu me fazer companhia, enquanto eu não estivesse me sentindo preparada para voltar. Discutimos por várias vezes que eu estava sim, que eu queria voltar no dia do enterro de Russo mesmo para me afundar no trabalho e esquecer tudo aquilo que estava cercando meu corpo, mas ele foi convicto em afirmar que não precisava que a gente se apressasse, que Bruno, na companhia de Violeta, dariam conta do recado.

Acho que esse tempo em que eles ficaram juntos dividindo tarefas na empresa foi um tempo muito bom em que eles puderam trocar experiências e permanecerem juntos e, eu só espero que tenha sido também, um ótimo momento para que eles se aproximassem.

Os dois, agora, estão no escritório de Marcelo, resolvendo as pendências que faltam para que nos apresentem o que tivermos de reaver ao voltar. Meu lindo namorado, aqui ao meu lado respira vagarosamente com minha cabeça em seu peito.

Nunca vou esquecer que ele passou tanto tempo ao meu lado, cuidando de mim, dando-me conforto, tratando-me como se eu fosse quebrar se tocada de uma forma um pouco mais apertada. Seus olhos preocupados estavam sempre

sobre meu rosto durante as noites em que passei sofrendo de diversas formas possíveis.

E ele não me deixou, não dormiu.

Marcelo ficou ao meu lado me trancando no poder dos seus braços, enquanto eu chorava ou só olhava para o nada, torturando-me com coisas que eu poderia ter feito, para ter sua atenção e que não fiz. Ele não me soltou por nenhum momento e eu o amo ainda mais por isso. O amo mesmo, meu peito grita isso, junto com minha cabeça.

Ambos gritam que eu devo mantê-lo aqui por todos os meus dias na terra ao meu lado.

Suspiro quando Violeta vem rapidamente em nossa direção com os olhos arregalados e a respiração acelerada. Levanto-me rapidamente do peito de Marcelo para encará-la e logo seus movimentos param em frente a enorme televisão de plasma em nossa frente, que quase não é usada. Ela pega o controle, a liga e seleciona um canal...

Não acredito que esse projeto de vadia está mesmo querendo se exhibir na televisão desse jeito.

“— Eu não tenho como me sustentar. Ele se foi, deixando-me com seu filho em meu ventre, sendo que a filha dele, Pérsia Martins, herdou tudo. Só peço uma pensão para que eu possa criar meu filho...”

A raiva que começa a correr por minhas veias é tão grande, que quando vou perceber já estou ficando de pé e me encaminhando diretamente para o escritório de Marcelo, onde está seu computador com o vídeo que gravei dela com o motorista.

Bruno está em meio a vários papéis assim que entro o ambiente, mas não me prendo nele por muito tempo, porque o computador nesse exato é o mais importante.

Uma pessoa normal da alta sociedade pensaria bem antes de fazer o que estou prestes a causar na vida de Penélope, por causa da imagem de uma

pessoa que já está morta, mas como não sou normal, farei o que bem quiser, a fim de calar a boca dessa vadia.

— Bruno, prepare uma nota contando sobre a traição de Penélope, coloque aquele vídeo que fiz de anexo e envie para todos os sites que puder. Faça isso agora e largue esses papéis. Estou voltando hoje para a empresa.

Não fui criada para sofrer em casa.

Sou uma mulher que foi criada para ser forte em todos os âmbitos e é exatamente o que farei. Agora que tenho uma vasta fortuna em meu poder, nada será capaz de me parar e meus queridos familiares que se cuidem, porque não darei sossego a nenhum deles.

XXXVIII

Pérsia Martins

No dia seguinte já me encontro lotada de processos para analisar, papéis para assinar e propostas para redigir. Marcelo, não muito diferente de mim, encontra-se ao meu lado, em minha mesa, lendo alguns dos que Bruno selecionou para nós.

Alegando que não conseguia ficar tão longe, estando tão perto, Marcelo trouxe sua cadeira e o trabalho para minha mesa, dizendo que consegue concentrar-se melhor em seu trabalho, tendo meu cheiro perto do seu corpo. Vez ou outra, ele está se inclinando em minha direção, para sentir o cheiro do meu pescoço, para logo em seguida, voltar a ler novamente, o que me rende alguns sorrisos satisfeitos.

Gosto da sensação de que ele me deseja perto, de que realmente tem a necessidade de me ter ao seu lado, mesmo que seja apenas para sentir meu cheiro, para que possa trabalhar sem interrupções. Acho que nada pode me fazer mais feliz mesmo com a dor da perda de Russo ainda presente em meu peito.

Violeta e Bruno “montaram barraca” na casa de Marcelo, dizendo que estariam ali para qualquer coisa que a gente for precisar de agora em diante. Mesmo que eu tenha dito à eles que não precisava, que eu estava bem, Bruno insistiu dizendo que a casa de Marcelo está melhor frequentável por ter a mim, as minhas plantas e as minhas duas gatinhas, que ele já considera como sendo parte da família. Sim, ao que tudo indica, agora faço parte dessa família, a que eu não escolhi, mas que me faz tão feliz que jamais poderia desejar outra, porque a minha mesmo de sangue, é uma... farsa completa.

Nada que eu possa desejar na minha vida, infelizmente.

— Sabe, estou muito ansioso para que a gente termine logo de arrumar esse monte de coisa, para que enfim possamos voltar ao nosso ninho do amor – Marcelo diz ao meu lado, fazendo-me sorrir de lado.

Volto meu olhar para ele e admira o seu belo porte e escolha de vestimenta para hoje.

Marcelo é o primeiro empresário poderoso que conheço que vem até a empresa dele, com sandália de dedo, calça social e camisa social com suas mangas arregaçadas até seus cotovelos, revelando sua tatuagem. Sem contar, que seu cabelo grande e barba da mesma forma, dão a ele, um ar selvagem. É um homem único e completamente lindo. Tanto por dentro, quanto por fora, disso tenho certeza.

— Você se incomodaria se eu colocasse uma música para que a gente escutasse? – ele pergunta fazendo sua voz grossa verberar no lugar e eu sorrio de lado pelo simples facto de escutar sua voz perto de mim.

Impressionante a forma como fico boba só em tê-lo tão perto e tão carinhoso por perto.

Se fosse em outros tempos, não estaria pedindo permissão. Já estaria liberando a música alta para me deixar louca e desconcentrada, porém essa ideia levada em consideração agora, não me é mais incomoda. Pelo contrário é completamente aceita e bem-vinda.

Tudo que quero é ter momentos compartilháveis sempre ao seu lado.

— Claro que não, amor.

Ele sorri e se levanta indo até a sua mesa, onde vira seu computador em minha direção e seleciona “*O velho e o moço*” de *Los Hermanos* para começar a tocar, fazendo-me sorrir largamente ao escutá-los.

— Gostei da escolha – digo e ele sorri voltando para sua cadeira, aproximando-a ainda mais de mim, assim, ficamos bem encostados com nossa pele tão próxima, que sinto-me queimar a cada toque.

Damos continuação ao nosso trabalho, apreciando de uma boa música, enquanto ficamos constantemente concentrados, observando nossos trabalhos, mas por vezes era impossível que eu não desviasse meu olhar para observá-lo tão lindo com seu óculos, enquanto estudava concentrado correndo seu olhar pelas letras, mantendo sua boca franzida e, por alguns momentos, levava sua caneta de ouro até a boca, onde a deixava por alguns segundos e, logo em seguida, quando surgia algo que não estava certo, se desencostava da sua cadeira apoiava o papel em cima da minha mesa e lá, no papel, riscava algo.

Sorrio voltando minha atenção para as planilhas que ainda tenho de organizar para depois apresentar aos nossos acionistas. E é com seu cheiro próximo à mim, que mergulho no meu trabalho novamente, sendo, horas mais tarde, interrompida por Bruno, que ofegante, entra na sala.

Preciso conversar com ele sobre sua mania louca de surgir assim com os olhos arregalados, rosto vermelho e levemente úmido de suor quando menos espero, porque a qualquer momento ele vai me causar um infarto de preocupação.

— Não tivemos como barrá-las, gente! Começaram a gritar lá embaixo e quando nossos seguranças ameaçaram tirá-las a força, uma começou a gritar que eles iriam matar o seu bebê, enquanto a outra discursava sobre bons costumes e sobre o nome que ela carrega, que exige respeito de todos os seus subordinados, porque parte dessa empresa a pertence! Eu não sou pago para lidar com tanta loucura! Exijo um aumento imediatamente! – fala com um único fôlego ao tempo que gesticula com as duas mãos, a viajar seu olhar de mim para Marcelo e de Marcelo para mim.

Levanto-me e me aproximo do seu corpo e, quando finalmente estou perto o suficiente, descanso minhas duas mãos em seus ombros, levando meu olhar até os seus.

— O que está acontecendo? – meu tom é brando, calmo, baixo, com a finalidade de que ele se acalme e fale sem acabar causando um ataque cardíaco em todos nós e nele mesmo.

— Penélope acompanhada de Morgana estão na outra sala fazendo a

maior confusão para falarem com você.

Puxo uma longa respiração considerando o motivo ao qual elas vieram até aqui, sendo que tudo o que tinha para fazer e falar, já fiz e falei, mas se elas desejam ibope é o que receberão, mas só espero que elas esperem que esse seja positivo, porque não será.

Estou cansada de escutar seus nomes sendo pronunciados perto dos meus ouvidos.

Cansei de tudo.

— Onde estão os seguranças? – pergunto o encarando, que apenas suspira, acho que pensando no que está fazendo de errado, por conta de toda essa confusão.

— Na porta.

Aceno, viro-me e saio da sala indo diretamente para o local onde vejo uma grande quantidade de homens vestidos a ternos pretos em frente à uma porta. Paro em frente a eles e sem precisar dizer uma palavra, estão abrindo passagem para mim, que abro a porta, vendo que as duas estão sentadas em um sofá tomando taças de Champagne, enquanto olham pela janela do lado de fora do local.

— O que querem? – digo mantendo minha voz grave com a intenção de levar toda amargura que eu puder por meio dela.

— Dinheiro e ajuda. Você é minha sobrinha e eu ajudei a te criar. Precisa me ajudar!

Reviro os olhos quando Morgana se levanta com a taça de Champagne ainda em sua mão para me encarar com falsas lágrimas, já à minha espera para serem jorradadas.

Pobre dela se pensa que eu me incomodo.

— Não tenho como sustentar a mim e ao meu filho, Pérsia. Você me deixou de uma forma que ninguém deseja me contratar!

E, mais uma vez, estou aqui na porta desse lugar revirando os olhos, a encará-las. Como não estou com tempo e vontade de ficar aqui, discutindo por horas, até que elas decidam ir embora por cansaço, resolvo que a maneira mais fácil de resolver isso é dando o que elas querem do meu jeito. Não quero mais escândalos, não tenho paciência para lidar com isso novamente, logo, tenho de achar uma conclusão rápida.

— Vão ter que trabalhar.

Ambas arqueiam suas sobrancelhas me encarando com pura descrença.

— Não tenho...

— Ou trabalha, ou some da minha frente e empresa.

Morgana semicerra seus olhos encarando meu rosto, mas não diz nada.

Sentindo subir por minhas veias, uma satisfação fora do normal, uma ideia vem a minha cabeça e, logo um largo sorriso está pousando em meus lábios. Morgana não me conhece direito, se pensa que eu, logo eu, terei alguma piedade dela.

Só lamento, querida tia.

— As mesadas foram cortadas. De todos, sem exceções. Ou seja, ou trabalham, ou morrem de fome. – Sorrio vendo seu rosto ficar ainda mais vermelho. — Quer que sua filha volte da Inglaterra? Trabalhe e mande dinheiro a ela, porque do meu bolso ela não terá nada. Ou então, você pode voltar para o seu ex-marido, aquele que você traiu com o motorista e que todos têm conhecimento.

Ela semicerra os olhos e trava sua mandíbula ao tempo que seu rosto fica todo vermelho, tamanha é a raiva que sente. Acho bom que ela esteja sentindo raiva mesmo, porque não tenho nenhuma intenção de tornar alguma coisa fácil a ela.

— Na empresa que Russo estava comandando estão precisando de alguém que sirva café durante as reuniões. – Sorrio e me viro para Penélope,

que com sua barriga já apontando, encara-me de olhos arregalados, muito diferente da mulher abandonada que estava se mostrando ontem na televisão. — Para ti, nessa empresa, temos uma vaga de faxineira.

Sua boca entreabre e eu revelo um largo sorriso para logo em seguida, me virar, dando de cara com o peito musculoso que tanto tenho o prazer de passar várias horas do meu dia.

O peito daquele que amo.

Marcelo.

Ele rodeia minha cintura com seu braço e me guia para fora dali, conduzindo-me para o elevador, onde rapidamente o mesmo se abre, revelando-o vazio. Entramos e ao nos virar, vejo que Bruno se aproxima correndo de nós o que faz Marcelo levar sua mão até a porta para impedi-la de fechar, até que ele entra no ambiente conosco e revela um sorriso.

— Vou com vocês. Tenho coisas a mais para dizer.

Suspiro tendo em mente que, coisa boa é que isso não pode ser.

Segura coração.

XXXIX

Pérsia Martins

Assim que chegamos em casa, Marcelo pediu que Bruno esperasse que a gente acabasse de tomar um banho, a fim de relaxar um pouco daquela tensão toda que estava instalada em nossos corpos, desde a hora que chegamos na empresa. E então, ele me levou para baixo do chuveiro, onde tratou de me banhar da forma mais lenta e carinhosa que se pode existir sem nenhuma insinuação sexual pairando por seu corpo, o que achei a coisa mais atenciosa e encantadora.

Amo quando ele está assim, todo em modo cuidadoso comigo como foi durante todo esse tempo em que eu estava mal, só precisando de amor e carinho compartilhado de forma bem lenta e sem nada sexual.

Por vezes até achei um pouco louco que ele estivesse deixando de trabalhar por todos aqueles dias, só para ficar deitado em sua cama com seu braço ao redor da minha cintura, fazendo movimentos circulares na mesma, enquanto eu só me deixava levar pelo embalo de tanto amor, ou nas vezes que ele só me fazia companhia, enquanto eu limpava minhas plantas e flores. Nem deve passar por sua cabeça o quanto sua presença aqui por perto de mim foi e está sendo importante para que eu mantenha minha cabeça no lugar, para seguir em frente, sem acabar fraquejando.

Com toda certeza que se eu não tivesse seu apoio, seu carinho e o seu amor, agora, eu estaria afundada na mais profunda areia movediça sem ter chance para voltar a superfície. Provavelmente, eu teria tentado me matar, ou teria fugido para bem longe desse país, indo tentar a sorte em outro, onde eu só iria me perder procurando em outras pessoas, o que eu nunca tive, mas graças à ele, à sua existência e persistência, estou aqui, firme e forte, enfrentando tudo de cabeça erguida.

Há quem pense que o amor é apenas um sentimento bobo, que não deve ser levado em consideração, por ser coisa de pessoas fracas que não podem

seguir sua vida sozinho. Não, não, essa é, com toda certeza, o pior tipo de pensamento que se pode passar pela cabeça de um alguém. Por experiência própria, viver sem amor não te torna forte, pelo contrário, te torna alguém fraco, miserável e amargo por dentro. O que seria de mim, se não tivesse os toques, o olhar preocupado, o carinho e o amor de Marcelo?

O amor verdadeiro, esse que tenho no meu peito por Marcelo foi o que me tornou viva, ao contrário do zumbi controlado pelo pai, que eu era. Não me importo de ter dinheiro se a única coisa que ele me trouxe foi a falta de um sentimento tão gratuito e verdadeiro que é o amor.

Amar é se sentir triste por ver o seu companheiro triste.

Amar é proteger, quando tudo está querendo prejudicar aquele que ama.

Amar é se entregar de corpo e alma, sem restrições.

Foi isso que Marcelo me deu, sem pedidos, sem exigências e sem um valor.

E, agora, eu sei disso, porque eu tive a graça de conhecer Marcelo Marquês, o homem que virou meu mundo de ponta cabeça e, que, sem ele eu seria apenas um mero fantoche da sociedade, guiado e treinado pelo pai para assim ser e satisfazer todos, mesmo que esse não seja o meu desejo.

Minha mãe amou, se entregou e morreu. Infelizmente, seu amor foi dado a um alguém que nada tinha na sua vida para lhe entregar de volta. Sinto muito por ela, sinto muito pela morte que ele teve, mas não vou deixar que essa dor dos meus pais acabe por prejudicar a minha vida. Eu sou maior que isso e, vou provar disso, sendo feliz.

Marcelo deu a ideia de que abríssomos uma Floricultura para que pudéssemos ir construindo clientes iniciais. E, com a influência que temos das empresas, daria certo para que o negócio crescesse rápido. E, sim, ele se incluiu nesse plano. Utilizou o termo “nós” e ainda acrescentou que, o que tiver de acontecer, acontecerá e ele vai estar comigo para isso.

E ele falou sério, olhando nos meus olhos.

Tem como não amar esse homem?

Agora, estamos sentados à mesa da sala de jantar, enquanto encaramos um Bruno nervoso e uma Violeta muito sorridente e eu já posso até adivinhar o que será dito aqui.

— Eu tenho algo para dizer a vocês...

— Vocês estão namorando? – pergunto o atrapalhando, porque já sabia que seria isso pela aproximação toda que os dois estavam dividindo, enquanto tomavam conta da empresa.

Violeta salta da sua cadeira, ainda revelando um largo sorriso.

— Sim! – diz ainda com o sorriso nos lábios, nos agradecendo com a certeza da sua felicidade e eu levanto da cadeira para rodear a mesa e, finalmente, abraçá-la com uma devida força, que só desejo transmitir conforto e felicidade.

— Bruno me acompanhe até o escritório, por favor – escuto Marcelo dizer e, logo, já está se colocando em pé se encaminhando diretamente para fora da cozinha.

Bruno, com uma expressão de dar pena, levanta-se da cadeira e lentamente o segue. Acho que ele acredita ir para o lugar em que vai morrer. Sorrio, sacudindo a cabeça. Marcelo não faria nada para machucá-lo.

E aqui, na cozinha, ficamos por algum tempo conversando com Violeta me contando quando que eles se acertaram e, por incrível que pareça, foi no mesmo dia em que eu a disse que ele gostava dela. Foi o dia em que ela se aproximou mais e com o passar dos dias com uma convivência tão próxima da dele na empresa, acabou que a atração foi mais forte que a distância emocional que o separavam. Achei lindas as palavras que ela me disse, mas eu já estava me preocupando com o que eles estavam fazendo, que não apareciam por nada.

Mas, então, como se as portas do paraíso acabassem de ser abertas, Marcelo surgiu com um sorriso brilhante nos lábios atraindo minha atenção

completamente para ele, enquanto que Bruno estava com o cenho aliviado. E, foi nesse momento que passou pela minha cabeça que minha estadia nessa casa estava se prologando muito. Eu tenho dinheiro para comprar uma casa do jeito da que eu tinha, mas eu continuo em sua casa ocupando o local que é seu.

Mas, foi então que eu tive a certeza que eu não conseguia imaginar minha vida longe da dele e que eu teria que fazer algo para mudar isso. E tinha de ser rápido.

XI

Pérsia Martins

Estive pensando bastante no que eu faria de agora em diante, sobre minha relação com Marcelo, esse que tem se mostrado mais forte que nunca e que não quero por um instante sequer ao menos pensar que terei de ficar longe dele.

E pensando por esse lado mantive em minha cabeça, que o melhor seria que eu tratasse de amarrá-lo à mim, de uma vez por todas e de uma forma, que nada, nem ninguém seria capaz de nos separar.

Um casamento.

Pensei e pensei, mas eu não sei o que pode significar isso para ele, porque para mim, não teríamos de precisar ir à igreja, não precisaríamos fazer nada no civil. A posição que mantemos já é o suficiente para que seja considerada como um casamento, só que nós ainda não discutimos sobre isso. Claro que a gente poderia fazer uma pequena comemoração, envolvendo nossos dois amigos mais próximos e, assim, oficializaríamos nossa união. Passei o dia inteiro recheada com esses pensamentos, ainda mantendo o de que nem em namoro ele me pediu, apenas mantemos o título como se fôssemos. Assumimos que somos namorados e pronto. Não houve um pedido, nem nada relacionado a isso. Então como quero tê-lo logo para mim, sem ter de esperar até que ele pense em me pedir em casamento, resolvi que eu mesma faria isso de uma maneira bem... pouco convencional, onde teríamos o prazer de nos amar pelo resto da noite, logo em seguida. Para ser bem sincera, assim que acabei de pensar nisso, fui logo preparando tudo sem ao menos pensar na possibilidade de que ele poderia não querer dar um passo tão grande como esse, que acho muito importante e que só agora, vim me dar conta de tudo o que está batendo em mim.

Recheei o quarto com flores por todos os âmbitos, velas em alguns cantos e incensos bem ao lado delas, dando um cheiro maravilhoso para o local.

Dispensei todas as empregadas, dando hoje e amanhã como sendo um dia de folga para todas, que sorridentes, se foram já fazendo vários planos para a noite de hoje, onde iriam para um bar relaxarem um pouco, por causa das semanas tensas que tiveram. A animação delas, deixaram-me feliz. E eu realmente espero que se divirtam, enquanto estiverem fora.

Estou com um friozinho na barriga, sentada em uma das cadeiras de madeira que posicionei no meio quarto, tendo o cuidado de posicionar outra bem em frente a essa, só que com cinco passos longos de distância.

Como tive tempo de preparar metade das coisas, aproveitei para ir até uma loja de lingerie e comprei uma que tenho certeza que ele irá amar.

É uma camisola vermelha com seu material pouco transparente, que vem até o começo das minhas coxas, tampando apenas o necessário, para o que preciso. Uma meia calça preta com trançados transparentes está em minhas pernas, indo até onde termina o vestido. Uma calcinha fio dental da mesma cor da camisola, cobre apenas o principal para que eu consiga provocá-lo durante um bom tempo.

Beira às sete da noite quando, enfim, escuto a porta da entrada sendo aberta e sua voz alta me chamando, o que me rende um sorriso de lado. Por esses dias, isso se repetia com mais frequência. Quando a gente se separava aqui dentro de casa mesmo, não demorava muito, lá estava ele me chamando a todo vapor, enquanto me procurava pelos cômodos da casa com urgência.

Por esses e outros motivos é que acho que meu pedido não será negado.

Tenho certeza que ele me ama, que me deseja perto dele e isso é o que me deixa ainda mais realizada por dentro, porque finalmente eu descobri o que é o amor e ainda posso senti-lo sendo dado a mim, todos os dias, todas as horas.

Suas demonstrações de amor e carinho se dão de uma forma completamente descontraída e espontânea. Em um momento, estamos deitados no chão, compartilhando de histórias e, em outro, ele está me beijando com carinho, tocando-me com adoração e me olhando com amor.

É algo que vejo e sinto.

É o que eu quero pelo resto da minha vida.

E quero com ele, somente com ele.

A porta se abre fazendo com que eu vire minha cabeça em sua direção, para só então ver seu rosto tão lindo, bem ao meu lado, presenteando-me com um sorriso e, logo em seguida, um franzir de cenho completamente lindo.

— Entra – digo revelando um pequeno sorriso de lado para ele, que faz o que peço, olhando ao redor com uma careta.

— O que você está aprontando? – pergunta revelando um sorriso, que eu daria tudo para estar sempre ali em posse dos seus lábios.

Pisco, mordendo meu lábio inferior, quando ele desce seu olhar por meu corpo, observando-me com desejo para depois voltar seu olhar para o meus, mordendo o seu lábio inferior agora.

— Que grande recepção, essa a minha, amor. Sinto-me muito feliz, com ela – diz me encarando com um largo sorriso agora.

— Sente ali – digo apontando para a cadeira.

Ele segue meu dedo e se volta para me encarar com as sobrancelhas arqueadas.

Sorri me mostrando todos aqueles lindos dentes brancos.

— Ai que delícia, amor! Vou ganhar um strip-teaser?

Sorrio ao ver sua animação. Apenas sacudo minha cabeça e me levanto para me aproximar de seu corpo.

— Sente-se!

Ordeno, mantendo meu rosto sério, mas o seu sorriso faz com que outro se revele aqui em meus lábios.

— Você fica muito sexy assim mandona e com essa camisola...

— Senta, Marcelo!

— Vou ser castigado?

Arregala os olhos levando uma das suas mãos ao peito, mas logo, está se dirigindo até a cadeira, onde se senta, encarando-me com expectativa.

Sorrio me virando e voltando para a cadeira em que eu estava sentada. Ao me sentar, volto a encará-lo e, com seus olhos em meu corpo, levanto minha perna esquerda o suficiente, para que lentamente eu a cruze por cima da esquerda. Ele acompanha o momento em que a bainha desce um pouco, revelando grande parte da minha bunda, com os olhos aguçados, sem desviar daquele movimento por nada, o que me faz sorrir.

— Marcelo, eu te amo, acredito que disso você não tenha dúvidas, mas caso tenha, estou aqui para reforçar a você. Eu te amo.

Seus olhos voam para os meus com um tom vermelho surgindo em seu rosto pela penumbra que está povoando o quarto. Ele os arregala, enquanto me encara com intensidade, acho que procurando entender o que estou querendo dizer a ele.

— Depois do que passamos esses dias juntos, quero que você seja meu.

Ele suspira apertando as laterais da cadeira com as duas mãos, como se precisasse se segurar para não acabar caindo a qualquer momento.

— Bem direta você, ein – ele diz me fazendo sorrir baixinho, mas mantendo meu olhar no seu.

— É o seguinte – me levanto e lentamente me encaminho até estar no meio do quarto —, nós nem sabemos o que temos ainda, certo?

Marcelo suspira abrindo um largo sorriso.

— Eu sei o que temos...

— Não, amor, quero dizer em termos rotulativos. Quero rotular o que temos.

Ele suspira afundando na cadeira, ainda olhando para mim com seus olhos arregalados.

— Quero que seja meu marido!

Por alguns segundos considero que ele vai acabar tendo um infarto, por conta do seu rosto que, em questão de segundos, fica todo vermelho, mas que passa quando de repente levanta para se aproximar de mim. Assim que está próximo o suficiente, laça minha cintura com seu braço, levantando-me em seu corpo e, logo estou rodeando sua cintura com as minhas pernas, já que ele afunda sua cabeça na curva do meu pescoço beijando sua extensão até os meus lábios.

— Meus deuses, mulher! Você está sabendo o que está falando? – pergunta com sua respiração rápida, perto de meus lábios me fazendo sorrir minimamente.

— Obviamente, Marcelo. Ou acha que estou brincando?

Seus olhos cravam ali nos meus com lágrimas se formando nos mesmos, o que me faz jorrar amor de dentro do meu ser para esse homem.

Ele não existe.

— Você está se rendendo a mim, Pérsia? – ele pergunta com sua voz embargada e a respiração entrecortada.

Eu sei como ele deve estar no limite agora.

— Estou me rendendo ao nosso amor.

Ele revela um sorriso lindo piscando e deixando que suas lágrimas desçam por seu rosto. Os sentimentos que ele reflete para mim são tão intensos, que acredito nem ser capaz de respirar direito.

— Eu aceito – ele diz me fazendo sorrir largamente e abertamente com

meu coração batendo cada vez mais rápido aqui dentro —, mas tenho quatro termos que você precisa analisar.

Minha animação acaba, instantaneamente, ao escutar isso aqui e por um momento, tento considerar do que diabos ele possa estar falando, mas como nada passa por minha cabeça, apenas o encaro me observar como os olhos ainda cheios de emoção.

— Que termos são esses, Marcelo Marquês?

Ele sorri, sacudindo a cabeça e me coloca no chão tomando um passo para trás, para então se afastar de mim.

— Eu já estava pensando em te pedir em casamento há algum tempo, mas seu pai morreu, você teve um tempinho muito mal e, agora, me surpreende com esse pedido – diz levando uma das suas mãos até um dos seus olhos, onde passa limpando o molhado que ali contém por conta das lágrimas.

Ele puxa outra respiração e, logo, levanta o olhar para mim.

— Ainda não comprei as alianças, porque achei que essa era uma tarefa para nós dois. Juntos...

— Os termos, Marcelo. Quais são?

Sinto um frio na minha barriga de tão ansiosa que me encontro nesse momento. O seu sorriso, novamente em minhas vistas, faz, de alguma forma, com que eu me aqueça toda por dentro.

Acho que eu não poderia desejar nada melhor na minha vida do que estar ao seu lado.

— São quatro, Pérsia. – Agora seu rosto adota uma aparência séria e, já sinto minhas mãos trêmulas de nervoso. — O primeiro é que você não deixe que nenhuma influência nos afaste.

Sinto um peso enorme sendo tirado dos meus ombros, ao escutá-lo e, meus deuses, que homem intenso. Já estou toda quente aqui ansiando que me toque logo, que me beije.

Por que se afastou assim? E que termo é esse, Deuses?

— O segundo é que você nunca me abandone.

Puxo uma longa respiração arregalando os meus olhos.

— O terceiro é que formemos uma família.

Acho que não consigo sentir minhas pernas e minha respiração está trancada no meio de minha garganta...

— O quarto é que você tente compreender, quando eu errar...

Não permito que ele termine de falar, porque já estou pulando em seu corpo e minha boca vai diretamente para a sua, onde trato de beijar com todo amor e carinho que possuo dentro do meu ser, direcionado somente para ele, que é o único que amo e desejo sempre aqui, ao meu lado, preenchendo o vazio que já não mais existe dentro de mim.

E, é por isso que separo nossas bocas o suficiente para que eu olhe em seus olhos, podendo falar o que quero, desde que começou a citar seus termos.

— Onde assino? – sussurro olhando em seus olhos e então...

Ele me beija.

FIM!